



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ



UMA BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTINÊNCIA NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA

Arthur Campos Tavares Filho

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura, na linha de pesquisa "Teoria, História e Crítica".

Orientador: Prof: Guilherme Lassance, D.Sc.

Rio de Janeiro

Agosto de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UMA BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTINÊNCIA NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA

Arthur Campos Tavares Filho

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de
Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura, linha de pesquisa em Teoria,
História e Crítica em Arquitetura.

Aprovada por:

Orientador- Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu, D.Sc.

José Barki, D.Sc.

James Myiamoto, D.Sc.

Monica Santos Salgado, D.Sc.

Gustavo Rocha-Peixoto, D.Sc.

Rio de Janeiro

Agosto de 2010

T231

Tavares Filho, Arthur Campos.

Uma busca pela construção do sentido de pertinência na concepção arquitetônica/ Arthur Campos Tavares Filho. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2010.

144f. Il.; 30 cm.

Orientador: Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu.

Tese (Doutorado) – UFRJ/PROARQ/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2010.

Referências bibliográficas: p.144-146.

1. Arquitetura. 2. Projeto arquitetônico. 3. Arquitetura - Concepção. 4. Criatividade. I. Abreu, Guilherme Carlos Lassance dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. III. Título.

CDD 720

RESUMO

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

UMA BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTINÊNCIA NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA

Arthur Campos Tavares Filho

Orientador: Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu, D.Sc.

Linha de pesquisa: Teoria, História e Crítica

A partir de uma constatação a respeito da grande diversidade dos referenciais de concepção e julgamento da arquitetura, esta tese visa contribuir com a proposta de uma estratégia experimental alternativa aos desenvolvimentos projetuais pautados na priorização ao atendimento dos condicionantes habitualmente considerados como incontornáveis e mais objetivamente contextuais em uma dada situação de projeto.

Para tanto, interrogamos a adequação de se utilizar conceitos ditos *inusitados* – introduzidos como inputs deliberadamente alheios ao domínio da arquitetura – como um instrumento que propicie o alargamento do espectro de abrangência das possibilidades latentes na resolução de um problema de projeto arquitetônico. Sustentamos que, nem por isto, estes desenvolvimentos tenham deixado de contemplar a gama dos condicionantes projetuais em seus mais variados aspectos, ensejando o desenvolvimento de soluções arquitetônicas tão viáveis quanto as produzidas por abordagens conceituais mais usuais.

Formulado como um concurso envolvendo arquitetos projetistas, a realização de um experimento prático de concepção arquitetônica revelou como os referidos inputs foram apropriados como estímulos indutores da criatividade. Observamos que a estratégia induzida operou de maneira indireta, incitando os participantes a descontextualizarem a situação da intervenção arquitetônica para que, a partir das mais diversas associações analógicas, se tornasse possível o exercício de construção de novas relações de pertinência entre as preexistências contextuais e o inusitado.

Além de ter permitido vislumbrar uma nova perspectiva para a metodologia de concepção em arquitetura, os resultados obtidos também ensejaram tecer considerações relevantes sobre os valores pautados no julgamento arquitetônico, assim como seus rebatimentos possíveis na avaliação de projetos de arquitetura.

Palavras-chave: 1. Projeto arquitetônico; 2. Arquitetura-Concepção; 3. Pertinência; 4. Criatividade.

ABSTRACT

AN INVESTIGATION TOWARDS THE CONSTRUCTION OF THE SENSE OF PERTINENCY IN ARCHITECTURAL CONCEPTION

Arthur Campos Tavares Filho

August 2010

Advisor: Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu, D.Sc.

Research area: Architectural Theory, History and Criticism.

From the findings that relate to the great diversity involving conception and judgmental referentials in architecture, this thesis intends to provide a contribution by proposing an alternative experimental design strategy in relation to design approaches mainly based on fulfilling the prioritization of the most habitually considered as inevitable contextual constraints in a given design situation.

For such, we interrogated the adequacy of applying so called unusual concepts – introduced as deliberately alien inputs to the architectural domain – as an instrument conceived to favour the enlargement of the latent design spectrum coverage possibilities for the resolution of a design problem. Nevertheless, we sustain that these developments were able to contemplate the series of existing design restrictions in their most varied aspects, enabling the generation of architectural design solutions that tended to be as feasible as the ones produced by more usual design approaches.

Formulated as a design competition involving professional architects, the realization of a practical design experiment revealed the means by which the referred inputs were appropriated as creativity's inducing stimuli. We observed that the inducted strategy operated indirectly, inciting the participants to decontextualize the intervention situation to, from the most diverse analogical associations, make it possible the exercise of building new pertinency relations between the preexisting contextual information and the domain of the uncommon.

Beyond allowing to glimpse a new perspective for architectural design methodology, the obtained results also permitted to elaborate relevant issues on the values taken into consideration in architectural judgment, as well as the possible rebounds /repercussions on the evaluation of architectural design projects.

Key words: 1. Architectural design; 2. Architecture-Conception; 3. Pertinency; 4. Creativity.

UMA BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTINÊNCIA NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA

INTRODUÇÃO	02
CAPÍTULO 1 – O PROCESSO DE CONCEPÇÃO EM ARQUITETURA COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	
1.1 A NATUREZA DOS PROBLEMAS ARQUITETÔNICOS	09
1.2 OS PLANOS CONCEITUAL E MATERIAL	13
1.2.1 A concepção arquitetônica em Louis Kahn e a Primeira Igreja Unitária	14
1.2.2 A série das casas conceituais de Peter Eisenman	22
Conclusões do capítulo	31
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTINÊNCIA	
2.1 O PRINCÍPIO DE PERTINÊNCIA	34
2.1.1 Problemas terminológicos	34
2.1.2 A Teoria da Pertinência	37
2.2 PERTINÊNCIA E CATEGORIZAÇÃO	44
2.2.1 A visão clássica	47
2.2.2 As estruturas graduadas	50
2.2.2.1 Níveis de abstração	52
2.2.2.2 Protótipos	55
2.2.2.3 Variações contextuais e flexibilidade das estruturas graduadas	61
Conclusões do capítulo	63
CAPÍTULO 3 - A PRÁTICA DA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA COMO CAMPO EXPERIMENTAL	
3.1 A SITUAÇÃO DO PROJETO	66
3.1.1 A intervenção	66
3.1.2 Considerações metodológicas	75

3.2 AS SOLUÇÕES E OS DISCURSOS	80
3.2.1 Projeto nº 1: “vírus”	81
Abstrações conceituais	82
Materialidades	82
Conclusões	90
3.2.2 Projeto nº 2: “engrenagem”	92
Abstrações conceituais	92
Materialidades	93
Conclusões	97
3.2.3 Projeto nº 3: “operário”	98
Abstrações conceituais	98
Materialidades	102
Conclusões	110
3.2.4 Projeto nº 4: “vácuo”	111
Abstrações conceituais	112
Materialidades	112
Conclusões	118
3.2.5 Projeto nº 5: “pássaro”	120
Abstrações conceituais	120
Materialidades	121
Conclusões	127
3.2.6 Projeto nº 6: controle	128
Abstrações conceituais	128
Materialidades	128
Conclusões	132
Conclusões do capítulo	133

CONCLUSÕES	138
-------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	144
---------------------	-----

ANEXOS

- Anexo 1: Enunciado do exercício projetual

- Anexo 2: Memoriais descritivos e justificativos

- 2.1 Projeto nº 1: “vírus”

- 2.2 Projeto nº 2: “engrenagem”

- 2.3 Projeto nº 3: “operário”

- 2.4 Projeto nº 4: “vácuo”

- 2.5 Projeto nº 5: “pássaro”

- 2.6 Projeto nº 6: “controle”

- Anexo 3: Ata da comissão julgadora

- Anexo 4: Transcrição do julgamento

- Anexo 5: Registros em mídia digital: reuniões de trabalho das equipes

CAPÍTULO 1 – O PROCESSO DE CONCEPÇÃO EM ARQUITETURA COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Figura 1.1: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Diagramas conceituais.(Ronner <i>et al</i> , 1977, p. 172)	15
Figura 1.2: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Planta baixa da 1ª versão (Ronner <i>et al</i> , <i>Ibid.</i> , p. 171)	16
Figura 1.3: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Maquete da 1ª versão (Ronner <i>et al</i> , <i>Op. cit.</i> , p.171)	16
Figura 1.4: Segundo diagrama conceitual: separação entre o santuário e a escola. (Ronner <i>et al</i> , 1977, p. 172)	17
Figura 1.5: Teste de adequação circunstancial da alternativa (Ronner <i>et al</i> , <i>Ibid.</i> , p. 172)	18
Figura 1.6: Configuração espacial resultante aos condicionantes circunstanciais (Ronner <i>et al</i> , <i>Op. cit.</i> , p. 172)	18
Figura 1.7: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Planta baixa da versão final. (Ronner <i>et al</i> , 1977, p. 176)	18
Figura 1.8: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Foto externa (Giugola, 1994, p. 40)	18
Figura 1.9: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) - Iluminação natural do santuário (Giurgola, <i>Ibid.</i> , p. 38)	19
Figura 1.10: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) - Iluminação natural do santuário (Giurgola, <i>Op. cit.</i> , p. 39)	19
Figura 1.11: Centro de convivência do Instituto Biológico Salk - La Jolla, Califórnia, 1959-65. (Giugola, 1994, p. 64)	20
Figura 1.12: Alojamento estudantil Bryn Mawr, - Bryn Mawr, Pensilvânia, 1960-65 (Giugola, <i>Ibid.</i> , p. 28)	20
Figura 1.13: Centro Governamental - Dacca, Bangladesh, 1963. (Giugola, <i>Op. cit.</i> , p. 121)	20
Figura 1.14: Biblioteca Philip Exeter – Exeter, New Hampshire, 1967-1972 (Giurgola, 1994, p. 81)	20
Figura 1.15: Casa I (1967-68) – Seqüências do desenvolvimento projetual (Eisenman, 2004, p. 32)	25
Figura 1.16: Casa I (1967-68) – Versão final (Eisenman, <i>Ibid.</i> , p. 32)	26
Figura 1.17: Casa I (1967-68) – Foto interna: Princeton, Nova Jersey (Eisenman, <i>Op. cit.</i> , p. 214)	26
Figura 1.18: Casa II (1969) – Algumas etapas do desenvolvimento projetual (Eisenman, 2004, p.34)	26
Figura 1.19: Casa II (1969-70) - Hardwick, Vermont (Eisenman, <i>Ibid.</i> , p. 216)	27
Figura 1.20: Casa III (1969-71) – Algumas etapas de desenvolvimento projetual. (Passaro, 2004, p. 72)	27
Figura 1.21: Casa III (1969-71) Lakeville, Connecticut. (Eisenman, <i>Op. cit.</i> , p. 210)	27
Figura 1.22: Casa IV (1971) - Falls Village, Connecticut. (Eisenman, 2004, p. 217)	28

Figura 1.23: Casa VI (1972-76) - Cornwall, Connecticut. (Eisenman, <i>Ibid.</i> , p. 220)	28
Figura 1.24: Casa X (1975) Bloomsfield Hills, Michigan, (www.eisenmanarchitects.com)	29

CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTINÊNCIA

Figura. 2.1: Seqüências diversas de composições geométricas a partir de figuras geométricas simples	36
Figura 2.2: Esquema de processamento operativo: o sentido de pertinência a partir do indivíduo como agente (Inspirado de: Gorayska & Lindsay, 1995)	41
Figura 2.3: Esquema de concepção arquitetônica: Ampliação do ambiente cognitivo a partir da agregação do sentido de pertinência	42
Figura 2.4: A conexão promovida pela pertinência (Inspirado de: Gorayska & Lindsay, <i>Ibid.</i> , p. 303)	43
Figura 2.5: Ville Savoye	57
Figura 2.6: Ville Savoye – Terraço-jardim	57
Figura 2.7: Possível representação da visão graduada das categorias (Feghali & Lassance, 2006, p. 3)	58
Figura 2.8: As ordens arquitetônicas segundo S. Serlio (1540) (Summerson, 2002, p. 2)	61
Figura 2.9: As ordens arquitetônicas segundo G. Vignola (1563) (Summerson, <i>Ibid.</i> , p. 13)	61
Figura 2.10: As ordens arquitetônicas segundo V. Scamozzi (1615) (Summerson, <i>Op. cit.</i> , p. 13)	61

CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA DA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA COMO CAMPO EXPERIMENTAL

Figura 3.1: Edifício da FAU - Reitoria UFRJ – Vista externa (fonte: www.fau.ufrj.br)	66
Figura 3.2: Espaço arquitetônico destinado à lanchonete no térreo do edifício (horário da foto: 7:30 hs)	67
Figura 3.3: Vista elevada da lanchonete no térreo do edifício e pátio adjacente (horário da foto: 10:00 hs)	67
Figura 3.4: Planta baixa 5º pavimento - Edifício da FAU, EBA e Reitoria da UFRJ (fonte: acervo da Universidade)	68
Figura 3.5: Acesso à lanchonete a partir do corredor (horário da foto: 8:00 hs)	68
Figura 3.6: Lanchonete em horário de pico: vista oposta (horário da foto: 09:15 hs)	68
Figura 3.7: Planta-baixa com leiaute atual da lanchonete do 5º pavimento (fonte: arquivo disponibilizado pelos participantes do experimento)	70
Figura 3.8: Preparo de sucos e vitaminas (vide tampos dos freezers horizontais)	71
Figura 3.9: Área do preparo de lanches quentes e atendimento	72
Figura 3.10: Trecho da intervenção arquitetônica (fonte: acervo da Universidade)	73
Figura 3.11: Área permitida para a intervenção - Corredor do 5º pavimento	74
Figura 3.12: Área permitida para a intervenção - Hall dos elevadores	74

Figura 3.13: Área permitida para a intervenção – Sanitário feminino _____	75
Figura 3.14: Projeto nº 1 - Planta-baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (Imagem disponibilizada pela equipe nº 1) _____	83
Figura 3.15: Vista da baía de Guanabara a partir da lanchonete _____	85
Figura 3.16: Projeto nº 1 - Perspectiva da lanchonete a partir do novo acesso (Imagem disponibilizada pela equipe nº 1) _____	87
Figura 3.17: Projeto nº 1 - Perspectiva oposta (<i>Ibid.</i>) _____	88
Figura 3.18: Projeto nº 1 – Identificação do eixo de simetria (<i>Ibid.</i>) _____	89
Figura 3.19: Projeto nº 2 – Planta-baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (disponibilizada pela equipe nº 2) _____	94
Figura 3.20: Projeto nº 2 – Hall dos elevadores (Imagem disponibilizada pela equipe nº 2) _____	96
Figura 3.21: Projeto nº 2 – Acesso à lanchonete a partir do corredor (<i>Ibid.</i>) _____	96
Figura 3.22: Projeto nº 3 – Planta-baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (Imagem disponibilizada pela equipe nº 3) _____	104
Figura 3.23: Projeto nº 3 – Acesso à lanchonete a partir do patamar das escadas (Imagem disponibilizada pela equipe nº 3) _____	106
Figura 3.24: Projeto nº 3 – Visão panorâmica da lanchonete (<i>Ibid.</i>) _____	107
Figura 3.25: Projeto nº 3 – Espaço interno da cozinha (<i>Ibid.</i>) _____	107
Figura 3.26: Projeto nº 3 – Mobiliário proposto para o hall dos elevadores (Imagem disponibilizada pela equipe nº 3) _____	109
Figura 3.27: Projeto nº 4 - Planta baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (Imagem disponibilizada pela equipe nº 4) _____	114
Figuras 3.28: Perspectiva nº 1 da lanchonete (<i>Ibid.</i>) _____	116
Figura 3.29: Perspectiva nº 2 (<i>Ibid.</i>) _____	116
Figura 3.30: Projeto nº 4 – Vista da cozinha (Imagem disponibilizada pela equipe nº 4) _____	117
Figura 3.31: Projeto nº 4 – Vista do acesso principal (<i>Ibid.</i>) _____	118
Figura 3.32: Projeto nº 5 – Planta baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (Imagem disponibilizada pela equipe nº 5) _____	122
Figura 3.33: Projeto nº 5 – Vista da caixa de escadas (<i>Ibid.</i>) _____	123
Figura 3.34: Projeto nº 5 - Vista da lanchonete (<i>Ibid.</i>) _____	123
Figura 3.35: Projeto nº 5 - Vista do espaço de convivência disposto no hall dos elevadores (Imagem disponibilizada pela equipe nº 5) _____	125
Figura 3.36: Projeto nº 6 – Planta baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (Imagem disponibilizada pela equipe nº 6) _____	129
Figura 3.37: Projeto nº 6 – Acesso à lanchonete a partir do corredor (<i>Ibid.</i>) _____	130
Figura 3.38: Projeto nº 6 – Vista da lanchonete a partir do acesso (<i>Ibid.</i>) _____	130
Figura 3.39: Projeto nº 6 – Vista da cozinha (<i>Ibid.</i>) _____	131

Introdução

Um olhar investigativo sobre a natureza da concepção arquitetônica nos permite constatar a ampla utilização do raciocínio analógico como mecanismo dinamizador da criatividade. No exercício criativo da arquitetura, projetistas recorrem a analogias visuais, estruturais, funcionais, filosóficas ou de variados outros gêneros com diferentes objetos arquitetônicos ou não arquitetônicos, com outros campos das artes ou mesmo com conceitos a priori excêntricos, inusitados e impertinentes. Estas “pontes” que se podem estabelecer são, em grande parte, utilizadas como instrumentos indutores de aproximações conjecturais iniciais que, ao longo do processo de concepção, tornam-se efetivamente desenvolvidas e estruturadas como soluções projetuais propriamente ditas.

No âmbito da concepção arquitetônica, contudo, pode-se também constatar a expressiva influência de um paradigma de cunho tecno-funcionalista que tende a orientar as decisões projetuais no sentido de priorizar os condicionantes comumente julgados como incontornáveis e mais objetivamente contextuais de uma situação de projeto em detrimento do desenvolvimento de soluções imbuídas de um maior comprometimento com o exercício de abstração perante a ação projetual. Frequentemente, no entanto, esta abordagem da concepção tende a corroborar para a proliferação de soluções arquitetônicas, favorecendo a consolidação de uma produção imobiliária que se mimetiza indistintamente nas cidades (Portoghesi, 2002). Esta produção caracteriza-se pelo estabelecimento de relações em geral precárias e inconsistentes com os contextos nos quais elas se inserem.

Por outro lado, soluções arquitetônicas desenvolvidas a partir de estratégias de concepção menos usuais costumam ser diretamente associadas a uma arquitetura considerada como intangível, possível apenas no universo de ícones virtuosos. É oportuno apontar, inclusive, uma certa tendência da crítica e mídias especializadas em enaltecer um perfil característico de arquitetos que compartilham em suas práticas profissionais uma abordagem da concepção a partir de posturas mais reflexivas, orientadas por meio de inferências analógicas detidamente elaboradas que, por sua vez, conduzem a abstrações de expressivo teor conceitual. Como resultante desta exaltação, esta classe de arquitetos costuma ser comumente visada como mentora de obras altamente espetaculosas e sofisticadas, que contrastam substancialmente com a maior parte da paisagem construída nos centros urbanos. A necessidade de um *know how* demasiadamente especializado para o empreendimento da execução, aliado a elevados custos de manutenção, além do emprego de complicadas técnicas construtivas são alguns dos fatores que, em parte e desvirtuadamente, contribuem para o delineamento deste cenário.

Tendo em vista o levantamento de um panorama deste modo polarizado, torna-se oportuno investigar a validade de estratégias de concepção não convencionais, mas que nem por isso deixem de contemplar a gama dos condicionantes projetuais em suas mais variadas facetas, ou se tornem mais restritivas no que tange à viabilidade de sua execução. Neste sentido, a presente

pesquisa se dedicou ao propósito de, a partir da investigação de uma abordagem alternativa da concepção, procurar ampliar a abertura cognitiva do projetista, fixando a consideração de condicionantes não usuais para o exercício do projeto.

No que concerne à dinamização da criatividade, de modo geral, reportamo-nos ao pensamento segundo o qual o ato da criação é como uma associação entre dois quadros de referência que não foram previamente relacionados (Koestler, 1964). Em consonância com este raciocínio, admitimos que o estabelecimento de novas relações de sentido entre conceitos e contextos a princípio desvinculados entre si, de maneira a torná-los reciprocamente pertencentes em novas circunstâncias, constitua uma etapa essencial do processo criativo. Para que um desenvolvimento desta sorte seja naturalmente desencadeado, considera-se necessário que os elementos originalmente pertencentes a estes quadros de referência sejam abstraídos e provisoriamente descontextualizados. Precisamente, é este estado descontextualizado que tende a favorecer o desenvolvimento de operações intelectuais de ressignificações a partir das quais os elementos referenciais originais, ao serem transformados e posteriormente reencaminhados aos seus contextos, possam conduzi-los a um estado de equilíbrio qualitativamente diferente do anterior.

No campo da concepção arquitetônica, sustentamos que a atitude de transcender a abordagem conceptual estritamente orientada por condicionantes programáticos e contextuais em uma dada situação de projeto contribua para a referida descontextualização momentânea do problema, possibilitando a realização de cruzamentos de contextos propícios à descoberta de aspectos menos evidentes das situações de concepção. Este desenvolvimento decorre, portanto, da possibilidade de se reconsiderar a gama de critérios usuais e assim agregar aspectos não menos relevantes, mas até então ausentes do campo de preocupações e intenções do projetista. Na presente pesquisa, enfocamos as associações criativas que se podem estabelecer entre o comum e o incomum, isto é, entre a convenção e a transgressão, à luz das teorias oriundas da psicologia cognitiva que envolvem, sobretudo, o conceito das *estruturas graduadas de categorização* (Rosch, 1978; 1983; 1998; 1999; Barsalou, 1987).

Segundo esta abordagem, o conceito de pertinência, - originalmente firmado na teoria clássica dos conjuntos matemáticos, a partir da qual só se admite as possibilidades de pertencimento ou não pertencimento de um elemento em relação a um dado conjunto – adquire um matiz substancialmente mais inclusivo. Na acepção graduada, um elemento pode ser considerado mais ou menos pertinente em uma dada categoria em função da similaridade verificada em relação a um elemento central definido como *protótipo* (Rosch, 1978)¹.

¹ As estruturas graduadas de pertinência compartilham um princípio basilar semelhante ao da chamada *lógica fuzzy* ou *lógica difusa*, originalmente desenvolvida no campo da matemática por L. Zadeh em 1965. Este sistema lógico admite a validade de proposições genuinamente situadas entre a condição “verdadeira” e a “falsa”. Dentre diversas outras aplicações, a lógica fuzzy permite avaliar matematicamente variáveis linguísticas imprecisas e subjetivas, isto é,

No âmbito desta tese, sustentamos que as estruturas graduadas de categorização também favoreçam o estabelecimento de conexões relevantes entre quadros de referência, isto é, conceitos e contextos a princípio desvinculados entre si, podendo ser empregadas como mecanismos indutores da criatividade. A priori, a idéia de se projetar uma escola a partir da palavra *diamante*, por exemplo, parece ser descabida e impertinente. No entanto, consideramos ser possível e viável valer-se de conceitos deliberadamente não pertencentes ao domínio arquitetônico² como elemento gerador do projeto. Recorrendo ao raciocínio analógico como principal fio condutor neste exercício criativo, acreditamos na possibilidade de descontextualizar tanto o amplo conjunto de propriedades, atributos e qualidades que direta ou indiretamente gravitam em torno do universo cognitivo representado pela palavra “escola”, quanto os que concernem ao conceito “diamante”. A partir daí, estas duas polaridades podem ser confrontadas de maneira a produzir interseções pertinentes no escopo da concepção, favorecendo a geração de conjecturas pertinentes às aproximações conjecturais que precedem a conformação da solução arquitetônica.

Admitimos, portanto, a efetiva aplicabilidade de um espectro de possibilidades muito mais abrangente para a concepção projetual do que o estrito condicionamento orientado, por exemplo, pela utilização de determinadas referências projetuais vinculadas ao mesmo tema funcional em uma nova situação de projeto, ou mesmo pelas apropriações de repertórios estritamente arquitetônicos como referências projetuais, em geral. Assim, a construção de novas pertinências a partir de atributos, qualidades e características próprias de universos não comunicantes tendem a promover uma ampliação da abertura cognitiva do projetista. Complementarmente também argumentamos que, neste mesmo sentido, quanto mais “nebulosas” forem as relações que a princípio possam ser vislumbradas entre quaisquer quadros de referência, maior será a potencial proficuidade criativa resultante destas construções. Baseados neste enfoque da ideia de pertencimento, os horizontes criativos passam a contemplar possibilidades significativamente mais amplas de desenvolvimento operativo. Para tanto, o agente que concorre para a conformação do sentido de pertinência entre objetos do pensamento que a priori não se constituem afins consiste, precisamente, na estratégia de apropriação desenvolvida pelo projetista no ato criativo que, por sua vez, se apóia nas próprias habilidades individuais de concatenação abstrativa.

Ao primeiro tomar contato com a natureza da abordagem de concepção aqui investigada, o leitor possivelmente há de se perguntar por que um arquiteto se valeria de insumos absolutamente

informações que não são precisamente quantificáveis, tais como a classificação de uma pessoa como sendo de “meia idade” ou de “estatura mediana”, ou a temperatura de um líquido como “morno”, “frio” ou “quente”, por exemplo.

² Apesar de não contar com a formulação de uma definição totalmente estável para esta expressão, buscamos contemplar todo o âmbito, isto é, os campos do pensamento e da atuação não só nucleares, mas também relacionáveis à arquitetura enquanto conjunto especializado e sistematizado de práticas e conhecimentos tradicionalmente consolidados, independentemente dos arcabouços culturais a partir dos quais se firmaram.

distantes do universo das materialidades arquitetônicas como meio de condução à ação projetual. Amainando a estranheza que se possa provocar, sustentamos que a agregação de elementos ditos inusitados aos instrumentais metodológicos já acumulados na bagagem profissional de cada projetista, por mais diversificadas que estas possam se configurar, motiva a geração de circunstâncias de raciocínios alheias àquelas desenvolvidas nas já referidas abordagens da concepção mais rigidamente concentradas em análises diagnósticas de uma dada situação. Indiretamente, consideramos que esta “fuga do roteiro” influa positivamente nas aproximações conjecturais suscitadas por um determinado problema de projeto, favorecendo a liberação de certas decisões projetuais iniciais usualmente tomadas.

Uma vez assumidas estas considerações, assumimos como hipótese desta tese que conceitos a priori inusitados podem ser apropriados como dinamizadores da ação projetual, sem impedir a geração de soluções arquitetônicas que atendam aos condicionantes contextuais em uma dada situação de projeto. Assim, defendemos a ideia segundo a qual as soluções arquitetônicas desenvolvidas a partir do inusitado podem ser tão viáveis quanto as geradas por abordagens conceptuais mais tradicionais.

Compartilhando o enfoque sobre os mecanismos que desencadeiam os processos de crise, ruptura e superação de paradigmas introduzido por Kuhn (1962), buscamos aqui, de maneira breve, identificar momentos críticos de instabilidade nos núcleos organizados do pensamento arquitetônico delineando um panorama sobre os sistemas de pertinência operantes na grande diversidade dos referenciais de concepção e julgamento da arquitetura. Uma visão diacrônica sobre a história nos permite revelar que as teorias do *establishment* arquitetônico, desde a antiguidade clássica até o apogeu da Escola de Belas Artes francesa no séc. XIX, foram norteadas pela necessidade de promover e pactuar uma espécie de regulamentação canônica da noção de verdade na arquitetura, representada por suas ordens e códigos indiscriminadamente propagados pelas tradições vernaculares, sobretudo no hemisfério ocidental. Inversamente a estas tendências, contudo, também se deve apontar os expressivos movimentos ciclicamente atuantes que visaram subverter os paradigmas consolidados. Produções arquitetônicas tais como a biblioteca Laurenciana de Michelangelo, a capela de Ronchamps de Le Corbusier, e o edifício Romeu e Julieta de Hans Scharoun, dentre apenas algumas, buscaram por meio de suas próprias expressões a crítica e a superação dos sistemas de pertinência existentes. Na primeira metade do século XX, o desenvolvimento tecnológico, a promoção da tábula-rasa como campo de liberdade para a edificação de novas pertinências, a ideia da genialidade criativa e da pseudovirgindade das referências arquitetônicas assumidas pelas vanguardas modernas e discutidos nos CIAMs (Montaner, 2001), e em seguida manifestas por outras expressões de relevo, como o grupo *Five*

*Architects*³, permitiram constatar o grande poder e versatilidade da apropriação do raciocínio analógico no campo da arquitetura, e também do urbanismo (Collins, 1984; Rossi *in* Nesbitt, 2006; Chupin, 2003). Com a crise do Movimento Moderno, a inclinação arquetípica do pensamento de Louis Kahn, a crítica tipológica e o “funcionalismo ingênuo” veiculada por Aldo Rossi e por outros expoentes do neoracionalismo europeu (Montaner, 2002) adquiriram consistência e espessura conceitual, concentrando-se na busca pelo que podem ser denominadas leis atemporais na arquitetura, a partir de investigações sobre as suas chamadas estruturas profundas. Abordagens alternativas da concepção, caracterizadas pela recorrência à história sem o apelo historicista, e a busca pela autonomia da intenção formal em relação ao programa, principalmente, também constituem tópicos relevantes oportunamente dignos de menção nesta breve exposição.

Uma vez já tendo situado o recorte epistemológico e reconhecido os pontos a partir dos quais emergiram as principais motivações que ensejaram o intuito de desenvolvimento desta tese, expomos a seguir o estruturamento metodológico traçado para que a trajetória investigativa necessária ao mais natural desdobramento e fluidez do corpo de conhecimentos produzidos no transcurso de nossa perspectiva de pesquisa pudesse ser devidamente percorrida. Para tanto, concebemos a construção de três capítulos correlacionados a partir de um encadeamento coerente de conteúdos complementares. Esta divisão proporcionou a arregimentação sistematizada de insumos teóricos provenientes tanto do próprio campo da concepção arquitetônica quanto de incursões realizadas em outros domínios que se mostraram necessários para o atendimento de nossas finalidades investigativas, como será comentado em seguida. No entanto, desde já é oportuno destacar o caráter manifestamente experimental da pesquisa realizada, que se justifica em decorrência de ter elegido como objeto de investigação o próprio conceito de pertinência, cuja apropriação em nossa área de interesse conduziu ao desenvolvimento de um princípio operativo utilizado na concepção arquitetônica de difícil abordagem metodológica.

O primeiro capítulo dedicou-se ao intuito de acessar e aprofundar o conhecimento relativo à natureza e à estrutura dos problemas de projeto em arquitetura, como de também investigar recursos de busca criativa utilizados na concepção arquitetônica. Para tanto, prestamo-nos à realização de análises detalhadas acerca dos processos conceptivos individualmente desenvolvidos por dois arquitetos contemporâneos de relevante expressão conceitual, – Louis Kahn e Peter Eisenman. A partir destes estudos específicos e de uma revisão do estado da arte, portanto, reunimos alguns mecanismos conceituais utilizados em estratégias de concepção diferenciadas.

³ Também conhecido pela denominação *The New York Five*, constituiu o grupo formado pelos arquitetos Peter Eisenman, Michael Graves, Charles Gwathmey, John Hejduk e Richard Méier, cuja obra obteve ampla divulgação a partir de uma exposição organizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa) em 1967.

No segundo capítulo, realizamos incursões por campos do conhecimento alheios ao estritamente arquitetônico visando, por derivação, construir uma apropriação específica para o conceito original de *pertinência*, a ser posteriormente verificado em termos práticos no escopo conceutivo aqui enfocado. Desta maneira, primeiro investigamos os sentidos semânticos, culturais, psicológicos e operativos associados ao termo “pertinência” a partir da linguística, - ciência que tem a linguagem humana como objeto de estudo em seus mais diversos aspectos. Como insumos teóricos essenciais, reunimos as formulações conceituais produzidas por Sperber & Wilson (1986; 2001) e Gorayska & Lindsay (1995), concernentes à chamada Teoria da Pertinência.

Em uma segunda parte do mesmo capítulo, relacionamos os conceitos complementares de *pertinência* e *categorização* a partir de dois enfoques distintos. Enquanto o primeiro se deteve em uma visão clássica da ação categorizante, baseada no princípio das oposições, o segundo envolveu o conceito das denominadas *estruturas graduadas de categorização*, oriundo da psicologia cognitiva, e desenvolvido principalmente por Rosch (*Op. cit.*). Visando evitar possíveis e indesejáveis hermetismos, também foram incluídos referenciais teóricos adicionais, tais como Smith & Medin (1981) e Barsalou (*Op. cit.*). Apropriados ao domínio arquitetônico, os insumos conceituais complementares congregados neste capítulo foram empregados para proceder aos rebatimentos da pesquisa, apresentados no capítulo seguinte.

Interrogando as lógicas tradicionalmente dominantes na prática do projeto, a verificação da hipótese originalmente levantada se deu a partir da realização de um experimento prático de concepção organizado como concurso envolvendo arquitetos pós-graduandos e que consistiu na proposta de desenvolvimento de soluções arquitetônicas a partir da imposição de conceitos ditos *inusitados*, deliberadamente não pertencentes ao domínio da arquitetura. Averiguou-se, a partir das análises realizadas sobre os mecanismos pelos quais alguns destes conceitos foram apropriados, de que modos se processaram as transições entre as abstrações conceituais e as materialidades no exercício do projeto, tornando-se possível observar a interferência dos referidos conceitos como dinamizadores da ação projetual.

O Processo de Concepção em Arquitetura como Campo de Investigação

A crise dos valores associados ao Movimento Moderno na arquitetura e no urbanismo, iniciada em fins da década de 1950 a partir do insucesso de alguns dos preceitos fundamentais do chamado *Estilo Internacional*, tais como sua índole mecanicista e universalizadora, o determinismo programático e o utopismo que cercava sérios problemas relacionados à habitação, por exemplo, propiciou o surgimento de um contexto oportuno para o desenvolvimento de investigações científicas acerca dos processos que regem a atividade projetual. No entanto, em decorrência de uma crise mais abrangente envolvendo todo o paradigma techno-funcionalista, nesta mesma época, a maior parte das pesquisas sobre os processos projetuais, oriundas sobretudo dos meios acadêmicos norte-americano e britânico ao longo das décadas de 1960 e 1970, se originou em campos profissionais distintos da arquitetura tais como o desenho industrial, o planejamento urbano e diversas especialidades das engenharias. As primeiras destas pesquisas no campo da arquitetura sofreram forte influência metodológica daquele meio, mas resultaram em conclusões de baixa aplicabilidade.

1.1 A NATUREZA DOS PROBLEMAS ARQUITETÔNICOS

Ao rejeitar o conhecimento extraível dos métodos de projeção baseados na cultura dos tipos morfológicos e do historicismo arquitetônico em prol de uma atitude que procurava eliminar a suposta imitabilidade das soluções arquitetônicas em busca da inovação, os métodos de investigação mais amplamente disseminados no âmbito acadêmico ao longo do desenvolvimento das primeiras pesquisas sobre a concepção projetual se basearam, sobretudo, em variações da chamada dicotomia análise-síntese (Hillier *et al*, 1984). De acordo com esta visão, o projeto arquitetônico era visto como o produto de uma série encadeada de operações de racionalização, a partir das quais a forma arquitetônica era considerada a resultante de um processo lógico no qual necessidades e técnicas operacionais se encontrariam. Processos de projeto altamente racionalizados eram iniciados por meio da decomposição ou análise do problema em seus elementos mais básicos, frequentemente induzindo à síntese de soluções a partir de encadeamentos de procedimentos estritamente lógicos, o que tornava o campo de atuação do projetista simultaneamente menos estruturado e mais profuso: estes se viam na posição de assimilar e avaliar regras de quantificação sem, entretanto, saber hierarquizar prioridades ou direcionar adequadamente sua aplicabilidade.

Assim, as soluções projetuais seriam supostamente derivadas apenas de análises e diagnósticos sobre os requerimentos, expectativas e aspirações dos usuários, com pouca consideração sobre as pré-concepções e a capacidade intuitiva dos próprios arquitetos. Esta dinâmica, no entanto, mostrava-se desfavorável no que concerne ao desenvolvimento criativo e à inovação, pois são precisamente as contribuições criativas individuais que conferem singularidade às soluções, distinguindo-as de outras possíveis soluções elaboradas para o mesmo problema.

Considerando-se que na concepção do projeto de arquitetura há componentes quantificáveis e outros não quantificáveis, ou subjetivos, as pesquisas desenvolvidas em consonância com as correntes do pensamento funcionalista alinhado às teorias da arquitetura moderna tendiam a quantificar ao máximo possível as informações disponíveis na tentativa de substituir o pensamento intuitivo por um corpo de conhecimentos completamente explícito, transmissível e mensurável: ensinava-se, desta maneira, a analisar problemas a partir de métodos sistemáticos, e a sintetizar soluções projetuais.

Evoluindo sobre estas linhas de pensamento, Hillier *et al* (*Ibid.*) argumenta que a capacidade de pré-estruturação do problema de projeto constitui a habilidade essencial do projetista; esta se desenvolve a partir da compreensão das latências, ou seja, das possibilidades conhecidas ou ocultas de seu conjunto instrumental, tais como materiais e meios tecnológicos em geral, além de seu próprio repertório arquitetônico. Precisamente, segundo o autor, o modo pelo qual a pré-estruturação do problema de projeto ocorre passaria a ser o objeto crítico de atenção dos esforços investigativos, e não mais a solução projetual propriamente dita. Assim como verificado nas ciências, no processo de concepção arquitetônica os dados do problema também não são reunidos aleatoriamente, mas a partir de hierarquizações mentais implícitas ou explícitas; caso não houvesse esta habilidade cognitiva, qualquer problema de projeto nos pareceria amorfo e sem diferenciação.

No processo conceptivo, ocorre uma progressiva redução do universo de variáveis existentes que, em um momento inicial, surgem como aproximações conjecturais em potencial de soluções para um determinado problema. Segundo esta noção, identificam-se *condicionantes externos* de redução de variáveis, tais como preconcepções e preferências do cliente, disponibilidade de meios tecnológicos, custos, dentre diversos outros, assim como *condicionantes internos* de redução de variáveis. Estes, por sua vez, integram as próprias estruturas cognitivas do projetista, utilizadas na categorização e hierarquização dos conteúdos do problema, e se originam tanto a partir de conhecimentos individuais sobre soluções-tipo existentes e meios tecnológicos em geral, quanto de estímulos ao pensamento criativo, que são comumente designados intenções projetuais (Hillier *et al*, 1984).

À medida que o projetista passa a reunir e agrupar mais organizadamente o conjunto das informações relacionadas ao problema, seu campo conjectural torna-se mais claramente definido. A partir deste estágio, as conjecturas produzidas podem ser analiticamente confrontadas com o problema de projeto, gerando o modelo *conjetura-análise* (Hillier *et al*, *Ibid.*).

Se uma determinada aproximação conjectural se mantém estável frente aos testes, verificações e refinamentos induzidos pelas progressivas reduções de variáveis, uma solução em princípio torna-se praticável. Este processo redutivo continua sucessivamente nas etapas posteriores do processo de projeto até que os desenhos e detalhamentos executivos sejam concluídos, e o processo se

complete. Usualmente, no entanto, graus ainda maiores de refinamento não vislumbrados ao longo das etapas anteriores do projeto ocorrem durante a própria construção do objeto arquitetônico.

Portanto, as referidas aproximações conjecturais se desenvolvem, necessariamente, nas etapas preliminares da concepção pois uma grande variedade de decisões, particularmente as que envolvem terceiros, não podem ser realizadas antes de se vislumbrar uma solução inicial. Neste sentido, conjecturas e crescentes especificações do problema ocorrem paralelamente, e não de modo seqüencial.

Em meio às premissas do modelo conjectura-análise, Darke (1984) conceitua um estágio ainda anterior deste processo, designando o objetivo que produz uma conjectura inicial ou conceito de projeto como o *gerador primário*. Vinculado fortemente a juízos de valores individuais e subjetivos, este é como um condicionante imposto geralmente por afinidade pelo próprio arquiteto, não constituindo necessariamente uma derivação de um processo lógico: adotar a escala do entorno, assumir a topografia ou eleger determinadas perspectivas visuais do terreno como fatores norteadores do projeto são possíveis geradores primários de conjecturas. Ressalta-se, no entanto, que esta noção não se refere à uma imagem mental da possível solução, mas sim às idéias que a produziram. Assim como no modelo conjectura-análise, uma vez gerado o conceito inicial, este é confrontado com os diversos requerimentos e parâmetros aos quais o projeto deve atender, e, quando necessário, o conceito é modificado.

Segundo Kahn (2003), no processo de projeto arquitetônico há duas etapas claramente distintas, mas que se alternam continuamente: a *conceitual* e a *material*. Este processo se inicia a partir da geração de uma imagem conceitual central que configura o princípio básico em torno do qual a essência do projeto é organizada, e a partir do qual todos os outros elementos permanecem subordinados. O pensamento criativo é estimulado, neste sentido, a partir de um processo muito mais qualitativo do que quantitativo, e que se concentra mais na ação de síntese do que na de análise.

Continuando este desenvolvimento, pode-se dizer que a intenção de identificar a essência de um projeto antes de contemplar sua realidade física remete à existência da noção de *partes conceituais*, reconhecidas a partir de interpretações individuais e subjetivas de um determinado problema. Ao longo do desenvolvimento da concepção, as partes conceituais se agregam e conformam um *todo conceitual*, compreendido como uma aproximação que se equipara à origem do *partido arquitetônico*. A noção de todo conceitual, cuja natureza mental o torna formalmente indefinível, transcende a simples soma das partes conceituais devido à existência de um princípio estruturante ou de organização definido a partir da ação sintetizadora do arquiteto, podendo ser expressa a partir de diagramas básicos sem que ainda haja qualquer sugestão formal específica (Mahfuz, 1995). Segundo

este entendimento, o ato de projetar constitui um meio de atribuir materialidade ao ideal ou conceitual, e esta conformação se dá a partir do desenvolvimento de um partido.

Na acepção comum, a expressão “tomar partido” significa assumir uma posição, um lado, um rumo ou uma parte diante de um vasto horizonte de possíveis abordagens de um dado problema. Assim, partido é sinônimo de escolha, resolução, solução. Em arquitetura, o partido assume um sentido semelhante e se origina a partir da intenção singular e deliberada do arquiteto que sintetiza os referidos conjuntos de condicionantes internos e externos do problema de projeto; assim, o partido arquitetônico constitui a representação, ou figuração de uma possível abordagem para sua exploração.

O desenvolvimento de um *parti*, ou partido, vem a ser uma das primeiras etapas do ensino de projeto ministrado na Escola de Belas Artes, tradição sistematizada na França no séc. XIX e difundida nos demais países europeus, cujos métodos de ensino exerceram notória influência sobre a formação dos arquitetos ocidentais ao longo de muitas décadas. Segundo este academicismo, o partido é uma idéia conceitual genérica do edifício representado a partir de evidências gráficas.

Para que as etapas conceituais do processo projetual possam ser desenvolvidas e materializadas em um partido, é necessário que as imagens mentais sejam traduzidas a partir de soluções-tipo existentes, do repertório arquitetônico e bagagem cultural do projetista e, principalmente, do componente inventivo acrescentado por sua própria imaginação.

Apesar da linguagem arquitetônica, dos princípios de organização espacial e funcional, de sistema construtivo e de conforto ambiental já se apresentarem preliminarmente estruturados, a noção de partido deve possibilitar a liberdade para favorecer os rearranjos necessários às futuras decisões do processo projetual. Cria-se, assim, um *sistema de referência* coerente ao qual se recorre para a fundamentação das futuras decisões que permanecem a este subordinadas. O partido fixa, assim, “a concepção básica de um projeto, a sua essência em termos de organização planimétrica e volumétrica, assim como suas possibilidades estruturais e de relação com o contexto” (Mahfuz, *Ibid.*, p. 27). Seu desenvolvimento possibilita a transformação do todo conceitual em todo construído, e a multiplicidade de conexões possíveis (formais, culturais, simbólicas, afetivas, etc) nas transições entre o plano conceitual e o plano material possibilita a geração de todos construídos distintos.

1.2 O PLANO CONCEITUAL E O MATERIAL

Como já introduzido, as etapas conceitual e a material alternam-se continuamente no processo de projeto arquitetônico. Embora sejam abstrações de naturezas distintas, as diversas notações gráficas de concepção e os desenhos técnicos que compõem a evolução de um processo de projeto se associam ao plano conceitual da concepção arquitetônica, que se refere ao objeto imaginário, a partir do qual podem ser estabelecidos diversos graus de relações ainda instáveis e cambiantes. Por sua vez, a noção complementar de plano material da concepção remete à realidade do objeto físico, onde as relações entre as partes arquitetônicas se apresentam necessárias e consolidadas. Por uma questão de clareza e viabilidade metodológica, consideramos que, apesar de constituir um instrumento de representação, a versão final de um projeto arquitetônico também pertence a este plano material. Uma vez estabelecidos estes conceitos preliminares, torna-se potencialmente interessante verificar de que modo ocorrem as transições entre a formulação conceitual apriorística do projeto, e a qualidade operativa de sua prática.

Salientamos que a abordagem empregada nas análises sobre as alternâncias entre os planos conceitual e material da invenção arquitetônica se fundamentou a partir do campo investigativo das ciências da concepção (*design science*; Barki, 2003). Diferentemente do que uma primeira interpretação poderia ensejar, as ciências da concepção não remetem à prescrição de métodos que direcionem ou otimizem os processos de concepção. Constituem, sobretudo, uma espécie de *arqueologia do projeto* (Boutinet, 2002) que visa “*efetivamente compreender a lógica, os procedimentos de busca e síntese, a tomada de decisão e os recursos de representação dos envolvidos com a atividade e o processo de concepção de projetos*” (Barki, *Ibid.*, p. 14).

Assim como o projeto arquitetônico é a representação de uma edificação que poderá existir materialmente, as notações gráficas de concepção representam, em um nível anterior, exteriorizações visuais de elucubrações acerca de um projeto que virá a ser, consistindo uma das maneiras mais antigas de exteriorização racional do pensamento para profissionais da arquitetura e da construção. Estas se constituem como ideogramas¹, ou registros pictográficos de natureza icônica tais como esquemas, diagramas, croquis, esboços e perspectivas, sendo em geral elaborados livremente, sem o uso de convenções e sem o auxílio de instrumentos de precisão. A comunicação é freqüentemente complementada por anotações e números, visando construir a representação da imagem do projeto (Corona-Martínez, 2000).

¹ Ideograma: cada um dos elementos de uma escrita ideográfica. Ideografia: representação das idéias por meio de sinais que reproduzem objetos concretos.

Nestas representações gráficas, o projetista identifica e extrai mais elementos do que se mostra imediatamente perceptível. Ao sintetizarem grande quantidade de informações, estes recursos gráficos apresentam-se reducionistas em relação àquilo que designam, de modo que sua importância como instrumento de concepção não está naquilo que denotam, mas nas possibilidades gerativas, associativas e experimentais que despertam.

As notações gráficas de concepção servem não para confirmar uma idéia, mas sobretudo para estimular sua geração, atuando como “*recurso heurístico de busca criativa*” (Moles *apud* Barki, *Op. cit.*, p. 232). Ao envolver a integração do desenho, percepção, memória visual e imaginação, o exercício do registro gráfico de concepção desenvolve as habilidades cognitivas do agente criador, ocorrendo como uma reflexão introspectiva e cíclica que se exterioriza com os registros de informações no papel. De fato, cada nova aproximação tende a ampliar a percepção do problema de projeto, reduzindo progressivamente a multiplicidade de possibilidades até que se chegue a uma solução única, exclusiva e final.

Embora as pesquisas realizadas no campo das ciências da concepção ainda apontem para a existência de lacunas no entendimento da utilização dos processos cognitivos no projeto arquitetônico, as análises e interpretações das notações gráficas de concepção que remetem aos momentos iniciais do processo projetual têm se mostrado relevantes no alargamento da compreensão do processo criativo em arquitetura.

1.2.1 A concepção arquitetônica em Louis Kahn e a Primeira Igreja Unitária

A atuação do arquiteto Louis I. Kahn (1901-1974) e, mais especificamente, seu projeto para a Primeira Igreja Unitária em Rochester, Nova Iorque (1959-1967), mostram-se significativamente profícuos para investigar de que modos se dão as transições entre os planos conceitual e material na concepção em razão da confluência de alguns importantes fatores. Tendo sido professor da Universidade de Yale entre 1947 e 1957, Kahn proferiu diversas conferências e escreveu vasta quantidade de textos acerca do processo criativo em arquitetura, que se tornaram preciosas fonte de pesquisa para investigações dessa natureza.

Para tanto, contrapomos os textos, croquis, esboços, diagramas e demais evidências gráficas disponíveis produzidas por Kahn à solução projetual da Igreja Unitária finalmente desenvolvida no intuito de inferir tanto relações de sentido quanto possíveis contradições entre o discurso do arquiteto e o projeto concluído, ou seja, as relações que se estabelecem ou não entre conceito e matéria. Contudo, consideramos metodologicamente desnecessário analisar de forma detalhada e minuciosa a evolução de todos os estágios do processo projetual. Ao invés disto, destacamos as etapas consideradas significativas e necessárias à consecução dos objetivos propostos.

Como será visto, os conceitos de *form* e *design* relacionam-se respectivamente às etapas conceitual e a material da concepção arquitetônica. *Form* pode ser compreendido como um conceito impessoal, imaterial e invariante; refere-se à existência ideal de um objeto, apresentando-se desprovido de uma determinação formal específica e de dimensões físicas definidas. Neste sentido, o conceito de *form* se aproxima da idéia de arquétipo². A noção de *design*, por sua vez, é pessoal e circunstancial, pois depende e se associa intimamente à interpretação do projetista acerca dos condicionantes contextuais do problema de projeto. Sendo assim, pode-se inferir que, enquanto a idéia de *form* se relaciona a o *quê* fazer, *design* diz respeito a *como* fazer.

Segundo Kahn (*apud* Ronner *et al.*, 1977, p. 325), “a *inspiração do questionamento é provavelmente o núcleo de toda a filosofia e religião*”³. A partir desta interpretação da noção de religião, o arquiteto considerou a essência do Unitarianismo⁴ como um questionamento permanente acerca das causas dos acontecimentos. Este pensamento, que não pertence ao campo disciplinar da arquitetura, pode ser identificado como o elemento gerador do projeto. Para representar esta idealização pessoal e interpretativa, os ideogramas ou diagramas conceituais abaixo foram formulados como uma primeira aproximação ao problema (figura 1.1).

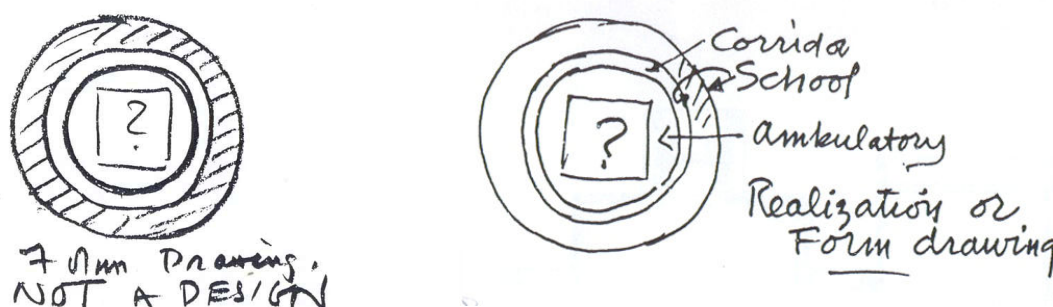


Figura 1.1: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Diagramas conceituais.
(Ronner *et al.*, 1977, p. 172)

A notação “*Form drawing, not a design*” no diagrama à esquerda vem representar a idealização do todo conceitual do projeto como a agregação das partes conceituais identificadas no diagrama à direita, enfatizando a não configuração específica de um projeto. Embora este todo conceitual esteja codificado a partir de figuras geométricas regulares, os diagramas são adimensionais e não se

² Modelo ou exemplar originário, de natureza transcendente, que funciona como essência e princípio explicativo para todos os objetos da realidade material (Houaiss Dicionário Eletrônico 3.0).

³ Tradução livre do autor.

⁴ Corrente de pensamento teológico originada com a Reforma Protestante do séc. XVI que, ao afirmar a crença na existência e unidade absoluta de um único Deus e a não deificação total de Jesus Cristo, diverge do dogma da Santíssima Trindade.

propõem a fixar relações espaciais morfológicas. No entanto, há uma relação topológica evidente de envolvimento do santuário pelos ambientes da escola. Geometricamente, pode-se identificar claramente a noção de centro e periferia, configurando uma organização espacial centralizada.

Assim, o princípio projetual estruturante é estabelecido a partir destas mesmas relações topológicas e geométricas de organização espacial entre os principais componentes do programa arquitetônico, o santuário e a escola. Neste caso, pode-se dizer que há um ordenamento funcional dos elementos conceituais. Como esta etapa do processo ainda é ideal, ou imaterial, muitos aspectos contextuais do problema de projeto ainda são desconsiderados. Embora ainda não haja a intenção de determinação formal, o todo conceitual se configura como origem de desenvolvimento do partido arquitetônico.

Nas notações gráficas de concepção acima, a essência da doutrina unitarista é representada pelo ponto de interrogação no centro do quadrado, associado ao santuário. Um anel intermediário ou corredor de distribuição funciona como espaço servente ao distribuir o fluxo de usuários entre o santuário e os ambientes destinados aos ensinamentos doutrinários, delimitados pelo anel externo e representados pela hachura. Esta disposição possibilita também que o usuário permaneça no edifício mesmo se desejar não participar das atividades realizadas no espaço central. Cabe ressaltar que a variedade ritualista da doutrina unitarista implicou alguma indefinição sobre os requerimentos espaciais do santuário projetado por Kahn como um espaço arquitetônico capaz de acomodar distintas celebrações.

Na primeira versão do projeto, em 1959, havia uma estreita homologia formal em relação ao diagrama conceitual inicial: enquanto o santuário e o perímetro externo do conjunto adquiriram a forma de um quadrado, o corredor de separação entre as duas funções principais era circular. Cabe ressaltar que a concepção arquitetônica baseada em um espaço central hierarquicamente dominante envolvido por espaços secundários a partir de uma organização simétrica e geometricamente rigorosa remete claramente à influência da formação *Beaux-Arts* de Kahn (figuras 1.2 e 1.3).

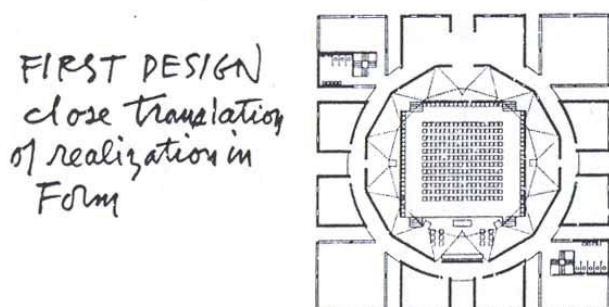


Figura 1.2: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Planta baixa da 1ª versão (Ronner *et al*, *Ibid.*, p. 171).

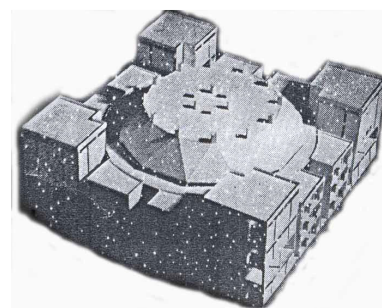


Figura 1.3: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) – Maquete da 1ª versão (Ronner *et al*, *Op. cit.*, p. 171).

Em função da clareza e regularidade geométrica da composição arquitetônica, os recintos localizados nos cantos da edificação apresentavam configurações geométricas e áreas distintas dos demais; esta disparidade entre os ambientes, no entanto, não foi aprovada pelos clérigos da igreja (Twombly, 2003). Assim, a inadequação às adaptações circunstanciais decorrentes dos condicionantes contextuais do projeto implicou a invalidade da alternativa.

Em uma dada etapa do projeto, os clientes solicitaram que o santuário e as salas de aula fossem apresentados isoladamente (Ronner *et al.*, *Op. cit.*). Apesar de ter resistido a esta idéia e não desenhado uma planta baixa detalhada, Kahn apresentou um esboço da nova configuração, na qual os blocos eram conectados apenas por uma passarela (figura 1.4).

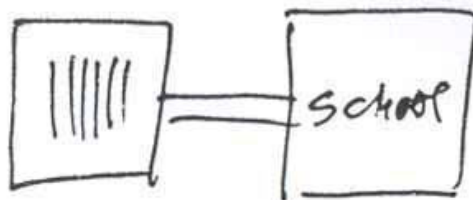


Figura 1.4: Segundo diagrama conceitual: separação entre o santuário e a escola.
(Ronner *et al.*, 1977, p. 172).

Ao modificar as relações topológicas, ou seja, a sintaxe espacial entre as principais partes arquitetônicas ou núcleos agregativos do programa de envolvimento para contigüidade, este novo diagrama desconstruiu a interpretação da essência do edifício representada no diagrama inicial, implicando a necessidade de formulação de um novo todo conceitual (*form*).

No entanto, esta nova alternativa implicou a necessidade de duplicar espaços serventes tais como a cozinha e outros ambientes de apoio, utilizados pelos dois núcleos funcionais do programa. O aumento dos custos da construção provocado por esta duplicação provocou sua reincorporação ao núcleo do santuário, retornando aos princípios de organização espacial semelhantes aos vislumbrados anteriormente. Desta maneira, as necessárias adequações circunstanciais provaram a inoperância da alternativa (figuras 1.5 e 1.6).

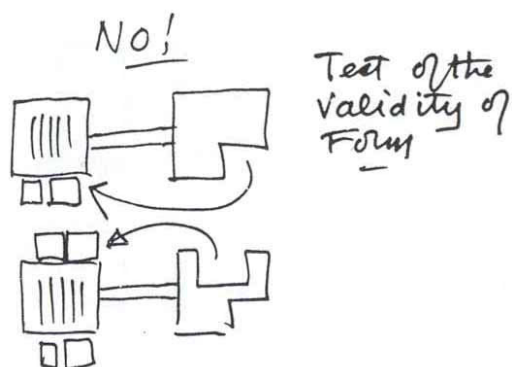


Figura 1.5: Teste de adequação circunstancial da alternativa
(Ronner *et al*, *Ibid.*, p. 172).

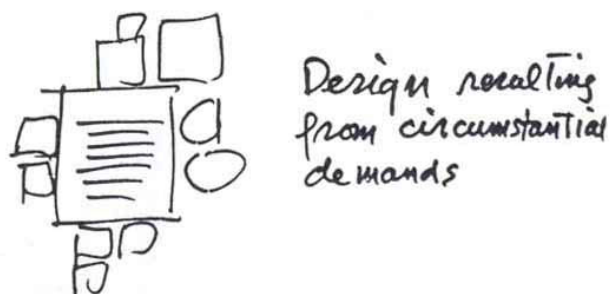


Figura 1.6: Configuração espacial resultante aos condicionantes circunstanciais
(Ronner *et al*, *Op. cit.*, p. 172).

Após o desenvolvimento de versões ainda intermediárias, a idealização de um santuário circundado de alguma maneira pelos ambientes destinados às atividades de ensino representada no diagrama inicial veio encontrar a realidade particular da solução definitiva (figuras 1.7 e 1.8).

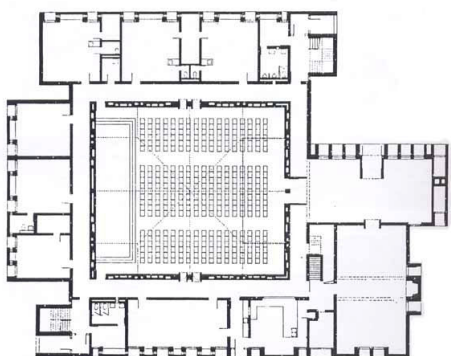


Figura 1.7: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) –
Planta baixa da versão final.
(Ronner *et al*, 1977, p. 176).

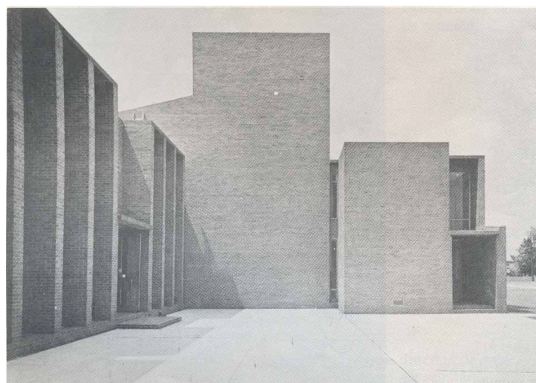


Figura 1.8: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY) –
Foto externa
(Giurgola, 1994, p. 40).

Na versão final do projeto, aqui abordada enquanto plano material da concepção, o santuário, a circulação adjacente e os ambientes periféricos adquiriram configurações quadrangulares. No entanto, as mesmas relações topológicas sugeridas no ideograma inicial e de fato já presentes na primeira versão do projeto permanecem preservadas. No santuário, além das filas paralelas de cadeiras, há também lugares situados na periferia para leituras individuais e iluminados zenitalmente, destinados àqueles que porventura não desejarem participar diretamente das atividades ali realizadas. Por requisição do cliente, espaços serventes como uma cozinha e outros ambientes de apoio foram introduzidos nas áreas originalmente destinadas às salas de aula.

A disposição central do santuário e seu envolvimento pelo restante do edifício trouxeram algumas implicações relativas ao conforto ambiental. Quatro grandes lanternins captam a luz natural e iluminam o interior deste recinto, construído em concreto, blocos de concreto e tijolos aparentes, valorizando suas paredes internas e favorecendo uma ambiência contemplativa (figuras 1.9 e 1.10). A não exposição das paredes envolventes ao meio externo reduz parcialmente a necessidade de aquecimento deste amplo espaço.

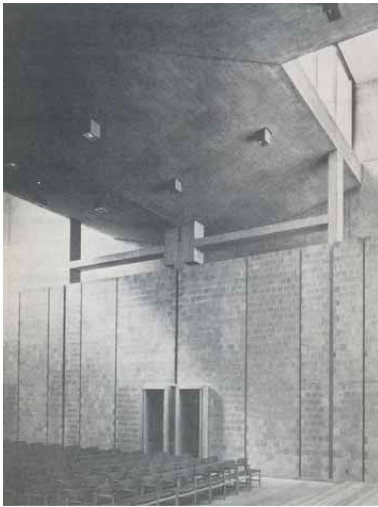


Figura 1.9: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY)
- Iluminação natural do santuário
(Giurgola, *Ibid.*, p. 38)

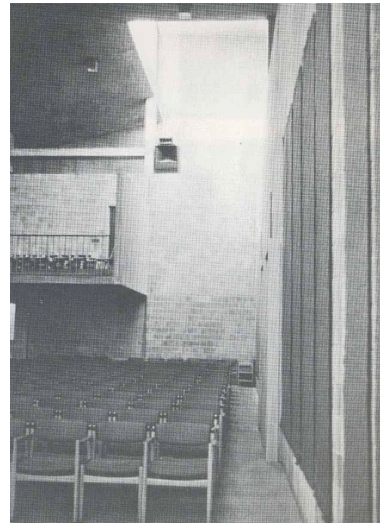


Figura 1.10: Primeira Igreja Unitária (Rochester, NY)
- Iluminação natural do santuário
(Giurgola, *Op. cit.*, p. 39)

Assim sendo, as análises realizadas sobre a evolução projetual da Primeira Igreja Unitarista permitiram verificar que a idealização da essência da edificação representada no ideograma original (figura 1.1) foi preservada independentemente das variações sofridas pelas configurações morfológicas dos espaços projetados ao longo do processo.

Um rápido olhar sobre alguns outros exemplos da produção arquitetônica de Kahn permite identificar que o princípio estruturante representado no diagrama conceitual utilizado no projeto analisado também se faz presente na concepção de outras edificações (figuras 1.11 a 1.14):

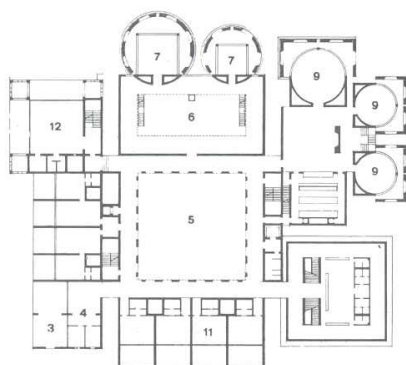


Figura 1.11: Centro de convivência do Instituto Biológico Salk
- La Jolla, Califórnia, 1959-65.
(Giurgola, 1994, p. 64).

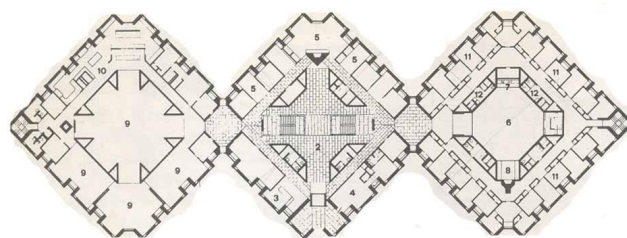


Figura 1.12: Alojamento estudantil Bryn Mawr, - Bryn Mawr,
Pensilvânia, 1960-65
(Giurgola, *Ibid.*, p. 28).

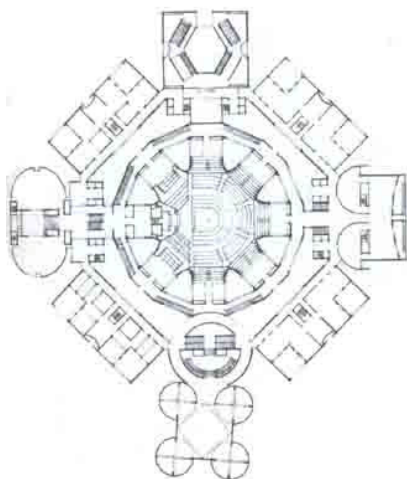


Figura 1.13: Centro Governamental - Dacca, Bangladesh, 1963.
(Giurgola, *Op. cit.*, p. 121).

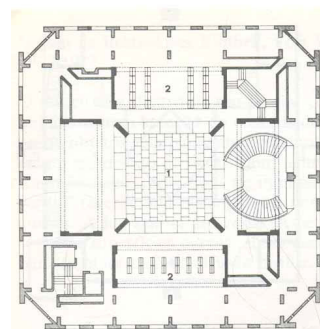


Figura 1.14: Biblioteca Philip Exeter – Exeter, New
Hampshire, 1967-1972
(Giurgola, 1994, p. 81).

No centro de convivência do Instituto Biológico Salk (figura 1.11), a sala de banquete ocupa o espaço central, estando envolvido pela biblioteca, refeitórios, quartos de hóspedes e aposentos do diretor. No alojamento estudantil Bryn Mawr (figura 1.12), os espaços centrais em cada bloco correspondem, da esquerda para a direita, a um refeitório, a um vestíbulo e a uma sala de estar, estando envolvidos por ambientes como cozinha, refeitórios, salas de visitas, dormitório dos estudantes, etc. No Centro Governamental de Dacca (figura 1.13), o espaço central é a sala do Parlamento, envolvido pelo vestíbulo, sala de orações, sala dos ministros, gabinetes, refeitório e sala de recreação. Na biblioteca Philip Exeter (figura 1.14), o grande *hall* central é envolvido por nichos para leitura, estantes para livros, escadas e banheiros.

Desta maneira, pode-se identificar uma certa semelhança topológica entre estes exemplos ilustrativos e o diagrama conceitual da Igreja Unitária, que se manifesta como princípio estruturante recorrente. Embora obedeçam aos mesmos princípios topológicos de organização espacial, as relações

morfológicas entre as partes e entre as partes e o todo, nos casos acima, são completamente distintas, assim como os condicionantes contextuais e as especificidades programáticas e funcionais, resultando em soluções arquitetônicas que não se assemelham.

Esta análise das etapas de projeto da Igreja Unitária permitiu identificar como princípio compositivo dominante uma organização espacial a partir da qual espaços periféricos se dispõem ao redor de um espaço central aglutinador dotado de uma clara hierarquia formal e funcional. Embora o ideograma inicial, denominado por *Form*, não sugestione configurações morfológicas definidas, o princípio ordenador da centralização já pode ser identificado neste estágio embrionário da concepção.

A forte homologia formal observada entre a primeira versão do projeto da Igreja Unitária e o diagrama conceitual inicial quase estabelece uma relação de literalidade ou correspondência absoluta em relação ao conceito. O grau de semelhança entre diagrama conceitual e planta baixa é tão elevado que chega a ser assumidamente manifesto pelo arquiteto (figura 1.2). Neste âmbito parcial, poder-se-ia concluir que os planos conceitual e material da concepção arquitetônica apresentam-se intimamente inter-relacionados, não havendo aspectos que os distingam de maneira relevante.

Esta similaridade prejudica a compreensão da distinção teórica entre as noções de *form* e *design*, nas quais o projeto (ou *design*) não implica ou constitui uma representação do conceito (ou *form*). No projeto analisado, Kahn tem a oportunidade de articular e formalizar estas conceituações ainda em caráter experimental, o que justifica, em parte, a instabilidade verificada na aplicação destas ideias. Como foi visto, a diferenciação entre as noções de *form* e *design* passa a adquirir maior consistência somente a partir de projetos posteriores, aqui vistos rapidamente como exemplos ilustrativos auxiliares.

Este exercício de análise evidenciou, portanto, que a distinção das transições entre os planos material e conceitual na concepção arquitetônica se revela uma tarefa certamente intrincada. Adicionalmente, torna-se necessário esclarecer que a natureza do tema tratado abre margem para amplas e múltiplas interpretações não necessariamente coincidentes, considerando-se pouco procedente interpretar estas questões de maneira estrita, a partir da formulação de juízos de valor deterministas ou de relações causais lineares. A distinção dos conceitos de *form* e *design* aqui investigada permite assim valorizar uma apreensão do projeto como processo de (re)estruturação de uma determinada demanda programática através da atualização da cultura e da história de arquétipos da arquitetura, e não da submissão das decisões projetuais aos imperativos do funcionalismo ingênuo e/ou à gratuidade do gesto formal.

Ainda, é relevante constatar que a abordagem da concepção desenvolvida por Louis Kahn nos projetos apresentados não se constitui inusitada. No entanto, sua pertinência no escopo de nosso interesse investigativo se justifica a partir da incessante busca ontológica do arquiteto, sintetizada na reflexão sobre “o que o edifício quer ser?”. O pensamento se ocupa de uma busca acerca da

natureza, isto é, dos propósitos subjacentes que constituem os problemas arquitetônicos. E esta busca conduz a uma *conceituação do contexto*, essencialmente em termos de programa e de lugar.

Em seguida, prestamo-nos à análise de concepção de projetos realizados pelo arquiteto Peter Eisenman, cuja abordagem da concepção ocorre de maneira substancialmente distinta da estudada em Louis Kahn. Como será visto ao longo do próximo item, o arquiteto estabelece em sua maneira de projetar a criação de um conceito a priori, sem relação com qualquer contexto, visando construir um sentido específico de pertinência a partir do desencadeamento de mecanismos um tanto quanto inusitados.

1.2.2 A série das casas conceituais de Peter Eisenman

Ao invés de se apropriar de concepções espaciais e princípios compositivos tradicionalmente consolidados, empregar traçados geométricos ou sistemas de proporção como princípios reguladores de projeto, ou mesmo recorrer à noção de tipo morfológico como princípio gerador da forma arquitetônica, Peter Eisenman se singulariza ao abordar o ato de projetar a partir de uma maneira peculiarmente inusual, o que equivale dizer, “impertinente”.

Em sua busca criativa, o arquiteto utiliza diagramas visuais de complexidade variável e realiza manipulações experimentais que freqüentemente resultam em uma desordem extrema, remetendo não raro à própria noção do caos.

A arquitetura de Eisenman contrapõe-se às dimensões de uma realidade tornada cognoscível a partir de hierarquizações mentais baseadas em relações de identidades e semelhanças, transcendendo as categorizações, o conhecido e o conceituado. Segundo Montaner (2002, p. 80), que descreve tal processo, “(...) *as formas repetitivas abrigam diferenças, transformações e mutações em procedimentos arbitrários nos quais, inevitavelmente, se fundem sistematicidade e acaso*”.

Curiosamente, este estado caótico desequilibrado e indiferenciado de elementos mostra-se potencialmente interessante como possibilidade de ampliação dos recursos criativos e estímulo à geração de idéias, na medida em que favorece a identificação de conjeturas anteriormente não vislumbradas em condições nas quais predominem a ordem e a estabilidade.

Motivado pelas transgressões de paradigmas difundidas pela arte conceitual e como um dos membros do grupo Five Architects, juntamente com Charles Gwathmey, John Hejduk, Richard Meier e Michael Graves, Peter Eisenman deu continuidade à vertente sistemática e processual das vanguardas artísticas abstratas no campo da arquitetura a partir de uma série de projetos conceituais constituída por dez habitações unifamiliares, no final da década de 1960. Uma vez assumida a falta de comprometimento com os objetos arquitetônicos propriamente ditos resultantes do processo de

concepção, esta série de casas experimentais pode ser considerada o início de uma arquitetura de inspiração niilista, desenvolvida mais explicitamente pelo arquiteto duas décadas mais tarde a partir de incursões no deconstrutivismo.

Contrapondo-se a uma apreensão imediata baseada nos mecanismos perceptivos sensoriais individuais, na história ou nos significados, os canais de apreensão na arquitetura denominada *conceitual* são indiretos ou mediatos, ou seja, não se encontram em relação direta com alguma outra coisa. Cada sujeito cognoscitivo constrói gradual e intelectualmente sua própria interpretação do objeto arquitetônico, assimilado de modo menos evidente e mais mediato.

No intuito de eliminar quaisquer alusões e significados, as primeiras casas da série também foram designadas pelo arquiteto como “arquitetura de papelão”⁵, ou *cardboard architecture* (Eisenman, 2004, p. 28), remetendo ao caráter experimental de uma maquete de arquitetura. A ausência de textura e a cor branca dos pisos, paredes, lajes, vigas e pilares também intentam transmitir, implicitamente, um forte senso de neutralidade. Estes mesmos elementos arquitetônicos não são designados como tais, mas abstraídos e substituídos por referências como pontos, retas e planos. Pode-se reconhecer mesmo na própria designação das casas, identificadas apenas pelos numerais romanos de I a X, a intenção em não associar à sua arquitetura quaisquer referências.

Enfatizando o propósito em constituir uma *arquitetura autônoma*, a inexistência de graus tangíveis de concretude ou realidade do problema de projeto bloqueia a utilização das estruturas cognitivas do projetista em sua hierarquização e categorização e faz com que os processos projetuais desenvolvidos também se caracterizem de modo notoriamente esdrúxulo. Assim, não há quaisquer condicionantes situacionais objetivos ou quantificáveis, mas apenas condicionantes subjetivos, integralmente condicionados pelas determinações da imaginação criativa do arquiteto. Como atesta Montaner (*Ibid.*, p. 210), “a celebração desta absoluta arbitrariedade é o mecanismo básico para um processo de destruição de qualquer certeza adquirida que pudesse legitimar a forma arquitetônica: solidez, funcionalidade, beleza, significado, história, lugar, natureza ou humanismo”.

A abstração da dimensão funcional implica a assunção de um formalismo absoluto cujo produto arquitetônico resultante, apresentado freqüentemente por Eisenman acompanhado de suas etapas de desenvolvimento, provém de nada além de uma parada aleatória no processo de projeto. Assim, o processo torna-se o verdadeiro objeto da intenção arquitetônica, e é nele que supostamente se encontra o valor próprio da ação projetual.

A dissociação do objeto arquitetônico com quaisquer referências externas impele a este um sentido de auto-referência e imanência. Além da desvinculação destes objetos a sistemas externos de

⁵ Tradução livre do autor.

referência, sejam estes tradicionais ou modernos, a idealização de uma arquitetura auto-referente também remete à não interferência das pré-disposições culturais do arquiteto. Estendendo esta linha de raciocínio, podemos inferir que o arquiteto deixa de ter, em tese, uma participação autoral na concepção. Ao gerar um desenvolvimento auto-regulado e sistemático, é o próprio processo projetual que adquire, nesta acepção, a condição de sujeito, estabelecendo uma condição absolutamente paradoxal.

Nesta série de casas conceituais, Eisenman parte da regularidade geométrica de um cubo e executa procedimentos sistemáticos de decomposição do conceito tradicional de espaço através da realização de operações formais que se sucedem em deslocamentos, rotações, distorções e interpenetrações volumétricas, resultando na dissolução do sólido inicial. Tais transformações morfológicas tornam-se autônomas ao se desenvolverem livremente, à parte de condicionamentos relacionados a normas ou quaisquer sistemas alheios a estas próprias formas.

Uma vez assumida a total arbitrariedade do processo de concepção, consideramos metodologicamente desnecessário apresentar cada etapa do desenvolvimento projetual para nossas finalidades de investigação. Ao invés disto, procuramos destacar nas casas apresentadas os princípios considerados relevantes a fim de expandir a compreensão das idéias e procedimentos que caracterizam a noção de uma arquitetura conceitual.

Considerando a dimensão anti-funcional desta série de projetos, podemos questionar a pertinência da designação das edificações projetadas como residências. Convencionalmente, o campo semântico associado à palavra “casa” envolve as noções de abrigo, acolhimento, comodidade e o bem estar físico e psicológico. De modo inespecífico, pode-se dizer que remete à uma idéia de conservadorismo. Enquanto as casas de Eisenman ainda promovem a função de abrigar, estas preterem um simbolismo romântico e nostálgico relacionados ao ato de habitar no contexto real de um mundo pós-moderno problemático, inconsistente e fragmentado. Neste sentido, potencializa-se a índole transgressiva manifesta na concepção de um objeto arquitetônico como um objeto de arte conceitual.

No intuito de explicitar e tornar legíveis as relações formais subjacentes (tais como compressão, alongamento ou frontalidade), as etapas dos desenvolvimentos projetuais e os respectivos produtos arquitetônicos também são ilustrados a partir de conjuntos de perspectivas isométricas ou diagramas analíticos (figuras 1.15 e 1.18). Estes diagramas constituem importantes instrumentos da concepção projetual, oferecendo uma espécie de “guia conceitual” para o entendimento proposto. Cabe ressaltar que até mesmo a escolha do modo de representação a partir de diagramas analíticos constitui mais uma desassociação em relação ao mecanismo natural de percepção espacial do olho humano, que se dá a partir da perspectivação cônica.

Embora na proposta conceitual o produto arquitetônico resultante seja considerado apenas mais uma etapa do processo de desenvolvimento projetual, algumas das casas foram de fato construídas e habitadas por algum tempo. No entanto, o surgimento de inúmeros defeitos de execução e a estranheza das lógicas de ocupação propostas desfavoreceram a permanência continuada nestas residências.

Na **Casa I** (1967-68), o primeiro projeto da série, dois sistemas estruturais se superpõem irregularmente de modo aparentemente randômico (figuras 1.15 e 1.16). Curiosamente, não é possível compreender como o sistema estrutural da casa realmente funciona apenas ao visualizar a estrutura aparente, pois as vigas e pilares aparentes, na realidade, não exercem função estrutural. Ao anular a leitura esperada de um único sistema estrutural coerente e lógico, esta redundância gera uma certa ambivalência que nulifica o significado propriamente estrutural destes mesmos elementos. Assim, vigas e colunas não integram nenhum tipo de sistema, existem apenas enquanto elementos arquitetônicos desarticulados e constituídos como signos arquitetônicos auto-referentes.

Precisamente, é a partir da criação destes mecanismos de dissimulação que Eisenman elimina o conteúdo representativo do conceito de *signo* que, por definição, designa qualquer objeto, forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo e que simboliza, ou seja, que pode ser usado no lugar deste em contextos múltiplos (Houaiss).

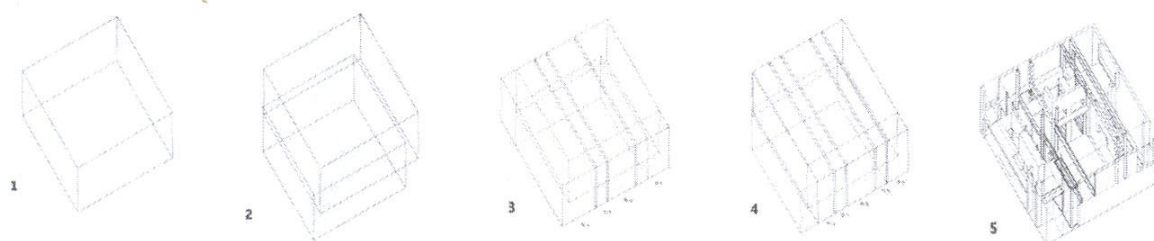


Figura 1.15: Casa I (1967-68) – Seqüências do desenvolvimento projetual
(Eisenman, 2004, p. 32)

Neste projeto, Eisenman cria uma diagonalidade espacial virtual, cuja leitura se torna possível a partir do conhecimento da chamada *estrutura profunda* da edificação, entendida como o conjunto de relações formais resultante da sucessão de transformações morfológicas aplicadas ao sólido inicial. De fato, uma das idéias da proposta é o deslocamento de foco de uma estrutura real ou explícita para uma estrutura implícita ou profunda, assim como as relações que se estabelecem entre as duas.

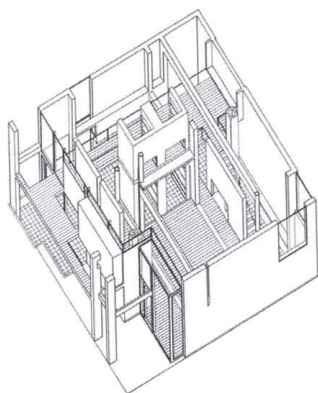


Figura 1.16: Casa I (1967-68) – Versão final
(Eisenman, *Ibid.*, p. 32)



Figura 1.17: Casa I (1967-68) – Foto interna - Princeton, Nova Jersey.
(Eisenman, *Op. cit.*, p. 214)

Na **Casa II** (1969), Eisenman dá continuidade à ambivalência resultante da simultaneidade de dois sistemas estruturais e ao princípio da diagonalidade iniciado no projeto anterior. Neste caso, pilares e vigas constituem um dos sistemas, enquanto paredes portantes integram o outro. Ambos são propositalmente super-dimensionados, e uma trama regular de pilares e vigas é disposta externamente à edificação propriamente dita (figura 1.19).

Junto à trama estrutural, planos e volumes se interceptam de maneira a criar a referida diagonalidade. A figura abaixo (figura 1.18) ilustra algumas das etapas consideradas mais representativas deste desenvolvimento. A percepção da redundância dos sistemas estruturais supostamente induziria o indivíduo a reconhecer a estrutura profunda, e a compreender melhor as relações de concepção da forma arquitetônica.

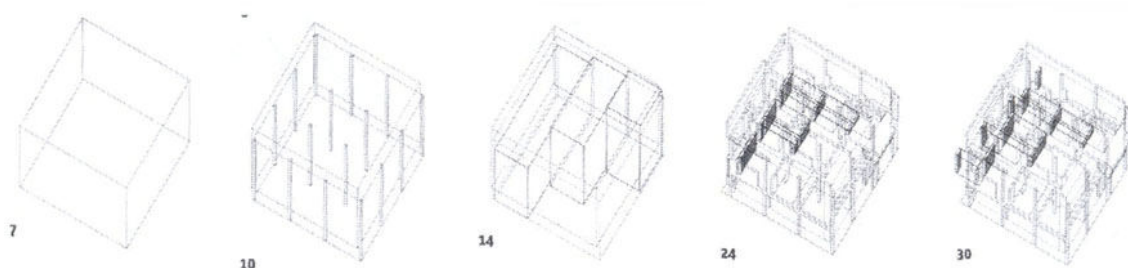


Figura 1.18: Casa II (1969) – Algumas etapas do desenvolvimento projetual
(Eisenman, 2004, p. 34)

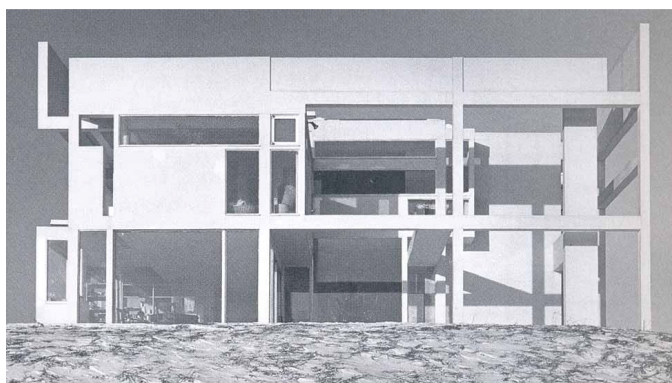


Figura 1.19: Casa II (1969-70) - Hardwick, Vermont.
(Eisenman, *Ibid.*, p. 216).

Na **Casa III** (1969-71), Eisenman insiste no princípio da decomposição sistemática do cubo. A partir de um dado estágio do processo, a moldura estrutural do cubo inicial é desvinculada de seu volume propriamente dito em uma rotação de 45° e, a partir daí, passam a haver dois cubos que se interceptam, gerando espaços arquitetônicos articulados de modo complexo e desconexo (figuras 1.20 e 1.21).

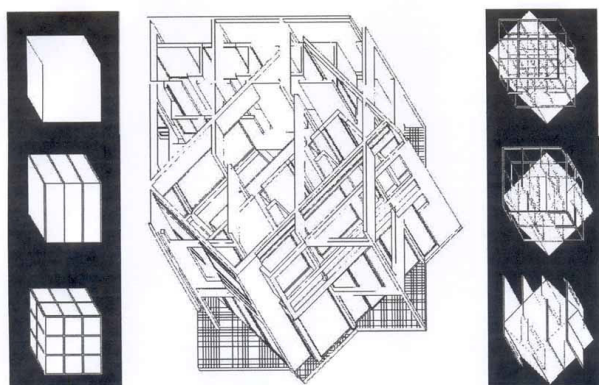


Figura 1.20: Casa III (1969-71) – Algumas etapas de desenvolvimento projetual.
(Passaro, 2004, p. 72)

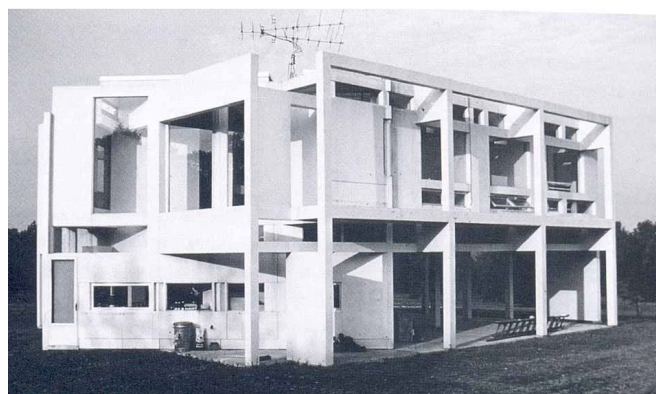


Figura 1.21: Casa III (1969-71)
Lakeville, Connecticut.
(Eisenman, *Op. cit.*, p. 210)

Contrapondo-se às convenções estilísticas institucionalizadas na cultura arquitetônica ao longo dos séculos, as disposições e dimensionamentos dos ambientes internos, sólidos, vazios, colunas, paredes, e outros elementos arquitetônicos conferem a percepção de uma marcante homogenia

hierárquico-formal à edificação. Neste sentido, também não se percebe a priorização ou dominância de alguma das fachadas em relação às demais (figura 1.21).

Assim como na Casa VI (figura 1.23), na Casa III (figuras 1.20 e 1.21) Eisenman utiliza configurações formais inusuais a fim de intencionalmente interferir no desenvolvimento das atividades residenciais habituais, revertendo o aforismo modernista segundo o qual a forma seguiria a função. A disposição de pilares fragmentando o espaço arquitetônico de uma sala de jantar, por exemplo, rompe com a funcionalidade e a significação culturalmente atribuída ao ato de se jantar como uma atividade familiar agregadora, sendo induzida a se adequar à nova sugestão de ocupação espacial condicionada pela forma.

Na **Casa IV** (1971), o princípio conceitual da autonomia do processo de projeto arquitetônico continua em desenvolvimento e, tal como no projeto anterior, não ocorre o reconhecimento de uma hierarquia de fachadas. A igualdade hierárquica entre elementos arquitetônicos favorece a assimilação do objeto arquitetônico como um todo, que ocorre simultaneamente e adquire a mesma importância de uma percepção seqüencial de suas partes (figura 1.22).

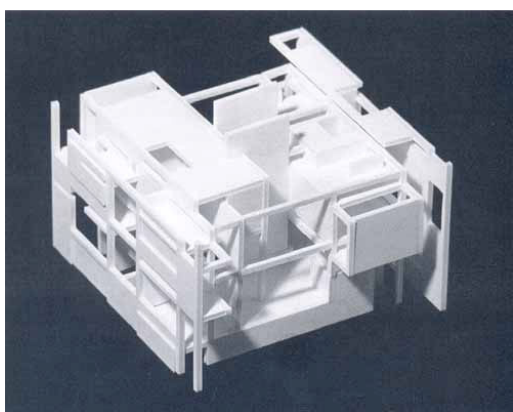


Figura 1.22: Casa IV (1971) - Falls Village, Connecticut.
(Eisenman, 2004, p. 217)



Figura 1.23: Casa VI (1972-76) - Cornwall, Connecticut.
(Eisenman, *Ibid.*, p. 220)

Na **Casa VI** (1972-76), a homogenia hierárquica do objeto arquitetônico apresenta-se não só como o resultado de seu processo gerativo, mas retém também as etapas deste processo, tornando-se como um registro de seu desenvolvimento (figura 1.23). A partir desta casa, as etapas de transformações projetuais deixariam de ser consideradas processos lógicos de descobertas, como nas produções anteriores, e passavam a se tornar processos inventivos, direcionando a percepção do objeto arquitetônico rumo à questão mais abrangente da leitura textual, e renunciando a transição de uma

abordagem conceitual para uma acepção textual da arquitetura, caracterizadora de uma segunda fase da produção do arquiteto ainda na década de 1970⁶.

Diferente das precedentes, a **Casa X** (1975) não é projetada a partir de um único bloco geométrico, mas a partir de quatro volumes inter-relacionados que se dispõem no terreno em dois níveis distintos. Surgem, também, o uso de cores e a diferenciação de materiais nas fachadas (figura 1.24). Contrapondo-se à transparência, à isotropia espacial e ao mundo antropocêntrico e positivista defendido pela arquitetura moderna, Eisenman explora nesta casa a fragmentação das formas, a criação de espaços labirínticos e uma estrutura de visão vertical, gerando uma dramaticidade espacial provocadora de uma sensação de instabilidade em relação ao próprio espaço cognitivo humano.

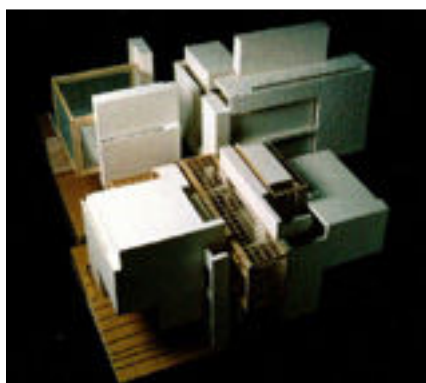


Figura 1.24: Casa X (1975)
Bloomsfield Hills, Michigan,
(www.eisenmanarchitects.com)

Nos casos analisados, não se recorrem a princípios projetuais convencionalmente definidos para a fundamentação de futuras decisões que possam permanecer a estes subordinadas, e também não se identifica uma essência ou concepção básica em termos de organização planimétrica ou volumétrica que possa remeter à noção de partido arquitetônico. Dotados de um elevado caráter experimental, estes projetos propiciaram a geração de relações formais resultantes de mecanismos processuais inerentes às próprias formas, e que se contrapõem, como se disse, às relações da forma com a função ou tecnologia, e da forma com os significados. De fato, pode-se inferir que quanto mais o processo de projeto for direcionado a partir de mecanismos auto-regulados, menor será sua associação com significados conhecidos. Para tanto, a idéia de forma na arquitetura deve poder ser

⁶ A partir de um forte apelo intelectual, Eisenman propõe a noção de *arquitetura textual* ao apresentar uma espécie de ficção relacionando diretamente a intervenção arquitetônica ou urbanística a uma narrativa literária em que se superpõem diversas camadas de entendimento (Eisenman, 2004).

desvinculada de percepções, concepções e significações pré-existentes, constituindo assim uma manifestação crítica autêntica e consistente.

No âmbito do pensamento e crítica arquitetônica, a proposta de rompimento com valores universais e tradicionalmente consolidados se valida nesta série de projetos ao favorecer resultados distintos daqueles impregnados por valores e significações provenientes tanto de um processo direcionado quanto de uma origem histórica⁷. Neste sentido, as relações entre os aspectos implícitos do espaço arquitetônico e seus significados potenciais são exploradas enquanto verdadeiros princípios formais inerentes às concepções arquitetônicas, e não enquanto meras polêmicas estéticas ou culturais. A relevância destas experimentações formais, portanto, não resulta da produção arquitetônica propriamente dita, mas sim da investigação de seus processos geradores.

Apesar das casas analisadas mostrarem idiosincrasias e singularidades em termos arquitetônicos, podem-se reconhecer similitudes em seus processos geradores que permitem caracterizá-los como uma série de variações projetuais sobre os mesmos princípios conceituais, ou seja, trata-se em verdade de um único processo que é sistematicamente interrompido e reiniciado, donde se justificam suas semelhanças formais.

Embora estes processos sejam indubitavelmente intrincados e complexos, o universo de possibilidades concernentes às decisões projetuais é controlado a partir de parâmetros auto-regulados por uma lógica hermética. Uma vez compreendido o mecanismo intelectual da proposta, a gama de operações essencialmente formais arbitrariamente desenvolvidas no decorrer do processo transforma-se em assunções plausíveis, ainda que, em sentido estrito, se mantenham imprevisíveis.

Torna-se interessante observar que as operações formais realizadas adquirem um certo sentido de pertinência em meio à autonomia e ao absolutismo das circunstâncias estabelecidas pelos condicionantes internos do arquiteto. Se transportadas para algum outro contexto, tais operações seriam destituídas deste mesmo sentido de pertinência. A criação de relações formais a partir da introdução de formas curvas e irregulares, por exemplo, pareceria algo pouco pertinente em meio ao universo contextual de Eisenman, caracterizado e delimitado fundamentalmente a partir da regularidade geométrica do cubo.

Neste mesmo sentido, esta discussão permitiu concluir que aquilo que se demonstra inicialmente arbitrário e aleatório pode vir a se tornar pertinente, se analisado sob parâmetros próprios e relativos. As formas labirínticas e a fragmentação espacial propostas por Eisenman também se contrapõem à

⁷ De fato, o período conceitual da obra de Peter Eisenman pode ser identificado como o prenúncio do que foi posteriormente anunciado como uma arquitetura *não-clássica*, cuja proposta não remete propriamente à negação dos princípios clássicos de composição arquitetônica, mas a ser simplesmente diferente desta (Eisenman, 2004).

idéia humanista de um mundo antropocêntrico, remetendo a uma humanidade também fragmentada e caótica. Precisamente, é neste sentido que sua expressão arquitetônica também adquire um inusual ainda que iniludível senso de pertinência.

Portanto, diferente da abordagem de concepção analisada em Louis Kahn, detida na busca pela *conceituação do contexto*, Peter Eisenman trilhou uma trajetória divergente. A partir da realização de sua série de casas conceituais, o arquiteto visou estabelecer o correspondente à *contextualização do conceito* de uma arquitetura designada como autônoma e auto-referente.

Conclusões do capítulo

Em termos conclusivos, afirmamos que o desenvolvimento do presente capítulo contribuiu no sentido dos nossos interesses investigativos ao ensejar o desenredo de questões basilares relacionadas à natureza da concepção arquitetônica, possibilitando uma compreensão mais aprofundada acerca de algumas das dinâmicas que regem estes processos.

Na análise realizada sobre a concepção arquitetônica em Louis Kahn, a vasta produção teórica disponibilizada pelo próprio arquiteto nos foi útil ao favorecer uma instrumentalização adequada para a produção de insumos preliminares relevantes na construção de nosso arcabouço teórico conceitual. Especificamente, o estudo contribuiu para a apropriação de conceitos, a identificação de etapas distintas e o encadeamento de suas transições no processo de concepção, e as implicações materiais geradas por uma abordagem conceptiva norteada por objetivos que transcendem a gama de critérios habituais, isto é, concernentes apenas ao atendimento dos condicionantes programáticos e contextuais inerentes a uma determinada situação de projeto.

Por sua vez, a análise que se deteve na abordagem conceptiva de Peter Eisenman, principalmente, favoreceu a identificação de um sistema de pertinência de elevada complexidade e que jaz subjacente a um olhar superficial, cujo reconhecimento se tornaria vago ou mesmo inexistiria se enfocado por meio de uma outra perspectiva de análise. O conhecimento produzido nos serviu como uma introdução ao território do *inusitado* no âmbito da concepção arquitetônica. Isto é, possibilitou identificar estratégias e mecanismos criativos peculiares por meio dos quais se tornou possível realizar apropriações pertinentes a partir de circunstâncias um tanto quanto inusuais.

A Construção do Sentido de Pertinência

Tendo adotado o processo de concepção arquitetônica como campo de pesquisa, a busca por insumos teóricos e conceituais oriundos de campos do conhecimento alheios ao da arquitetura se justifica no escopo desta tese tendo em vista a natureza das motivações que suscitaram seu desenvolvimento, concernentes à exploração do conceito de *pertinência* e sua apropriação em nosso no âmbito investigativo. Tais objetivos demandaram a necessidade de explorar pormenorizadamente tanto os significados primeiros atrelados à noção de pertinência quanto as suas derivações de sentido, sob aspectos terminológicos diversos. Para a averiguação dos sentidos semânticos, psicológicos e operativos relativos ao conceito, recorreremos à denominada *Teoria da Pertinência*, advinda da linguística, e abordada no presente estudo por meio das contribuições de Sperber & Wilson (1986; 2001) e Gorayska & Lindsay (1995). A partir do conhecimento daí reunido, tornou-se metodologicamente possível instituir uma aplicação específica deste conceito, adaptada às necessidades que, no âmbito da concepção arquitetônica, nos compete investigar.

Adicionalmente, também nos pautamos nos conhecimentos oriundos da psicologia cognitiva para a conceituação das chamadas *estruturas graduadas de categorização*, enfocadas essencialmente por Rosch (1978; 1983; 1998; 1999), Barsalou (1987) e Smith & Medin (1981). Adaptados ao escopo da concepção arquitetônica, esta visão mais abrangente e inclusiva do conceito de *pertinência* contribuiu para a formulação do experimento de projeto apresentado no capítulo seguinte, procedendo à verificação da hipótese originalmente levantada.

Inicialmente, nos cabe relatar que a Teoria da Pertinência foi desenvolvida em meio à década de 1980 como uma nova abordagem da pragmática, especialidade da lingüística dedicada ao estudo dos princípios atuantes na comunicação entre o falante e o ouvinte que leva em conta não só os significados literais das mensagens mas, sobretudo, os conteúdos que dependem do contexto e da intenção do emissor ao proferi-las; estes conteúdos influenciam, em grande medida e a partir de inferências implícitas, a assimilação das proposições. Dentre as suas finalidades, destacam-se as de fornecer respostas “não só às questões filosóficas que se relacionam com a natureza da comunicação, mas também às questões psicológicas que dizem respeito ao modo como o processo da interpretação se desenrola na mente do ouvinte” (Wilson *apud* Sperber & Wilson, 2001, p. 7).

Entretanto, no escopo deste trabalho, não foram os aspectos estritamente relacionados à lingüística que induziram à apropriação da teoria, mas sim as reflexões, considerações e premissas sobre as quais se definiu o princípio cognitivo da pertinência. Oportunamente, vale também mencionar que não nos coube aqui enveredar pelos domínios da abordagem semiótica

da comunicação, embora a interpretação lingüística do fenômeno arquitetônico consista uma via de investigação usual, explorada em pesquisas motivadas por outros propósitos.

Uma vez tecidas estas necessárias conceituações preliminares, destacamos que o sentido vinculado ao conceito de pertinência delineado neste capítulo foi utilizado com a finalidade de expandir a compreensão dos processos da concepção em arquitetura a partir da realização de análises entre o que se define como situações de projeto, de um lado, e estratégias alternativas de abordagem da concepção projetual, de outro.

2.1 O PRINCÍPIO DE PERTINÊNCIA

2.1.1 Problemas terminológicos

Os termos *pertinência* e *pertinente* apresentam, na linguagem comum, características semânticas pouco claras que tornam seus sentidos profusos, favorecendo utilizações a partir de maneiras distintas por diferentes indivíduos, ou pelo mesmo indivíduo em contextos diversificados. Esta característica constitui, na verdade, mais um embaraço do que uma vantagem, pois salienta a necessidade de alicerçar ainda mais atentamente o rigor discursivo que se faz imprescindível à meticulosidade da investigação científica. No entanto, o esforço realizado para atender a esta demanda não se concentrou em fixar parâmetros definidores de significados estanques. Neste escopo, fez-se necessário contemplar uma pragmática¹ mais abrangente, estabilizável diante de variações contextuais, sendo esta uma condição necessária, porém ainda insuficiente para o enfoque visado. Aqui, o entendimento conceitual foi ampliado a fim de transcender o campo da comunicação humana para abranger o domínio delineado pela intrincada natureza da concepção arquitetônica.

O substantivo *pertinência*, na língua portuguesa, se origina do latim *pertinentia*, que corresponde ao substantivo em desuso *pertença*, significando “aquilo que faz *parte de*² alguma coisa; o mesmo que pertence; acessório” (Bastos, 1928; grifo nosso & Mirador Internacional, 1976), ou o “domínio exclusivo sobre alguma coisa; propriedade” (Houaiss). O adjetivo derivado *pertinente*, por sua vez, apresenta as seguintes acepções: 1. “relativo, referente, concernente, respeitante, *pertencente*³”; 2. “que vem a propósito; próprio, a propósito”; 3. “importante,

¹ (Rubr.: semiologia) Parte da semiótica que estuda as relações causais (entre outras) entre as palavras, expressões ou símbolos e seus usuários (Houaiss Dicionário Eletrônico 3.0).

² Grifo nosso.

³ Idem.

*relevante*⁴, válido” (Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI). Quando remetemos ao verbo original *pertencer*, admite-se os seguintes significados: “1. ser propriedade ou *parte de*⁵; 2. ser parte do domínio de; 3. ser referente a, ter relação com; 4. ser peculiar a; ser próprio de” (Houaiss).

A partir das acepções apresentadas, é possível identificar um sentido que relaciona os termos *pertinência* e *pertinente* a ideia de *pertencimento*. Por sua vez, o verbo *pertencer* remete a constituir *parte de* alguma coisa. Na matemática, a noção de pertencimento conduz à teoria dos conjuntos, definidos como uma reunião de quaisquer objetos determinados e diferenciáveis, identificados como elementos, membros ou subconjuntos de uma totalidade mais abrangente. Assim, pela lógica matemática, os elementos ou subconjuntos podem pertencer ou não pertencer a outros conjuntos, assim como conter ou não conter outros subconjuntos, estar contidos ou não estar contidos nestes.

Precisamente, esta noção determinista da idéia de pertencimento, a partir da qual se concebe a uma relação simplesmente uma atribuição positiva ou a ausência desta atribuição, veio influenciar profundamente as bases do conhecimento científico ocidental. Segue, desta concepção, que as circunstâncias a partir das quais atribui-se a condição de pertencimento ou pertinência são rigorosamente as mesmas para todos os elementos de uma classe, e que são por isto considerados igualmente pertencentes em relação a um dado conjunto.

Divergências a esta visão ortodoxa de relações homogêneas entre elementos e conjuntos, no entanto, se originaram a partir de experimentações com categorias cromáticas no campo da psicologia cognitiva nos Estados Unidos na década de 1970. A partir destes estudos, verificou-se empiricamente que determinadas cores poderiam igualmente pertencer tanto a um quanto a outro conjunto de cores, e que determinados elementos eram considerados mais representativos de seu conjunto do que outros pertencentes ao mesmo conjunto. Nesta nova concepção, portanto, passou-se a contemplar a existência de *hierarquias de pertencimento* baseadas na representatividade, solapando o tratamento homogêneo pelo qual se realizavam estas classificações. A partir daí, passa a se tornar então possível avaliar em que grau, isto é, até que ponto elementos distintos demonstram-se adequados a pertencer a um conjunto composto por demais componentes de alguma maneira assemelhados.

⁴ Grifo nosso.

⁵ Idem.

Na abordagem desta tese, argumentamos que a noção de *pertinência* se sustenta a partir de percepções, de referenciais relativos, de julgamentos, de pré-concepções, de uma hermenêutica. Para algo ser considerado pertinente, é necessário que o seja *em relação a* alguma coisa ou alguém. Pode-se dizer, assim, que esta noção constitui-se como produto de uma construção cultural; trata-se de uma crítica construída, que se contrapõe à idéia de uma crítica emitida a partir de simples preferências e arbitrariedades. Na crítica construída, isto é, no julgamento, a argumentação se impõe ao arbitrário. Ainda em âmbito preliminar, afirmamos que a noção de pertinência remete às tradições e convenções culturais estabelecidas e consolidadas.

Não se trata, portanto, de um conceito quantitativo, mas qualitativo e comparativo. Ou seja, menções como “muito pertinente” e “fracamente pertinente” se adequam mais propriamente a esta abordagem do que a constatação de uma mera condição positiva de pertencimento ou a sua ausência. Concentramo-nos, portanto, em identificar e mapear *campos ou territórios de pertinência*, e investigar este conceito como um *princípio operativo*, ou um instrumento capaz de acessar tanto a natureza da concepção arquitetônica quanto a compreensão dos produtos deste fazer.

Para aclarar este raciocínio consideremos o exemplo abaixo, que ilustra como para um mesmo problema também pode haver inúmeras diferentes soluções, todas elas igualmente pertinentes (figura 2.1): as alternativas 1 a 3 dão sequência à composição do quadrado e triângulo abaixo mais convencionalmente do que as alternativas 4 a 6. No entanto, não se pode dizer que haja uma ou outra solução mais ou menos correta, sendo cada uma delas tão plausíveis quanto as demais.

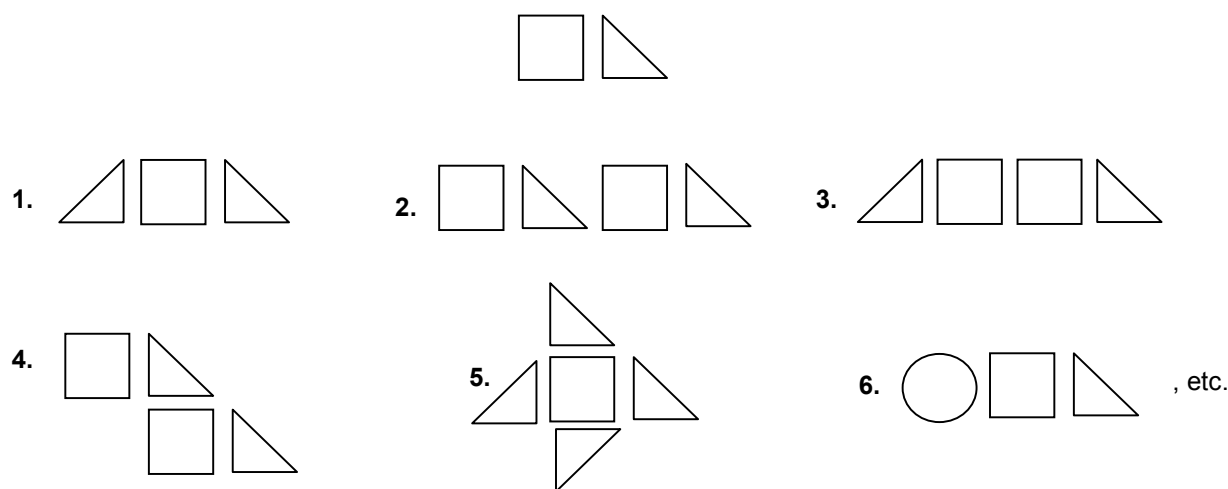


Figura. 2.1: Sequências diversas de composições geométricas a partir de figuras geométricas simples.

Continuando a construção desta formulação conceitual, cabe ainda explorar e esclarecer algumas sutilezas de significado envolvendo a sinonímia constatada entre as noções de *pertinência* e *relevância* a partir do sentido em comum associado a estes termos, que converge para a noção de *importância*. Em determinados contextos, as semelhanças de significação permitem com que estes termos possam ser mutuamente substituídos sem que o sentido literal da mensagem seja modificado. Nos casos em que não forem admitidas sinonímias, o contexto é, novamente, a condição determinante na escolha do termo melhor adequado.

Argumentamos que a avaliação sobre a *relevância*, isto é, sobre a importância de alguma coisa incida no campo da *pertinência*, que por sua vez conduz à questão das concepções. Na raiz do termo *relevância* encontra-se a *pertinência*, que é um conceito mais largo, extenso, isto é, que admite mais possibilidades do que o conceito de *relevância*, configurado como uma concepção mais estrita. Na *relevância*, existe relação com a *pertinência*, mesmo em contextos nos quais se admite que algo não é relevante. Neste sentido, portanto, a noção de *relevância*, ou seja, a importância, é uma consequência da *pertinência*, que pode ser deduzida a partir de diferentes contextos específicos de *pertinência*.

2.1.2 A Teoria da Pertinência

Vislumbrando considerar o conceito de *pertinência* como um princípio cognitivo, admitimos a ideia segundo a qual indivíduos adquirem intuitivamente a faculdade de discernir, diferenciando as informações pertinentes das que não o são em um dado contexto, assim como as informações mais pertinentes das menos pertinentes. Os contextos exercem importância fundamental nestas avaliações, mas estes não se detêm apenas às circunstâncias explicitamente manifestas. A estas são agregados os conteúdos psicológicos existentes nas mentes dos indivíduos, denominados *ambientes cognitivos*. Segundo Sperber & Wilson (1986, p. 151), “o ambiente cognitivo de um indivíduo é o conjunto de todos os fatos que são manifestos a ele”⁶. Processamentos mentais de novos fenômenos tendem a alterar estes ambientes cognitivos, de modo a destacar determinadas características que os tornam mais ou menos evidentes (Sperber & Wilson, *Ibid.*). Essencialmente, o sentido do que ensinamos conceber como *princípio da pertinência* também dependerá destes expressivos ambientes cognitivos que, ao constituírem representações individuais de mundo, modelam o processamento e a interpretação dos contextos percebidos.

⁶ Tradução livre do autor.

Nos processamentos mentais de novas ocorrências, o que a mente realiza é uma intermediação entre o que já é conhecido e o que ainda está por se conhecer. As interseções das concepções pré-existentes com as novas informações derivam em uma multiplicidade de *efeitos contextuais*, isto é, resultados que acarretam conseqüências de alguma maneira pertinentes sobre o contexto inicial (Sperber & Wilson, *Op. cit.*).

É necessário relevar, no entanto, a freqüente ocorrência de divergências entre o que pode ser percebido como pertinente e o que não o é. Dentre os fatores concorrentes, vale ressaltar que as faculdades cognitivas dos indivíduos não são rigorosamente as mesmas, de modo que nem sempre se percebe o que é, ou o que outros indivíduos podem perceber, sendo usual a ocorrência de limitações e restrições cognitivas de uma ou outra sorte.

Conforme já introduzido, o ato da comunicação humana não ocorre simplesmente a partir da codificação e decodificação de mensagens, havendo para além disto a obtenção de informações expressivas por meio de inferências. Neste sentido, a compreensão das proposições somente se totaliza a partir do relacionamento entre dados novos com outras informações ou fatos já reconhecidos como verdadeiros. Assim, a compreensão de uma frase ou mesmo de uma palavra se completa apenas ao transcender os significados literais codificados, que podem ser ampliados ou reduzidos até o ponto em que o sentido da mensagem tenha sido finalmente processado.

Para aperfeiçoar a compreensão dos processos em discussão, o entendimento da noção de *efeito contextual* mostra-se essencial para proceder ao que será definido como *princípio da pertinência*, que pode ser caracterizado em termos destes efeitos. Primeiro, faz-se necessário definir o que se entende por uma *contextualização*. Segundo Sperber & Wilson (1986, p. 108), “uma dedução baseada na união da informação nova $\{P\}$ e uma informação antiga $\{C\}$ é uma contextualização de $\{P\}$ em $\{C\}$ ”⁷. Uma tal contextualização, segundo os autores, pode dar origem aos chamados *efeitos contextuais*.

Como também já apresentado, a apreensão de novas informações ocorre em um dado contexto a partir de seu relacionamento ao conteúdo já existente em um ambiente cognitivo individual. Quando as interseções entre dados novos e antigos se reúnem e se reorganizam formando

⁷ Tradução livre do autor.

premissas a partir de inferências, há a possibilidade de gerar, por derivação, uma outra gama de informações que não poderia ter sido produzida sem esta associação⁸.

No entanto, se tudo o que uma contextualização faz é acrescentar informações novas quaisquer a um contexto existente sem alterá-lo de alguma outra maneira, não se pode admitir que esta contextualização tenha produzido algum efeito contextual. Mas se o contexto original foi alterado, seja a partir do fortalecimento das proposições existentes, provendo mais evidência para estas, seja por meio da contradição destas conjeturas, fornecendo evidências contra as mesmas ou, ainda, pela associação com as suposições existentes de modo a resultar em possíveis conclusões oriundas da união da nova entrada de dados e do contexto existente, pode-se considerar que houve a influência de um efeito contextual (Sperber & Wilson, *Ibid.*).

A partir deste raciocínio, podemos traçar analogias voltadas para o âmbito arquitetônico: a manutenção ou retomada de princípios e normas academicistas, que equivale dizer, do *establishment* arquitetônico à maneira dos estilos historicistas, por exemplo, constituem efeitos contextuais manifestados por meio do reforço das convenções estabelecidas e institucionalizadas. De modo contrário, mas também produzindo efeitos contextuais, podemos nos referir aos contratipos arquitetônicos que, ao se constituírem antíteses da dogmática preconizada pelas convenções e tradições estabelecidas e institucionalizadas, originaram-se a partir da rejeição das categorias de tipos morfológicos existentes com o propósito de afirmar novos paradigmas, baseados em valores supostamente inéditos (Ceniquel, 1990). Como já apontado na introdução desta tese, a biblioteca Laurenciana em Florença (1529), de Michelangelo, a capela Notre Dame du Haut em Ronchamps (1954), de Le Corbusier, e já apresentada série das casas conceituais de Peter Eisenman, construídas nos Estados Unidos entre as décadas de 1960 e 1970, por exemplo, representaram propostas de ruptura com os sistemas de referência em meio aos seus respectivos contextos.

Voltando à discussão sobre o *princípio da pertinência*, Sperber & Wilson (*Op. cit.*, p. 153) enunciam que “*um estímulo é um fenômeno gerado para alcançar efeitos cognitivos*”. A partir daí, podemos assumir que um determinado estímulo ou entrada de dados, - que pode ser cognitivamente apreendido a partir de ações, sons, visões, odores, pensamentos, memórias, etc -, é julgado pertinente se for válido com que este seja processado, e o que determina esta

⁸ Antecipando uma consideração relativa ao capítulo seguinte, é plausível com esta asserção levantar a suposição segundo a qual as soluções arquitetônicas elaboradas a partir da imposição dos conceitos inusitados apontados não teriam sido desenvolvidas da mesma maneira, nem alcançado a mesma conformação final, caso não houvesse ocorrido a interferência destes mesmos estímulos.

ação é definido a partir das noções de *efeito cognitivo* e *esforço de processamento*⁹. Na Teoria da Pertinência, as relações entre estes dois conceitos se fixam da seguinte maneira:

Em igualdade de condições, quanto maiores são os efeitos cognitivos conseguidos pelo processamento de uma entrada de dados, maior é a sua relevância. No entanto, no processamento da entrada de dados, e na derivação desses efeitos, existe algum esforço mental. Em igualdade de condições, quanto menor é o esforço de processamento requerido, maior é a relevância (Wilson *apud* Sperber & Wilson, 2001, p. 11).

De modo contrário, “quanto mais fracos forem os efeitos contextuais de uma suposição, menos dispostos estamos para a designarmos pertinente”¹⁰ (Sperber & Wilson, 1986, p. 122). Esclarecendo esta conceituação teórica, se assumirmos que uma modificação qualquer ocorrida em um dado contexto é necessariamente apreendida por um indivíduo a partir de um canal cognitivo, então os chamados “efeitos contextuais” em verdade são *efeitos contextuais cognitivos*. A partir do exposto, pode-se considerar a seguinte definição sobre o princípio de pertinência: “uma suposição é pertinente em um contexto se e somente se houver algum efeito contextual sobre este contexto”¹¹ (Sperber & Wilson, *Ibid.*, p. 122) o que, no âmbito da cognição, admite as duas seguintes condições de extensão: “1. uma suposição é pertinente em um contexto até o ponto em que seus efeitos contextuais sobre este contexto sejam grandes; 2. uma suposição é pertinente em um contexto até o ponto em que o esforço requerido para processá-lo, neste contexto, seja pequeno”¹² (Sperber & Wilson, *Op. cit.*, p. 125). Uma vez que o objetivo desta formalização é definir um conceito não quantificável, julgamos desnecessário estabelecer parâmetros quantitativos para validar o uso dos termos “grande” e “pequeno”; é preciso, contudo, agregar substratos empíricos para que se possa relativizar os atributos referidos, constatando as maneiras pelas quais a noção de pertinência se estabelece na cognição, e as implicações daí advindas.

Embora a definição do conceito seja de natureza classificatória cabe frisar que, nos referidos termos, não se considera apenas a presença ou a ausência da qualidade de pertinência, sendo considerável a incidência de *graus* ou *hierarquias* de pertinência sobre as proposições. Esta característica vem agregar à definição classificatória um atributo relacional, em que há um balizamento entre o esforço de processamento mental e a realização de efeitos contextuais cognitivos. A implicação que segue é a de que qualquer informação comunicada traz em si a expectativa do grau ótimo de sua própria pertinência.

⁹ Ressaltamos que o conceito de *esforço de processamento* é equiparável ao de “esforço de apropriação”, empregado nas análises realizadas sobre o experimento de concepção apresentado no capítulo seguinte.

¹⁰ Tradução livre do autor.

¹¹ *Idem.*

¹² *Idem.*

Ao considerar a aplicabilidade do conceito em obra, compartilhamos o entendimento com os autores citados segundo o qual a qualidade de pertinência, enquanto relação que envolve uma proposição e um dado contexto, pode ser definida de modo mais tangível apenas quando apontada em relação a um objetivo, meta, intenção ou interesse. Isto é, deve haver, necessariamente, um *fundamento motivacional* para que se possa contemplar um sentido de pertinência de alguma coisa em relação a outra (Gorayska & Lindsay, 1995). Assim, um plano ou método é considerado pertinente em relação a uma dada finalidade caso um estado de coisas seja modificado, o que equivale dizer, quando se é possível alcançar efeitos contextuais a partir de um planejamento eficaz. *A intenção de se perseguir algum objetivo, portanto, é condição essencial para que qualquer asserção possa ser validada como pertinente.*

Contudo, como a busca por objetivos pelos indivíduos é diversificada e, ainda, pode-se recorrer a um mesmo método para alcançar finalidades distintas, o processamento operativo efetivo do sentido de pertinência está vinculado à visão individual de um sujeito, que traz consigo limitações cognitivas próprias, em meio a um ambiente cognitivo particular. A compreensão desta ocorrência, nos termos do modelo abaixo, requer considerar as relações envolvidas entre as variáveis atreladas ao atributo “pertinente”, isto é, concernentes aos aspectos diversos que integram indivíduos, modelos, elementos, objetivos e métodos (figura 2.2).

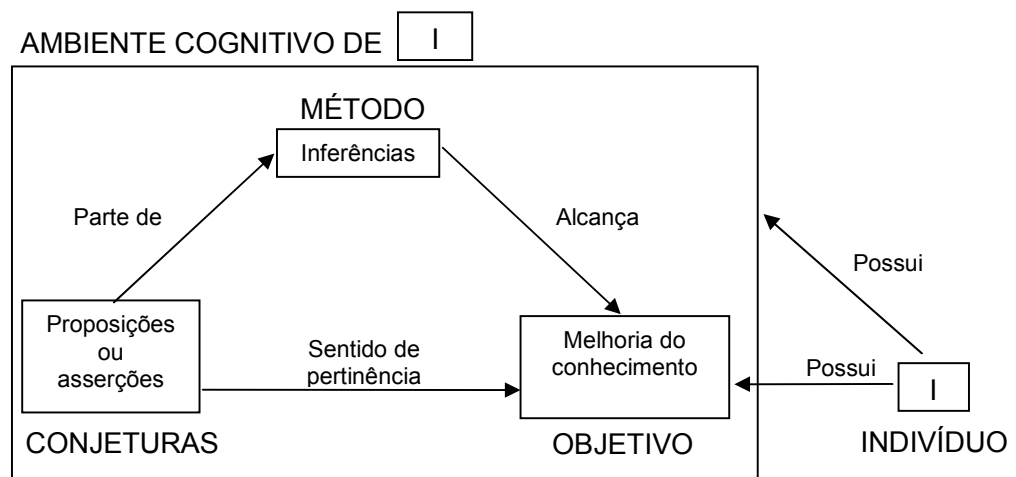


Figura 2.2: Esquema de processamento operativo:
o sentido de pertinência a partir do indivíduo como agente
(Inspirado de: Gorayska & Lindsay, 1995)

Analisando o esquema acima, há de se considerar a ação de um indivíduo perceptivo que produz conjecturas, ou seja, asserções a partir de fenômenos ocorrentes em seu ambiente cognitivo particular e naturalmente limitado. Para que possam ser gerados efeitos contextuais, as asserções necessitam produzir objetivos, interesses ou intenções. Para sua consecução, o

indivíduo seleciona e utiliza um método específico, proveniente do conhecimento já existente, ou planeja alternativamente alguma outra seqüência de ações, estratégias ou procedimentos mais adequados. Uma vez empregados e por vezes modificados, os métodos eficazes, considerados a partir de avaliações das relações entre custo e benefício, isto é, entre os parâmetros *esforço de processamento* e *efeitos contextuais*, são armazenados para uso futuro. As conjeturas ou asserções são então avaliadas em seu grau de pertinência a partir das relações efetivamente estabelecidas com os objetivos inicialmente gerados. A meta cognitiva mais ampla envolvida neste esquema de processamento operativo é o alcance de um estado mais avançado e organizado de coisas, que propicie uma melhoria do conhecimento.

Adaptado ao campo da concepção arquitetônica, consideramos que o objetivo que remeta à chamada “melhoria do conhecimento”, ilustrado na figura 2.3, equivalha à geração de uma solução arquitetônica pertinente. Retomando colocações já apresentadas na introdução geral, insumos conceituais reunidos no capítulo 1, e já antecipando um processo relativo ao experimento de concepção apresentado no capítulo seguinte, ilustramos a seguir uma esquematização análoga à idealizada na figura anterior:

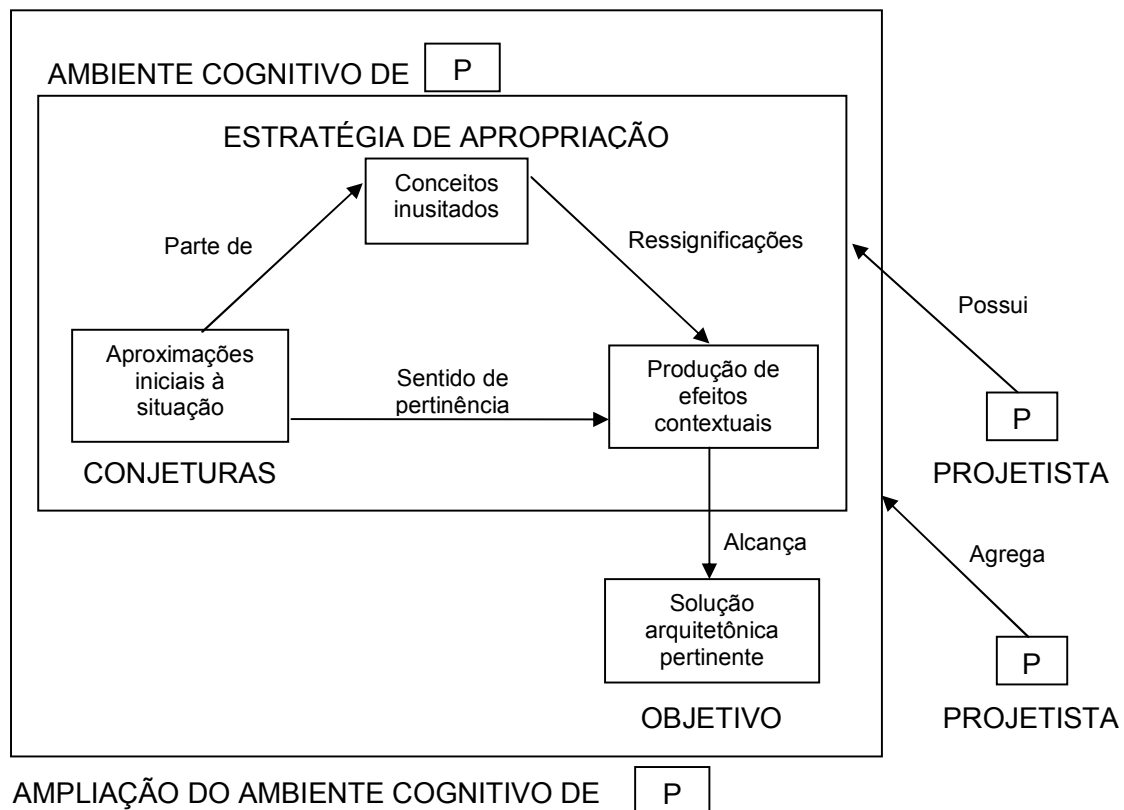


Figura 2.3: Esquema de concepção arquitetônica:
Ampliação do ambiente cognitivo a partir da agregação do sentido de pertinência

Ao se deparar com uma situação de concepção determinada por uma motivação específica, um projetista “P”, originalmente limitado por seu próprio ambiente cognitivo, parte de aproximações conjecturais iniciais visando a resolução da situação em enfoque e, simultaneamente, se presta a desenvolver uma estratégia de apropriação associada, no escopo investigado nesta pesquisa, a estímulos considerados *inusitados* em relação a gama dos condicionantes usualmente considerados na concepção do projeto. Se a estratégia utilizada for bem sucedida, ocorrerá a produção de efeitos contextuais positivos, isto é, que exercem modificações que de alguma maneira fortaleçam, contradigam ou se combinem ao contexto da situação existente. Por meio das já referidas associações entre elementos referenciais a priori desconexos, - neste caso constituídos pela própria situação do projeto e pelos conceitos inusitados -, as operações intelectuais de resignificação que conduzem este processo visam alcançar um novo sentido de pertinência, a ser contemplado na solução arquitetônica efetivamente desenvolvida.

É relevante ressaltar que, se o processo obtém êxito, novos insumos são agregados ao ambiente cognitivo do projetista, que se torna mais complexo. A partir desta ampliação, torna-se possível recorrer aos novos mecanismos e registros intelectuais desenvolvidos para o enfrentamento de alguma outra situação inédita de concepção. Tal como na esquematização representada na figura 2.2, esta meta cognitiva mais ampla também propicia uma melhoria do conhecimento, especificamente no que concerne a ação projetual.

Retornando nosso foco para a Teoria da Pertinência, cabe reconhecer que, segundo os mesmos autores (1995), o sentido de pertinência também se destaca ao promover uma necessária interface na dimensão cognitiva, provendo uma ligação essencial entre motivações subjacentes, que podem ou não conduzir à formulação de objetivos, e itens do conhecimento conhecidos e disponíveis; esta ligação deve ser promovida a partir de um método ou processo de planejamento. Pode-se dizer, portanto, que a noção de pertinência apresenta uma associação essencial entre um dado conjunto de conhecimento formado por asserções e conjecturas, de um lado, e objetivos, metas e intenções, de outro, que se relacionam a partir de um método (figura 2.4).

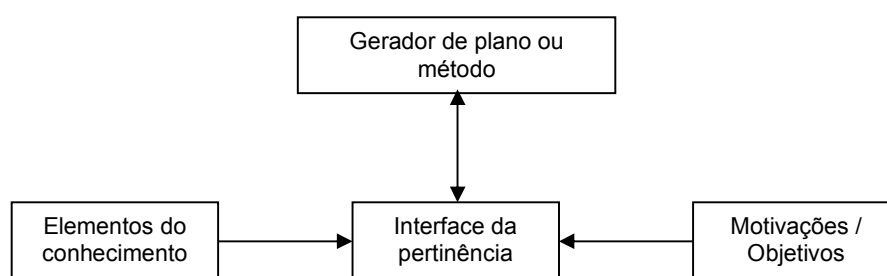


Figura 2.4: A conexão promovida pela pertinência
Inspirado de: Gorayska & Lindsay, 1995, p. 303

Neste sentido, institui-se um tipo de relação que associa potencialmente todo e qualquer objetivo, desde que seja logicamente possível e alcançável, aos respectivos métodos para realizar tais objetivos, sejam estes já conhecidos ou ainda não, orientando de modo estrito o processo de cognição humana. Desta maneira, identificamos a função fundamental do sentido de pertinência como principal articulador entre elementos do conhecimento pré-existent, objetivos e métodos.

2.2 PERTINÊNCIA E CATEGORIZAÇÃO

Nos procedimentos operativos que subjazem o exercício da concepção arquitetônica, destacamos que os conceitos de *pertinência* e *categorização* se apresentam intrinsecamente relacionados. Como já visto no capítulo anterior, a complexidade inerente à natureza dos problemas arquitetônicos impele a utilização de habilidades cognitivas que envolvem o pensamento intuitivo, hierarquizações de prioridades, reuniões e agrupamentos cada vez mais organizados de informações relativas ao contexto do problema, e capacidades de análise e síntese, dentre alguns dos raciocínios paralelamente desencadeados ao longo da ação projetual.

Mediante uma situação de concepção, o projetista delimita um campo conjetural que é testado e progressivamente refinado até o ponto em que possíveis aproximações de uma solução arquitetônica se tornam vislumbradas. Neste processo de tomadas de decisões que regem as intenções projetuais, realizam-se inumeráveis operações de categorização. Por sua vez, estas resoluções se constituem como avaliações relativas de pertinência por estarem necessariamente vinculadas a julgamentos baseados em critérios e parâmetros que assumem valores diferenciados. Assim, tendo em vista que o conteúdo específico de que é objeto o próximo capítulo desta pesquisa também envolve a observação de uma situação prática de concepção, fez-se primeiramente necessário desenvolver um corpo de conhecimentos teóricos pertinentes à matéria para que o exercício de análise realizado em seguida pudesse ser mais adequadamente amparado.

Remetendo o alcance das considerações preliminares apresentadas para uma perspectiva mais abrangente, pode-se dizer que a ordenação do mundo perceptível a partir de categorizações parece conferir, a princípio, um sentido mecanicista e estanque para a compreensão dos fenômenos que envolvem o conjunto das coisas e fatos reais que são, por natureza, multifacetados, complexos, mutantes e observáveis sob múltiplos e distintos aspectos e pontos

de vista. No entanto, a ação categorizante, como o ato pelo qual objetos e ocorrências díspares são tratados de modo equivalente, isto é, como membros distintos de uma mesma classe, é inerente ao desenvolvimento humano e faz-se necessária à organização de qualquer campo do conhecimento, científico ou não científico. Grande parte das ocorrências perceptíveis no mundo humano podem ser categorizadas: os objetos, os fatos, as emoções, as idéias, os seres, etc. Mesmo mantendo a singularidade de suas próprias unicidades, os fenômenos são apreendidos enquanto membros distintos de classes organizadas a partir de propriedades que se correlacionam de alguma maneira.

Um dos princípios mais básicos que rege o exercício de categorizar, definido em Rosch (1978) como *economia cognitiva*, remete ao fornecimento do máximo de informação sobre um determinado objeto de classificação associado ao menor esforço cognitivo possível. Análogo aos conceitos de *esforço de processamento* e *efeitos contextuais cognitivos* da Teoria da Pertinência (Sperber & Wilson, 1986), a noção de economia cognitiva emerge assim como uma característica intrínseca aos processos de comunicação e cognição humanas.

Para sua obtenção, faz-se necessário deter os recursos de que se dispõe nas informações consideradas mais relevantes dentre todo o conjunto de informações acessíveis em um dado contexto. A compreensão deste princípio envolve um sutil equilíbrio entre quantidade, qualidade de informação e capacidade de apreensão: por um lado, considera-se vantajoso poder conhecer o maior número de atributos e propriedades possíveis relativos a uma dada categoria; no entanto, este acúmulo informacional inevitavelmente conduz à formação de um sem número de categorias com discriminações excessivamente específicas, resultando em uma baixa economia cognitiva. Para otimizar o balanço entre informação e apreensão, torna-se desejável que as muitas diferenças entre os objetos em um universo de classificação sejam reduzidas o máximo possível, contanto que estas diferenciações não prejudiquem o cumprimento de um determinado objetivo (Rosch, 1978). Em meio a esta redução analítica, por vezes ocorrem simplificações restritivas que acabam por gerar uma certa ambigüidade, por mais versáteis que os critérios operativos dos princípios de categorização possam se configurar. No entanto, a atribuição de um sentido inclusivo de pertinência, em âmbito mais amplo, torna-se possível justamente a partir deste processo redutivo.

Ainda segundo Rosch (1978; 1998) já existem, nas condições naturais em que os objetos materiais se encontram no ambiente, *estruturas correlacionadas* de propriedades que funcionam como uma espécie de grade classificadora a partir das quais os processos cognitivos se desenvolvem, seja nas próprias percepções ou nos usos concretos dos objetos.

Segundo Barsalou (1987, p. 115), “as categorias se formam a partir da estrutura correlacionada do ambiente, e a tipicidade dos membros [destas categorias] reflete a extensão segundo a qual estes possuem os padrões de correlações característicos de suas categorias”¹³. Daí, pode-se inferir que a capacidade associativa da cognição humana subjaz a teoria das estruturas graduadas. Estas estruturas possuem, portanto, características intrínsecas podendo apresentar graus variados de ordenação, e constituem-se, diferente da redução analítica anteriormente referida, de modo a maximizar o mapeamento da estrutura informacional do mundo.

Considerando as palavras *guelra*, *chifre* e *escama*, por exemplo, as estruturas correlacionais permitem o agrupamento das palavras *guelra* e *escama*, ou seja, estas não são percebidas isoladamente, permitindo constatar que já há uma repartição intrínseca nos objetos do mundo real. Ainda que enraizada nas experiências pessoais e coletivas, podendo diferir de cultura para cultura e mesmo entre indivíduos de uma mesma cultura, esta repartição não é estritamente dependente destas percepções individuais uma vez que é definida, de certa forma, pela própria natureza dos objetos. É, portanto, esta mesma propriedade que possibilita que alguns objetos se associem e co-existam em conjuntos no mundo percebido.

Deve-se relevar que as estruturas correlacionais de propriedades são melhor reconhecidas nas categorias naturais ou taxonômicas. Originalmente desenvolvida por Carlos Lineu em meados do séc. XVIII, a *taxonomia* remetia, exclusivamente, à ciência de classificação dos seres vivos por meio da nomenclatura binomial, que atribui nomes científicos às espécies dos seres vivos. Neste sistema, o táxon constitui a unidade taxonômica nomeada, à qual espécies individuais ou conjuntos de espécies são identificados como por exemplo *Homo sapiens*, *Hominidae* ou *Mammalia* (Houaiss).

No séc. XIX, o sentido do termo *taxonomia* foi ampliado, aplicando-se também à classificação de qualquer objeto do conhecimento que pudesse ser organizado conforme um modelo com estrutura em árvore, o que equivale dizer, a um sistema taxonômico. Passou, assim, a denominar os princípios gerativos das categorizações sendo usado na filosofia de Immanuel Kant e Émile Durkheim que, por sua vez, influenciaram o pensamento antropológico de Claude Lévi-Strauss, já no séc. XX (Chauí, 1995).

No campo da arquitetura, a estruturação do conhecimento baseado na *taxonomia* foi uma das primeiras influências no desenvolvimento de métodos específicos de classificação dos objetos arquitetônicos no séc. XIX, baseado em seus respectivos programas, escalas, arranjos de

¹³ Tradução livre do autor.

distribuição espacial e elementos construtivos. Jean Louis Durand, professor da Escola Politécnica de Paris entre 1795 e 1830, realizou um importante trabalho de classificação das edificações baseado em programa e grau de similitude. A partir da catalogação dos principais elementos construtivos da arquitetura, tais como pilares, varandas, escadas, halls, etc, e do desenvolvimento de suas regras de combinação, Durand ampliou as possibilidades de utilização destes elementos como repertório no processo de composição, possibilitando um grande avanço em relação aos arranjos formais das alas mais tradicionais da Escola de Belas Artes.

Voltando ao enfoque mais abrangente das categorizações enquanto processo cognitivo, cabe ressaltar que o emprego das estruturas correlacionais de propriedades é limitado, sendo despropositado remetê-las às categorias artificiais, tais como as derivadas a partir de objetivos, como por exemplo “*alimentos para consumir visando perder peso*”¹⁴, e as constituídas segundo finalidades específicas, também denominadas como categorias *ad hoc*, como por exemplo “*objetos que podem cair na cabeça de alguém*”¹⁵ (Barsalou, 1987, p.102).

Ainda em âmbito preliminar, pode-se dizer que as categorias são percebidas, aprendidas e estabelecidas a partir de diferentes *níveis de abstração* que, por sua vez, relacionam-se diretamente ao grau particular de inclusão de elementos pertencentes a um universo de classificação. Assim, quanto mais abstrata e genérica for definida uma categoria, maior também será sua capacidade inclusiva. Por exemplo, a categoria *entidades da federação brasileira* é mais abrangente, abstrata e inclusiva do que as subcategorias *estados brasileiros* e *municípios brasileiros*.

2.2.1 A visão clássica

Ao sistematizar a idéia essencial de agrupar objetos baseados na semelhança de suas propriedades, a visão clássica das categorizações, originada no seio do pensamento da filosofia grega da Antiguidade, fundamentou o desenvolvimento das bases do pensamento ocidental. Desde Platão (428 a.C.-347 a.C.), tornou-se difundida a idéia segundo a qual experiências individuais e particulares, apreendidas essencialmente a partir dos sentidos humanos, não se mostravam suficientemente confiáveis para fundamentar a construção do conhecimento. Em contrapartida, convencionou-se que apenas categorias estáveis, precisas, lógicas e universais

¹⁴ Tradução livre do autor.

¹⁵ Idem.

seriam consideradas cientificamente válidas, não se modificando de acordo com as alterações das condições de seus usos, contextos e circunstâncias. Apenas desta maneira as categorias poderiam funcionar como objetos de conhecimento e como objetos de referência para que pudessem ser associadas aos significados das palavras.

Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C), no entanto, foi o primeiro a empregar o termo *categoria* em um contexto filosófico, cujo sentido remete a “*cada um dos conceitos que formam o conjunto dos gêneros ou divisões primeiras do ser (substância, qualidade, quantidade, relação, etc)*” (Houaiss). A partir de análises das diferenças entre classes e objetos, o filósofo sistematizou e aprofundou em seu tratado *Categorias* uma proposta de classificação originalmente engendrada por Platão, para a classificação natural dos seres vivos.

Em seu nível mais elementar, pode-se dizer que a visão clássica das categorizações estruturava-se a partir de oposições, nas quais uma dada proposição é considerada como verdadeira ou falsa, boa ou má, liberal ou conservadora em relação a um determinado domínio. Como já apresentado, esta visão binária, que comporta apenas um em dois aspectos possíveis, fundamentou a teoria dos conjuntos matemáticos, nos quais um dado elemento pode pertencer ou não pertencer a um determinado conjunto, que pode conter ou não conter outros subconjuntos, que por sua vez podem estar contidos ou não estar contidos em conjuntos maiores, e assim por diante.

Nesta visão das categorizações, portanto, as classes devem ser universalmente válidas, mutuamente excludentes e possuir limites claramente definidos. Seus elementos constituintes devem, além de possuir atributos em comum, serem dotados de todos os critérios necessários e suficientes que justifiquem sua condição de pertencimento. Sendo assim, todos os membros de uma dada categoria são igualmente considerados com relação à pertinência o que implica, a partir do raciocínio lógico, que as características comuns necessárias à condição de pertinência simplesmente existem ou não.

Voltando ao tema da taxonomia, o agrupamento dos seres vivos em espécies, gêneros, famílias, ordens, classes, filos e reinos por Carlos Lineu em meados do séc. XVIII consistiu numa aplicação inequívoca deste sistema de classificação na história natural. A organização de seres distintos em tipos comuns ocorria essencialmente a partir da similitude de suas características designativas; estes tipos, por sua vez, eram subdivididos em gêneros e espécies, de acordo com quatro propriedades que os diferenciavam, sendo estas: forma dos elementos, sua quantidade, o modo pelo qual ocorria sua distribuição no espaço, e a grandeza

relativa de cada um. A partir de então, o conhecimento sobre os seres vivos passava a se desenvolver em um espaço de variáveis visíveis, simultâneas e concomitantes (Foucault, 1987).

Segundo Foucault (*Ibid.*, p. 159), na história natural,

“conhecer aquilo que pertence propriamente a um indivíduo é ter diante de si a classificação ou possibilidade de classificar o conjunto dos outros. A identidade é aquilo que a marca se definem pelo resíduo das diferenças (...). Um animal ou uma planta são aquilo que os outros não são; só existe em si mesmo no limite daquilo que dele se distingue”

A determinação precisa da identidade de um animal ou planta a partir das características que os distinguem uns dos outros evidencia o caráter mutuamente excludente deste sistema de classificação: a designação da categoria *gênero*, por exemplo, era estabelecida em decorrência das diferenças entre os sistemas reprodutivos dos seres vivos. Posteriormente a Lineu, os sistemas orgânicos e sua interdependência funcional, ao invés dos caracteres diferenciais dos organismos, se tornaram o foco de desenvolvimento dos estudos nas ciências naturais, suplantando a preponderância dos critérios de ordenação eminentemente descritivos desenvolvidos até então.

Ao passo em que o pensamento científico dominante desta época se fundava em uma visão estática da natureza, sustentando que toda ela seria passível de classificação a partir de uma lógica quase mecanicista, para contemporâneos como Buffon e Bonnet este enquadramento rígido era inconcebível, considerando a incomensurável heterogeneidade dos seres vivos. Buffon considerava categorias como gêneros, ordens e classes conceitos puramente ideais e nominais, suportes necessários aos limites do conhecimento de então, e que se faziam pertinentes apenas aos elementos centrais em uma escala contínua de objetos naturais (Foucault, *Op. cit.*).

Em consonância, Bonnet já afirmava que “*não há saltos na natureza; nela tudo é graduado, matizado*” (Bonnet *apud* Foucault, 1987, p. 162). O mesmo autor se refere à existência de “*produções medianas*’, como o *pólipio*¹⁶ **entre** o vegetal e o animal, o *esquilo voador* **entre** a ave e o *quadrúpede*, o *macaco* **entre** o *quadrúpede* e o *homem*”¹⁷ (Bonnet *apud* Foucault, *Ibid.*, p. 162). Contrapondo-se à ortodoxia do pensamento dominante, portanto, a concepção de cunho mais evolucionista de Bonnet já assume que certos elementos, em função de suas

¹⁶ (Rubr.: celenterologia) Forma individual, sésil, típica dos cnidários, que se caracteriza pelo corpo formado por um tubo ou cilindro, cuja extremidade oral, dotada de boca e tentáculos, é dirigida para cima, e a extremidade oposta, ou aboral, é fixa (Houaiss 3.0).

¹⁷ Grifos nossos.

características mesmas, apresentam uma condição híbrida, não pertencendo unicamente a uma única classe conceitual mas sim situando-se em meio a duas delas.

Solapando a equiparação dos princípios de categorização na história natural a conjuntos lógicos, as concepções já graduadas de Bonnet e Buffon acerca das classificações dos animais e vegetais foram importantes pressupostos para a teoria da evolução das espécies desenvolvida por Charles Darwin em meados do século XIX. A visão graduada das categorizações, em âmbito irrestrito, foi revista e consistentemente ampliada no campo da psicologia cognitiva nos Estados Unidos durante a década de 1970.

2.2.2 As estruturas graduadas

Divergências à visão clássica e basicamente uniforme das categorizações se originaram a partir da realização de pesquisas com categorias cromáticas no campo da psicologia cognitiva na década de 1970 nos Estados Unidos (Rosch, 1978). Os resultados empíricos obtidos permitiram inferir que as categorias analisadas não apresentavam atributos parametricamente analisáveis, estruturas formais ou limites claramente definidos. Ao invés disso, foi verificado que certas cores situavam-se genuinamente entre uma e outra categoria no espectro cromático, eliminando assim o aspecto binário, ou seja, mutuamente excludente, dos princípios de categorização anteriores.

Contrapondo-se a uma lógica formal das categorizações, segundo a qual todos os membros de uma dada categoria são considerados igualmente pertencentes, na noção de pertinência graduada os princípios de organização se dão em termos da *representatividade* dos exemplos considerados. Por exemplo, pode-se dizer que *“a cor vermelha de uma maçã representa um bom exemplo da idéia ou imagem da categoria ‘vermelho’, tanto quanto a cor vermelha pintada em um caminhão do corpo de bombeiros, ou o tom avermelhado de cabelos ruivos?”*¹⁸ (Rosch 1999, p. 64).

Neste novo sentido, torna-se possível julgar o quanto um determinado item se adequa à idéia ou imagem associada à sua categoria. Estes julgamentos, baseados em graus de pertinência e não em probabilidade, constituem a essência das estruturas graduadas, na qual ocorre a atribuição de uma qualidade hierarquizada, e não mais uniforme, de pertinência. Por exemplo, em relação à categoria *“pássaro”*, indivíduos norte-americanos consideram o *“sabiá”* um

¹⁸ Tradução livre do autor.

exemplo muito típico, o “*pombo*” moderadamente típico, e o “*avestruz*” pouco típico. Em contrapartida, para indivíduos chineses, “*cisne*” e “*pavão*” constituem exemplos muito típicos desta mesma categoria (Barsalou, 1987, p. 106)¹⁹. Daí, pode-se concluir que a seleção da representatividade das categorias na pertinência graduada é variante e decorre, dentre outros fatores, do contexto cultural em que se apresentam inseridas.

Analogamente, não-membros de categorias também apresentam gradações relativas ao seu não pertencimento: em relação à mesma categoria “*pássaro*”, “*cadeira*” é um não-membro mais representativo do que “*borboleta*”²⁰ (Barsalou, *Ibid.*, p. 101). Assim, pode-se contemplar nas estruturas graduadas de pertinência um *continuum* que se origina a partir dos membros mais representativos de uma dada categoria, prossegue com os menos representativos, e se estende até os não-membros mais representativos daquela mesma categoria (Barsalou, *Op. cit.*).

Na pertinência graduada, a representação de uma determinada categoria não se dá a partir do conjunto de seus membros individuais, nem por um conjunto de critérios formais considerados necessários e suficientes que venham determinar a qualidade de pertencimento de seus elementos constituintes. Algumas categorias não possuem atributos evidentemente analisáveis ou limites claramente definidos: segundo Wittgenstein (*apud* Rosch, 1978), é possível definir categorias a partir de exemplos representativos apenas, sem precisar recorrer a quaisquer informações relativas aos limites destas categorias. Também, a ocorrência de ambigüidades em determinadas definições torna simultaneamente possível seu pertencimento a mais de uma classe conceitual.

Em se tratando da representatividade de elementos distintos de uma mesma categoria, torna-se particularmente interessante constatar que os julgamentos a respeito de uma possível maior ou menor pertinência podem ocorrer mesmo nos casos em que não há, objetivamente, qualquer dúvida sobre a igualdade de pertinência destes elementos. Por exemplo, “*apesar dos números 8421 e 7 serem números ímpares, julga-se o número 7 como um melhor exemplo da idéia que se tem da categoria ‘número ímpar’*”²¹ (Rosch, 1999, p. 66). Provavelmente, esta ocorrência se dá por conta do número 7 integrar o primeiro conjunto de números ímpares aprendidos na infância. A compreensão intelectual que também permite reconhecer o número 8421 como um número ímpar só ocorre plenamente após o aprendizado de definições matemáticas de maior

¹⁹ Traduções livres do autor.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

complexidade. Assim, neste exemplo o conhecimento primeiramente adquirido, na infância, tende a prevalecer sobre o posterior, produzindo uma espécie de ilusão cognitiva. Pode-se inferir, portanto, que ao mesmo tempo em que a categoria “número ímpar” possui uma definição formal matemática com limites claramente definidos, adequando-se plenamente à visão clássica das categorizações, esta também apresenta atributos baseados em termos de representatividade que a identificam e a qualificam dentro das estruturas graduadas.

Deve-se salientar, complementarmente, que as estruturas graduadas se manifestam em quaisquer tipos de categorias: categorias taxonômicas tais como “*fruta*” e “*mobília*”²² (Rosch, 1978), categorias sociais como “*profissão*” (ROSCH, 1999), categorias políticas como “*democracia*” (Rosch, *Ibid.*), categorias formais como “*número ímpar*” e “*quadrado*”²³ (Armstrong & Gleitman *apud* Barsalou, 1987, p. 102), categorias lingüísticas como “*fonema*” (Lakoff *apud* Barsalou, *Ibid.*), categorias criadas a partir de um objetivo qualquer, como “*alimentos para comer em dieta*” (Barsalou, *Ibid.*), e até mesmo em categorias *ad hoc*, constituídas exclusivamente para explicar algum fenômeno que descreve, tal como “*objetos que podem cair na cabeça de alguém*”²⁴ (Barsalou, *Op. cit.*). Para o mesmo autor, as estruturas graduadas constituem uma *propriedade universal* das categorias, tendo sido encontradas em todas as categorias que se investigaram.

2.2.2.1 Níveis de abstração

Na cognição humana, o aprendizado por meio das categorizações ocorre inicialmente a partir de um primeiro nível de abstração, definido como *de base* ou *básico*, sendo este, segundo Rosch (1978; 1998), o nível que melhor reflete as estruturas correlacionais do mundo percebido, e que também proporciona a melhor economia cognitiva. Tome-se, como exemplo, a categoria “cachorro”: esta se aproxima mais do nome específico do objeto concreto do que a categoria “mamífero”, identificando-o ao nível de detalhe mais útil possível para a transmissão de seu significado. O mesmo ocorre em demais categorias taxonômicas tais como cadeira, carro, médico, árvore, casa, escola, etc. Assim, considera-se este o nível *default* a partir do qual as categorias se formam, havendo comprovações empíricas acerca das prioridades

²² Traduções livres do autor.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

perceptivas, lingüísticas e de desenvolvimento destas sobre outros tipos de categorias (Rosch, 1999).

Em um segundo nível de compreensão, as categorias são discriminadas ao chamado nível *subordinado*, como por exemplo, as categorias “cadeira de cozinha” e “*cocker spaine*”. Ao especificarem tipos distintos de objetos básicos, estas categorias se apresentam subordinadas àquelas. E em um terceiro nível, as categorias são abstraídas ao chamado nível *superordinário*, sendo este o mais genérico e inclusivo, tais como as categorias “mobiliário” e “animal” (Rosch, 1978). A tabela abaixo apresenta uma possível esquematização desta abordagem:

Categoria “superordinária” ²⁵	Categoria “nível de base” ²⁶	Categoria “subordinada” ²⁷
Mobiliário	cadeira	cadeira de cozinha
		cadeira de sala
	mesa	mesa de cozinha
		mesa de jantar
	luminária	luminária de piso
		luminária de mesa

Tabela 2.1: Graus de abstração das categorias (Rosch, 1978, p. 32)

Em um segundo exemplo, este sendo hipotético, pode-se reunir as seguintes classificações relativas à categoria “habitação”:

Categoria “superordinária”	Categoria “nível de base”	Categoria “subordinada”
Habitação	Casa	casa urbana
		casa de campo
		casa de praia
	Apartamento	quitinete
		conjugado
		<i>loft</i>
		duplex

Tabela 2.2: Possíveis graus de abstração da categoria “habitação”

Enquanto a categoria superordinária “habitação” foi definida a partir de um critério de natureza funcional, que é o ato de habitar, as categorias de nível de base “casa” e “apartamento” remetem a uma diferenciação tipomorfológica que condicionam diferentes maneiras de habitar, portadoras de poéticas próprias: uma casa pode oferecer maior privacidade do que um

²⁵ Tradução livre do autor.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

apartamento em um edifício com muitas unidades; além disto, o espaço arquitetônico de uma casa também tende a favorecer a agregação de pessoas, preservando a privacidade de outros moradores. Inversamente, habitar um apartamento pode vir a oferecer uma sensação, mesmo que psicológica, de maior segurança por conta de poder se situar, quase sempre, em um nível mais alto do que o da rua.

Quanto às categorias subordinadas ao “apartamento”, mesmo que o senso comum sugira que um apartamento duplex disponha de maior área do que um *loft*, as distinções neste caso decorrem mais do atributo relacionado às disposições de leiaute dos cômodos do que do parâmetro área propriamente dito. Quanto às distinções entre as subordinadas ao nível de base “casa”, estas decorrem de associações com características do lugar em que possam se inserir, não havendo relação, portanto, com o mesmo parâmetro utilizado na distinção entre as categorias subordinadas ao nível básico “apartamento”.

Outra constatação pode ser feita em relação às imagens mentais evocadas a partir destas mesmas categorias: enquanto a de uma casa freqüentemente remeta ao desenho de uma fachada com telhado em duas águas, uma porta e uma janela, ou à imagem de uma casa real, que seja emocionalmente dotada de significação para quem a imagina, como por exemplo, a casa onde se residiu durante a infância, o mesmo não ocorre para a categoria “apartamento”. Nesta não ocorre, a princípio, a evocação de um elemento concreto, imagético ou real, que reúna as características mais representativas do que seria um apartamento típico. O imediatismo pelo qual “casa” evoca uma imagem mental remete, por sua vez, ao arquétipo secular de “casa”, associado à idéia de abrigo, acolhimento e proteção. O mesmo não ocorre com a idéia de “apartamento”, culturalmente muito mais recente.

No intuito de distinguir categorias de nível de base, Rosch²⁸ (1978) revelou serem estas as categorias a partir das quais as configurações físicas dos objetos são consideradas as mais similares em relação aos demais elementos da mesma classe, produzindo uma importante implicação: esta similaridade acarreta que as categorias de nível de base são as mais inclusivas a partir das quais uma forma média de um objeto pode ser reconhecida por meio de uma imagem mental que, por sua vez, vem representar a figura dos membros da classe como um todo.

²⁸ Os atributos específicos mais freqüentemente relatados das categorias estudadas foram metodologicamente determinados a partir de experiências realizadas com voluntários pertencentes ao mesmo universo sócio-cultural (Rosch, *Ibid.*).

Uma vez que as categorias deste nível de abstração se estruturam em cada indivíduo a partir de suas próprias experiências advindas das atividades do dia a dia, não se trata, portanto, de uma classificação canônica, feita conforme regras pré-concebidas. Segundo Rosch (1998, p. 7), *“as categorias que usamos são na verdade modos de vida; estas constituem nossas visões incorporadas nos costumes, linguagens, atividades mentais individuais, valores, hábitos, etc”*²⁹.

A partir daí, torna-se facilmente compreensível que, no nível básico de categorização, a ocorrência de discrepâncias seja freqüente entre indivíduos em decorrência de fatores como idade, escolaridade e cultura (Rosch, *Ibid.*). No entanto, cabe ressaltar que, em relação aos níveis subordinado e superordinário, e apenas em relação a estes dois níveis, as categorias de nível básico são as que apresentam maior estabilidade em decorrência do alto grau de representatividade que seus membros mais típicos apresentam.

2.2.2.2 Protótipos

Do ponto de vista cognitivo, o código mais econômico para a representação de uma determinada categoria ocorre a partir de um *protótipo*, entendido como o elemento que reúne, em seu mais alto grau, as qualidades de similaridade em relação aos demais elementos daquela categoria (Rosch, 1978). Assim, quanto mais prototípico um membro de uma categoria for considerado, mais atributos este elemento deverá possuir em comum com outros membros da mesma categoria, e menos atributos este terá em comum com membros de categorias contrastantes. Pode-se dizer, neste sentido, que os protótipos refletem o equivalente à “estrutura redundante” de uma categoria como um todo (Rosch, *Ibid.*).

Ilustrando do que se trata, recorramos à seguinte situação hipotética: suponhamos, por exemplo, que um determinado indivíduo seja solicitado a pensar o objeto “maçã”. Diante deste estímulo, ocorre um recrutamento mental instantâneo de dados relativos a todo o conjunto de atributos específicos do objeto citado: tamanho, forma, cor, textura e sabor, etc, e um registro imagético representativo do mesmo é concebido. Sendo esta uma construção subjetiva, cultural, e portanto limitada, o mecanismo realizado comumente enseja o temporário olvidamento de diversas outras qualidades e características que também são pertinentes ao conceito “maçã”, tornadas eclipsadas pela imagem primeiramente produzida, designada como *protótipo*. Frequentemente, a fixação desta primeira representação mental promove uma espécie de fechamento cognitivo, que tende a desconsiderar diversas outras sortes de

²⁹ Tradução livre do autor.

informações tais como a variabilidade geométrica do objeto exemplificado, que pode ser esférico ou mais ou menos elíptico. Há, também, maçãs de tamanho pequeno, médio e grande; estas podem inclusive ser totalmente verdes e não apenas avermelhadas, de consistência mais dura ou mole, de sabor mais doce ou ácido, com maior ou menor quantidade de água em sua polpa, etc. Neste fechamento cognitivo, o indivíduo também tende a desconsiderar diversas outras possibilidades imagináveis a partir deste mesmo input, - isto é, a palavra “maçã”. Há a folclórica “maçã do amor”, o simbolismo arquetípico do objeto como fruto proibido, ou até mesmo sua estilização como logomarca publicitária. Estes breves exemplos apenas objetivam ilustrar o vasto potencial associativo que uma simples palavra é capaz de ensejar. Por mais distantes que os mesmos possam estar situados em relação ao registro mental representativo do protótipo, os atributos que diferenciam os exemplos citados, - e que sem dúvida contribuem para a distinção de suas singularidades -, compartilham a particularidade de se constituírem de alguma maneira associáveis ao mesmo. Precisamente, são estas associações criativas de elementos para com um dado conjunto, classe ou categoria ao qual possam integrar que passam a estabelecer um sentido não mais uniforme e homogêneo, mas graduado e hierarquizado de pertinência.

No âmbito arquitetônico, pode-se considerar a Ville Savoye como um protótipo da categoria “casa modernista” tendo em vista sua expressiva representatividade em relação à mesma³⁰ (figuras 2.5 e 2.6). Neste caso, há um caráter fortemente icônico vinculado ao elemento prototípico muito embora este conceito não remeta, a rigor, a um único e definitivo membro para a representação de uma dada categoria.

³⁰ Nesta edificação representativa da arquitetura moderna se encontram formalizados os chamados “cinco pontos da nova arquitetura”: planta livre, fachada livre, pilotis, terraço-jardim e janela em fita.



Figura 2.5: Ville Savoye



Figura 2.6: Ville Savoye – Terraço-jardim

Segundo uma possível ideação, representada na figura 2.7, os elementos prototípicos constituem-se como centros, ou núcleos essenciais e substantivos que agregam níveis, camadas ou “órbitas” mais ou menos próximas de atributos, propriedades e qualidades correlacionadas. As interseções ilustradas em vermelho são estabelecidas a partir da identificação e hierarquização das semelhanças em relação ao núcleo essencial representado pelo elemento prototípico. As referidas “órbitas” tornam-se discerníveis a partir da existência de fronteiras mais ou menos delimitadas, representativas das variações e dos distintos graus de pertinência relacionados a estes elementos centrais.

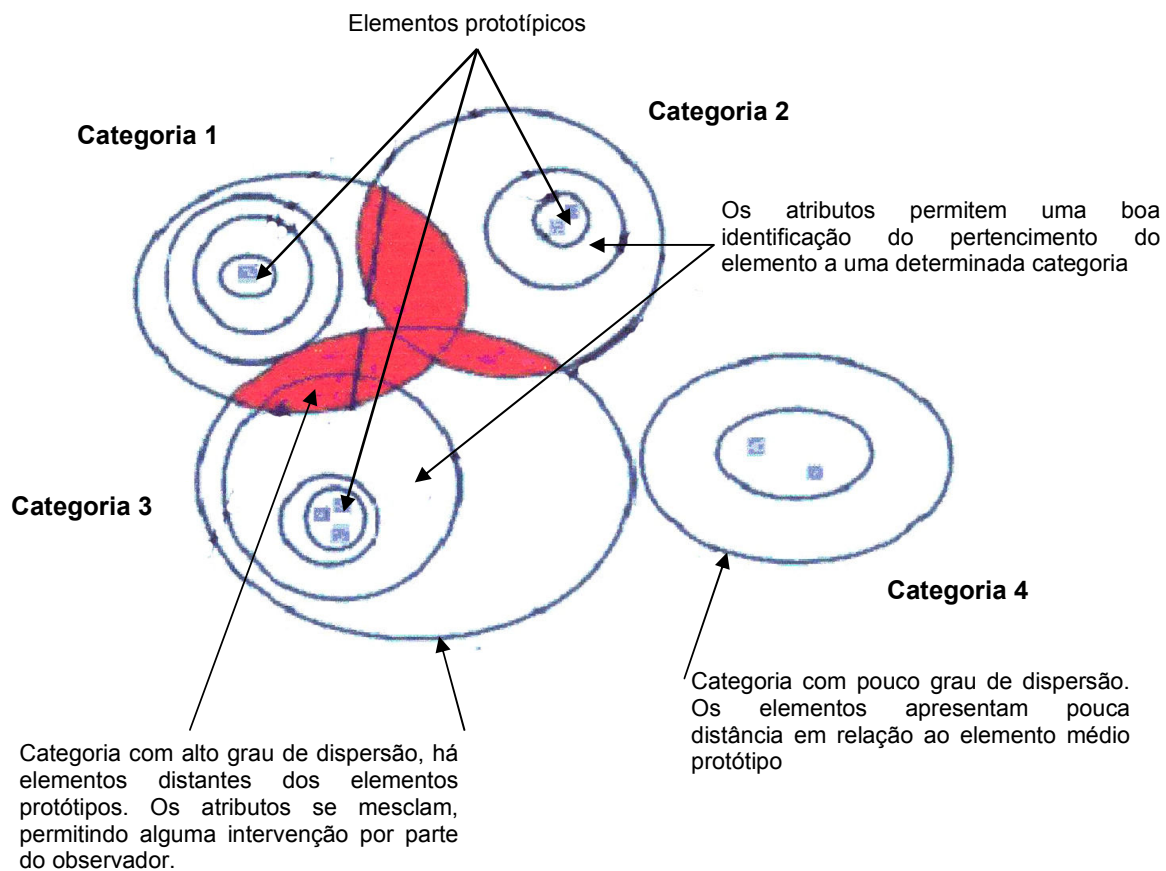


Figura 2.7: Possível representação da visão graduada das categorias (Feghali & Lassance, 2006, p. 3).

O *grau de dispersão* de uma dada categoria, por sua vez, pode ser definido a partir da identificação de elementos mais ou menos distantes de seus membros mais representativos. Na figura 2.7, a categoria genérica 4 é a que apresenta o menor grau de dispersão relativo, enquanto que na categoria 3 ocorre justamente o oposto. Considerando que as categorias superordinárias contêm as de nível básico e as subordinadas, e que também se inclinam à generalidade e à abstração, pode-se dizer que estas em geral tendem, por definição, a apresentar um elevado grau de dispersão.

O parâmetro *grau de dispersão* também pode ser compreendido a partir das interseções formadas entre atributos ou propriedades relacionáveis de categorias distintas. Quanto maior o grau de dispersão, mais “nebulosas” tendem a ser as relações que se podem estabelecer entre estes atributos de categorias. Em âmbito geral, em processos nos quais contextos a princípio desconexos são criativamente amalgamados, as inferências possibilitadas por meio destas “relações nebulosas” trazem em si um elevado potencial de proficuidade. É exatamente neste

território que a natureza do desenvolvimento das estratégias de concepção exerce ação decisiva sobre a pertinência das consubstanciações contextuais, agregando uma imponderável estabilidade às inovações resultantes destes processos.

Voltando ao que concerne a designação dos elementos prototípicos, cabe destacar que esta não ocorre a partir de um atributo ou propriedade exclusiva, mas sim a partir de uma soma das similaridades mais relacionadas aos membros de uma categoria. Assim, não existe literalmente um único protótipo. Na verdade, o que ocorre são julgamentos a respeito de graus maiores ou menores de prototipicidade entre estes elementos. Se, pelo contrário, assumíssemos que o protótipo pode ser considerado um e apenas um só elemento, os princípios mais básicos da teoria da pertinência graduada estariam sendo contrariados pois, segundo os mesmos, algo não é ou deixa de ser necessariamente considerado pertinente em um sentido exclusivo.

Segundo Rosch (1983), protótipos de categorias são considerados pontos de referência que se baseiam na representatividade, sendo que os meios a partir dos quais protótipos podem representar categorias são diversos: uma lista de características, descrições, imagens, modelos, etc. Baseado nesta idéia, pode-se vislumbrar pelo menos dois entendimentos distintos relativos à formação destes elementos: os pontos de referência das categorias se destacam devido aos membros mais representativos das categorias serem tomados como protótipos ou, de modo contrário, estes elementos são designados pontos salientes em torno dos quais, em um determinado domínio, a categoria se configure posteriormente, de maneira que estes mesmos elementos se tornem representativos daquela categoria. Mesmo quando as estruturas correlacionais existentes no ambiente são apenas parciais, favorecendo a tendência de fusão entre categorias de mesmo nível de abstração, estas permanecem distintas em decorrência de sua codificação cognitiva a partir dos elementos prototípicos. Assim sendo, uma das maneiras para se identificar, com clareza, categorias contínuas, ocorre a partir da representação de cada uma delas em termos de seus elementos com maior número de atributos ou propriedades compartilhadas por outros membros da mesma categoria, e não necessariamente a partir de possíveis exemplos representativos de condições limite entre uma e outra categoria (Rosch, 1978). A argumentação é coerente pois, ao considerar que os limites entre categorias podem não ser claramente definidos na pertinência graduada, os exemplos representativos destes casos limites também não o serão. Em síntese, pode-se dizer que esta concepção dos protótipos enquanto pontos de referência de categorias favorece a distinção entre categorias contínuas.

Elementos reais, concretos e materialmente definidos podem ser considerados bons exemplos prototípicos: estes podem ser os itens primeiros aprendidos por indivíduos, tais como o conjunto dos primeiros números pares, aqueles lembrados mais recentes, tais como fotografias vistas recentemente, ou, ainda, aqueles intimamente relacionados às experiências individuais, tornados relevantes, em particular, por serem emocionalmente dotados de significação, tal como a casa em que se residiu durante a infância. Em suma, *“objetos resgatados pela memória como os mais similares aos encontrados em um dado domínio são utilizados como protótipos que se destinam a uma finalidade específica”*³¹ (Rosch, 1998, p. 3). Ainda, parâmetros estatísticos tais como a média³² e a moda³³ também podem apontar bons exemplos prototípicos reais: “bons exemplos de animais tendem a ser animais de tamanho médio” (Rosch, *Ibid.*, p. 3).

No entanto, ainda segundo a autora, as fontes mais significativas dos protótipos são ideais, elaborações de ocorrências mentais imagéticas e sensoriais, podendo ser estímulos tornados particularmente distintos *“pela percepção, como boas cores e formas, pelas estruturas sociais (presidente, professor), ou por estruturas formais (múltiplos de 10 no sistema decimal)”*³⁴. Num outro exemplo, a autora constatou que as cidades grandes são julgadas como exemplos mais representativos de “cidade” do que as cidades pequenas. Neste caso, *“os extremos das dimensões dos atributos criam os protótipos ideais de ‘cidade’”*³⁵ (Rosch, *Op. cit.*, p. 3).

Direcionando o foco para o domínio da arquitetura, a noção de protótipo também pode ser identificada nas seculares ordens clássicas. Neste exemplo, as categorias em questão são as próprias ordens arquitetônicas, cujas caracterizações oscilaram entre os grandes teóricos, ao se posicionarem entre o preciosismo e a invenção pessoal. Segundo Summerson (2002), entre estes dois pólos encontram-se as ordens definidas e publicadas por Sebastiano Serlio em 1540 (figura 2.8), seguido por Giacomo Vignola, em 1563 (figura 2.9), Andrea Palladio, em 1570, e Vincenzo Scamozzi, em 1615 (figura 2.10). Ainda, segundo o autor,

as ordens arquitetônicas, tal como exemplificadas nos monumentos antigos, variam consideravelmente de um exemplo para outro, permitindo a quem quer que seja selecionar aquilo que considera como sendo as melhores características de cada ordem e estabelecer, assim, o que considera ser **a ordem ideal** (Summerson, *Ibid.*, p. 9)³⁶.

³¹ Tradução livre do autor.

³² Valor definido como uma grandeza equidistante dos extremos de outras grandezas (Houaiss).

³³ Valor que ocorre mais vezes em uma distribuição de frequência (*Ibid.*).

³⁴ Tradução livre do autor.

³⁵ Idem.

³⁶ Grifo nosso.

A citação permite inferir que, em cada ordem, existem atributos melhores do que outros que possibilitam caracterizações que as distinguem e as singularizam. A relativa liberdade de escolha referida pelo autor para designar as características do tipo ideal de cada ordem é o que torna os limites entre as distintas categorias um parâmetro não definido claramente, assemelhando-se assim à definição de protótipo.

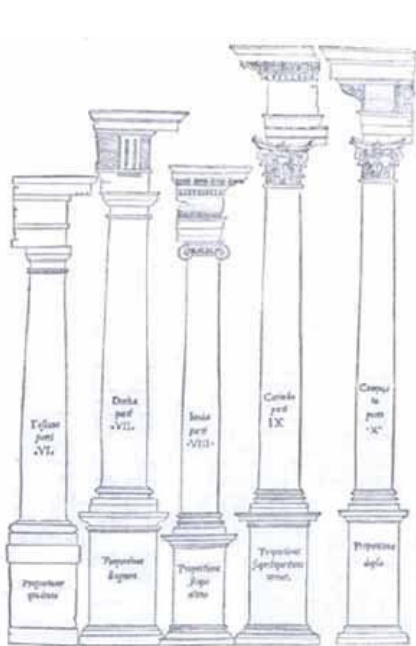


Figura 2.8: As ordens arquitetônicas segundo S. Serlio (1540) (Summerson, 2002, p. 2)

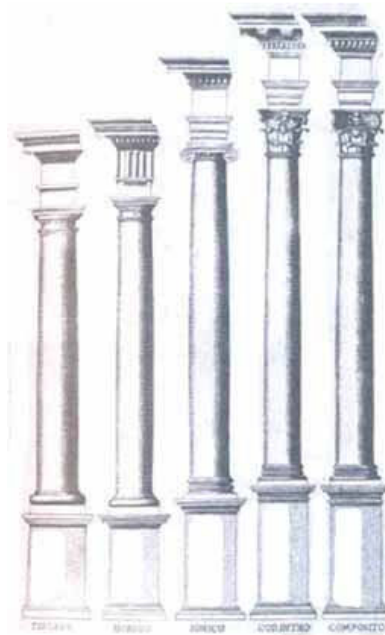


Figura 2.9: As ordens arquitetônicas segundo G. Vignola (1563) (Summerson, *Ibid.*, p. 13)

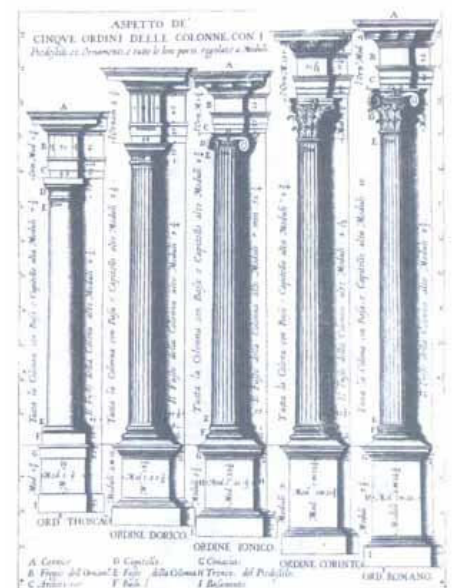


Figura 2.10: As ordens arquitetônicas segundo V. Scamozzi (1615) (Summerson, *Op. cit.*, p. 13)

As imagens mentais que as ordens arquitetônicas evocam, manifestaram-se nos majestosos ícones da Antiguidade Clássica de uma tal maneira que estas mesmas ordens foram apropriadas como verdadeiros ícones arquitetônicos. Para além disto, as ordens também passaram a constituir signos de valores como poder, riqueza, abundância, etc, inspirados originalmente pela magnitude do Império Romano.

2.2.2.3 Variações contextuais e flexibilidade das estruturas graduadas

Segundo Rosch (1998), os protótipos são essencialmente adaptáveis aos diferentes contextos e pontos de vista, o que confere grande flexibilidade, mas não instabilidade, a esta visão das categorizações: embora os protótipos variem de acordo com as situações, estas variações

ocorrem de modo consistente. Assim, os contextos e suas determinações desempenham uma função essencial na compreensão das estruturas graduadas em múltiplos tipos de categorias: taxonômicas, derivadas a partir de determinados objetivos, *ad hoc*, etc. Diferente da visão clássica, as influências das variações contextuais se coadunam à idéia de que as categorias prototípicas não são pré-armazenadas na mente, podendo ser recriadas indefinidamente a partir de objetivos distintos.

De fato, pesquisas realizadas a fim de verificar a estabilidade das percepções individuais sobre as estruturas graduadas das categorizações a partir de influências contextuais revelaram que, tanto entre indivíduos de um mesmo contexto sócio-cultural, quanto entre indivíduos de contextos distintos, ou mesmo em relação aos mesmos indivíduos ao longo do tempo, constatarem-se inconstâncias significativas reveladas a partir de mudanças de opiniões registradas sobre a qualidade de pertencimento de determinados membros a certas categorias (Sewell *apud* Barsalou, 1987).

Na lógica quântica, por exemplo, uma proposição pode não ser verdadeira nem falsa, e não se trata de uma questão de falta de conhecimento para que possa chegar a uma determinação. A veracidade ou a falsidade de uma proposição se manifesta apenas com relação a um dado contexto. A proposição existe em um estado de latência até que algum fator contextual, geralmente, uma mensuração que identifica o momento em que as partículas quânticas se chocam, venha validar uma das duas possibilidades (Gabora *et al.*, 2008).

Em um outro exemplo, considerando a categoria “*animal*”, enquanto “*cachorro*” e “*gato*” podem ser considerados exemplos prototípicos de “*animais domésticos*”, “*leão*” e “*elefante*” são mais representativos de “*animais de circo*”. Em um contexto inespecífico, “*chá*” e “*refrigerante*” podem ser referidos como bebidas típicas, mas o “*vinho*”³⁷ é uma bebida mais representativa no contexto de uma reunião social como um coquetel (Rosch, 1999, p. 66).

Contrapondo-se a uma abordagem da noção de conceito como uma construção estática, recuperada integralmente pela memória de longo prazo quando solicitada a partir de objetivos específicos, Barsalou (1987) aborda esta noção como constructos temporários formulados pela memória operacional e adaptados às situações presente³⁸. Segundo esta visão, a memória de

³⁷ Traduções livres do autor.

³⁸ Algumas evidências, no entanto, registram circunstâncias em que estes constructos podem se mostrar provisoriamente estáveis: informações acessadas em ocasiões recentes para a elaboração de um conceito apresentam uma forte tendência de serem acessadas pela memória novamente em situações subsequentes e similares às primeiras (Barsalou, *Op. cit.*).

longo prazo armazena as informações genéricas e episódicas a partir das quais os conceitos são formulados por meio de um mecanismo que se acomoda facilmente às circunstâncias, e que se apresenta intimamente condicionado por objetivos particulares, contextos específicos e experiências recentes. De fato, esta é uma proposição de alta plausibilidade, pois, se assim não o fosse, supor-se-ia necessário haver um conceito invariante associado a cada uma de um sem número de possibilidades de categorias em todas as situações imagináveis, o que seria evidentemente uma assunção absurda.

Conclusões do capítulo

Na construção conceitual desenvolvida ao longo deste capítulo, discutimos atributos e propriedades fundamentais concernentes aos conceitos de *pertinência* e *categorização* a partir de um viés multifacetado, incluindo aspectos de ordem ontológica, filosófica, psicológica e operativa. Sumariamente, recordamos que a concepção das estruturas graduadas de categorização permite relacionar objetos e ocorrências díspares a partir de graus de semelhanças variáveis em relação a elementos centrais representativos de determinados conjuntos ou classes, possibilitando assim a associação de diferentes atributos e características a estes mais ou menos correlacionados. Contrapondo-se a uma visão dos conceitos e das categorizações estruturada a partir de oposições, esta hierarquização de propriedades entre elementos confere a atribuição de uma qualidade graduada ao sentido de pertinência, o que contribui para um alargamento do mapeamento cognitivo do mundo perceptível.

No âmbito arquitetônico, afirmamos que a apropriação deste modelo teórico tende a favorecer a ampliação da abertura cognitiva do projetista nas etapas iniciais da concepção projetual. No capítulo seguinte, verificaremos de que modos esta aplicação pode contribuir para a dinamização do processo conceutivo por meio do emprego de uma estratégia experimental voltada para o exercício prático do projeto. Nesta experiência, nos valem também de uma terminologia específica oriunda da Teoria da Pertinência, abrangendo as noções de *ambiente cognitivo*, *efeito contextual*, *esforço de apropriação* e *proximidade contextual*, como será visto em seguida.

A Prática da Concepção Arquitetônica como Campo Experimental

Retomando e resumindo as principais ideias já avançadas nos dois capítulos precedentes, identificamos no capítulo 1 que, no âmbito da concepção arquitetônica, ocorrem duas etapas de naturezas distintas, - a conceitual e a material -, e que estas se alternam continuamente ao longo do desenvolvimento do processo conceitual. Particularmente, as análises realizadas sobre os meios pelos quais estas transições se sucedem mostraram-se relevantes ao favorecer uma melhor compreensão acerca dos mecanismos de busca criativa e tomadas de decisões envolvidas na ação projetual. Este conhecimento foi apropriado como instrumental metodológico voltado para as análises não só de concepção, mas também sobre os discursos manifestos por arquitetos sobre as suas soluções arquitetônicas, realizadas neste capítulo. A familiarização com os mecanismos conceituais utilizados por Peter Eisenman na concepção das Casas I a X, possibilitada pelo estudo, também se mostrou relevante para as presentes finalidades investigativas, tendo favorecido uma substancial ampliação das perspectivas de análise até então orientadas para o julgamento das pertinências do projeto.

Complementando a construção teórico-conceitual necessária à formulação do instrumento metodológico a partir do qual nos lançamos à verificação da hipótese, incorporamos a esta pesquisa conhecimentos específicos sobre aspectos diversificados vinculados à noção de *pertinência* a partir da chamada Teoria da Pertinência. Em seguida, prestamo-nos ao estudo das denominadas *estruturas graduadas de categorização*, modelo teórico que confere uma atribuição mais flexível e inclusiva à noção de pertinência. Nesta acepção, os parâmetros determinantes da qualidade de pertencimento não se constituem rigidamente definidos, contemplando as influências contextuais que se podem exercer sobre as situações.

A partir de digressões em torno destas teorizações, formulamos o experimento de concepção apresentado neste capítulo, motivados essencialmente pelo intuito de interrogar a validade da noção de *pertinência* como um *princípio operativo* no exercício da concepção arquitetônica. Organizado como um concurso interno, o referido experimento consistiu na proposta de desenvolvimento de uma intervenção arquitetônica a partir de conceitos considerados *inusitados* que foram impostos aos participantes, arquitetos pós-graduandos vinculados à instituição a qual esta pesquisa se origina. Ao buscar expandir a compreensão sobre a natureza dos processos de concepção em arquitetura, os objetivos perquiridos por meio desta iniciativa também se associam às diretrizes de pesquisa mais amplas da instituição à qual se filia, dentre as quais cabe investigar o entendimento do fenômeno arquitetônico a partir das expressivas interrelações que se estabelecem entre a teoria e a prática do projeto.

Além de terem permitido vislumbrar a possibilidade de abertura de uma nova perspectiva para a metodologia de concepção em arquitetura, os resultados obtidos também ensejaram tecer

considerações relevantes sobre os valores pautados no julgamento arquitetônico e seus rebatimentos possíveis na avaliação de projetos de arquitetura.

3.1 A SITUAÇÃO DO PROJETO

3.1.1 A intervenção

O exercício de concepção proposto, realizado no intuito de nos aproximarmos à verificação da hipótese de tese originalmente levantada, compreende o projeto de reforma da área atualmente ocupada pela lanchonete localizada no 5º pavimento do edifício no qual se situa a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), a Escola de Belas Artes (EBA) e a Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O edifício, projetado por Jorge Machado Moreira, localiza-se no campus da Cidade Universitária da UFRJ, na Ilha do Fundão, e constitui um exemplar representativo da produção arquitetônica da escola carioca de arquitetura moderna, tendo sido premiado na IV Bienal Internacional de Arte de São Paulo em 1957 (figura 3.1). Apesar de não ser tecnicamente tombado, a reitoria da universidade, - também instalada no mesmo edifício -, exalta seu valor patrimonial procurando conservar suas características arquitetônicas originais.



Figura 3.1: Edifício da FAU, EBA e Reitoria UFRJ – Vista externa
(fonte: www.fau.ufrj.br)

A lanchonete originalmente projetada para o edifício, e que se mantém operante até os dias atuais, localiza-se no pavimento térreo, contígua a um convidativo pátio sombreado destinado à permanência, em que há vegetação, espelhos d'água e algum mobiliário fixo (figuras 3.2 e 3.3). No entanto, o local é pouco frequentado por ser considerado distante da maior parte dos núcleos de atividades do edifício. Para suprir esta carência, alguns outros espaços distribuídos nos pavimentos originalmente projetados para usos diferentes dos atuais foram transformados em pequenas lanchonetes e cantinas, passando a atender com mais praticidade e comodidade a demanda dos usuários alunos, professores e funcionários.



Figura 3.2: Espaço arquitetônico destinado à lanchonete no térreo do edifício (horário da foto: 7:30 hs)

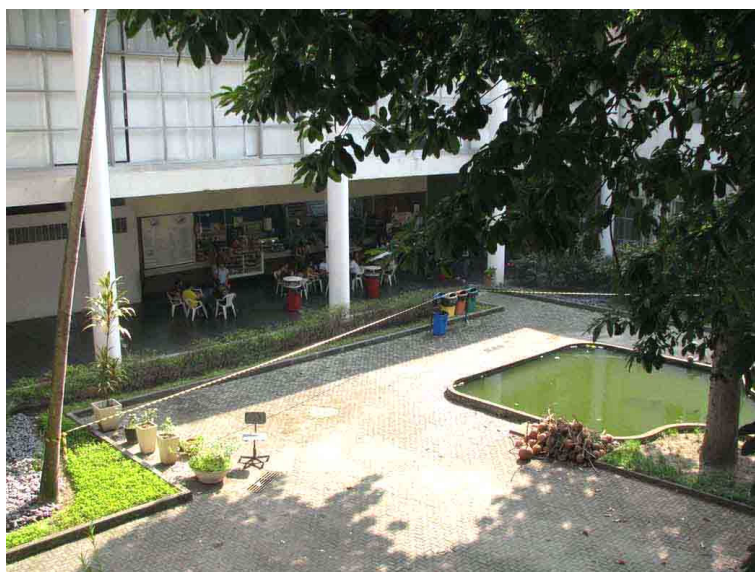


Figura 3.3: Vista elevada da lanchonete no térreo do edifício e pátio adjacente (horário da foto: 10:00 hs)

Caracterizado pela monumentalidade, o edifício dispõe em seus pavimentos-tipo de extensos corredores internos cujas dimensões praticamente se igualam a todo o seu comprimento, totalizando cerca de 163 metros (figura 3.4). Consoantemente à expressão do espaço arquitetônico adotada, as demais circulações - halls, escadas e elevadores - também apresentam amplas dimensões.

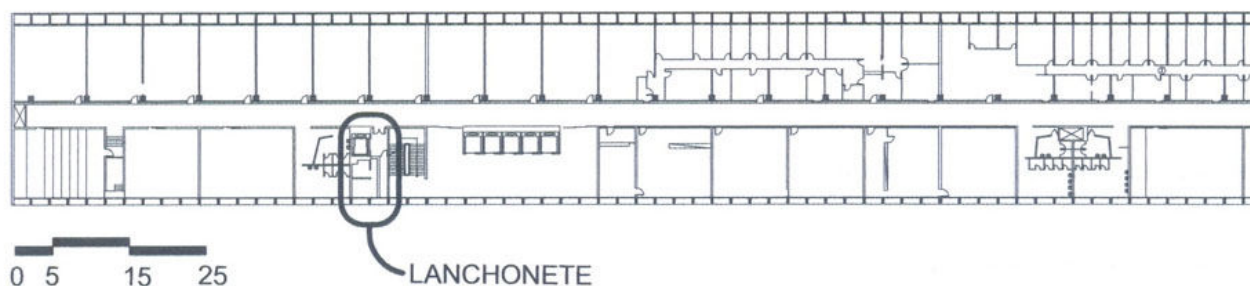


Figura 3.4: Planta baixa do 5º pavimento - Edifício da FAU, EBA e Reitoria da UFRJ
(fonte: acervo da Universidade)

A lanchonete do 5º pavimento também pode ser considerada um dos escassos lugares de encontro entre alunos e professores nos pavimentos ocupados pela FAU. A conveniência da localização do estabelecimento favorece um fluxo intenso de pessoas ao longo de boa parte do dia, sendo que os horários de pico ocorrem no meio do período da manhã, entre 09:00 e 09:30hs, e no horário do almoço, entre 13:00 e 14:00hs, coincidindo com os intervalos programados na grade horária das aulas (figuras 3.5 e 3.6).



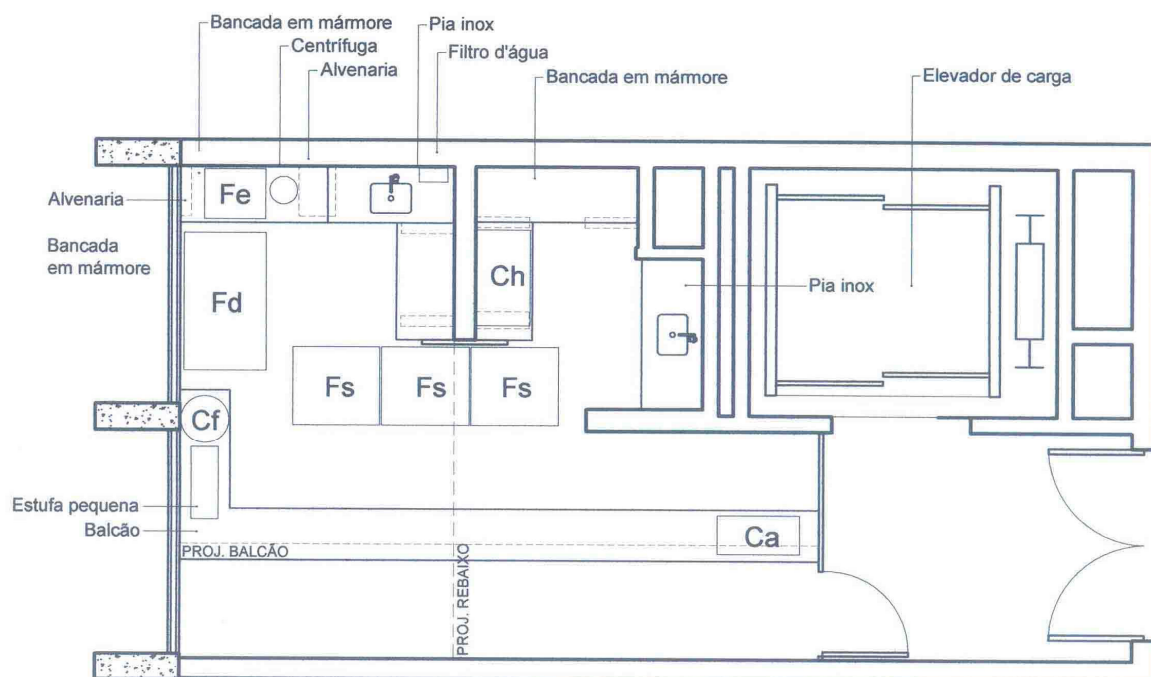
Figura 3.5: Acesso à lanchonete a partir do corredor
(horário da foto: 8:00 hs)



Figura 3.6: Lanchonete em horário de pico: vista oposta
(horário da foto: 09:15 hs)

Levando-se em conta o elevado volume de usuários diários, as condições de uso do espaço são consideradas precárias principalmente em decorrência da exiguidade da área total disponível, - cerca de 24 m². As figuras 3.5 e 3.6 permitem visualizar o estreito corredor, - com aproximadamente 95 cm de largura -, utilizado como espaço de permanência e circulação do público atendido. A área da cozinha, que funciona utilizando instalações improvisadas, também é reduzida.

Mesmo vigorando em condições deste modo adversas, a necessidade de prestar um atendimento satisfatório aos clientes suscitou o desenvolvimento do melhor desempenho de operação possível no espaço físico disponível a partir da otimização das funções específicas de atender, preparar, servir e receber pagamentos. A figura apresentada a seguir ilustra o leiaute atual do estabelecimento (figura 3.7). A área superior esquerda é destinada à preparação de sucos e vitaminas; no lado direito, ocorre o preparo dos sanduíches e demais lanches quentes. O atendimento ao público, por sua vez, se dá ao longo de toda a extensão do balcão, que também serve como apoio para o consumo dos lanches e para a exposição de produtos miúdos, junto ao caixa.



PLANTA BAIXA - LEVANTAMENTO
ESC. GRÁFICA



EQUIPAMENTOS		DIMENSÕES (Altura x Largura x Profundidade)	QUANTIDADE
Ca	Caixa	45 x 77 x 36	01
Fd	Freezer duplo	91 x 130 x 77	01
Fs	Freezer simples	93 x 82 x 74	03
Fe	Forno elétrico	37 x 58 x 48	01
Ch	Chapa	30 x 90 x 50	01
Cf	Cafeteira	Ø = 45 h=65	01
Ep	Estufa elétrica Pq	25,5 x 68 x 31	01
Eg	Estufa elétrica G	25,5 x 92 x 32	01
Fa	Filtro d'água	20 x 27 x 13	01
Li	Liquidificador	Ø=17 h=35	02
Ce	Centrifuga	Ø=26 h=36	01

Figura 3.7: Planta-baixa com leiaute atual da lanchonete do 5º pavimento
(fonte: arquivo disponibilizado pelos participantes do experimento)

Buscando brevemente exemplificar uma adaptação que se fez necessária diante da relativa precariedade do suporte físico existente e a ágil dinâmica de funcionamento do estabelecimento, citemos a seguinte situação: como o espaço de trabalho na cozinha não dispõe de uma superfície própria para que o atendente do balcão possa pegar os lanches dos setores de preparo de sucos e

sanduíches para em seguida entregá-los aos clientes, os tampos dos três freezers horizontais (Fs) dispostos entre estes mesmos setores e o de atendimento costumam ser improvisadamente utilizados como superfícies de apoio (figura 3.8).



Figura 3.8: Preparo de sucos e vitaminas
(vide tampos dos freezers horizontais)

Durante a realização deste experimento, a lanchonete do 5º pavimento contava com o trabalho de cinco pessoas para sua operação, sendo três empregados com postos fixos e em tempo integral, isto é, durante todo o horário de seu funcionamento, das 07:00 hs às 16:30 hs. Na ocasião, a operação do caixa era revezada dentre os cinco indivíduos conforme o maior ou menor número de clientes a serem atendidos. Um dos funcionários era encarregado do recebimento e entrega de pedidos, trabalhando em contato direto com o público. O segundo funcionário ficava incumbido da preparação de sucos e vitaminas enquanto o terceiro, por sua vez, era responsável pelo manuseio da chapa-quente (figuras 3.8 e 3.9). Além destas tarefas, havia também o planejamento da logística de abastecimento de mercadorias como frutas, legumes e verduras, salgados, bebidas e outros produtos industrializados, e a retirada do lixo. Conforme relatado pelos clientes do projeto, o volume de lixo produzido diariamente equivalia a cerca de 300 litros, estocados em três containers dispostos na própria cozinha. Normalmente a partir do elevador de carga (figura 3.7), este lixo era retirado uma vez ao dia após o encerramento dos serviços e fechamento do local.



Figura 3.9: Área do preparo de lanches quentes e atendimento

Além da vontade de se consolidar o lugar de encontro, o intuito de ampliar a pequena área atualmente ocupada pela lanchonete decorreu também da demanda pela prestação de um serviço adicional, - o serviço de refeições no almoço -, implicando a necessidade de prover espaço para a acomodação de novos equipamentos e para o estoque, contratar um(a) cozinheiro(a), e também readequar toda a logística de abastecimento do estabelecimento. Ainda, tendo em vista a possibilidade de se disporem mesas no hall dos elevadores do pavimento, considerou-se necessário contratar ainda um segundo funcionário adicional para a manutenção da limpeza nos ambientes.

Tendo em vista a expectativa de real implementação da solução arquitetônica vencedora do concurso, os arquitetos participantes receberam orientações específicas visando o desenvolvimento de propostas necessariamente dotadas de um grau máximo de exeqüibilidade, contribuindo para o delineamento de um panorama integralmente comprometido com a realidade tangível. Sendo assim, destacou-se a necessidade de aproveitar ao máximo o mobiliário e os equipamentos existentes tais como bancadas, armários, geladeiras, freezers, fogões e fornos, dentre outros¹. O remanejamento das instalações prediais também foi destacado como ponto a ser cuidadosamente examinado em decorrência das dificuldades operacionais envolvidas e dos custos de implementação.

Considerando a disparidade existente entre as amplas dimensões das cercanias constituídas pelo corredor de circulação do pavimento, o hall dos elevadores e os sanitários contíguos (figuras 3.11 a 3.13), em relação à exígua área ocupada pela movimentada lanchonete, a direção vigente da FAU anuiu à inclusão destes espaços para o possível abarcamento da intervenção. Quanto aos referidos

¹ Vide anexo 1: Enunciado do Exercício Projetual

sanitários, admitiu-se a possibilidade de aproveitamento parcial da área de 30 m² ocupada pelo adjacente à lanchonete (figura 3.10). Todavia, a utilização das salas de aula mais próximas, que se encontravam ociosas na ocasião desta realização, não foi permitida. Com a exceção dos sanitários, o fato do hall dos elevadores e dos corredores se constituírem como espaços de passagem, portanto mais abertos e fluidos do que as referidas salas de aula, agregou um interessante aspecto à situação: diferente do que possivelmente ocorreria caso a apropriação destas salas houvesse sido permitida, a impossibilidade de isolamento espacial do hall e corredor, principalmente, tendeu a não incentivar uma possível tendência de conceber soluções arquitetônicas que enveredassem por tematizações figurativas artificiais, cujos resultados poderiam se prestar mais ou menos ordinários.

A figura a seguir permite identificar as áreas apropriáveis pelo projeto de reforma da lanchonete e das adjacências imediatas, assim como visualizar as relações de articulação entre as mesmas.

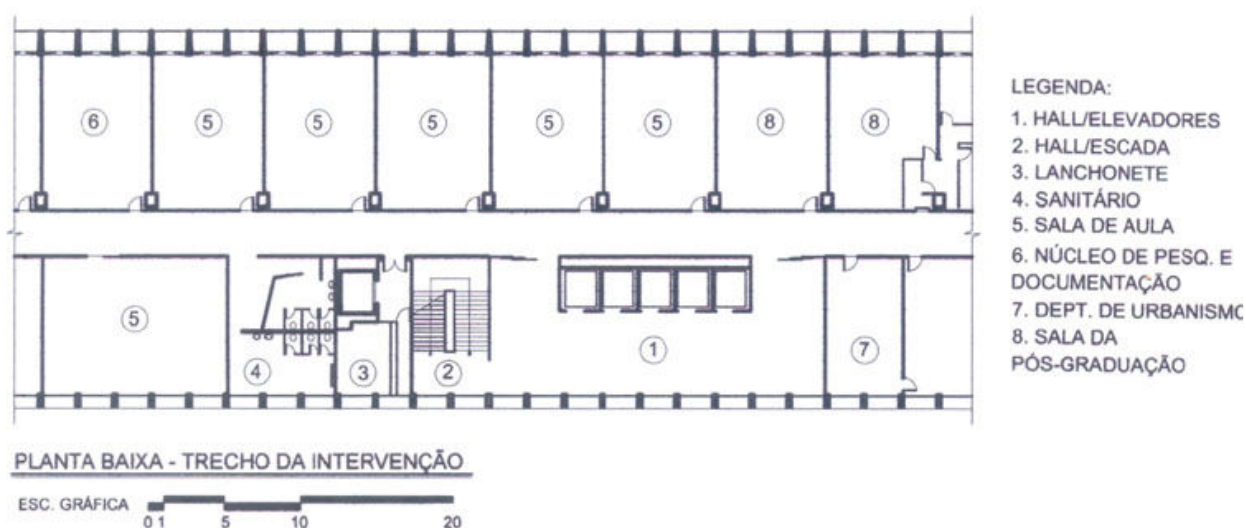


Figura 3.10: Trecho da intervenção arquitetônica
(fonte: acervo da Universidade)



Figura 3.11: Área permitida para a intervenção - Corredor do 5º pavimento



Figura 3.12: Área permitida para a intervenção - Hall dos elevadores



Figura 3.13: Área permitida para a intervenção – Sanitário feminino

3.1.2 Considerações metodológicas

O termo *conceito*, empregado para designar as ideias ditas *inusitadas* selecionadas para o desenvolvimento do exercício de concepção aqui apresentado, se justifica na acepção lingüística do termo, designando a compreensão que alguém tem de uma palavra ou, mais tecnicamente, o “signo ou representação lingüística que mantém uma relação significacional – não ontológica – com os objetos do conhecimento”². Porém, ressaltamos que, mais do que uma simples palavra, os conceitos utilizados foram especificados para designar “palavras de ordem” a serem assumidas como diretrizes na concepção projetual. Neste sentido, portanto, não aludimos ao que é mais habitualmente compreendido como “conceito” no campo da arquitetura, sendo esta uma noção muito mais abrangente, que não pode ser sintetizada ou apreendida a partir de uma só palavra ou expressão³. O adjetivo “inusitado”, por sua vez, se justifica ao qualificar qualquer elemento não relacionável de forma evidente e previsível ao contexto do projeto que se apresenta.

² Houaiss Dicionário eletrônico 3.0.

³ O conceito de *arquitetura sustentável*, por exemplo, remete em termos gerais ao emprego de técnicas construtivas e utilizações de materiais que propiciem baixo consumo energético à edificação, que deve ser projetada e construída a partir de uma relação harmoniosa com o entorno e o meio ambiente.

Neste experimento, os cinco conceitos inusitados selecionados e impostos aos participantes para o desenvolvimento das soluções arquitetônicas foram os seguintes: 1. “vírus”; 2. “engrenagem”; 3. “operário”; 4. “vácuo” e 5. “pássaro”.

Os dois primeiros conceitos efetivamente escolhidos, - “operário” e “pássaro” -, remeteram diretamente a protótipos⁴ de categorias reconhecidas por Rosch (1983): o primeiro, representando a categoria de uma profissão, e o seguinte, designando uma categoria animal⁵.

Muito embora muitos dos tipos de vírus existentes só se tornem efetivamente visíveis a partir de um instrumento como um microscópio, o conceito “vírus” foi selecionado em decorrência do forte potencial imagético que suscita. Neste caso, a potencialidade imagética foi a interseção compartilhada com a noção de protótipo, tal como definido em Rosch (*Ibid.*). Ainda, a escolha deste conceito visou se aproximar da noção de arquétipo⁶ segundo C. G. Jung, remetendo ao “conteúdo imagístico e simbólico do inconsciente coletivo, compartilhado por toda a humanidade” (Houaiss 3.0). A intenção, portanto, foi a de provocar a geração de imagens mentais individuais representativas do conceito para a exploração das respectivas propriedades imagetivamente associáveis ao mesmo.

O termo “engrenagem”, por sua vez, foi selecionado a partir do conceito “operário”. Neste caso, a alternativa derivou da ideia genérica de uma máquina, cujo elemento-chave e primeiramente necessário para o seu funcionamento foi considerado uma engrenagem.

O conceito “vácuo” foi deliberadamente designado visando um maior grau de dificuldade em relação aos demais. Ao contrário do conceito “vírus”, esta alternativa visou não favorecer a visualização de representações imagéticas imediatas, buscando tornar mais complexo o exercício de estabelecer relações analógicas com a situação do projeto.

Ao tomar conhecimento sobre seus respectivos conceitos, o propósito almejado foi que os participantes naturalmente produzissem imagens mentais imbuídas de suas características mais representativas, que seriam equivalentes às órbitas mais próximas aos núcleos centrais ilustrados na figura 2.7. Ao redor destes, as camadas ou “órbitas” de propriedades e atributos mais ou menos correlacionados seriam então organizadas a partir de categorizações mentais individuais, cuja intenção foi favorecer o delineamento de ambientes cognitivos ampliados, mais propícios ao exercício criativo da concepção.

⁴ Elemento que reúne, em seu mais alto grau, as qualidades de similaridade em relação aos demais membros pertencentes a uma dada categoria, podendo também ser sumariamente definido como a “estrutura redundante” de uma categoria (Rosch, 1983).

⁵ Os protótipos originalmente citados pela autora foram os termos “professor” e “cachorro” (*Ibid.*).

⁶ C. G. Jung definiu os arquétipos como “imagens ancestrais e simbólicas que constituem, em cada indivíduo, ao lado de seu inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo que se manifesta nos sonhos, nos delírios e em algumas manifestações artísticas” (Japiassú & Marcondes, 2006, p. 17).

Embora de modo heterodoxo, os cinco conceitos acima justificados satisfazem a condição essencial de não-pertencimento ao contexto da lanchonete do 5º pavimento. Portanto, embora nem todos se adéquem como protótipos ideais, não se pode afirmar que a seleção realizada tenha sido aleatória. Complementarmente, é relevante mencionar que os 12 participantes envolvidos no experimento também consideraram os conceitos selecionados como inusitados. Na ocasião do sorteio, foram previstos alguns conceitos adicionais⁷, que teriam sido disponibilizados como alternativas se por ventura houvesse alguma alegação dos participantes que inviabilizasse a validade de uma palavra já sorteada, mas esta situação não ocorreu.

Ainda, deve-se frisar que os referidos conceitos sugeridos para a realização do experimento podem ser considerados inusitados em âmbito específico, isto é, em relação àquele determinado contexto de projeto, mas não ao domínio arquitetônico de modo irrestrito. Como se pode argumentar, o termo “vírus”, por exemplo, pode ser cogitado como usual no caso do projeto de um laboratório farmacêutico; “engrenagem” e “operário”, por sua vez, o seriam analogamente no contexto de uma fábrica ou usina; “pássaro”, no caso de um zoológico. Já o termo “vácuo” não encontra, a priori, relações diretas com algum tema funcional que se possa especificar.

Todavia, é possível estabelecer outra sorte de analogia deste conceito com o espectro arquitetônico: o termo “vácuo” remete à noção de “vazio”, que por sua vez é associável à oposição entre espaços cheios e vazios, cuja repetição comumente determina a noção de ritmo em uma composição arquitetônica. Portanto, já se pode antever que o que confere viabilidade ao inusitado não são os conceitos em si próprios, mas sim os mecanismos que regem suas apropriações.

Além de compartilharem a condição “inusitada”, a única outra similaridade deliberadamente estipulada na seleção dos conceitos apresentados remete ao não relacionamento dos campos semânticos dos termos designados ao contexto do referido projeto. Por este motivo, infindáveis outras possibilidades poderiam ter sido utilizadas objetivando a mesma finalidade.

A partir da realização de uma sondagem preliminar visando conhecer o perfil profissional de cada participante, e também procurando neutralizar a possível ocorrência de algum favorecimento decorrente de combinações entre experiências profissionais afins, foram formuladas três alternativas para a estipulação das duplas de trabalho. Em seguida, os doze participantes reunidos determinaram por votação uma entre as três opções disponibilizadas, e assim definiram-se as seis equipes.

A decisão de agrupar os participantes em duplas, ao invés de orientar um desenvolvimento individual dos projetos, encontra justificativa sob um aspecto de cunho também metodológico. O trabalho em equipe naturalmente induz ao debate e à discussão, em que a exteriorização das ideias constitui um

⁷ Tais como “índio”, “neve” e “rizoma”, dentre outras.

exercício absolutamente necessário para que as decisões projetuais possam ser efetuadas, permitindo a continuidade do desenvolvimento da solução arquitetônica. Se os projetos fossem conduzidos individualmente, este manancial de conhecimentos para a expansão da compreensão destes processos possivelmente permaneceria oculto à consciência dos próprios participantes.

Como já mencionado, considerou-se na realização deste experimento toda a gama dos condicionantes contextuais oriundos das necessidades, expectativas e particularidades de um cliente real, sem deixar de também observar a existência de limitações orçamentárias. Ainda que as estimativas de custos não tenham sido consideradas rigorosamente pela comissão de avaliação do concurso, dada a dificuldade metodológica em se estabelecer parâmetros estritos a serem igualmente seguidos por todos os proponentes, esta exigência justificou-se ao buscar atrelar as soluções desenvolvidas a um plano de viabilidade tangível, tendo em vista que a execução do projeto vencedor conta com a possibilidade de ser financiada, em sua maior parte, com recursos orçamentários da própria Universidade. Diferindo da prática mais usualmente adotada em situações de concurso, contudo, as soluções arquitetônicas foram apresentadas em seminário pelas seis equipes a uma comissão de avaliação especialmente reunida para este finalidade, no intuito de viabilizar metodologicamente a consecução dos objetivos investigativos perquiridos neste trabalho.

No intuito de assegurar a viabilidade metodológica da pesquisa, foi demandado aos participantes que se comprometessem em observar algumas importantes orientações de desenvolvimento durante o trabalho. Solicitou-se, assim, a confecção e entrega de diários individuais de projeto para a efetuação de registros cronológicos incluindo textos, croquis, diagramas, esquemas, além de toda e qualquer informação de algum modo relacionada à concepção do projeto, ao longo de todo o transcurso de seu desenvolvimento. Cabe ressaltar que os conteúdos destes diários não foram submetidos à avaliação da comissão de julgamento; sua razão de ser procede, exclusivamente, ao se constituírem fontes de dados potencialmente relevantes para análise e geração de conhecimento. Por este mesmo motivo, os registros produzidos não se pretenderam constituir representações de possíveis soluções já elaboradas, tendo servido sobretudo como instrumentos de elucubração com o objetivo figurar possíveis aproximações para as soluções arquitetônicas.

Além da produção dos diários individuais, também foi solicitado aos participantes que gravassem as discussões de projeto realizadas no intuito de possibilitar a identificação, nos diálogos entre os autores, dos mecanismos de construção de sentido desenvolvidos ao longo dos processos criativos⁸. Complementarmente a estas gravações, os seminários de apresentação das soluções arquitetônicas também foram registrados para análise dos discursos adotados. Os dados coletados a partir das

⁸ Além dos registros digitais em áudio, parte destas reuniões semanais das equipes foram presencialmente acompanhadas pelo autor desta pesquisa.

fontes de dados disponibilizadas foram processados com o auxílio de tabelas, formatadas após o conhecimento da natureza das informações reunidas.

De antemão, estipulamos dois percursos distintos a serem seguidos para a realização do exercício: no primeiro, cinco das seis duplas formadas foram orientadas a desenvolver o projeto a partir de um dos conceitos inusitados, imposto por sorteio. No segundo percurso uma única dupla, que atuou como variável controle, ficou isenta de trabalhar a partir desta condição. Comparamos, dentre as duplas envolvidas com os referidos conceitos e a dupla controle, a natureza das analogias desenvolvidas a partir dos níveis de abstração alcançados por cada classe.

No intuito de avaliar os projetos apresentados, as seis soluções arquitetônicas desenvolvidas foram submetidas à avaliação de uma comissão mista composta por oito integrantes, representantes dos principais grupos de usuários da lanchonete, dentre alunos, professores, um membro da direção da faculdade, além do próprio cliente, ou seja, o comerciante que atualmente explora o estabelecimento, acompanhado por um de seus funcionários. Para permitir a manifestação de uma opinião não condicionada pelas influências oriundas das próprias características arquitetônicas do edifício, assim como pelo *modus operandi* da ocupação e apropriação dos espaços existentes, a comissão de julgamento também contou com a participação de um arquiteto externo.

Nesta oportunidade, os participantes se defrontaram perante a necessidade de expor e justificar oralmente as abstrações que conduziram ao desenvolvimento de suas soluções, buscando elucidar as relações de sentido construídas entre o conceitual e o material. Perspectivas, plantas-baixas humanizadas e técnicas com memorial de especificações, cortes, detalhamentos executivos e estimativas de custo foram submetidos como material gráfico para análise e avaliação da comissão.

Procurando isentar o processo de julgamento de alguma possível pré-concepção dos próprios integrantes da banca relativa à natureza da hipótese em verificação, frisamos que não houve qualquer explanação prévia sobre este respeito. Com este mesmo intuito, também não houve orientação alguma sobre "como" as propostas deveriam ser avaliadas. Conforme habitualmente ocorre em julgamentos de concursos de projetos de arquitetura, os objetos de juízo consistiram unicamente nos *produtos* apresentados, não havendo considerações valorativas acerca dos processos de concepção relatados pelos participantes em seminário. Essencialmente, os parâmetros apreciados consistiram na adequação das propostas ao contexto universitário em que se apresentam inseridas, em critérios de ordem funcional como a resolução dos fluxos, problemas de carga e descarga, tratamento dos odores, adequação ao conforto ambiental, exequibilidade técnico-construtiva, aproveitamento dos equipamentos e instalações existentes, e viabilidade financeira⁹.

⁹ Vide anexos 3 e 4.

Por fim, completando a abordagem sobre estas necessárias considerações metodológicas, torna-se oportuno e relevante destacar que o fato deste experimento de concepção ter compreendido uma intervenção arquitetônica de pequeno porte não restringiu, desvirtuou ou comprometeu os objetivos investigativos perquiridos. Previamente à sua idealização, cogitou-se a possibilidade de se contemplar como objeto de pesquisa soluções arquitetônicas desenvolvidas a partir de concursos públicos ordinários de projetos de arquitetura. A alternativa, no entanto, foi considerada metodologicamente inviável devido à necessidade de monitoramento contínuo dos registros produzidos ao longo dos processos conceptivos, que se constituíram fontes de informações importantes para a condução das análises apresentadas em seguida. Deste outro modo, certamente haveria uma grave deficiência de disponibilidade em todo o conjunto dos dados coletados, uma vez que os memoriais descritivos de projetos arquitetônicos submetidos a concursos são costumeiramente lacônicos e incompletos, apresentando um conteúdo já editado pelos autores de acordo com seus próprios critérios sem que se tenham estabelecido, necessariamente, vinculações estreitas com os respectivos processos conceptivos. Além disto, de acordo com os procedimentos normativos convencionais o processo de avaliação do concurso também não poderia ter sido presenciado e registrado, comprometendo um desenvolvimento analítico irrestrito sobre os reais critérios de julgamento praticados.

3.2 AS SOLUÇÕES E OS DISCURSOS

As soluções arquitetônicas submetidas à comissão de julgamento foram analisadas a partir de dois aspectos complementares: primeiro, exibimos as abstrações conceituais sobre as quais os processos de concepção se desenvolveram, incluindo as argumentações expostas pelas equipes na apresentação de cada projeto segundo os discursos de seus autores. Neste âmbito contemplou-se a adequação destas soluções no contexto da situação do projeto, as propostas de mobiliário, sistemas de iluminação, uso de cores e especificações de materiais, dentre demais aspectos pertinentes. Complementarmente, as análises desenvolvidas a seguir também contemplaram os discursos manifestos pelos autores tendo abordado, essencialmente, a natureza das relações que *efetivamente* foram estabelecidas entre as abstrações conceituais e as materialidades arquitetônicas resultantes, o que não necessariamente correspondeu aos discursos proferidos.

Como será visto, o mecanismo de aproximação ao projeto desenvolvido em cinco dos seis casos estudados consistiu, espontaneamente, na definição de *palavras-chave* a partir dos conceitos impostos que foram, por sua vez, apropriadas como condicionantes autoimpostos, isto é, diretrizes que declaradamente orientaram o processo de desenvolvimento projetual. Para a realização das análises, definimos metodologicamente a ocorrência de dois tipos de relações: a *relação neutra* foi designada como aquela em que as vinculações declaradas entre o que foi suscitado pelas palavras-

chave (autoimpostas) e os aspectos da situação do projeto não produziram nenhum efeito contextual¹⁰. Isto é, o cruzamento entre as informações pré-existentes e as novas entradas de dados introduzidas pelas abstrações conceituais não produziu consequências que de alguma maneira alteraram o contexto original, revelando-se inócuas (Sperber & Wilson, 1986). Ao ser submetida a uma análise mais detida, a verificação de relações desta natureza tendeu a diluir e enfraquecer os discursos dos autores.

Na chamada *relação positiva*, entendemos que os dados oriundos das abstrações conceituais e os já existentes, inerentes à situação do projeto, foram reorganizados formando interseções que, por derivação, produziram uma outra combinação de acontecimentos que não poderiam ter sido inferidas sem esta associação, resultando na efetiva constatação de efeitos contextuais (Sperber & Wilson, *Ibid.*).

As fontes de informações consultadas para a realização das análises que seguem foram reunidas tanto a partir dos memoriais descritivos e justificativos das propostas projetuais submetidas quanto das falas dos participantes na ocasião do seminário de apresentação, que foram devidamente registradas com este intuito¹¹. As imagens ilustrativas foram disponibilizadas pelos autores, tendo sido também avaliadas pela comissão de avaliação do concurso na ocasião do seminário de apresentação das propostas, realizado em 18 de dezembro de 2008 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo desta Universidade. A ata produzida por esta comissão, que explicita tanto comentários gerais relativos ao concurso quanto aspectos específicos das soluções julgadas em sua deliberação, consta no anexo 3.

3.2.1 Projeto nº 1: “vírus”

Ao ser indagada sobre o primeiro registro imagético ocorrido em seguida ao conhecimento do conceito “vírus”, a arquiteta 1A relatou que pensou no oposto ao que a mesma considerou como “óbvio” – “um organismo vivo composto por uma matéria amebóide”, com conotações relacionadas às ideias de “isolamento”, “contaminação” e “compartimentação”. Ao contrário disto, o sentido dado à palavra “contaminação” foi o de algo positivo, como uma transmissão salutar de sensações e emoções.

A participante 1B, por sua vez, respondeu ter ido pesquisar características e propriedades dos vírus como formas e tipos, vindo a descobrir que estes organismos apresentam estruturas regulares e cápsulas de proteção.

¹⁰ Vide item 2.1.2.

¹¹ Vide anexo 2.

Abstrações conceituais

No intuito de construir relações de sentido que de alguma maneira as vinculassem à solução arquitetônica desenvolvida, as seguintes palavras-chave foram designadas pela equipe a partir de uma pesquisa semântica sobre o conceito imposto “vírus”:

1. *expansão*¹²; 2. *interação*¹³; 3. *contágio*¹⁴, 4. *mobilidade*¹⁵ e 5. *simetria*¹⁶.

Dando coerência à intenção da própria pesquisa semântica e segundo o modelo ilustrado pela figura 2.4, estes termos corresponderam aos atributos mais fortemente correlacionados ao conceito “vírus” que foram apropriados na concepção do projeto pela equipe, localizados nas órbitas concêntricas de pertinência mais próximas a este núcleo substantivo. De acordo com as participantes, mais do que a própria ideia imposta, as palavras-chave selecionadas serviram como condicionantes internos que motivaram o desenvolvimento da concepção, tendo sido estabelecidas correspondências específicas e pontuais com a solução arquitetônica que serão analisadas a seguir.

Materialidades

A *expansão* da área atual foi contemplada pela proposta a partir da incorporação da área do hall das escadas e parte do hall dos elevadores. Estas foram articuladas a partir da abertura de uma passagem na parede da caixa de escadas, através da qual foi previsto o novo acesso do estabelecimento (figura 3.14). Houve também, segundo a equipe, um segundo aspecto relevante vinculado a esta palavra-chave: a proximidade deste novo acesso às escadas conferiu maior visibilidade à lanchonete, favorecendo a atração de novos clientes.

Além dos ambientes acima, o espaço contíguo originalmente ocupado pelo sanitário feminino foi remanejado para a ocupação da área de preparo de refeições. Devido à geração de grande quantidade de calor, esta área da cozinha foi disposta adjacente às janelas existentes, podendo dispensar a utilização de exaustão mecânica.

O acesso atual à lanchonete, que ocorre a partir do corredor principal do edifício, junto ao elevador de carga e descarga existente, foi destinado exclusivamente ao fluxo de serviços, ficando isolado da

¹² 1. Ato de expandir(-se); 2. qualidade do que se alarga, amplia, cresce; 3. difusão, propagação (Houaiss Dicionário Eletrônico 3.0).

¹³ 1. Influência mútua de órgãos ou organismos inter-relacionados; 2. ação mútua ou compartilhada entre dois ou mais corpos ou indivíduos (*Ibid.*)

¹⁴ Transmissão de doença de uma pessoa a outra, por contato direto ou indireto; 2. (sentido fig.) reprodução involuntária de reação alheia (*Op. cit.*)

¹⁵ 1. Possibilidade de ser movido; 2. possibilidade de ir para outro lugar rapidamente (*Op. cit.*).

¹⁶ 1. Conformidade, em medida, forma e posição relativa, entre as partes dispostas em cada lado de uma linha divisória, um plano médio, um centro ou um eixo; 2. (Deriv. por ext. sentido) Semelhança entre duas ou mais situações ou fenômenos; correspondência; 3. conjunto de proporções equilibradas (*Op. cit.*).

PLANTA BAIXA HUMANIZADA

ESCALA 1/75

83

Destinado à realização de refeições rápidas, o balcão existente foi integralmente aproveitado, conservando os dez lugares atuais. Os quatro conjuntos de mesas, cadeiras e banco corrido dispostos nesta mesma área de permanência disponibilizaram mais 24 lugares, havendo ainda 12 adicionais nos seis conjuntos de bancos e mesas redondas dispostas no ambiente do “estar casual”. No total, o projeto proporcionou 46 lugares, incluindo 36 adicionais.

O discurso que segue aponta a abordagem da palavra-chave *expansão* segundo a equipe:

*“(...) realmente, foi inevitável esta **expansão**, que tem muito a ver com ‘vírus’ também (...). A palavra **expansão** se deu por conta da proliferação dos vírus através dos fluidos”¹⁷* (Discurso extraído do respectivo seminário de apresentação).

Analisando a interpretação vinculada a esta palavra-chave, cabe lembrar que a necessidade de ampliação do espaço atual constituiu uma das principais motivações que conduziram ao empreendimento do concurso, sendo este um dos aspectos já inerentes à situação em questão. A utilização do termo, portanto, não acrescentou dados novos ao que já era sabidamente necessário de ser modificado. No entanto, na medida em que efetivamente alterou a configuração espacial existente, a vinculação estabelecida produziu implicações contextuais, caracterizando uma *relação positiva*. Constatou-se, assim, uma adequação oportuna, que embora de fato remeta ao conceito imposto, é de tal modo inerente ao problema que em sua apropriação não há propriamente uma abstração, mas sim uma relação de conveniência.

De acordo com a equipe, a *interação*, que remeteu ao conceito *vírus* pela “*capacidade de provocar reações biológicas no corpo humano*”, foi contemplada a partir da manutenção da permeabilidade visual entre a área de preparo da cozinha da lanchonete e o espaço de permanência dos clientes, assim como da proposta, na parede em frente ao caixa, de um mural informativo. Além de já constituir um aspecto existente considerado positivo, tal permeabilidade também possibilita um bom controle visual sobre a entrada e saída do público. Segundo as autoras, “*esta permeabilidade visual, tanto internamente quanto externamente*¹⁸, *é um ponto alto do nosso projeto*” (Discursos extraídos do respectivo seminário de apresentação).

Voltando-nos para a crítica, a apropriação do termo *interação*, no sentido de manter a referida permeabilidade visual, valeu-se de uma particularidade já existente na configuração espacial atual, não tendo sido introduzida pela solução arquitetônica. A proposta do mural informativo também não constituiu uma inovação, já que há murais localizados nos patamares das escadas, entre os pavimentos do edifício, por onde circula grande número de pessoas. Ambos os pontos, portanto,

¹⁷ Grifos nossos.

¹⁸ Referindo-se ao contato visual com a paisagem externa.

remetem a características já existentes consideradas positivas que foram apenas preservadas nesta intervenção. Assim, não se pode dizer que tenha havido a produção de um novo efeito contextual, caracterizando uma *relação neutra* entre a palavra-chave e a solução arquitetônica.

Apresentada como intenção resultante tanto da *interação* quanto da *expansão*, a disposição dos quatro conjuntos de mesas, cadeiras e banco corrido junto às janelas do edifício procurou valorizar a vista privilegiada da baía de Guanabara (figura 3.15).



Figura 3.15: Vista da baía de Guanabara a partir da lanchonete

No entanto, um olhar mais detido sobre a planta-baixa da figura 3.14 nos permite constatar que apenas 16 dos 34 lugares providenciados para a clientela no interior da lanchonete permitem o acesso visual frontal ou lateral para esta paisagem; os 18 lugares remanescentes estão literalmente voltados de costas para o cenário. De fato, a ocorrência do declarado aproveitamento da vista é verdadeira e constitui um aspecto positivo da intervenção, mas deve-se destacar que esta pode ser desfrutada apenas pela minoria dos clientes e pelos funcionários do estabelecimento, que devido à posição favorável do balcão de atendimento e da cozinha, também podem usufruir deste panorama.

Sob um outro aspecto, a disposição do mobiliário destinado à permanência da clientela junto às janelas do edifício implicou sua exposição à incidência solar direta em determinados horários do dia, tendendo a provocar desconforto térmico em decorrência das elevadas temperaturas que se registram no local. Caso houvesse sido previsto algum anteparo interno para impedir esta mesma incidência, perder-se-ia também a possibilidade de contemplação da vista e, com isto, a desejada *interação*.

De acordo com os argumentos acima apresentados, reconhecemos que uma relação positiva entre elementos anteriormente não congregados conceitual e materialmente foi vislumbrada e incorporada à solução arquitetônica. Todavia, no que se refere ao que a ideia efetivamente agrega à solução, o ganho foi considerado parcial pois apenas os funcionários do estabelecimento podem usufruir da vista sem serem incomodados pela incidência solar direta, devido à distância existente entre as janelas e as áreas de trabalho da cozinha.

A palavra-chave *mobilidade*, como anunciado no discurso abaixo, foi abordada tanto a partir da disposição contígua entre as áreas de trabalho na cozinha, quanto pela possibilidade declarada de configurar distintos arranjos usando os conjuntos de mesas e cadeiras adjacentes às janelas:

“Procurou-se estabelecer [a mobilidade] pela contiguidade entre as tarefas executadas na área de trabalho. (...) Esta é uma forte característica topológica do projeto, que procurou respeitar a organização do trabalho praticada por seus usuários” (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 6).

Não se pode dizer que o discurso acima remeta a um aspecto individualmente concernente e propriamente derivado da apropriação da palavra-chave em questão, uma vez que a otimização do desempenho operacional já constitui uma necessidade específica à projeção de cozinhas comerciais, sejam de pequeno, médio ou grande porte. Assim, a eficiência das tarefas envolvidas no ato de cozinhar, em qualquer situação, tende a ser significativamente favorecida pela disposição contígua das áreas em que se operem processos sequenciais desta natureza. Tal como na apropriação do termo-chave *expansão*, este caso também remete apenas a um pressuposto inerente a uma necessidade contextual.

O segundo ponto levantado no âmbito do termo *mobilidade*, referente às distintas possibilidades de configuração do mobiliário destinado ao consumo dos lanches e refeições no interior da lanchonete propriamente dita, também demandou atenção:

“(...) há também uma área de mesas, que é móvel; (...) então criamos uma linha de bancos, e estas mesas que podem ser levantadas conforme a necessidade” (Discurso extraído do respectivo seminário de apresentação).

Com a exceção do banco corrido fixo de madeira contíguo às janelas, este mobiliário constitui-se de objetos móveis, que só podem ser fisicamente transportáveis se erguidos, deslocados, e recolocados em outra posição. Contrariamente ao que se poderia pensar como justificativa mais plausível à *mobilidade*, que remete à facilidade de deslocamento, a solução desenvolvida não propõe nenhum mecanismo sobre o qual as mesas possam ser deslocadas, o que acarretaria de fato um sentido de facilidade mais palpável em relação às referidas distintas variações e arranjos.

A estreiteza do corredor destinado à circulação de clientes resultante do leiaute proposto, compreendido entre o balcão de atendimento e o conjunto das quatro mesas contíguas às janelas, também pode ser reconhecido como um exemplo da *não*-mobilidade já que esta área de passagem visivelmente não comportará o elevado fluxo de usuários (figura 3.14). Além disto, a disposição, no final deste corredor, de uma bancada passa-pratos para a devolução das louças é mais um fator que contribui para a concentração excessiva de pessoas no local.

Apropriada no sentido figurado, a palavra-chave *contágio* foi justificada pela equipe a partir da proposta de um ambiente que propicie uma experiência de permanência agradável, aludindo segundo as autoras à ambiência das cantinas italianas, tanto para fidelizar a clientela já existente quanto para atrair novos clientes. Para estimular reações sensoriais e fisiológicas nos usuários, cores vibrantes foram utilizadas nos tampos das mesas e no fechamento frontal do balcão de atendimento (figuras 3.16 e 3.17).



Figura 3.16: Projeto nº 1 - Perspectiva da lanchonete a partir do novo acesso (Imagem disponibilizada pela equipe nº 1)



Figura 3.17: Projeto nº 1 - Perspectiva oposta (*Ibid.*)

Cabe presumir que qualquer estabelecimento comercial cuja fonte de subsistência resida na receita proveniente da venda de seus produtos vise atraí-los por meio da qualidade do atendimento, das mercadorias e da ambiência do local, que pode ser otimizada a partir da implementação de um projeto arquitetônico adequado. A justificativa fornecida remeteu, portanto, a um lugar-comum sem que novas relações de sentido entre a interpretação da palavra-chave *contágio* e a solução arquitetônica fossem estabelecidas.

Quanto à apropriação da palavra-chave *simetria*, destacada como a principal dentre as cinco designadas pela equipe, pode-se identificar na planta abaixo a ocorrência de um eixo longitudinal que aparta a área de trabalho da lanchonete da área destinada à permanência de clientes, resultando em duas configurações geométricas simétricas (figura 3.18). O trecho abaixo elucida a justificativa relativa à apropriação do termo:

*“Nesta entrada principal, previmos a expansão da área em direção à área dos sanitários femininos, e estabelecemos uma linha divisória que divide o espaço em dois. Então estamos usando, também, o conceito de **simetria**, que está muito relacionada ao **vírus** por conta de suas estruturas morfológicas. (...) Os vírus são simétricos e regulares, independente de suas formas”¹⁹* (Discurso extraído do respectivo seminário de apresentação).

¹⁹ Grifos nossos.

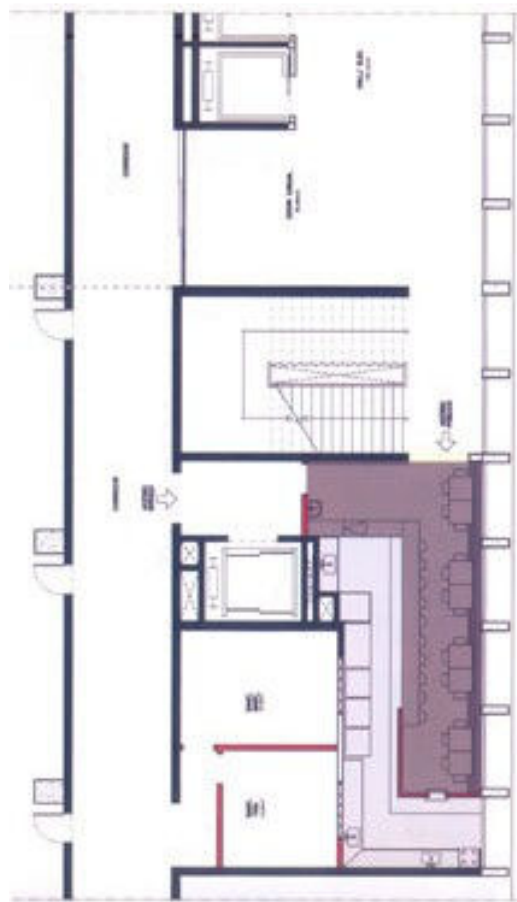


Figura 3.18: Projeto n° 1 – Identificação do eixo de simetria (*Ibid.*)

Mesmo que este eixo de simetria seja mais claramente perceptível a partir da visualização bidimensional do que das imagens apresentadas, a disposição espacial caracterizada pelo posicionamento linear do balcão de atendimento constituiu um elemento delimitador que conferiu coesão e legibilidade ao projeto, além de induzir à já referida disposição contígua das áreas de trabalho na cozinha, favorecendo potencialmente seu funcionamento. No entanto, a fixação deste mesmo eixo de simetria a partir da posição deste balcão provocou o já apontado problemático estreitamento na área de circulação dos usuários. Com o possível alargamento desta circulação, o declarado sentido de simetria não mais existiria. Paradoxalmente, portanto, ao mesmo tempo em que por um lado a apropriação desta palavra-chave colaborou para um ganho em qualidade da solução, a proposição também acarretou a geração de um problema que permaneceu irresoluto, sob outro aspecto.

Neste ponto, também cabe destacar que embora o conceito imposto seja completamente alheio à situação do projeto, as participantes conseguiram resgatar, validar e relacionar, a partir da noção de simetria, o conceito *vírus* à solução projetual. Esta observação nos permitiu inferir que as pré-concepções das participantes revelaram-se profundamente enraizadas na cultura arquitetônica, não hesitando em, ao invés de se deterem na exploração do inusitado, preferir retornar ao território mais conhecido e seguro dos parâmetros essencialmente arquitetônicos.

Desenvolvido também a partir da palavra-chave *simetria*, o chamado “forro-luminária” foi apresentado como um elemento visual de destaque no projeto, ao qual se agrega como um objeto de *design*. Além de visar proporcionar uma melhor uniformidade e difusão da iluminação artificial, a solução do forro também possibilitou a ventilação indireta dos sanitários adjacentes. No teto da cozinha, usou-se um segundo forro removível de placas acrílicas, dispostas em uma trama quadriculada (figura 3.16).

Quanto aos materiais especificados, foram indicados revestimentos cerâmicos, laminados melamínicos e bancadas de aço inoxidável, pela praticidade da limpeza; como contra-ponto a estes materiais frios, usou-se a madeira nos bancos corridos, prateleiras e no tampo do balcão de atendimento. Atendo ao padrão existente nos corredores e demais pavimentos do edifício, manteve-se o piso em cerâmica preta em toda a área da intervenção. Nestes aspectos, a equipe não estabeleceu correspondências relativas às abstrações conceituais.

Conclusões

No intuito de sintetizar os ganhos efetivos agregados à solução arquitetônica, as palavras-chave designadas pela equipe foram correlacionadas na tabela abaixo à produção de efeitos contextuais nesta proposta arquitetônica, que foi classificada em segundo lugar pela comissão de avaliação do concurso:

Palavras-chave	Efeitos contextuais
1. expansão	positivo
2. interação	neutro ²⁰
	positivo ²¹
3. mobilidade	neutro
4. contágio	neutro
5. simetria	positivo

Tabela 1: Projeto nº 1 - Palavras-chave x efeitos contextuais verificados

²⁰ No que se refere à manutenção da permeabilidade visual entre as áreas de trabalho da lanchonete e o espaço de permanência dos clientes, e também à ideia do mural informativo.

²¹ No que se refere à disposição do leiaute do balcão de atendimento, que acarretou a valorização da vista da paisagem da baía de Guanabara. No entanto, apenas os funcionários do estabelecimento podem usufruir confortavelmente desta amenidade.

O trecho seguinte, extraído do discurso de apresentação do projeto, também revelou aspectos pertinentes:

*“A **mobilidade** está muito relacionada à **expansão**. O **contágio** também, então estas são três palavras que se complementam”²²* (Discurso extraído do respectivo seminário de apresentação).

Uma segunda passagem permite verificar um conteúdo similar:

*“A entrada principal [da lanchonete] também reafirma nossa **expansão**, nossa **mobilidade** e nossa **interação**. (...)”²³ (Ibid.).*

Nos trechos acima, vale identificar que a equipe vinculou explicitamente três dos cinco termos designados como palavras-chave. Ainda, entende-se que a palavra *expansão* tenha sido a principal, a partir do qual os termos *mobilidade* e *contágio* se originaram. Precisamente, sendo esta a palavra a partir da qual foi constatada uma relação de obviedade com um dos pressupostos inerentes à situação do projeto, concluímos que as relações de equivalência verificadas entre as duas outras palavras-chave assumiram um caráter neutro, limitando a verdadeira dimensão do campo conjectural da concepção.

Considerando as ressalvas relativas à apropriação do termo *interação*, que não pôde ser analisado sob um aspecto único, conclui-se que este mesmo campo conjectural condensou-se em apenas duas palavras-chave principais - *expansão* e *simetria*. Se à primeira conferimos um sentido de obviedade, à segunda constatamos o estabelecimento de relações positivas que foram repercutidas em efeitos contextuais positivos para a solução, ainda que pontualmente. À medida em que se constatou que o ambiente cognitivo relacionado ao campo conjectural da concepção se estreitou, condensando-se nos dois termos acima, o discurso revelou-se prolixo, e tendeu a se diluir na superficialidade. Neste sentido, a própria solução arquitetônica, por si mesmo, apresentou mais concisão e clareza do que a lógica de argumentação que a justificou.

²² Grifos nossos.

²³ Grifos nossos.

3.3.2 Projeto nº 2: “engrenagem”

Ao serem indagadas sobre o primeiro registro imagético ocasionado pelo conhecimento do conceito, ambas participantes relataram ter pensado na imagem de um “sistema mecânico composto por várias engrenagens em movimento”. Após uma pausa, uma das participantes se referiu ao conceito de “engrenagem” como “conexão entre espaços”.

Embora a primeira resposta tenha se revelado um tanto quanto literal, no segundo registro já foi possível verificar uma analogia que se mostrou relevante na construção da lógica argumentativa desenvolvida pela equipe.

Abstrações conceituais

A equipe incumbida de desenvolver a solução arquitetônica a partir do conceito *engrenagem* partiu da abstração segundo a qual a instituição da universidade, cerne do contexto do projeto, foi interpretada como uma grande máquina constituída por diversas *engrenagens*, cujo sentido conotativo foi atribuído às distintas faculdades, escolas, departamentos, institutos de pesquisa e demais órgãos vinculados. No entanto, no caso do campus da Cidade Universitária da UFRJ, o conjunto das edificações e instalações físicas que a compõem foi considerado particularmente disperso devido às longas distâncias que os separam fisicamente. Esta desconcentração, segundo a explicitação do conceito expressa na citação abaixo, é responsável por tornar a interação entre as presumidas *engrenagens* precária, desfavorecendo o êxito do princípio da universalidade que originalmente rege o conceito de universidade:

*“(...) porque a **engrenagem** nos faz pensar que esta é uma universidade com várias **engrenagens**, que são os diversos cursos. Cursos estes que deveriam estar se integrando, se comunicando nesta estrutura formada por muitas **engrenagens**, fazendo a máquina funcionar. São também **engrenagens** todos os professores, alunos e colaboradores (...). Novamente precisam funcionar, se integrar, se comunicar, trocar”²⁴* (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 1).

Como já foi dito, a lanchonete do 5º pavimento do edifício, - onde estão localizadas a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a Escola de Belas Artes e também as instalações da reitoria da Universidade -, constitui um pólo aglutinador de alunos, professores e funcionários. A intenção da equipe, a partir da interpretação do conceito imposto, foi a de conceber e articular novos meios pelos quais o compartilhamento desejado no espaço universitário possa ser intensificado, contribuindo para que as ditas “engrenagens” possam se comunicar melhor. Diferentemente da proposta anterior, esta equipe não designou palavras-chave relacionadas à ideia imposta e, por conseguinte, à solução arquitetônica desenvolvida.

²⁴ Grifos nossos.

Materialidades

Distinguindo-se da proposta anterior, nesta solução a parede que divide a área atual da lanchonete do hall da escada foi mantida, mas recortada por extensos rasgos diagonais com fechamento em vidro (figura 3.19). Apenas uma pequena área do sanitário feminino adjacente existente foi incorporada à cozinha, correspondendo a um módulo estrutural do edifício, o que ampliou em aproximadamente 10 m² a área do estabelecimento. A equipe seguiu, nesta proposta, a clara diretriz de conservar as características arquitetônicas do edifício, valendo-se de um discurso voltado para a preservação patrimonial, mas que também foi estendido ao âmbito econômico-financeiro, como pode ser identificado abaixo:

“O desenho modernista deve ser preservado e valorizado, e se deixar ser lembrado” (Ibid., p. 2).

“O mínimo de intervenção será feito, conservando ou recuperando os seus materiais, para possibilitar o menor custo possível para a execução da obra” (Ibid., p. 3).

A configuração espacial desenvolvida viabilizou a provisão de 16 lugares distribuídos ao longo do balcão de atendimento e também nas três mesas redondas dispostas na circulação que dá acesso à lanchonete a partir do corredor principal do edifício. No hall dos elevadores, foram provisionados mais 30 assentos distribuídos em dois conjuntos esparsos de mesas e cadeiras que, sem a abertura de uma passagem direta para a lanchonete, tornam-se desarticulados dos demais lugares. Também foram propostos, na mesma área, elementos plásticos espiralados como suportes para eventuais exposições (figura 3.19).

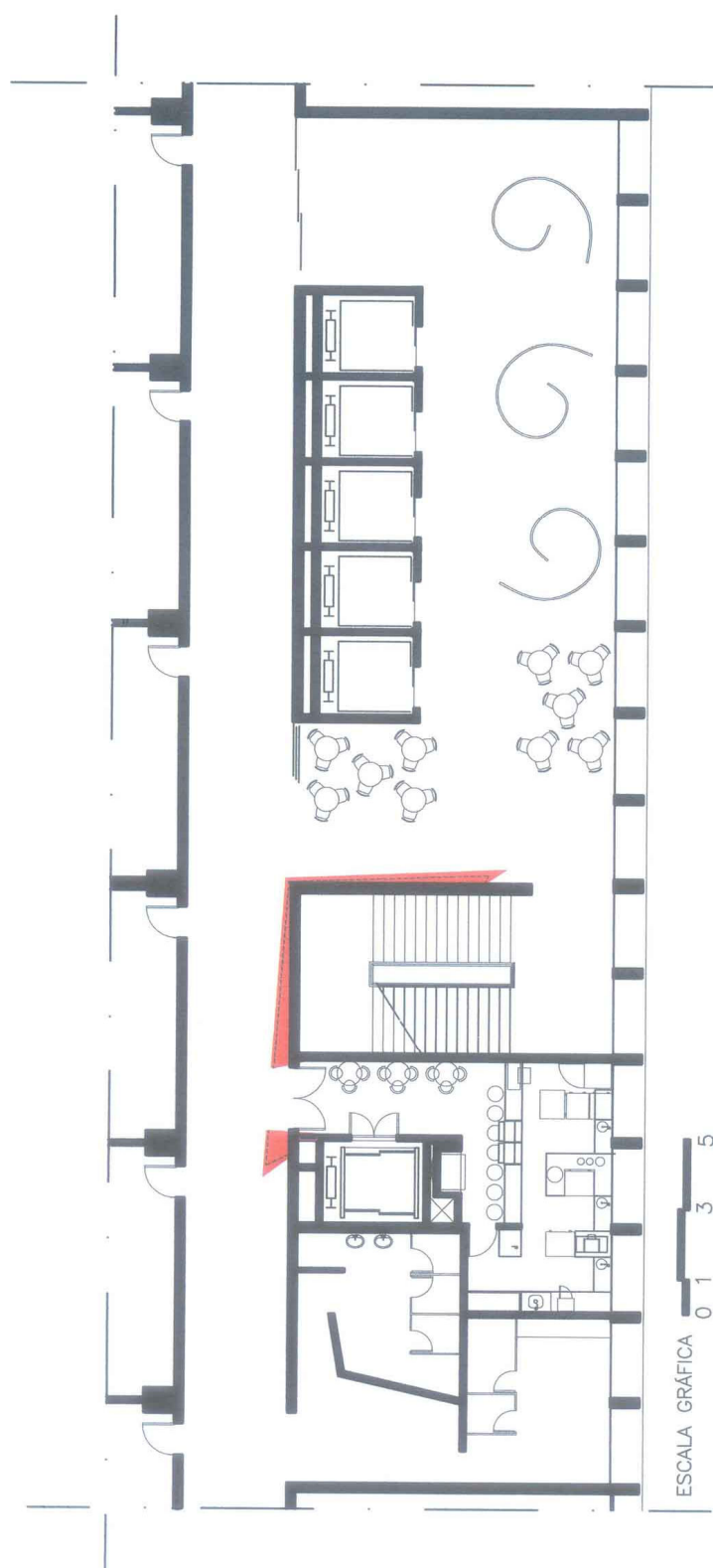


Figura 3.19: Projeto nº 2 – Planta-baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção
(Imagem disponibilizada pela equipe nº 2)

Na planta-baixa apresentada na figura 3.19, observa-se que a disposição espacial proposta permanece hermética. Contrariamente à lógica de argumentação apresentada, portanto, a disposição espacial resultante não promove a integração entre os ambientes que conceitualmente propõe reunir.

Envolvendo as paredes que delimitam a caixa de escadas, a equipe propôs a colocação de dois amplos painéis de gesso acartonado pintados em vermelho e recortados por extensos rasgos diagonais com fechamento em vidro, criando nesgas que possibilitam o contato visual com as pessoas ao subir ou descer as escadas. Estes mesmos rasgos também permitem um pequeno contato visual do trecho do hall dos elevadores próximo às janelas, onde foi disposto um conjunto de cinco mesas e cadeiras, para o interior da cozinha da própria lanchonete (figura 3.20).

Para facilitar o acesso dos funcionários a mercadorias e produtos diversos utilizados no preparo de sucos e refeições, foram projetadas estantes suspensas com estrutura em aço galvanizado que suportam recipientes em acrílico para o armazenamento de gêneros alimentícios e utensílios sobre as bancadas de trabalho da cozinha. Esta disposição, no entanto, faz com que as frutas e outros gêneros permaneçam diretamente expostos à radiação solar, tornando-se, sob este aspecto, pouco adequada.

Em uma das paredes do corredor de circulação que dá acesso à lanchonete, luminárias em chapa de aço foram dispostas sobre as três mesas redondas aí posicionadas. Fixadas em uma viga, o mesmo sistema foi utilizado para a iluminação artificial do balcão de atendimento. As bancadas de trabalho da cozinha posicionadas perpendicularmente às janelas do edifício, por sua vez, podem ser iluminadas artificialmente, se necessário, a partir de luminárias pendentes em policarbonato. Astuciosamente, a solução arquitetônica também previu a disposição de pontos estratégicos para a propaganda de possíveis patrocinadores.

Quanto aos revestimentos, foi especificado para as paredes da cozinha e dos sanitários cerâmica branca 15 x 15 cm. Para as demais paredes, a proposta da equipe foi a recuperação dos revestimentos cerâmicos existentes. Assim como no projeto nº 1, o piso em cerâmica preta foi conservado em toda a área da intervenção.

Pode-se constatar a intenção em criar um contraste marcante entre os painéis vermelhos de geometria irregular recortados em gesso acartonado, o tratamento discreto conferido ao restante do projeto, e a própria identidade modernista do edifício. Na figura 3.20, o painel em vermelho se destaca, emoldurado pela neutralidade dos demais planos e superfícies que compõem o espaço arquitetônico. Segundo a equipe, estes painéis se relacionam ao conceito da seguinte maneira:

*“Não é possível não perceber e não se atrair pela fachada da cantina ao passar pela circulação das salas. O convite à integração está feito, iniciando o movimento da **engrenagem**”²⁵ (Ibid., p. 2).*

Neste ponto, reside uma segunda contradição relativa ao discurso, tal como anunciado na primeira citação destacada, já que o desenho dos painéis e dos rasgos propostos nas alvenarias desconfiguram a caixa de escadas do edifício cujas características arquitetônicas originais supostamente se pretende preservar.



Figura 3.20: Projeto nº 2 – Hall dos elevadores
(Imagem disponibilizada pela equipe nº 2).



Figura 3.21: Projeto nº 2 – Acesso à lanchonete a partir do corredor
(Ibid.).

²⁵ Grifo nosso.

Conclusões

Mesmo não tendo explicitamente designado palavras-chave relacionadas à ideia imposta como na solução anterior, a equipe obteve um desempenho favorável na apropriação do conceito ao contexto da situação, tendo estabelecido em sua interpretação analogias reconhecidamente bem elaboradas, que remeteram figurativamente à universidade como uma máquina composta por diversas engrenagens: faculdades, bibliotecas, institutos de pesquisa, etc. Contudo, a análise do desenvolvimento projetual não revelou uma integração coerente entre o plano conceitual das abstrações e o plano material do projeto, evidenciada por agudas incongruências entre o conteúdo do discurso construído, - voltado para a necessidade de integração entre as partes que isoladamente conformam a instituição universitária (UFRJ) -, e a solução projetual declaradamente desenvolvida com base neste discurso, cujos espaços constituintes resultaram herméticos e desarticulados uns dos outros.

Em prol da suposta intenção de valorização da identidade arquitetônica do edifício, no sentido de sua preservação patrimonial, e também visando contemplar as restrições orçamentárias apontadas nas orientações de desenvolvimento deste experimento²⁶, a lógica de argumentação exercida pela equipe foi conduzida a um ponto extremo, tendo desfavorecido os aspectos positivos vinculados aos efeitos contextuais que decorreram da intervenção. Sob este aspecto, pode-se dizer que a solução arquitetônica como um todo tenha se prejudicado, pois a comissão de julgamento considerou que o pressuposto essencial do problema, isto é, a expansão da área atualmente disponível para promover a melhoria no funcionamento da lanchonete, não foi satisfatoriamente atendido²⁷.

Do ponto de vista da metodologia da concepção desenvolvida entre esta equipe e a precedente, podemos inferir que o fato da primeira ter se valido da designação de palavras-chave como estratégia de apropriação do conceito *vírus* não se revelou muito significativo pois, como ilustrado na tabela nº 1, três entre os seis efeitos contextuais verificados foram considerados neutros. Vinculada a esta constatação, verificamos que as análises desenvolvidas sobre o discurso justificativo das apropriações realizadas neste caso revelaram a grande fragilidade das construções retóricas apresentadas. Por sua vez, as argumentações formuladas pela equipe nº 2 visando a apropriação do conceito *engrenagem* no contexto do projeto revelou-se bem articulada e coesa em relação ao seu próprio universo conceitual, permitindo concluir que o mecanismo de apropriação baseado em palavras-chave não se revelou mais produtivo do que o não alicerçado a partir da mesma estratégia.

²⁶ Vide anexo 1.

²⁷ Vide anexo 3.

3.3.3 Projeto nº 3: “operário”

Ao serem indagados sobre o primeiro registro imagético ocorrido logo após o conhecimento do conceito *operário*, obtivemos as seguintes respostas:

- Participante 3A: “*pensei imediatamente no Modernismo, e em como fazer uma intervenção arquitetônica que evitasse o Modernismo em um edifício modernista*”;
- Participante 3B: “*pensei na ideia de um operário que existe para fazer alguma coisa*”;

Pelo segundo registro, compreende-se que um *operário* exista no intuito de exercer uma determinada função. Este exato registro, ocorrido imediatamente após o conhecimento do conceito pelo participante 3B, revelou-se bastante relevante por ter sido utilizado como ponto de partida para a construção do discurso desenvolvido pela equipe ao longo do processo de concepção, e que também permeou a apresentação do projeto perante a comissão de julgamento do concurso. Estendendo sua colocação inicial, os funcionários da lanchonete foram metaforicamente associados, isto é, *vistos como “operários”*, pelo participante 3B.

De acordo com o discurso registrado no seminário de apresentação, o *brainstorming* inicial suscitado pela imposição do conceito conduziu a equipe a termos e expressões não relacionadas ao âmbito arquitetônico, tais como: “produção em série”, “repetição”, “dignidade da classe operária” e “unidade coletiva”. É possível perceber que estas primeiras inferências se deram a partir de uma gama de atributos intimamente correlacionados ao conceito propriamente dito, portanto muito próximas de seu núcleo substantivo. Paralelamente, no que tange ao contexto do projeto em questão, – uma lanchonete universitária –, pode-se dizer que as tarefas envolvidas na consecução da finalidade essencial do estabelecimento, que consiste na venda de produtos alimentícios, também são desenvolvidas a partir de um conjunto de procedimentos seriais repetidamente executados, de modo análogo a uma linha de produção industrial. E esta convergência derivou da criação de uma relação de sentido, - ou pertinência -, do conceito relativamente ao contexto, caracterizando uma nítida situação de reação entre estes dois pólos.

Abstrações conceituais

Perseguindo o intuito declarado de não recorrer a possíveis interpretações estético-formais que buscas imagéticas e outras alusões mais imediatas ao conceito imposto poderiam suscitar, a aproximação desta equipe ao contexto do projeto deu-se a partir de uma construção argumentativa que relacionou as abstrações conceituais suscitadas pelo conhecimento do tema, isto é, da formulação em torno da palavra *operário*, e a necessidade de atender às demandas circunstanciais e específicas do problema. O entendimento dos autores sobre este meio de aproximação, que norteou a abordagem da concepção, pode ser verificado na seguinte assertiva:

*“A abordagem dada ao tema, a forma de encarar sua presença no projeto, trata-o como **argumento de construção do projeto, dentro de uma lógica de razoabilidade** que se pretende o mais abrangente possível, mas **sem a intenção nem a obrigação de se tornar totalizante**”²⁸* (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 3).

Ao superlativar a abrangência pretendida à abordagem, mas sem a vinculação a uma possível pretensão totalizadora, a estratégia de aproximação adotada ao mesmo tempo em que se resguardou, adquiriu o potencial de ensinar a criação de relações pertinentes e ao mesmo tempo livres tanto de uma lógica rígida, regida pelas demandas objetivas da situação em questão, quanto de um *modus operandi* subjugado por um limitado universo ficcional possivelmente criado em torno do tema.

As analogias desenvolvidas pela equipe a partir do conceito inusitado fundamentaram-se essencialmente em uma construção retórica²⁹ que embasou a lógica de argumentação utilizada na apresentação do projeto. Como já apontado, os funcionários da lanchonete foram *vistos como*, isto é, foram metaforicamente associados - como personagens de uma narrativa - a *operários*, ou seja, a indivíduos responsáveis pelo desempenho de tarefas que, no contexto da situação, constituem a higienização, preparo e cocção dos alimentos, o atendimento aos clientes, o processamento dos pagamentos, dentre diversas outras. Identificamos nesta relação uma analogia matriz, isto é, a relação original formulada a partir da qual as demais construções analógicas derivaram:

funcionários da lanchonete → *operários*;

É relevante observar que, já a partir desta primeira associação, a equipe estabeleceu uma relação de sentido com o contexto do projeto propriamente dito. Em seguida, o conceito *operário* foi remetido a ideia de *fábrica*, que foi por sua vez associada ao episódio da *Revolução Industrial*:

operário → *fábrica* → *Revolução Industrial*;

Diferentemente da primeira, portanto, constata-se que nesta segunda analogia não foram estabelecidas relações com o contexto do projeto.

Segundo a equipe, características essenciais vinculadas à produção industrial capitalista, tais como a minimização de custos e perdas, máximo aproveitamento dos recursos humanos e processos visando o aumento da qualidade da produção, por exemplo, foram associados a aspectos do próprio funcionamento do estabelecimento comercial enquanto uma pequena empresa. Não obstante, a construção da relação com o conceito também referenciou-se em atributos que buscaram escapar do

²⁸ Grifos dos autores.

²⁹ “Arte de utilizar a linguagem em um discurso persuasivo, por meio do qual visa-se convencer uma audiência da verdade de algo. Técnica argumentativa, baseada não na lógica, nem no conhecimento, mas na habilidade em empregar a linguagem e impressionar favoravelmente os ouvintes” (Japiassú & Marcondes, 2006, p. 240).

perfil fordista do operariado, historicamente representado como uma classe uniforme, mecanizada e massificada.

De acordo com os participantes, os operários contemporâneos tornaram-se indivíduos mais singulares, com maior poder para exercer sua liberdade de opinião, e que participam mais ativamente na sociedade em que se inserem. Esta transformação, por sua vez, remeteu a uma consequência da evolução dos instrumentos de planejamento e controle da produção que passaram a integrar as teorias de gerenciamento de recursos.

A continuidade do desenvolvimento desta construção conceitual vislumbrou também a ocorrência de uma segunda revolução:

*“**Superada a revolução industrial** (...), que alterou radicalmente a evolução da sociedade humana até o presente, vislumbra-se e vive-se, no momento, a **revolução da informação**”³⁰ (Ibid., p. 5).*

A partir desta colocação, portanto, instaurou-se uma outra relação:

Revolução Industrial → revolução da informação;

De fato, a rapidez de veiculação de notícias e informações constitui um aspecto revolucionário dos tempos atuais, impactando profundamente os costumes e padrões estabelecidos nos mais diversos âmbitos das relações humanas, e também em inúmeros outros domínios, com implicações ainda não totalmente conhecidas.

Segundo os participantes, as chamadas épocas da “revolução industrial” e da “revolução da informação” coexistem atualmente no edifício onde se localiza o objeto do projeto. O tempo da “revolução industrial” foi evocado a partir da linguagem arquitetônica modernista da edificação, cuja construção foi finalizada ainda na década de 1950, em meio a um período caracterizado por um expressivo crescimento econômico e industrial brasileiros. Preservada em seu caráter arquitetônico, esta ambiência supostamente coexiste com o contínuo desenvolvimento das tecnologias da informação, que por sua vez conduz a transformações sobre as práticas desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem, como por exemplo o emprego cada vez mais corrente de computadores portáteis como instrumento pedagógico em sala de aula. A intervenção arquitetônica proposta, portanto, pretendeu acentuar a percepção desta coexistência de acordo com seus autores.

Ainda, seguindo a declarada lógica de razoabilidade própria à conceituação do projeto, a equipe cunhou as expressões “fábrica de alimento” e “fábrica de conhecimento” para designar a lanchonete, alvo do projeto, e a universidade, contexto do mesmo, respectivamente. Baseado neste artifício alegórico, funcionários, alunos e professores foram nomeados como os protagonistas, “operários” do

³⁰ Grifos dos autores.

cenário ambientado pela “fábrica de alimento” e pela “fábrica de conhecimento”, como identificado no trecho abaixo:

“(...) nós pensamos mesmo em aumentar a área de interface entre o pessoal, entre os **operários da fábrica de alimento e da fábrica de conhecimento** (...)”³¹ (Discurso extraído do respectivo seminário de apresentação).

Portanto,

lanchonete → fábrica de alimento;

universidade → fábrica de conhecimento.

A complementação da analogia matriz inicialmente estabelecida deu-se, portanto, a partir destas novas designações: os funcionários da lanchonete foram vistos como *operários* pertencentes à *fábrica de alimento*, e os usuários do edifício, dentre estudantes, professores e funcionários como *operários* pertencentes à *fábrica de conhecimento*. Estas duas “fábricas”, portanto, foram interpretadas como cenário de ambientação dos personagens “operários”.

No exercício da construção do discurso, o uso de tais denominações ensejou a elaboração de uma argumentação eloquente, que ampliou o campo conjectural no âmbito da concepção, favorecendo as possibilidades criativas de aproximação e desenvolvimento da solução arquitetônica.

Motivada pela expressão “revolução da informação”, a equipe em seguida destacou o atributo *fluidez* (da informação) para designar as seguintes palavras-chave, que foram selecionadas como princípios ou diretrizes do projeto:

1. *liberdade*³²; 2. *legibilidade*³³; 3. *flexibilidade*³⁴; 4. *visibilidade*³⁵ e 5. *organicidade*³⁶.

Segundo este raciocínio, a veiculação de informações deve apresentar, como atributos, as qualidades representadas pelas palavras-chave acima.

Há de se apontar, no entanto, que a lógica do discurso que associou os termos “revolução industrial” e “revolução da informação” tornou-se incongruente no que se refere à condição de “operário” - como

³¹ Grifos nossos.

³² Liberdade → livre: 1. Possibilidade que tem o indivíduo de exprimir-se de acordo com sua vontade, sua consciência, sua natureza; 2. Autonomia, independência, soberania (Houaiss Dicionário eletrônico 3.0).

³³ Legibilidade → legível: 1. Que, pela clareza e nitidez caligráfica ou tipográfica, se pode ler com facilidade (*Ibid.*).

³⁴ Flexibilidade → flexível: 1. Facilidade e leveza de movimentos; agilidade, elasticidade, elegância (*Op. cit.*).

³⁵ Visibilidade → visível: 1. Atributo do que é ou pode ser visível, ser percebido pelo sentido da vista; 2. Condição de ser efetivamente percebido, conhecido (*Op. cit.*).

³⁶ Organicidade → orgânico: 1. Característico de, pertinente a ou derivado de organismos vivos ou neles ocorrente; 2. Que remete ao desenvolvimento natural (*Op. cit.*).

um conceito imposto - que é inexistente na segunda expressão. A partir desta incongruência, os vínculos do conceito com as palavras-chave foram desvirtuados, uma vez que estas palavras subvertem claramente o conceito prototípico do termo “operário”, tornado anacrônico nos dias atuais, quando é justamente neste anacronismo que reside o sentido inusitado do vocábulo.

Paralelamente às analogias desenvolvidas entre os pólos conceitual e contextual, a equipe produziu impressões de ordem subjetiva acerca das características já existentes, isto é, da *essência* do espaço arquitetônico que constitui objeto da intervenção, aqui apresentadas como “vocações”. A qualidade *gregária* foi salientada pela capacidade do lugar gerar encontros espontâneos, e de também servir como ponto de referência na edificação. A já apontada *personalidade*, isto é, o caráter destacadamente pessoal e intimista pelo qual funcionários e usuários habitualmente se relacionam também se revelou um traço cultural associado à ambiência do espaço atualmente ocupado pela lanchonete que foi percebido como positivo pela dupla, tendo sido considerado desejável mantê-lo.

Para além destas, que já constituem características próprias do lugar, a equipe vislumbrou uma vocação futura para a intervenção arquitetônica que concerne à possibilidade de conferir uma nova identidade a todo o pavimento do edifício em que se situa, extravasando assim seus limites físicos propriamente ditos³⁷. Neste ponto, pode-se destacar a ausência de quaisquer relações entre a percepção destas duas vocações, a retórica discursiva desenvolvida a partir do conceito inusitado e a definição das referidas palavras-chave, o que demonstra que o conceito não foi tomado como hegemônico, e tampouco não condicionou todas as interpretações que orientaram o desenvolvimento projetual.

Materialidades

Para efetuar a ampliação da lanchonete, demanda explicitamente assumida como pressuposto pela equipe, ambos os sanitários adjacentes foram reconfigurados, tendo suas áreas diminuídas sem que houvesse perda das capacidades instaladas. Esta otimização do uso, a partir da redução do espaço físico que foi considerado como excessivo ou supérfluo, reverteu-se em um atributo fortemente relacionado à interpretação do conceito, segundo os participantes.

A inferência resultante da associação acima pode ser analisada como positiva embora oportuna, pois os próprios condicionantes objetivos da situação já sugestionam o aproveitamento das áreas destes sanitários, como também foi feito por várias outras equipes. No entanto, neste caso específico esta decisão de projeto transcendeu o caráter puramente funcional ou lógico, acomodando-se astuciosamente à lógica de argumentação construída. Embora uma palavra-chave em particular não

³⁷ A mesma opinião também foi produzida pela equipe nº. 1, expressa a partir da palavra-chave “contágio” (ver item 3.2.1).

tenha sido designada para expressar a ideia da otimização de áreas e usos, verificou-se a ocorrência de uma implicação contextual relevante, no âmbito da solução, e pertinente, no âmbito do conceito.

Além da otimização das respectivas áreas, as condições de ventilação e iluminação natural dos sanitários foram melhoradas³⁸, constituindo um segundo indicativo de qualidade resultante desta intervenção. Diferentemente dos dois projetos anteriores, nesta proposta o acesso ao banheiro para portadores de necessidades especiais foi separado dos banheiros comuns, o que permite a entrada de acompanhantes do sexo oposto, atendendo à norma de acessibilidade NBR 9050 e assim justificando a designação da palavra-chave *flexibilidade* à solução. Embora este efeito contextual tenha agregado um aspecto positivo à solução, a associação com a expressão *fluidez da informação*, que ao se situar mais próxima do sentido das palavras-chave designadas acabou por substituir indevidamente o lugar do conceito *operário*, indicando mais explicitamente as diretrizes de concepção utilizadas, revelou-se inconsistente.

Ainda em se tratando da acessibilidade, cabe observar que a promoção do acesso em separado para o banheiro de deficientes independeu de qualquer relação com qualquer derivação oriunda do conceito. É plausível assumir, inclusive, que a mesma solução teria sido proposta pela equipe em qualquer outra conjectura de desenvolvimento que envolvesse esta mesma situação de concepção.

Tal como proposto no projeto nº 1, o hall dos elevadores também foi incorporado à ampliação da lanchonete a partir da abertura da passagem entre o hall da escada e a área atual do estabelecimento. Nesta área, foram provisionados 36 lugares e, no total, o projeto foi capaz de disponibilizar 54 lugares (figura 3.22).

³⁸ Originalmente, um dos sanitários é ventilado e iluminado indiretamente por meio do outro, contíguo às janelas do edifício.

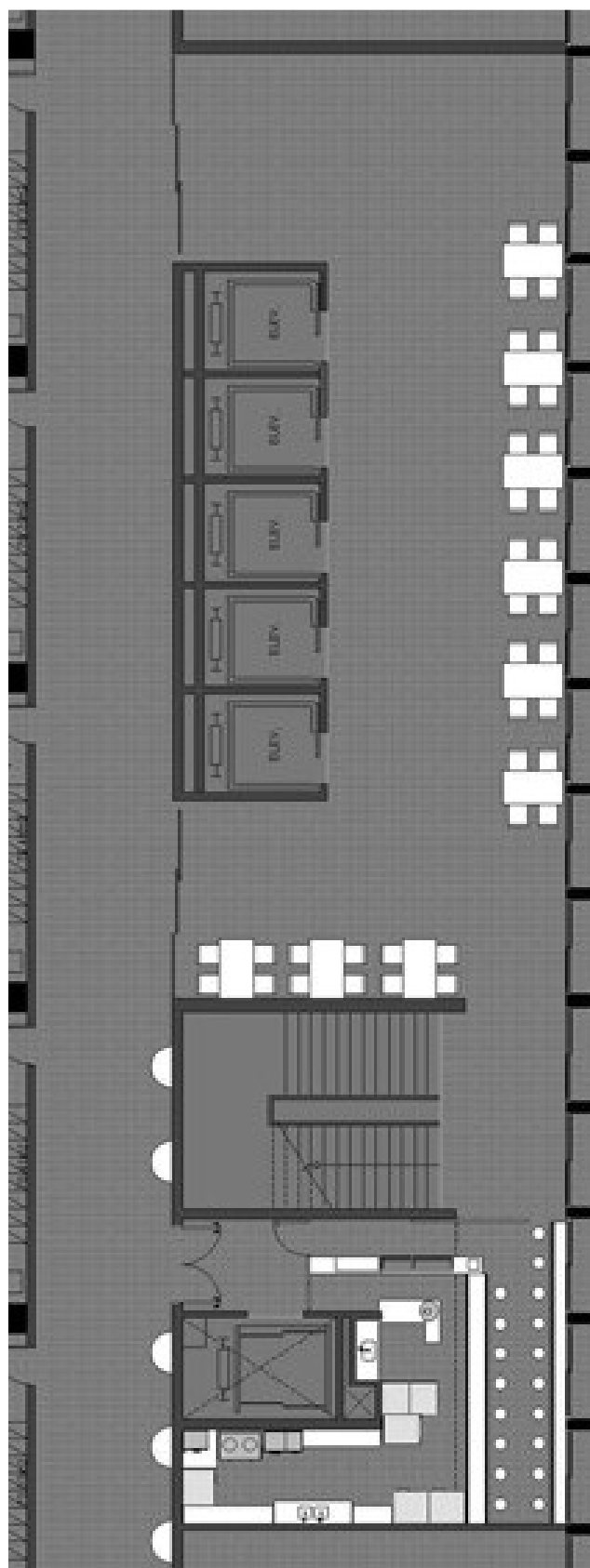


Figura 3.22: Projeto nº 3 – Planta-baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção
(Imagem disponibilizada pela equipe nº 3)

Pode-se dizer que a clareza da configuração espacial apresentada confira *legibilidade* à solução, outra palavra-chave designada pela equipe, favorecendo a apreensão do espaço projetado por alguém que ainda não o conheça. A disposição das nove mesas no hall dos elevadores, por exemplo, que constitui uma área que também se destina a outros usos, delimita zonas espaciais com fronteiras mais ou menos definidas, que contribuem para a coesão e legibilidade do espaço arquitetônico. A não ocupação da parede lateral direita do hall dos elevadores com mais mesas também revelou a sensibilidade ao princípio de se estabelecer esta legibilidade.

De maneira também semelhante ao proposto no projeto nº 1, dois balcões lineares foram propostos na área propriamente ocupada pela lanchonete: além do aproveitamento do balcão existente (figura 3.24), destinado ao atendimento e consumo de lanches e refeições, uma segunda bancada foi disposta paralelamente, voltada para a vista da paisagem da baía de Guanabara. Considerando ambos, nesta área foram disponibilizados 18 lugares. No entanto, diferente da primeira solução, neste desenvolvimento todos os dez lugares provisionados ao longo do balcão contíguo às janelas favorecem a vista da baía pela clientela, muito embora o problema da incidência solar direta sobre os usuários que se sentem nestes lugares permaneça como um problema não resolvido em ambas propostas.

A disposição do balcão existente, que separa a área de permanência de clientes da área da cozinha, preservou o já mencionado aspecto considerado positivo pelos frequentadores, relativo ao alto grau de pessoalidade no atendimento, conservando a interface entre funcionários e clientes, assim como a *visibilidade* das mercadorias. A ideia de interface, que não foi designada pela equipe como palavra-chave mas que remonta à ideia da *revolução informacional*, pode ser identificada na seguinte citação:

“A *revolução informacional*, muito além de uma simplória e literal sugestão imagética do high tech ou digital em movimento, (...) entra como agente intensificador do contato, das interfaces entre as distintas Fábricas, operários, pessoas”³⁹ (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 7).

Ainda que parcialmente, já que nesta proposta as chapas e os fogões foram dispostos nos fundos da cozinha, o leiaute das áreas de trabalho na lanchonete conservou a referida *visibilidade* ou interface entre clientes e funcionários. Assim como analisado no projeto nº 1, admitimos que o efeito contextual especificamente gerada pela permanência desta *visibilidade* foi neutra, pois remete a um aspecto já presente na configuração espacial atual. No entanto, diferentemente do primeiro projeto, é válido ressaltar que neste caso a equipe não reconheceu que a palavra-chave *visibilidade* também poderia ter sido vinculada à possibilidade de contemplação da paisagem. Sob este outro aspecto, criou-se

³⁹ Grifos dos autores.

uma relação positiva a partir do termo-chave em questão, tendo produzido o mesmo efeito contextual daquele verificado na primeira solução arquitetônica. O ganho em adequação resultante deste particular, no entanto, não foi explorado na argumentação desenvolvida por esta equipe.

À maneira do que já existe atualmente, a equipe propôs a instalação de um monitor de vídeo acoplado a algum outro aparelho para a reprodução de programas e informações diversas em uma das paredes lindas do estabelecimento. Ainda que de certo modo evidente, a proposta resultou em um efeito contextual pertinente ao tema da *revolução informacional*. Alternativamente à esta ideia, propôs-se a colocação de uma reprodução da pintura “Operários”, de Tarsila do Amaral (1933) no mesmo local, como um adorno pertinente ao conceito homônimo (figura 3.23).

Mesmo tendo resultado de uma abstração desenvolvida a partir da ideia imposta, reconhecemos neste ato uma associação literal entre o conceito e a solução. Não obstante, a sugestão do quadro dotou a superfície adornada com um atributo diferencial. Ainda que apenas como um elemento decorativo, constatou-se um efeito contextual positivo.



Figura 3.23: Projeto n° 3 – Acesso à lanchonete a partir do patamar das escadas (Imagem disponibilizada pela equipe n° 3)



Figura 3.24: Projeto nº 3 – Visão panorâmica da lanchonete
(*Ibid.*)



Figura 3.25: Projeto nº 3 – Espaço interno da cozinha
(*Ibid.*)

De modo articulado ao conceito, a equipe também incorporou ao projeto de arquitetura itens do mobiliário como balcões, mesas e cadeiras. Além da principal função de servir como suporte para o consumo de refeições, as mesas dispostas no hall dos elevadores também seriam utilizadas como meio para a comunicação de desenhos, grafismos ou de qualquer outra informação escrita.

Designadas como “mesas desenháveis”, a ideia consistiu em revestir os tampos destas mesas com laminado melamínico de fácil lavagem. A possibilidade de se desenhar sobre estas superfícies permeia o conceito de informação e “revolução informacional” como algo *livre*, rápido e fluido, segundo o princípio anunciado pela equipe. Neste mesmo sentido, informações úteis relativas ao tipo de madeira utilizada, tempo de crescimento, propriedades mecânicas do material, dentre outras, também poderiam ser impressas nas superfícies destes móveis, concorrendo para o princípio da “fluidez da informação”.

Os autores relacionaram esta expressão-chave, indicadora das diretrizes projetuais adotadas, à palavra-chave *liberdade* já que, para que uma informação possa ser livre, seu conteúdo e o meio usado para sua veiculação necessitam ser isentos de restrições e controles. Segundo os mesmos, esta ideia também remontou ao resgate de uma cultura específica da profissão do arquiteto – a comunicação pela expressão do desenho - tão mais presente nas escolas de arquitetura e urbanismo em um passado recente. Na solução, este resgate tornou-se possível a partir da proposta das *mesas desenháveis*, produzindo um efeito contextual. Embora esta relação positiva não tenha ocorrido a partir de um âmbito propriamente arquitetônico, ela não deixa de integrar o projeto concretamente, ainda que por meio de sua apropriação pelos usuários.

Complementarmente, a ideia de reformar e reutilizar cadeiras pertencentes ao patrimônio da Faculdade visa o aproveitamento de parte do mobiliário existente, atendendo a uma das orientações de desenvolvimento expressas no edital do concurso. A própria falta de padronização dos modelos e cores das cadeiras que decorreu da proposta foi apontada como um dos aspectos que confeririam identidade à solução. A equipe sugeriu que o trabalho de recuperação dessas “cadeiras de arte”, como foram designadas, fosse realizado como atividade prática por alunos de graduação das duas faculdades alojadas no edifício – Arquitetura e Urbanismo e Belas Artes -, gerando uma oportunidade prática para o exercício da expressão artística no âmbito acadêmico (figura 3.26).

No intuito de não incentivar a permanência dos estudantes nos corredores para que o já elevado nível de ruído não aumente ainda mais, prejudicando o andamento das atividades pedagógicas nas salas de aula, a equipe também projetou um conjunto de cinco suportes altos a serem usados como apoios para se comer em pé (figura 3.22). Estes apoios, contudo, não integraram a contagem realizada dos lugares provisionados pela proposta.



Figura 3.26: Projeto nº 3 – Mobiliário proposto para o hall dos elevadores
(Imagem disponibilizada pela equipe nº. 3)

O projeto do mobiliário visou claramente atender não só à necessidade de prover condições para o desempenho de funções eminentemente utilitárias, ou seja, acomodações para a realização das refeições, mas também foi articulado à lógica de argumentação. Em decorrência do dinamismo das possibilidades de modificação dos elementos que compõem a ambiência arquitetônica proposta, a ideia das “mesas desenháveis” e das “cadeiras de arte” justificaram um aspecto pelo qual a solução pode ser qualificada como *orgânica*⁴⁰. Sob este prisma, portanto, pode-se dizer que uma relação positiva foi criada entre a palavra-chave *organicidade*, que remete ao plano conceitual, e a solução arquitetônica, produzindo efeitos contextuais.

Ainda em se tratando das materialidades, a equipe indicou a lavagem e recuperação dos revestimentos cerâmicos existentes nas paredes que delimitam a área da intervenção. Devido ao uso predominantemente diurno do edifício e à abundância de luz natural no ambiente, a iluminação artificial existente foi mantida. Sob estes aspectos complementares, a solução concebida também visou atender às limitações orçamentárias vinculadas ao concurso.

⁴⁰ Contrapondo-se a uma concepção de arquitetura dedicada ao cumprimento de leis e sistemas reguladores, a noção de arquitetura orgânica se detém no desenvolvimento de formas intuitivas, dinâmicas e multifacetadas, inspirada essencialmente na busca de adaptação das formas oriundas da natureza.

Conclusões

Assim como na análise do projeto nº 1, a tabela abaixo apresenta, de forma esquemática, as relações verificadas entre as palavras-chave designadas pela equipe e os efeitos contextuais efetivamente observados na solução arquitetônica apresentada.

Palavras-chave	Efeitos contextuais
1. liberdade	positivo
2. flexibilidade	positivo
3. legibilidade	positivo
4. visibilidade	neutro ⁴¹
	positivo ⁴²
5. organicidade	positivo

Tabela 2: Projeto nº 3 - Palavras-chave x efeitos contextuais verificados

O conceito original – *operário* – foi substituído pelo conceito “informação”, ou pela expressão “fluidez da informação”, astuciosamente embutidos à lógica argumentativa que regeu o discurso.

Apesar das palavras *flexibilidade* e *legibilidade* não terem sido associadas de maneira consistente com a expressão “fluidez da informação”, verificou-se o registro de efeitos contextuais, que foram articulados à solução. Este ganho, portanto, não se vinculou estritamente a inferências de relações positivas com o conceito, não tendo havido, assim, um sentido unívoco de causa e efeito entre estes atributos específicos. Inversamente, os efeitos contextuais relevantes verificados, isto é, que resultaram das inferências de relações positivas entre os planos conceitual e material, também não se limitaram às ideias diretamente derivadas a partir da expressão ou palavras-chave acima especificadas, como por exemplo o princípio da otimização das áreas e dos usos dos espaços, e a sugestão de adorno da superfície de uma parede com a reprodução da pintura de Tarsila do Amaral.

O elevado grau de condicionamento do contexto, - a reforma de um espaço interno de um edifício que preza pela preservação de suas características arquitetônicas -, impeliu à concepção de ideias que se manifestaram na solução projetual em uma escala extremamente sutil. Embora não seja pertinente à ordem estritamente arquitetônica, a proposta das “mesas desenháveis”, associada mais fortemente

⁴¹ No que se refere à visibilidade das mercadorias pela clientela, que constitui um aspecto já existente na configuração atual.

⁴² No que se refere à possibilidade de contemplação da baía de Guanabara pela clientela e funcionários do estabelecimento.

às palavras-chave *liberdade* e *organicidade*, por exemplo, produziram efeitos contextuais ao induzir o resgate de elementos importantes da cultura profissional arquitetônica. No entanto, não se pode afirmar que esta ideia tenha agregado algum aspecto positivo à solução projetual propriamente dita. A utilização alegórica dos termos “operário”, “fábrica de alimento” e “fábrica de conhecimento” constituiu apenas um instrumento para contextualizar e operacionalizar o conceito, tornando a retórica do discurso mais fluida e eloquente. Por si mesmas, estas expressões não agregaram qualquer benefício à solução. Tal constatação, no entanto, não engendrou demérito algum uma vez que, como já foi dito, o intuito da utilização dos referidos termos realmente não foi este.

Segundo a comissão de avaliação, que elegeu esta solução como a vencedora do concurso, grande parte do êxito efetivamente alcançado deveu-se à própria estratégia de aproximação e desenvolvimento adotados, caracterizados pela clara intenção de exaltar a vocação essencial do lugar – a qualidade gregária e a pessoalidade daquele ambiente universitário⁴³. A comissão também ressaltou que o princípio de utilizar materiais de baixo custo e de reformar o mobiliário existente foi seguido em todo o projeto, tornando mais realistas e tangíveis as vias para sua implementação.

3.3.4 Projeto nº 4: “vácuo”

Quando interrogados sobre o primeiro registro imagético ocorrido após o conhecimento do conceito imposto, surgiram as seguintes respostas:

- Participante 4A: *“Depois de saber sobre a palavra ‘vácuo’, eu imediatamente vi o [nome do comerciante que explora o estabelecimento] sendo sugado pela janela da parede (...)”* (Discurso extraído do respectivo seminário de apresentação).
- Participante 4B: *“Pensei no escoamento de pessoas nos fluxos confusos e intensos que existem hoje nesta área”*.

No primeiro caso, observa-se que a distância extrema entre a natureza do conceito utilizado e o domínio arquitetônico favoreceu a emergência de um registro imagético fortemente inusitado. Já no segundo raciocínio, o universo arquitetônico não foi transcendido pelo registro; a relação de sentido ocorreu a partir de uma oposição ao significado da palavra “vácuo⁴⁴”. A elevada concentração de pessoas no espaço confinado disponível atualmente foi associada ao excesso de matéria, que constitui uma representação do oposto, ou seja, da ausência do vácuo⁴⁵.

⁴³ Vide anexo 3.

⁴⁴ 1. Vazio espacial; 2. espaço não ocupado por matéria alguma; vacuidade (Houaiss Dicionário eletrônico 3.0).

⁴⁵ Como já comentado no item 3.1.2, cabe lembrar que este conceito foi selecionado em decorrência de sua condição extremamente inusitada perante a situação em questão, que o mantém externo às “órbitas” de pertinência dos termos mais facilmente associáveis ao contexto da lanchonete do 5º pavimento.

Abstrações conceituais

Segundo a equipe, o conceito imposto *vácuo* suscitou divagações que foram sintetizadas nas seguintes palavras-chaves, das quais as duas últimas foram designadas como as principais:

1. *ausência*⁴⁶; 2. *fluxo*⁴⁷; 3. *o nada*⁴⁸; 4. *movimento*⁴⁹; 5. *furacão*⁵⁰ e 6. *fumaça*⁵¹.

De acordo com a mesma, o centro de um furacão apresenta propriedades semelhantes à do vácuo por ser um espaço com ausência de matéria. Ainda, segundo os autores, o ambiente da lanchonete se relaciona metaforicamente à ideia de um “furacão” ao apresentar um funcionamento sob um certo aspecto desordenado, no qual o número e a demanda dos clientes não são exatamente controlados ou previsíveis em um determinado dia. Diante desta metáfora, pontuamos que se trata de uma tentativa de aproximação do conceito inusitado ao conjunto de características do contexto.

A seguir, a equipe relacionou as abstrações suscitadas a alguns condicionantes da situação:

“Essas abstrações [referindo-se às palavras-chave], conduzidas pela ideia imposta, apresentam total congruência com as necessidades que o novo empreendimento demanda: ampliação do espaço, ampliação das funções de preparo alimentar, resolução dos fluxos interno e externo, e novos equipamentos” (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 3).

Como consta no texto do respectivo memorial⁵², embora a equipe tenha apontado uma relação de “total congruência” entre as abstrações e as necessidades do projeto, não foram desenvolvidas justificativas que sustentassem esta afirmação, desfavorecendo a construção de uma argumentação mais coerente. Em contrapartida, as abstrações que efetivamente produziram efeitos contextuais na solução arquitetônica apresentam-se a seguir.

Materialidades

Respondendo à necessidade de expandir a área atual no intuito de atender melhor aos usuários e de aumentar a capacidade operacional da cozinha, esta proposta de projeto também explorou o rompimento dos limites espaciais existentes. Assim como no caso anterior, esta solução também incorporou a área de um módulo da estrutura do edifício à cozinha da lanchonete, implicando a redução da área do sanitário feminino adjacente, que foi adequado às normas de acessibilidade estipuladas pela NBR 9050. O banheiro masculino adjacente, no entanto, permaneceu intocado pela intervenção (figura 3.27).

⁴⁶ 1. Inexistência, carência, falta (Houaiss Dicionário eletrônico 3.0.).

⁴⁷ 1. Ato de fluir; 2. escoamento ou movimento contínuo de algo que segue um curso (*Ibid.*)

⁴⁸ 1. Não existência; o que não existe (*Op. cit.*)

⁴⁹ 1. Ato ou efeito de mover(-se); 2. mudança de um corpo de um lugar ou posição para outro; deslocação (*Op. cit.*).

⁵⁰ 1. Espécie de ciclone; ventania devastadora; tempestade, tufão (Houaiss Dicionário eletrônico 3.0).

⁵¹ 1. Porção de vapor resultante de um corpo em chamas (*Ibid.*).

⁵² Vide anexo 2.

Neste projeto, a equipe também criou uma passagem entre o hall da escada e a área da lanchonete, qualificada como novo acesso principal, visando propiciar maior visibilidade, ventilação e facilitar a carga e descarga do estabelecimento em horários fora da utilização regular do edifício. A partir desta abertura, a área do hall dos elevadores, que passou a ser designada como “praça de alimentação”, foi integrada à intervenção. Aí, foram dispostos 64 novos lugares, distribuídos em 16 mesas. Além destes, há mais seis bancos dispostos ao longo do balcão de atendimento, totalizando a provisão de 70 lugares.

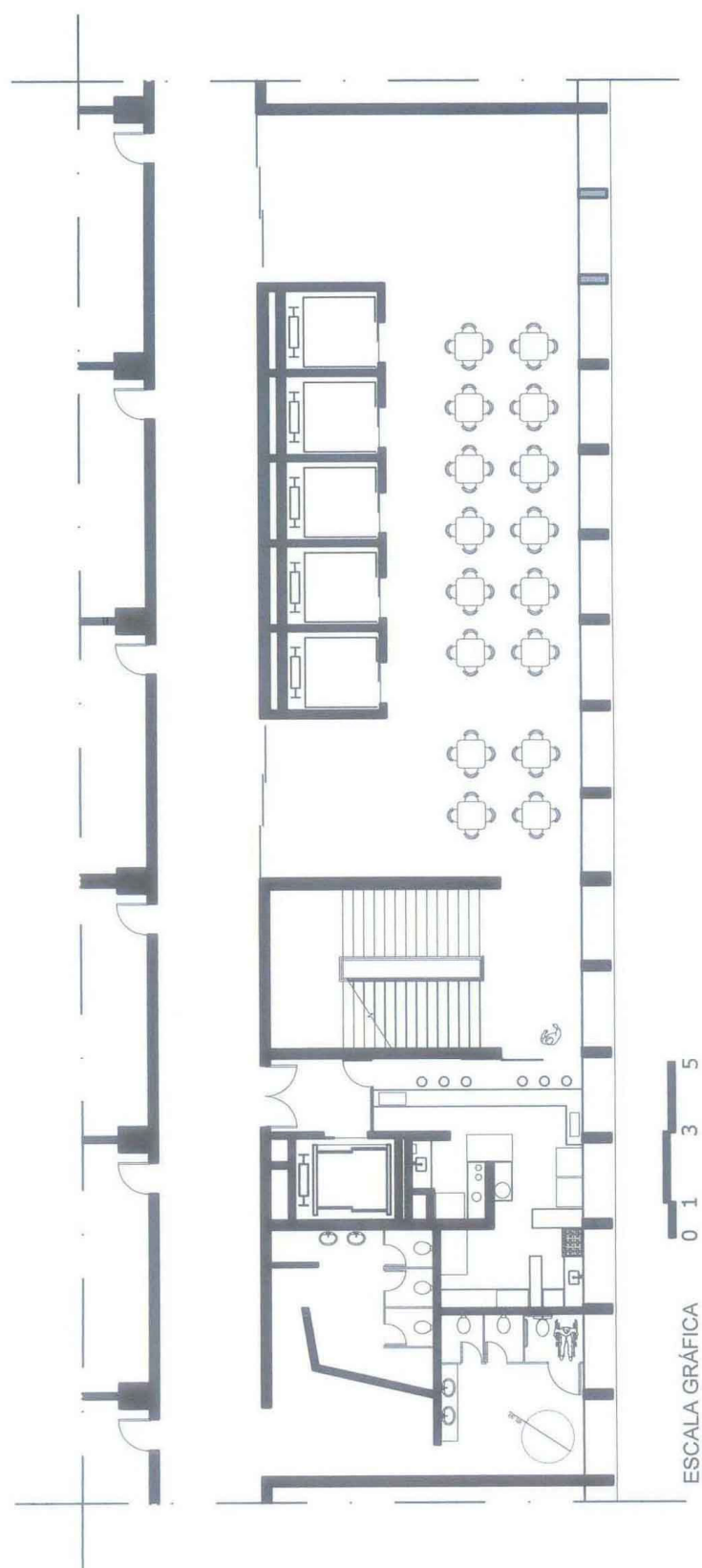


Figura 3.27: Projeto nº 4 - Planta baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção
(Imagem disponibilizada pela equipe nº 4)

Como pode ser identificado no leiaute acima, a equipe manteve em sua intervenção a largura crítica de aproximadamente 95 cm entre a parede que envolve a caixa de escadas e o balcão de atendimento da lanchonete ao longo de metade de sua extensão. Além de servir como corredor de circulação, este espaço também conservou-se destinado à permanência de clientes, posto que aí foram dispostos seis lugares.

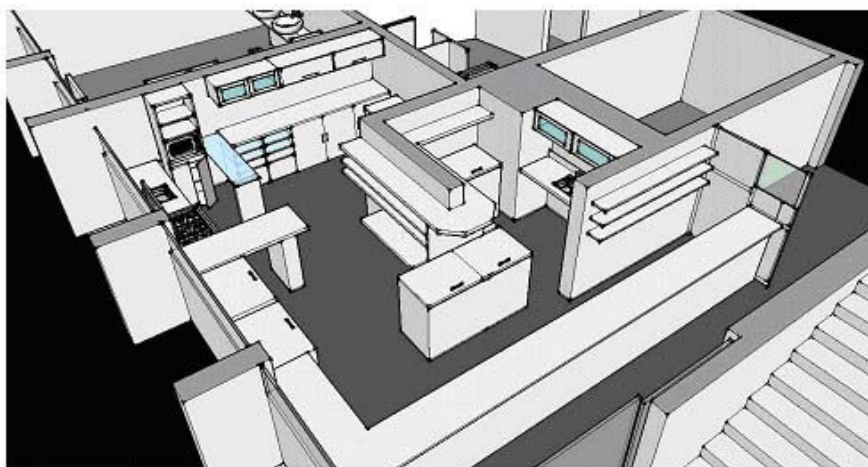
No registro que segue, a equipe relacionou a ideia imposta às diretrizes de desenvolvimento da proposta de leiaute:

*“O leiaute do ambiente (...) procurou como diretriz principal o melhor aproveitamento possível dos equipamentos e mobiliários já disponíveis. Postura essa que encontra eco tanto na demanda da redução de custo de obra, quanto na questão da ideia imposta, **que implica um projeto minimalista**”*⁵³ (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 5).

Compreendendo o conceito de minimalismo como “princípio operacional ou aproximação pela qual se busca alcançar a máxima tensão formal, o máximo impacto intelectual ou sensorial utilizando um mínimo de meios” (TAVARES F., 2008a, p. 1) podemos inferir que, no âmbito conceitual, a relação estabelecida entre a ideia imposta e o minimalismo é sustentável e pertinente. No entanto, esta mesma pertinência ausentou-se por completo da solução arquitetônica desenvolvida, que se revelou basicamente como uma proposta de leiaute (figuras 3.28 e 3.29). Contrariamente ao discurso, portanto, não há no projeto elementos que promovam tensões formais ou impactos sensoriais que possam se alinhar a uma concepção minimalista de arquitetura⁵⁴. Tampouco, a referida demanda pela redução do custo da obra e o aproveitamento de equipamentos e mobiliários existentes podem ser adequadamente relacionados a qualquer alusão ao minimalismo; estes constituem simplesmente alguns dos requerimentos da situação.

⁵³ Grifo nosso.

⁵⁴ Em uma escala de intervenção razoavelmente comparável ao do caso em análise, pode-se reconhecer no projeto da Igreja da Luz de Tadao Ando em Osaka (1989) uma concepção arquitetônica de inspiração minimalista. Na parede do altar, há uma abertura cruciforme que permite a entrada da luz do Sol no ambiente e que se projeta no interior da igreja, provocando marcante impacto visual (Tavares F., *Ibid.*).



Figuras 3.28: Perspectiva nº 1 da lanchonete
(Imagem disponibilizada pela equipe nº 4)



Figura 3.29: Perspectiva nº 2 da lanchonete
(*Ibid.*)

Ainda em um segundo registro, a equipe tenciona prosseguir com a construção das novas pertinências entre abstrações e materialidades:

■ ***“É na área de armazenamento que de fato se materializa a alusão à imagem do furacão e do vácuo. A diretriz trabalhada aqui diz respeito à adequação de um espaço amplo, flexível para adequação futura de novos equipamentos e mobilidade para a disposição dos lixos durante o expediente, por exemplo”***⁵⁵ (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 6).

⁵⁵ Grifo nosso.

Embora o discurso remeta enfaticamente à uma “alusão à imagem do furacão e do vácuo”, esta alusão não se sustenta a partir da argumentação apresentada. Não vislumbramos nenhuma propriedade ou atributo relacionado à palavra-chave “furacão” e ao conceito *vácuo* que possa se associar, de alguma maneira, a ambientes amplos e flexíveis e, também não, à facilidade de deslocamento para a disposição do lixo.

No intuito de conferir identidade visual ao projeto, a equipe propôs a aplicação de uma película adesiva de vinil sobre um trecho das esquadrias da cozinha, aludindo à imagem do vapor d’água que naturalmente emana do aquecimento de bebidas e alimentos (figura 3.30). Esta proposta também foi justificada como uma proteção contra a incidência solar no ambiente, muito embora não tenham sido apresentados parâmetros relativos ao desempenho térmico do material utilizado.

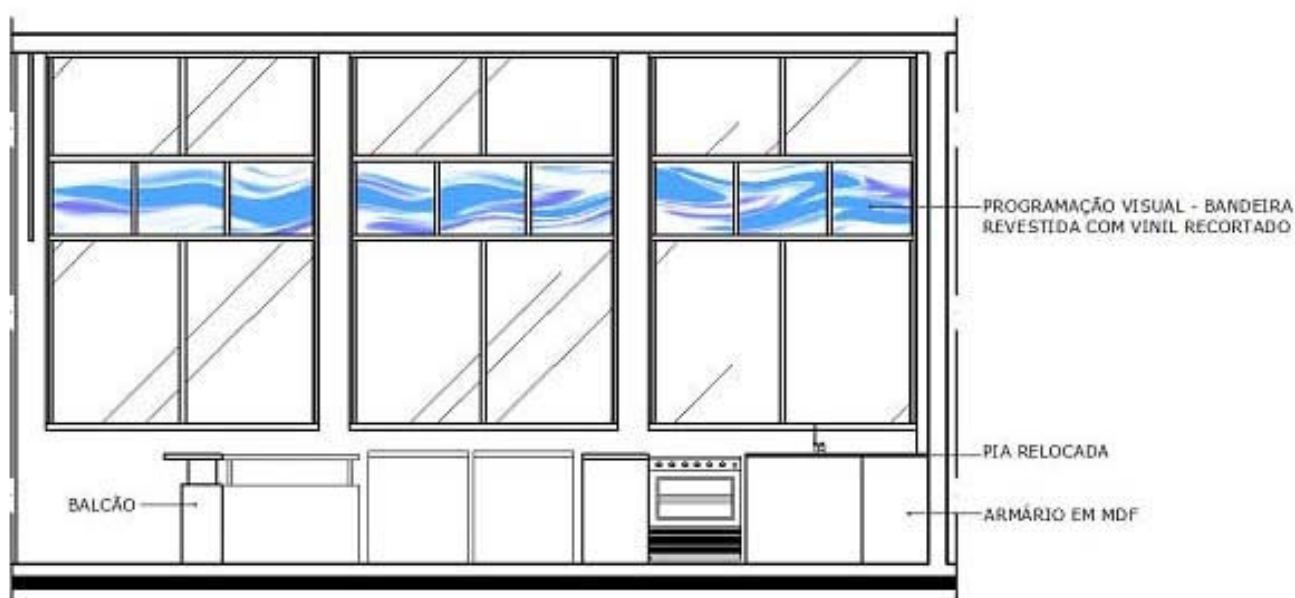


Figura 3.30: Projeto nº 4 – Vista da cozinha
(Imagem disponibilizada pela equipe nº. 4)

A partir da mesma alusão imagética do vapor d’água, um painel em MDF⁵⁶ foi projetado sobre a bandeira da porta destinada ao acesso principal, apresentado como proposta para a logomarca da lanchonete (figura 3.31).

⁵⁶ *Medium-density fiberboard*, conhecido como MDF, é um material derivado da madeira com várias aplicações, e que substitui com vantagens a própria madeira em muitas delas. Destinado principalmente à indústria moveleira, também pode ser utilizado na construção civil como pisos finos, rodapés, divisórias, portas, batentes, balaústres, etc.

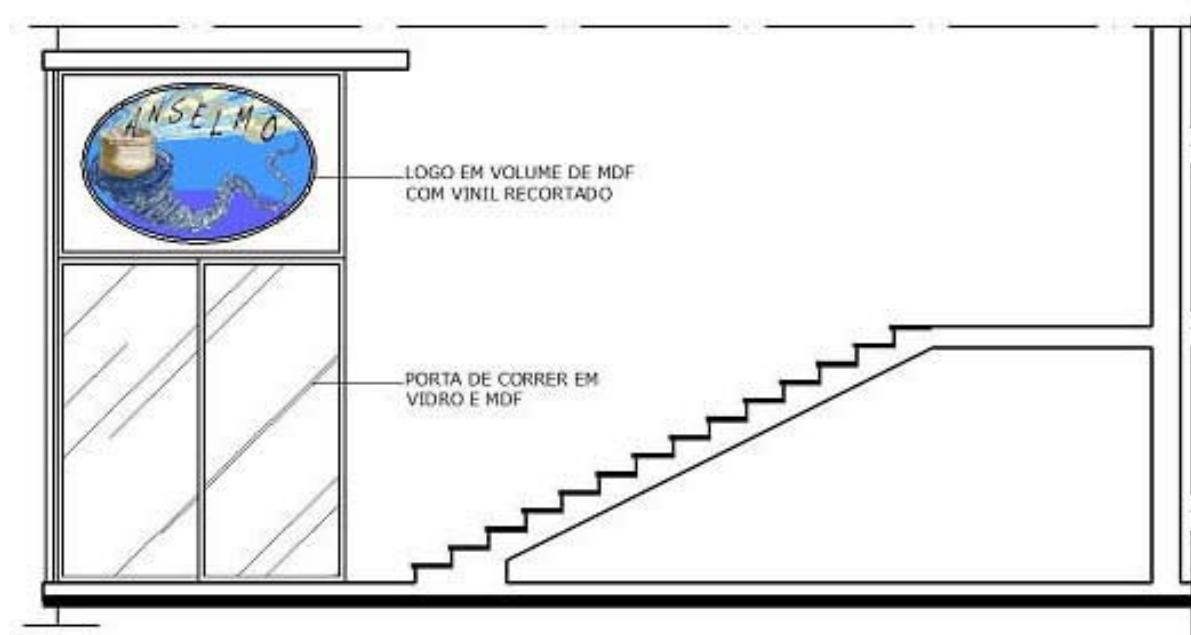


Figura 3.31: Projeto nº 4 - Vista do acesso principal (*Ibid.*)

A figura acima permite identificar que o efeito contextual derivado da principal palavra-chave designada, – “furacão” –, resumiu-se a uma proposta visual de logomarca para o estabelecimento, colocada na bandeira da porta a partir da qual o novo acesso principal foi previsto. Considerou-se esta um efeito contextual positivo para a solução, uma vez que a comunicação visual também constitui uma das atribuições profissionais do arquiteto.

Conclusões

Palavras-chave	Efeitos contextuais
1. ausência	neutro
2. fluxo	neutro
3.. o nada	neutro
4. movimento	neutro
5. furacão	positivo
6. fumaça	positivo

Tabela 3: Projeto nº 4 - Palavras-chave x efeitos contextuais verificados

Os efeitos contextuais produzidos por meio das apropriações realizadas em torno das palavras-chave “fumaça” e “furacão” nos permitiram concluir que esta equipe as desenvolveu a partir de suas literalidades, isto é, em termos estritamente denotativos, sem estabelecer a derivação de sentidos figurados. Portanto, diferentemente da dupla anterior, que cunhou expressões próprias e as articulou alegoricamente na concepção do projeto, neste caso os participantes buscaram reproduzir imagens

representativas destas duas principais palavras-chave adotadas, tendo se valido de suportes físicos como molduras para que os efeitos produzidos fossem evidenciados. As abstrações conceituais, desse modo, foram materializadas na solução arquitetônica tão somente enquanto produtos de programação visual e design gráfico.

A literalidade pela qual estes efeitos contextuais tornaram-se manifestos revelou possíveis obstáculos na estratégia de apropriação do conceito originalmente proposto, relacionáveis à sua natureza radicalmente inusitada em relação aos outros quatro. Voltando-nos para a descrição do registro imagético inicial provocado pelo conhecimento do conceito por um dos participantes, que remeteu à visualização do comerciante sendo sugado para fora da janela do estabelecimento, levantamos questões que conduziram a uma reflexão mais aguçada.

Reconhecemos que este mesmo registro ilustrou a dificuldade de se estabelecer elos de pertinência sustentáveis entre o conceito e o contexto. O conceito, portanto, mostrou-se *inoperante* no contexto deste projeto, o que abre uma prerrogativa negativa em relação à hipótese em teste. Neste mesmo sentido reflexivo, aqui também deve ser destacado que a diminuta proximidade contextual do conceito *vácuo* em relação ao contexto da lanchonete do 5º pavimento requereu um esforço de apropriação ainda mais intenso por esta equipe que, por sua vez, não demonstrou afinidade pelo conceito imposto⁵⁷. Ao longo do processo, estas condições acabaram por se consolidar como dificuldades que detiveram a dinâmica criativa da equipe, tendo impactado o desenvolvimento da solução arquitetônica.

⁵⁷ Conforme pôde ser constatado ao longo da observação não participante do desenvolvimento projetual desta equipe pelo autor.

3.3.5 Projeto nº 5: “pássaro”

Ao ser questionada sobre o primeiro registro mental ocorrido em seguida ao conhecimento do conceito “pássaro”, uma das arquitetas (5A) relatou que pensou na própria imagem literal de um pássaro, e demonstrou insatisfação com a imposição deste conceito por se tratar, segundo a mesma, de uma ideia muito “óbvia” em comparação com os conceitos sorteados para as outras quatro equipes e, por isto, declarou dificuldades em realizar uma abstração mais profunda ou complexa. A segunda arquiteta (5B), contudo, disse ter pensado na ideia de “liberdade”, e a relacionou com o espírito, isto é, com o pensamento dos alunos jovens que cursam a Universidade, e que também são os principais frequentadores da lanchonete.

Abstrações conceituais

No intuito manifesto de não incorrer em digressões relacionadas à idéia imposta que poderiam ser tomadas como “óbvias”, que segundo a equipe equivaleria à própria imagem de um pássaro, as seguintes palavras-chave foram apropriadas para o norteamento do desenvolvimento projetual:

“Na busca pelos significados do ‘pássaro’ partimos do reconhecimento de conceitos óbvios para uma releitura desses conceitos, de modo que os mesmos pudessem ser traduzidos no projeto:

PÁSSARO – VÔO – LEVEZA

VÔO: o ato de voar requer **FLEXIBILIDADE** e permite uma **MOBILIDADE**, sendo possível obter um **DESLOCAMENTO** através das grandes distâncias percorrendo **DIMENSÕES** não só **HORIZONTAIS**, como também **VERTICAIS**.

As palavras **flexibilidade**⁵⁸, **mobilidade**⁵⁹, **deslocamento**⁶⁰, **dimensão horizontal** e **dimensão vertical** foram definidas como ‘palavras-chave’ que irão nortear as tomadas de decisão⁶¹ (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 1-2).

Identificamos uma estrita linearidade no raciocínio utilizado para explicitar a concatenação de ideias desenvolvidas a partir do conceito imposto, que resultou na designação das palavras-chave acima apresentadas. Diferentemente do conceito, que foi intencionalmente prefixado, não houve qualquer orientação indutora para que fosse cumprido um desenvolvimento lógico-sequencial de argumentação; pelo contrário, este experimento ensejou suscitar a geração de abstrações conceituais a partir de associações mais livres e menos evidentes. Contudo, verificamos que a apresentação de um raciocínio linear revelou-se como uma preocupação nítida da equipe.

⁵⁸ 1. Qualidade do que é flexível, maleável; 2. facilidade e ligeireza de movimentos; agilidade, elasticidade, elegância (Houaiss Dicionário eletrônico 3.0);

⁵⁹ 1. Possibilidade de ser movido; 2. possibilidade de ir para outro lugar rapidamente (*Ibid.*).

⁶⁰ 1. Ato ou efeito de deslocar(-se); deslocação; 2. (Deriv. por ext. sentido) mudança (de algo ou alguém) de um lugar para outro (*Op. cit.*).

⁶¹ Grifos das autoras.

Analisando a *semântica* dos cinco termos-chave presentes no trecho citado, consideramos que embora os significados dos vocábulos “flexibilidade” e “mobilidade” sejam distintos, há uma convergência de sentidos entre ambos a partir da relação com o termo *movimento*. Verificamos que a palavra-chave *flexibilidade* ensejou uma clara relação com o conceito – “pássaro” - ao poder ser compreendida como “agilidade, elasticidade, elegância, e facilidade e leveza de movimentos” (Houaiss 3.0). Por sua vez, também pudemos constatar que a palavra-chave *mobilidade* conduziu à designação do termo “deslocamento”, que se torna possível no espaço tridimensional a partir das chamadas “dimensão horizontal” e “dimensão vertical”, segundo a designação das arquitetas. Os significados destes três últimos termos, portanto, encontram-se integralmente abarcados pelo sentido da palavra-chave *mobilidade*, que os torna redundantes nesta abstração conceitual.

Materialidades

Utilizando os espaços contíguos disponíveis para realizar a expansão da área atual da lanchonete, esta proposta também incorporou parte do sanitário adjacente à cozinha, correspondente a um módulo estrutural do edifício, e integrou a área do hall dos elevadores, designado pela equipe como “espaço de convivência”. Assim como também proposto nos projetos nº 1, 3 e 4, a abertura de uma passagem na parede do hall das escadas, destinada ao novo acesso principal do estabelecimento, promoveu a conexão entre um e outro ambiente.

Contudo, diferentemente das demais propostas já analisadas, a *mobilidade* dos usuários foi favorecida neste projeto a partir da completa eliminação dos lugares dispostos ao longo do balcão de atendimento com o intuito, segundo as arquitetas, de desafogar esta circulação. Os 42 lugares provisionados para a permanência de usuários foram distribuídos nas quatro mesas fixas para refeições adjacentes às escadas, e também nas mesas maiores e sofás modulares dispostos no espaço de convivência (figura 3.32).



Figura 3.32: Projeto nº 5 – Planta baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção
(Imagem disponibilizada pela equipe nº 5)

Ao longo de parte do perímetro da caixa de escadas, foram criadas aberturas com fechamento em vidro promovendo a conexão visual entre os ambientes contíguos a esta área (figura 3.33). Segundo a equipe, os mosaicos coloridos propostos para o adorno destas superfícies buscaram resgatar as relações entre a arte e a arquitetura características do Movimento Moderno, procurando assim estabelecer uma associação entre a intervenção arquitetônica em questão e o contexto da edificação que a abriga.



Figura 3.33: Projeto nº 5 – Vista da caixa de escadas
(*Ibid.*)

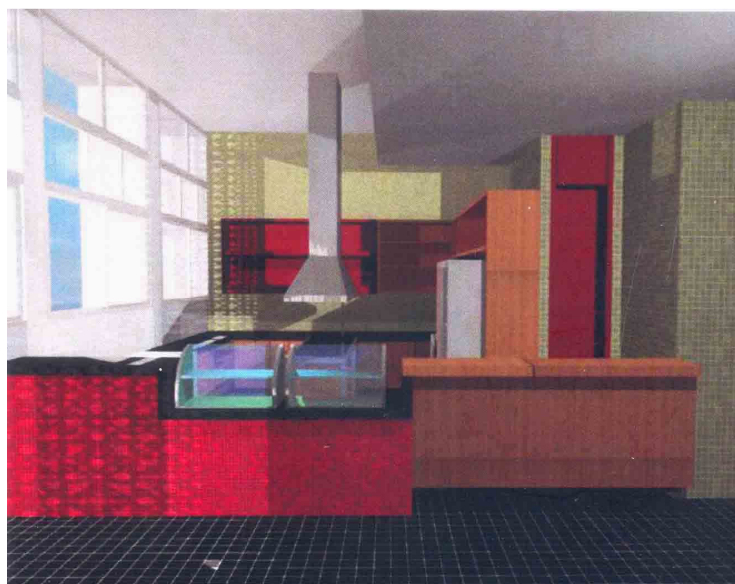


Figura 3.34: Projeto nº 5 - Vista da lanchonete
(*Ibid.*)

Outro aspecto singular desta proposta remete ao leiaute da cozinha: as áreas de exposição, atendimento, preparo, cocção e lavagem foram dispostas em torno de uma ilha central na qual foi colocada a chapa-quente, gerando a necessidade de prover uma coifa para exaustão mecânica (figuras 3.32 e 3.34). A leitura da planta-baixa revela que este leiaute também tende a favorecer a *mobilidade* dos funcionários a partir do provimento de uma circulação interna mais ampla e confortável na área da cozinha. A possibilidade de exercer de maneira potencialmente mais ágil várias tarefas simultâneas, como é usual na rotina de seu funcionamento, tendeu a se reverter em uma intenção de ganho em produtividade para o estabelecimento.

Embora não tenham sido declaradamente referidas como palavras-chave, o discurso da equipe também enfatizou os termos “conexão” e “visibilidade”, que convergem para sentidos muito semelhantes e foram aqui destacados pela produção de efeitos contextuais. As conexões mais expressivas vislumbradas foram as visuais, que ocorreram em duas situações específicas no projeto: tanto as aberturas nas paredes que envolvem as escadas, que possibilitam um considerável aumento da amplitude visual ao espaço arquitetônico (figura 3.33), quanto o leiaute da cozinha, a partir do qual todas as atividades envolvidas no preparo, cocção e lavagem são realizadas à vista dos clientes (figura 3.34).

Baseado na concepção contemporânea de espaço *lounge*, o espaço de convivência foi proposto como um amplo local de encontro e permanência destinado basicamente a alunos, no qual a diversidade e flexibilidade do mobiliário projetado pretendeu induzir à realização de atividades diversificadas como refeições, reuniões em grupo, estudos individuais e exposições. Neste mesmo ambiente, foram dispostos painéis de correr treliçados em madeira para proteção contra a insolação direta, móveis suspensos em chapas de aço perfuradas como suportes para exposições, e para também reduzir visualmente, em alguns trechos, o elevado pé-direito do hall. Além destes elementos, a equipe também propôs a disposição de escaninhos em MDF para a guarda de mochilas, exposições de maquetes e outros usos práticos (figura 3.35).



Figura 3.35: Projeto nº 5 - Vista do espaço de convivência disposto no hall dos elevadores (Imagem disponibilizada pela equipe nº. 5)

Compartilhando a opinião manifesta pela comissão de avaliação, constatamos a partir da observação das figuras 3.33 a 3.35 que a ambiência arquitetônica proposta nesta solução se diferencia consideravelmente da ambiência do contexto no qual se situa o edifício da FAU-UFRJ⁶². Uma ocorrência relevante que se volta para o sentido desta assertiva diz respeito ao fato da equipe, no discurso de apresentação do projeto em seminário, ter declarado que a proposta do espaço de convivência foi concebida em separado do escopo da reforma da lanchonete, e de ter relatado que sua implementação se faria independentemente da primeira. Tal argumento, contudo, revelou-se insustentável pois uma das orientações expressamente indicadas no edital do concurso foi a necessidade de prover um número maior de lugares para a clientela do estabelecimento. E, nesta solução arquitetônica, este provimento somente é possível a partir dos lugares disponibilizados no espaço de convivência.

A partir desta leitura, podemos considerar o fato de que a equipe, na solução desenvolvida, *rejeitou* o contexto arquitetônico do edifício existente, que por sua vez engendrou consequências de grandes proporções relativas à transformação deste contexto em benefício da necessidade de se estabelecer relações de pertinência com o conceito “pássaro”. Findada esta constatação, retomemos o foco do exercício analítico para as palavras-chave.

É possível reconhecer que a intenção de conferir *flexibilidade* e versatilidade aos ambientes projetados se fez presente tendo em vista que a lanchonete passaria a agregar um serviço a mais em

⁶² Vide anexo 3.

seu funcionamento, - a venda das refeições -, e que o espaço de convivência proposto foi destinado a uma multiplicidade de usos, como já comentado. O primeiro dos aspectos acima destacados, no entanto, já se constitui como um dado inerente ao próprio problema.

Buscando atender à economia na execução do projeto, apenas o sanitário feminino sofreu reforma, e as modificações realizadas foram as menos dispendiosas possíveis, como atesta o trecho do discurso abaixo:

“(...) buscamos alterações menos custosas no sanitário. Sendo assim, foram conservados os pontos de localização dos vasos sanitários, evitando interferências demasiadas no piso existente. A alteração dos lavatórios e do tanque também não acarretará alteração no piso, apenas nas paredes” (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 2).

Ainda que proveitosa, a economia de recursos anunciada revelou uma certa contradição de intenções no projeto, já que a proposta de ambientação do espaço de convivência mostrou-se por demais onerosa. No entanto, como já apontado, não foi o aspecto financeiro o que mais desfavoreceu a avaliação da proposta deste ambiente. Em um outro trecho do mesmo memorial, que versa sobre um outro aspecto do projeto, consta a seguinte passagem:

■ *“(...) o segundo desafio estabelecido [pelos condicionantes do projeto] foi buscar a relação dos significados encontrados com o programa: a reforma de uma cantina, **localizada em uma escola de arquitetura e urbanismo** e frequentada por alunos, professores e funcionários”*⁶³ (*Ibid.*, p. 1).

Diferentemente do projeto nº 3, que considerou integralmente a presença do contexto universitário ao qual a situação do projeto encontra-se intrinsecamente vinculada, neste caso as relações estabelecidas não ocorreram com o mesmo grau de integridade. Como já foi dito, embora a proposta de adornar com mosaicos coloridos as paredes da caixa de escadas tenha sido lançada, buscando associar a intervenção à edificação existente a partir de um elo entre a arte e a arquitetura moderna, percebe-se que o intuito de ampliar esta relação não foi continuado no que tange à ambiência conferida ao espaço de convivência.

Quanto aos revestimentos especificados, como já foi descrito as paredes da lanchonete e da caixa de escadas foram recobertas com mosaicos de pastilhas vitrificadas em cores variadas. Na cozinha, este material foi combinado com os revestimentos em laminado melamínico no padrão freijó, aplicados sobre os móveis expositores e balcão do caixa. Os pisos nas áreas destinadas à permanência dos usuários foram inalterados. No que se refere às especificações designadas, não ocorreu qualquer alusão associativa em relação ao conceito imposto.

⁶³ Grifo nosso.

Conclusões

Palavras-chave	Efeitos contextuais
1. flexibilidade	positivo
2. mobilidade	positivo
3. deslocamento	neutro
4. dimensão horizontal	neutro
5. dimensão vertical	neutro

Tabela 4: Projeto nº 5 - Palavras-chave x efeitos contextuais verificados

Como foi visto, a palavra-chave *flexibilidade* foi contemplada na solução arquitetônica a partir da versatilidade assumida pelo espaço de convivência, principalmente. Ainda que sua ambientação tenha sido criticada, os usos variados conferidos a esta área representativa da intervenção validaram a inferência desta relação pelo fato de se ter exercido modificações sobre o contexto, neste caso a partir de sua rejeição.

Contrariamente ao manifesto na ata de julgamento do concurso⁶⁴, que declara que a solução não privilegiou a *mobilidade*, verificamos que a mesma foi contemplada em duas situações: a circulação dos funcionários foi favorecida a partir do novo leiaute proposto para a cozinha, e a dos clientes a partir da eliminação dos bancos atualmente dispostos ao longo do balcão de atendimento.

E, como já foi apontado, as palavras-chave “deslocamento”, “dimensão horizontal” e “dimensão vertical” em verdade guardaram relações semânticas muito próximas às vinculadas ao termo *mobilidade*. Neste sentido, também convém constatar que a construção de uma lógica argumentativa estritamente linear redundou em um discurso que, embora tenha se valido coerentemente do emprego destes termos, regeu uma abordagem da concepção que não produziu, em termos palpáveis e sob alguns aspectos, efeitos contextuais sobre a solução arquitetônica.

⁶⁴ Vide anexo 3.

3.3.6 Projeto nº 6: controle

Abstrações conceituais

Destinada como variável controle do experimento, nenhuma ideia imposta foi fornecida a esta equipe. Neste caso, os participantes foram orientados a desenvolver o projeto livremente, atendendo apenas aos pressupostos e condicionantes inerentes à situação. Espontaneamente, portanto, a equipe se autoimpôs as palavras-chave “racionalidade”⁶⁵ e “funcionalidade”⁶⁶ como diretrizes projetuais. Para ilustrar o sentido associado pelos autores ao termo “racionalidade”, recorremos à citação abaixo:

*“A arquitetura proposta também espelha a tentativa de **racionalizar** o ambiente com o uso de pouca diversidade de materiais tornando-o um ambiente mais puro e simples”⁶⁷* (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 1).

A pouca diversidade de materiais utilizada nesta solução, justificada pela equipe como expressão de racionalização na intervenção arquitetônica, revelou em si um significado estreito do emprego deste termo. Se assumirmos que o conceito de *racionalidade* em arquitetura possa ser compreendido como a aplicação lógica dos processos e técnicas construtivas, o uso otimizado e sustentável dos recursos materiais e humanos disponíveis, e o conceito de *funcionalidade* como os meios mais adequados, eficientes e práticos de se desempenharem atividades e tarefas, é coerente admitir que toda arquitetura, como pressuposto, deva ser racional e funcional, além de também apresentar atributos outros cuja discussão foge deste escopo.

Esta é, contudo, apenas uma elucidação preliminar. Não se trata, portanto, de uma crítica à designação das referidas palavras-chave pois, como a equipe não se vinculou a qualquer ideia preestabelecida, as justificativas conceituais mostraram-se até mesmo desnecessárias neste particular.

Materialidades

No intuito declarado de preservar as características arquitetônicas do edifício e de minimizar os custos de execução do projeto, esta equipe optou pela manutenção dos limites espaciais existentes de maneira semelhante à solução nº 2. Assim, os sanitários adjacentes e o hall dos elevadores não foram incorporadas à intervenção, cujo foco principal se concentrou no atendimento pontual e objetivo das demandas e pressupostos da situação. Sendo esta a única intervenção arquitetônica que não interferiu sobre o hall dos elevadores de alguma maneira, os espaços afetados por sua abrangência

⁶⁵ 1. Qualidade ou caráter do que é racional, lógico; 2. propensão para encarar fatos e ideias de um ponto de vista puramente relativo à razão (Houaiss Dicionário eletrônico 3.0).

⁶⁶ 1. Qualidade de funcional; 2. emprego, exercício, atividade (*Ibid.*).

⁶⁷ Grifo nosso.

se resumiram à própria área atualmente já ocupada pela lanchonete e às imediações de seu acesso, no corredor do pavimento (figura 3.36).

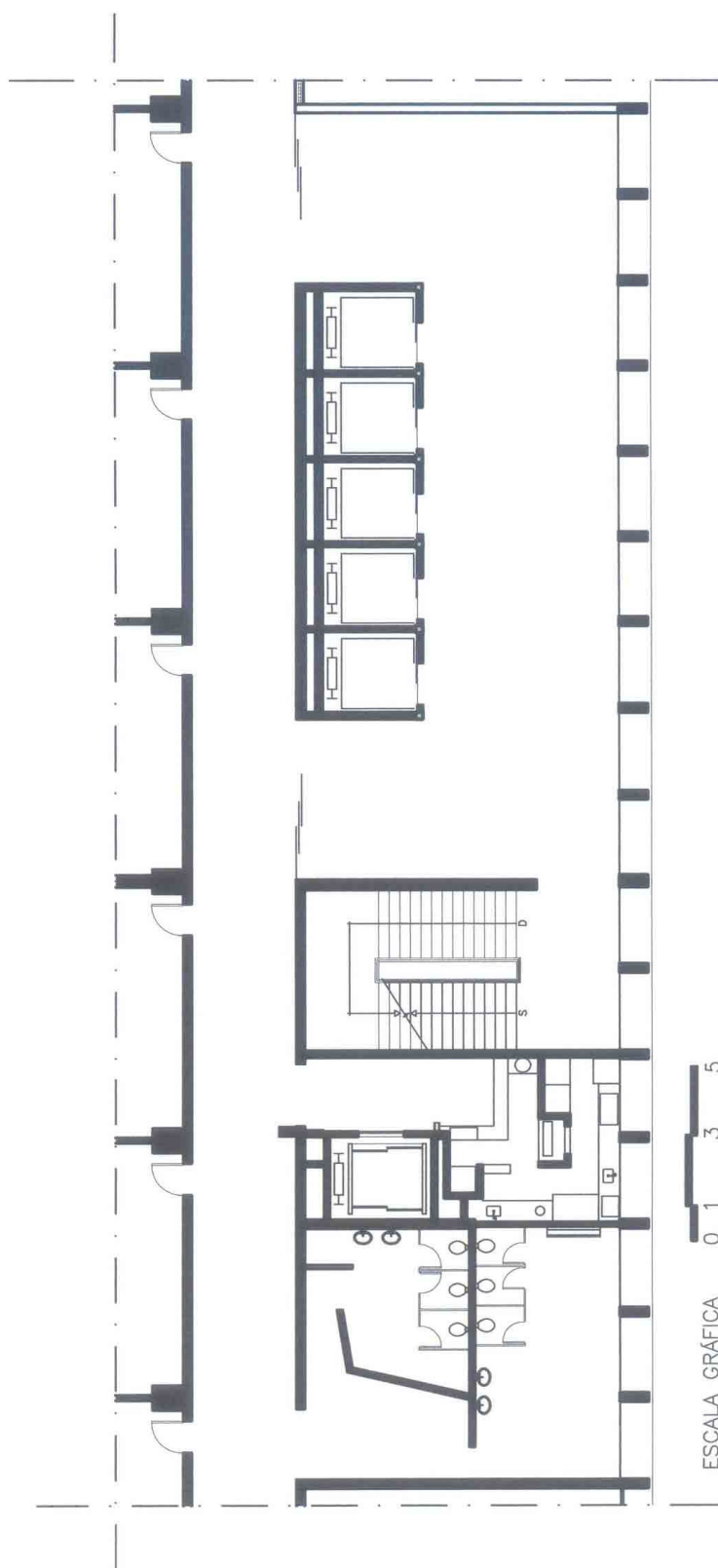


Figura 3.36: Projeto nº 6 – Planta baixa do 5º pavimento: trecho da intervenção (Imagem disponibilizada pela equipe nº 6)

Para sinalizar o acesso à lanchonete, foi proposto no corredor do edifício um marco vertical em gesso acartonado pintado em vermelho (figura 3.37).

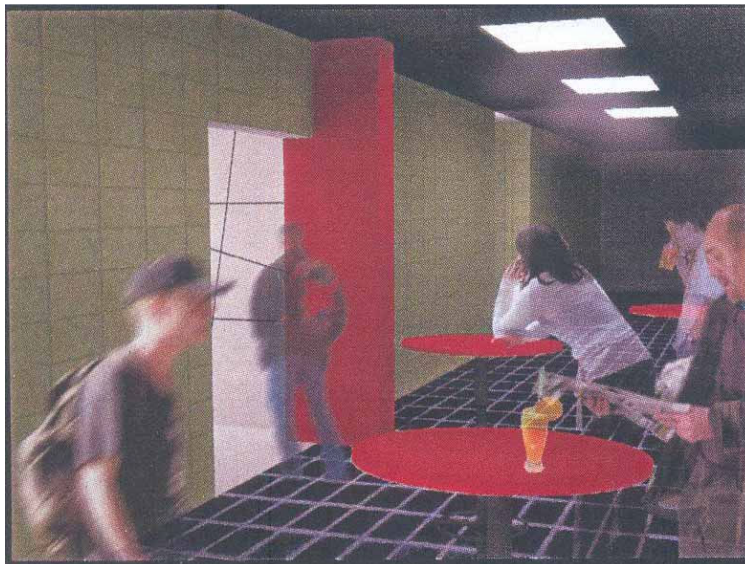


Figura 3.37: Projeto nº 6 – Acesso à lanchonete a partir do corredor
(*Ibid.*)



Figura 3.38: Projeto nº 6 – Vista da lanchonete a partir do acesso
(*Ibid.*)

As áreas de preparo da cozinha e de atendimento da lanchonete foram ligeiramente ampliadas a partir da agregação da pequena área atualmente destinada à permanência de usuários, que por sua vez foi deslocada para o próprio corredor principal do edifício, mobiliado com conjuntos esparsos de

mesas altas e bancos facilmente transportáveis⁶⁸, e também para o hall dos elevadores. Apesar da intenção de buscar requalificar o amplo corredor do edifício como uma área que também pode vir a se tornar um lugar de permanência, ampliando assim suas possibilidades de uso, a proximidade relativa do mobiliário proposto às salas de aula tendeu a acentuar o nível de ruído no local, que já é considerado indesejavelmente elevado.

Considerado um aspecto positivo por usuários e funcionários na configuração espacial atual e que foi mantido nas demais propostas projetuais apresentadas, o contato visual dos clientes com as áreas de preparo e cocção da cozinha foi obstruído neste projeto. Por detrás do balcão de atendimento, cujo comprimento original de 6,0 m foi reduzido para 3,65 m, foi proposto o erguimento de uma parede de aproximadamente 1,80 m de altura (figura 3.39).

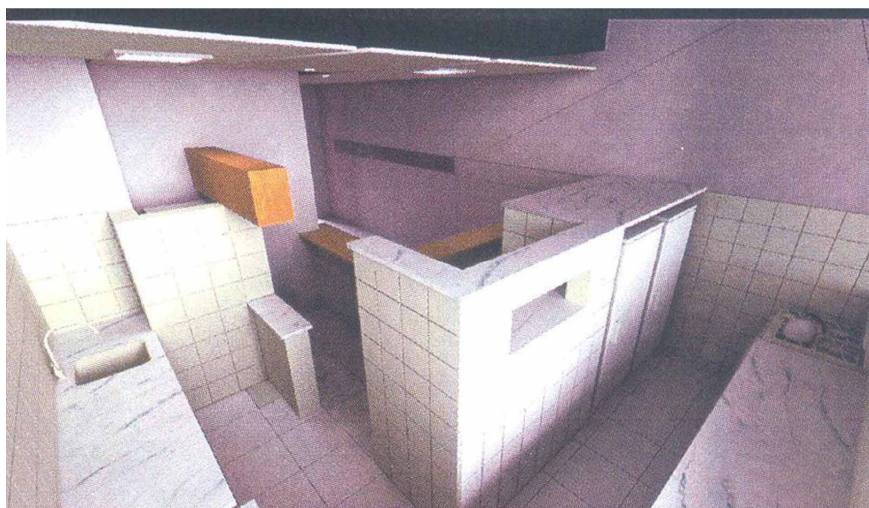


Figura 3.39: Projeto nº 6 – Vista da cozinha (*Ibid.*)

Segundo a equipe, esta redução no comprimento do balcão de atendimento não prejudicaria ainda mais o atual tumultuado processo de pedir, atender, pagar e servir. O argumento proposto para a solução deste problema não se baseou em uma proposta realizável no âmbito arquitetônico: a equipe sugeriu que fossem implementadas modificações de natureza gerencial, isto é, modificações nos procedimentos relativos à administração operacional do estabelecimento. Sugeriu-se, para tanto, a adoção de um sistema de fichas para o ordenamento dos pedidos: após receber uma ficha, o cliente apenas retornaria ao balcão para retirar o seu pedido, e o alimento seria consumido no próprio corredor do edifício ou na área do hall dos elevadores, já que o projeto não fixou lugares determinados para esta finalidade. O trecho abaixo visa justificar esta decisão projetual:

⁶⁸ Não representados na planta-baixa da figura 3.37.

“(...) Com esta redução do balcão, melhoramos a área de cocção e induzimos a mudança de procedimento, obrigando a que o balcão sirva tão somente para compra de ficha e retirada dos pedidos. Ficando as áreas do corredor e/ou hall dos elevadores para a colocação de mesas e cadeiras removíveis” (Trecho extraído do respectivo memorial descritivo e justificativo, p. 1).

Cabe ressaltar que duas das decisões absolutamente determinantes no êxito do projeto, que dizem respeito tanto à manutenção das áreas existentes quanto à significativa redução do comprimento do balcão de atendimento, foram integralmente condicionadas a uma variável não arquitetônica agregada à situação, que consiste na necessidade de modificação dos procedimentos gerenciais e operativos do estabelecimento. De acordo com a equipe, esta foi a solução mais “racional” vislumbrada para tornar viável o necessário aumento das áreas de cocção e armazenamento da cozinha, decorrentes da nova demanda de servir refeições, sem provocar o rompimento dos limites espaciais atuais.

Quanto às especificações, o piso existente da cozinha foi substituído por um cerâmico antiderrapante e, na área de atendimento, o revestimento utilizado foi o cimento queimado. As paredes nas áreas de atendimento, preparo e cocção da lanchonete foram revestidas com cerâmica branca até aproximadamente 1,80m e, acima deste nível, estas superfícies foram recobertas por uma camada de cimento queimado com verniz. O teto da lanchonete foi rebaixado com forro inclinado em gesso, no qual foram dispostas luminárias de embutir (figura 3.38).

Conclusões

Como já apresentado, a equipe espontaneamente designou as palavras-chave “funcionalidade” e “racionalidade” como diretrizes para a ação projetual.

Palavras-chave	Efeitos contextuais
1. racionalidade	positivo
2. funcionalidade	positivo

Tabela 5: Projeto nº 6 - Palavras-chave x efeitos contextuais verificados

Apesar da equipe não ter explicitado os efeitos contextuais especificamente produzidos a partir de decisões projetuais mais diretamente associadas às referidas palavras-chave, é possível reconhecer suas ocorrências a partir de aspectos fundamentais do projeto tais como a pequena variedade dos materiais empregados e, sobretudo, a proposta de modificação dos procedimentos operativos do estabelecimento, o que justifica a designação “positivo” assinalada na segunda coluna da tabela.

Conclusões do capítulo

No que concerne à natureza dos resultados obtidos a partir do exercício projetual realizado, cabe ressaltar que o fato de cinco das seis equipes participantes terem espontaneamente designado palavras-chave como estratégia de aproximação ao projeto, - inclusive a equipe nº. 6, destinada como variável controle do experimento -, revelou-se significativo. No entanto, houve neste ponto uma divergência em relação às estruturas graduadas de pertinência (Rosch, 1983), segundo a qual estas palavras-chave figurariam como os atributos subjetivamente mais representativos dos conceitos. Em algumas das ocorrências apontadas ao longo deste capítulo, as relações semânticas estabelecidas das palavras-chave com seus respectivos conceitos revelaram-se inconsistentes. Esta constatação, porém, não implicou necessariamente a ausência da produção de efeitos contextuais.

Como concluído na análise do projeto nº 4, por exemplo, os termos-chave “ausência” e o “nada”, ainda que claramente relacionados ao conceito *vácuo*, não produziram qualquer efeito contextual na solução apresentada. Inversamente, a situação contrária também foi verificada: palavras-chave designadas que se revelaram inconsistentes em relação ao conceito imposto favoreceram a produção de efeitos contextuais positivos, como no caso do projeto nº 3 – *operário* -, com os termos “flexibilidade” e “legibilidade”. Concluímos, assim, que a apropriação estratégica de palavras-chave para a concepção do projeto em nada resultou se o ato da recontextualização para com a situação concreta não for bem conduzido. Precisamente, é nisto que consistem as ressignificações que conferem validade às possíveis relações estabelecidas entre o insólito e o factível.

O caso do projeto nº 2, por exemplo, ilustrou com propriedade um aspecto análogo pertinente a esta discussão: apesar de ter atendido plenamente a um dos objetivos almejados no exercício projetual, - a indução abstrativa para a concepção do projeto a partir de inputs estranhos ao domínio arquitetônico -, a solução projetual desenvolvida não foi considerada adequada pelos avaliadores. Diferentemente da construção discursiva apresentada pelos autores do projeto vencedor, que detém uma incongruência insustentável⁶⁹, a lógica argumentativa neste caso não apresentou falhas. Desse modo, como já foi dito, a materialidade arquitetônica da solução projetual nº 2 contradisse radicalmente o sentido do discurso que a fundamentou.

No que se refere à avaliação da adequação das soluções arquitetônicas apresentadas, a comissão de julgamento do concurso elegeu o projeto nº 3 como o vencedor do concurso, e concedeu menção honrosa ao projeto nº 1. Precisamente, ao se percorrer o presente capítulo, pode-se constatar que estas foram as duas propostas que produziram o maior volume de dados relevantes para alimentar o exercício analítico desenvolvido ao longo do presente capítulo.

⁶⁹ Referente à substituição do conceito imposto - “operário” - pela expressão “fluidez da informação” como diretriz para a concepção do projeto.

No entanto, esta inferência por si só não é capaz de levantar indícios que conduzam a antecipações conclusivas, mas sim que estas duas equipes se empenharam detidamente em suas pesquisas iniciais, voltadas para o desenvolvimento de soluções arquitetônicas orientadas pela apropriação de seus respectivos conceitos inusitados⁷⁰. Nestes dois casos, pode-se argumentar que o esforço de apropriação despendido na realização destas pesquisas tendeu a auxiliar o processo de concepção das soluções efetivamente desenvolvidas e que, segundo a aferição da comissão julgadora, foram julgadas mais adequadas do que as demais.

Ainda diante das considerações relativas às soluções arquitetônicas propostas pelas equipes nº 3 e nº 1, pode-se reconhecer que, sob um aspecto particular, estratégias de aproximação opostas foram desenvolvidas. Enquanto a nº 3 se dedicou à adaptação do conceito ao contexto, isto é, o mote “operário” ao contexto modernista do edifício no qual a lanchonete do 5º pavimento se situa, adotando este mesmo contexto como referência para o projeto, a nº 1 buscou adaptar o próprio contexto do edifício ao conceito “vírus”. Como foi destacado na avaliação das soluções pela banca do concurso, a ambiência arquitetônica comunicada pelas figuras 3.16 e 3.17 remete à de uma lanchonete que se coloca à parte do contexto existente. E, segundo a mesma avaliação realizada, este preciso sentido de pertinência, - que concerne à sensibilidade ao contexto -, foi a qualidade que motivou a decisão pela solução vencedora⁷¹.

Neste ponto, torna-se necessário destacar o relativismo dos valores levados em consideração no ato do julgamento das avaliações das seis propostas arquitetônicas. A decisão de apontar a solução nº 3 como vencedora foi determinada especificamente pelos indivíduos que constituíram a comissão de avaliação do referido concurso. Se as soluções houvessem sido julgadas por um conjunto outro de indivíduos, é relevante levantar que os resultados poderiam ter sido diferentes. A partir desta colocação, consideramos que as propriedades definidoras do atributo *pertinência* são mutáveis, passíveis de sofrerem modificações em função dos sistemas de valores dominantes em diferentes contextos.

Perante as soluções arquitetônicas analisadas, cabe ainda reconhecer a ocorrência das possíveis intercambialidades que permeiam o raciocínio analógico, tendendo a favorecer a ampliação dos mecanismos de construção de sentido operantes entre o ideal e o material. Esta versatilidade permite com que os conceitos utilizados adquiram propriedades de certo modo nômades, isto é, que se configuram como propriedades adequáveis às características próprias de diferentes contextos. Por exemplo, o forro-luminária desenvolvido no projeto nº 1 – *vírus* -, efeito contextual resultante da apropriação da palavra-chave “simetria”, também poderia ter sido proposto com propriedade pela

⁷⁰ Conforme também pôde ser verificado ao longo da observação não participante sobre o desenvolvimento projetual destas duas equipes pelo autor.

⁷¹ Vide anexo 4.

equipe do projeto nº 5 – *pássaro* - , tendo em vista que o objeto guarda alguma semelhança visual com a imagem de um pássaro de asas abertas (figura 3.16).

Continuando nossas considerações conclusivas, este exercício de análise também permitiu verificar que, a partir da afetividade dos participantes pelos conceitos impostos e, sobretudo, a partir do grau de proximidade contextual na construção do sentido de pertinência, certos conceitos se revelaram mais inusitados do que outros. No caso pesquisado, as equipes que desenvolveram soluções a partir dos conceitos “operário”, “engrenagem” e “vírus” obtiveram um maior êxito em suas apropriações conceituais para o ato projetual do que os grupos que trabalharam a partir das palavras “vácuo” e “pássaro”.

Nos trabalhos apresentados pelas equipes que receberam as palavras “vácuo” e “pássaro” como conceitos, houve hiatos entre os núcleos conceituais e o contexto da situação que se revelaram tão extremos, que a necessidade imposta de desenvolver abstrações a partir dos mesmos foi verificada como contraproducente para a viabilização das soluções, sobretudo pelo tempo excessivo gasto em elucubrações que se revelaram inférteis. No entanto, também não se pode afirmar, em absoluto, que as mesmas vias de apropriação utilizadas nestes casos seriam necessariamente repetidas por outras mentes criativas.

De outro modo, contudo, vale lembrar que a palavra “operário” também não guardou obviedade alguma com o contexto apesar de ter nitidamente orientado o trabalho por meio de uma relação estabelecida com a arquitetura moderna e o seu ideário social.

Cabe ressaltar, adicionalmente, a particularidade da equipe nº. 1 – “vírus” – em que a influência do parâmetro afinidade foi significativo. Neste caso, apesar do hiato entre o núcleo conceitual e o contexto de projeto também ter sido expressivo como em “pássaro”, por exemplo, foi notório perceber que as participantes se identificaram com o conceito e se viram motivadas para trabalhar a partir dele. Mas em meio a este particular, é importante relembra que algumas das supostas relações construídas entre conceito, palavras-chave e efeitos contextuais se revelaram como elementos astuciosamente articulados apenas no âmbito do discurso, muito embora a avaliação desta solução arquitetônica tenha resultado mais adequada do que soluções regidas por lógicas discursivas perfeitamente coerentes e sustentáveis.

Por fim destacamos que, como já apontado nas considerações metodológicas do capítulo, a decisão de dividir os arquitetos participantes deste experimento em duplas deveu-se à intenção de fazê-los desenvolver e exteriorizar, a partir de discussões travadas com um interlocutor, argumentos válidos e persuasivos para a condução de uma concatenação argumentativa mais bem embasada. A observação da dinâmica de trabalho desenvolvida por algumas das equipes, porém, permitiu detectar acentuadas divergências relativas às apropriações conceituais e decisões projetuais. Nestes casos,

os participantes viam-se forçados a conduzir negociações entre si, abrindo mão de algumas ideias para que se pudessem implementar outras proposições.

Conclusões

Retomando o foco desta discussão para a hipótese levantada no início da pesquisa, chegamos aos termos de poder tecer considerações de teor conclusivo. Originalmente, conjecturamos que apropriações arquitetônicas de conceitos inusitados contribuem para a criação de circunstâncias que favorecem a dinamização do processo de concepção.

A realização deste estudo possibilitou inferir que os conceitos inusitados propostos no experimento atuaram indiretamente, impelindo os arquitetos participantes do concurso a descontextualizarem a situação do projeto para que, a partir das mais diversas associações analógicas, se tornasse possível o exercício de construção de novas relações de pertinência entre as preexistências contextuais e o inusitado. Como já apontado, cinco das seis equipes espontaneamente designaram palavras-chave como “diretrizes projetuais”, sobre as quais muitas das interseções construídas revelaram-se inconsistentes em seus discursos, muito embora a efetiva agregação de perspectivas não óbvias às soluções projetuais tenha sido reconhecida como um ganho perceptivo e cognitivo em algumas das propostas.

De fato, e de maneira diferente do que se havia suposto inicialmente, os conceitos inusitados - deliberadamente alheios ao domínio da arquitetura - não foram apropriados como *geradores primários* das soluções arquitetônicas. No entanto, verificou-se que estes elementos estranhos impactaram o processo conceptual ao provocar uma *reação* no contexto, motivando os arquitetos a tomarem decisões projetuais das quais, de outra maneira, possivelmente teriam se absterido. Neste particular, tal constatação tornou-se evidente na proposta arquitetônica apresentada pela equipe nº 6 – variável controle do experimento, que não recebeu conceito algum para ser trabalhado ao longo do processo. Da primeira aproximação à resolução do projeto, os arquitetos não conseguiram levantar outras questões que não fossem as mais evidentes possíveis, materializadas inexpressivamente na solução.

Este resultado pode ser colocado em perspectiva no âmbito da prática profissional, em que se pode verificar a prevalência de uma numerosa produção arquitetônica construída que carece da nuance, da sutileza pela qual se pode conseguir resgatar a expressividade essencial da obra arquitetônica. E esta nuance pode ser significada a partir da motivação adicional que um condicionante preferencialmente autoimposto desencadeie, para que o parâmetro “afinidade” seja plenamente absorvido, no sentido construtivo da influência.

Em se tratando desta variável, cabe conjecturar como se revelariam as soluções arquitetônicas resultantes do experimento realizado se fosse concedida a oportunidade das equipes selecionarem seus próprios conceitos. Em três das seis equipes pesquisadas - nºs. 1, 2 e 3 - ambos participantes das duplas demonstraram afinidade pelo conceito imposto, estando entre estas a solução julgada vencedora e também a segunda proposta julgada mais adequada. Nas equipes nºs. 4 e 5, pelo menos um dos participantes da dupla não demonstrou afetividade pelo conceito imposto, e a avaliação da comissão examinadora sobre ambos projetos não foi favorável. Portanto, mesmo que os participantes não tenham obtido a opção de definir espontaneamente

seus próprios conceitos, os resultados alcançados demonstraram indícios expressivos de que a variação deste parâmetro – a afinidade – altere significativamente a produção de efeitos contextuais ao longo do processo de concepção das soluções projetuais. Neste ponto, constatou-se que esta variável constituiu um claro limitador metodológico na realização do experimento.

Ampliando a abrangência desta inferência, aventamos que quando em uma dada situação houver uma necessidade consciente de se apropriar de algum input alheio à esfera da arquitetura para a concepção do projeto, a escolha naturalmente tende a ocorrer, primeiro, a partir da afinidade individual do arquiteto para com este input. E a afinidade, evidentemente, tende a facilitar todo o processo de concepção – desde a descontextualização da situação até a materialização da solução.

O valor patrimonial do edifício também se conformou como um notório obstáculo para um desenvolvimento mais livre das soluções. A comissão de avaliação do concurso, inclusive, adotou uma posição conservadora que tendeu a preservar ao máximo este quesito ao examinar as propostas, evidenciando suas próprias preconcepções relativas às possibilidades de transformação destes valores. Assim, aquelas propostas que destoaram da linguagem arquitetônica existente foram alvos de críticas específicas neste sentido. A partir desta posição, emergiu a constatação de que a qualidade inusitada de um input pode ser apropriada mais ou menos eficientemente em função das características dos contextos. E estas especificidades tendem a se reverter em condicionantes mais ou menos restritivos de acordo com as possibilidades, isto é, com as condições de flexibilidade ou maleabilidade comportadas pelos contextos, que por sua vez serão condições determinantes para se apurar suas próprias capacidades de abrigar soluções projetuais imbuídas de linguagens arquitetônicas destoantes das preexistências contextuais. Por sua vez, também é cabível considerar o sentido inverso desta colocação: até que ponto as características de determinados contextos também podem ser transformadas a partir de uma apropriação exitosa do conceito? Esta conjectura, inclusive, foi contemplada pela equipe nº 1 – vírus - que em seu discurso argumentou, a partir da palavra-chave “contágio”, que a intervenção arquitetônica da lanchonete poderia vir a conferir uma nova identidade ao 5º pavimento do edifício no qual se situa.

Ainda, o pequeno porte da escala do projeto e o elevado grau de condicionamento do contexto – relativo a questões além das menções específicas acima concluídas – também constituíram dificuldades inerentes à situação. O próprio enunciado do exercício projetual já indicou as limitações relativas às possibilidades de expansão da lanchonete, que praticamente se resumiram à incorporação das áreas imediatamente adjacentes¹. Por um lado, o apontamento destas limitações exerceu uma implicação favorável sobre as orientações de desenvolvimento das soluções projetuais, ao impossibilitar possíveis apropriações conceituais baseadas em excentricidades figurativas que ambientes fechados como salas de aula atualmente ociosas

¹ Vide anexo 1.

provavelmente incitariam. Paradoxalmente, o apontamento de espaços arquitetônicos mais fluidos e menos delimitados para a intervenção, como os amplos halls dos elevadores, levantou um grau de dificuldade que, no entanto, ofereceu o potencial de ensinar soluções menos evidentes e mais instigantes, dependendo essencialmente da disposição dos arquitetos em imergirem no propósito do experimento.

Encerrando o levantamento das limitações metodológicas encontradas, voltamos à discussão conclusiva da tese, onde se pôde verificar que os conceitos inusitados lançados no experimento desempenharam a função de *reagentes primários* na concepção das soluções arquitetônicas, tendo suscitado a produção de efeitos contextuais que se reverteram - ou não - positivamente nas propostas apresentadas. Esta condição, no entanto, não se correlacionou a possíveis limitações metodológicas inerentes à estratégia, mas sim a prováveis falhas nas etapas de ressignificação das abstrações conceituais, isto é, quando ocorrem as inevitáveis e absolutamente necessárias adequações frente às contingências contextuais. Reconhecidamente, este é um estágio delicado de todo o processo da concepção, mas cuja consecução é plenamente realizável.

Apesar dos indícios até então favoráveis concernentes ao resultado satisfatório da estratégia em exame, admitimos que houve casos, como relatado no capítulo anterior em relação às equipes nº 4 – “vácuo” e nº 5 – “pássaro”, em que os reagentes não conseguiram “fazer reagir”, tornando-se inoperantes em face à situação enfrentada. Nestes casos, as interseções encontradas pelas equipes como resultantes das buscas realizadas para a criação de novas pertinências não alcançaram êxito. Dado o grande hiato entre os pólos conceitual e contextual, as reconstruções de sentido mostraram-se nestes casos demasiadamente morosas e difíceis. Assim, contradizendo um dos aspectos hipoteticamente levantados, não foi verificado que a recorrência a alguns dos conceitos inusitados utilizados não tenha prejudicado o plano de viabilidade das soluções. Esta constatação é muito expressiva pois demonstrou que, na situação dada, houve um determinado estágio a partir do qual não se tornou mais favorável, conveniente, válido ou útil buscar a construção das relações de pertinência. A conclusão que se pode inferir a partir daí é que os conceitos inusitados funcionam como reagentes que podem ou não “fazer reagir” a situação de concepção. E quando não o fazem, não é conveniente que se permaneça na mesma via de exploração, procurando-se algum outro reagente com maior capacidade de reação, ou seja, com potencialidades de apropriação mais favoráveis. Baseado nos resultados desta pesquisa, sustentamos que a maneira mais adequada de se averiguar esta condição se dá precisamente a partir de designações pautadas no parâmetro afinidade.

Sobre um outro aspecto, as análises realizadas das seis soluções arquitetônicas se aproximaram de um conceito que também pode ser colocado em uma perspectiva mais ampla. Mais do que uma busca pela construção da noção de “pertinência”, foi observado que as equipes se empenharam no sentido de buscar criar condições de *coerência* que satisfizessem o *propósito* do projeto, isto é, sobre o que o projeto pretende. Assim, a proposta projetual que alcançou maior

coerência – sobretudo relativa ao contexto e ao perfil do cliente - foi julgada a mais adequada pela comissão de avaliação.

Neste sentido, apontamos que o parâmetro *coerência* pode ser contemplado a partir de pelo menos três vieses: a coerência do discurso em si mesmo, isto é, a conformidade necessária à lógica argumentativa para a obtenção de um sentido coeso na exposição discursiva da solução; a coerência da solução arquitetônica em si mesma, considerando que o projeto também constitui um tipo de discurso, cujo ampliado escopo pela obtenção da coerência se verifica desde uma mera combinação harmoniosa de revestimentos, à proporcionalidade relativa entre ambientes, à adoção de um conjunto de resoluções técnicas ou, em um sentido superlativo, a partir da solene condição possível de agregar as qualidades representativas da materialização de toda uma cultura. No terceiro viés, reconhecemos a busca pela coerência da apresentação discursiva da solução arquitetônica em relação à sua própria configuração espacial em termos, por exemplo, das articulações entre as partes arquitetônicas e do sentido presumido de totalidade arquitetônica. Neste particular apontamos que, na medida em que a aproximação da solução sofre adequações necessárias à sua realização ao longo do processo de concepção, sua argumentação discursiva também é modificada. Com isto, chega-se à implicação de que, após a etapa do reagente primário, o discurso se torna paulatinamente subjugado, até o ponto em que se constitui dominado pelo “projeto desenhado”, até que sua plena condição de viabilidade se torne satisfeita.

Por fim, ressaltamos que apesar de se ter concluído que a maioria dos conceitos inusitados utilizados no experimento operou como um reagente primário na concepção arquitetônica tendo produzido efeitos contextuais, uma qualificação mais precisa sobre o potencial da estratégia ainda não é conhecida, insinuando a necessidade de posteriores investigações. Nesta mesma linha experimental, sugerimos que a natureza do input inusitado – alheio à arquitetura - não necessariamente se atenha a palavras. Além destas, seria altamente instigador verificar os efeitos contextuais - que por sua vez poderiam conduzir a ganhos em pertinência das soluções - produzidos a partir do input oriundo de uma imagem desconhecida, por exemplo, de uma dobra aleatória em uma folha de papel² ou mesmo da sonoridade de um motivo ou de uma frase musical.

O ensino do projeto, também, constitui outra fértil frente de pesquisa para tais explorações, devido ao elevado potencial para a obtenção de resultados expressivos. A realização de um experimento similar ao aqui desenvolvido por estudantes de graduação ao invés de arquitetos profissionais, que já detém uma gama de preconcepções oriundas de suas próprias trajetórias profissionais, por exemplo, evidenciaria até que pontos e em que sentidos o apego a estas preconcepções condiciona as maneiras pelas quais os problemas arquitetônicos são estruturados pelos projetistas. O intuito, neste caso, seria verificar as implicações que diferentes “modos de ver” têm

² Esta investigação específica se encontra em desenvolvimento por Hilton Berredo em sua tese de doutorado, também vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da FAU-UFRJ.

sobre a concepção do projeto, e de que maneiras estas mesmas preconcepções moldam os resultados alcançados.

Bibliografia

BARKI, J. **O Risco e a Invenção: Um Estudo sobre as Notações Gráficas na Concepção do Projeto**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB-FAU-UFRJ, 2003.

BARSALOU, L. W. "The instability of graded structure: implications for the nature of concepts". *In*: NEISSER, U. (ed.) **Concepts and conceptual development: Ecological and intellectual factors in categorization**. Cambridge MA: Cambridge University Press, 1987, p. 101-140.

BOUTINET, J. P. **Antropologia do Projeto**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CENIQUEL, M. **A Prática Arquitetônica como Forma de Elaboração de uma Crítica Arquitetônica: O Estudo da Operacionalidade de uma Metateoria**. Dissertação de mestrado. FAU-USP, 1990.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CHUPIN, J.P. "As Três lógicas Analógicas do Projeto em Arquitetura : do impulso monumental à necessidade de pesquisa passando pela inevitável questão da 'ensinabilidade' da arquitetura". *In*: LARA, F. e MARQUES, S. (orgs.). **Anais Projetar 2003 - Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino**. Pp 12-31. Natal: UFRN, 2003.

CORONA-MARTÍNEZ, A. **Ensaio sobre o Projeto**. Brasília: Editora UnB, 2000.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DARKE, J. "The Primary Generator and the Design Process". *In* CROSS, N. **Developments in Design Methodology**. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1984.

EISENMAN, P. "Towards an Understanding of Form in Architecture". *In*: **Eisenman Inside Out: Selected Writings, 1963-1988**. New Haven: Yale University Press, 2004.

_____. "Notes on Conceptual Architecture: Towards a Definition". *In*: **Eisenman Inside Out: Selected Writings, 1963-1988**. New Haven: Yale University Press, 2004.

_____. "Cardboard Architecture: House I and House II". *In*: **Eisenman Inside Out: Selected Writings, 1963-1988**. New Haven: Yale University Press, 2004.

_____. "Misreading Peter Eisenman". *In*: **Eisenman Inside Out: Selected Writings, 1963-1988**. New Haven: Yale University Press, 2004.

FEGHALI, M.E. & LASSANCE, G. "Conceitos como 'ponte' entre análise e projeto". 2006. Disponível em: <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=19>. Acesso em: 17/08/2009.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GABORA, L., AERTS, D. & ROSCH, E. "Toward an Ecological Theory of Concepts". *In*: **Ecological Psychology**, 20 (1), p. 84-116, 2008.

GIURGOLA, R. **Louis I. Kahn**. São Paulo : Martins Fontes, 1994.

GOODMAN, N. "How Buildings Mean". *In* **Critical Inquiry Vol. 11, Nº 04**. Junho, 1985.

GORAYSKA, B. & LINDSAY, R. "The Roots of Relevance", *In: Journal of Pragmatics* vol. 19, nº. 4. Amsterdam: Elsevier, 1995.

HILLIER, B., MUSGROVE, J. & O'SULLIVAN, P. "Knowledge & Design". *In* CROSS, N. **Developments in Design Methodology**. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1984.

HOLANDA, S. B. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS **Dicionário Eletrônico versão monousuário 3.0** – Junho de 2009. Instituto Antônio Houaiss. Produzido e distribuído por Editora Objetiva Ltda.

JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D. 1989. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006. 296. p., 23 cm.

KAHN, L. "Form and Design". *In*: R. TWOMBLY (ed.). **Louis Kahn: Essential Texts**. Nova York: W.W. Norton & Company, 2003, p. 62-74.

KOESTLER, A. **The Art of Creation**. New York: Dell Publishing, 1964.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LASSANCE, G. "Ensinando a problematizar o projeto ou como lidar com a 'caixa preta' da concepção arquitetônica". *In*: **Anais Seminário Projetar 2003**. Natal: UFRN, 2003.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa :com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

MAHFUZ, E. **Ensaio sobre a Razão Compositiva**. Viçosa: UFV; Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

MIRADOR INTERNACIONAL. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Enciclopédia Britannica do Brasil, 1976.

MONTANER, J. M. **Depois do Movimento Moderno**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

_____. **As Formas do Século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PASSARO, A. M. **La Dispersión: Concepto, Syntaxis e Narrativa en la Arquitectura de Finales del Siglo XX**. Tese de doutorado. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitectura, Universidade Politècnica da Catalúnia, 2004.

PORTOGHESI, P. **Depois da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RONNER, H; JHAVERI, S. & VASELLA, A. **Louis I. Kahn: Complete Works, 1935-1974**. Basel: Birkhauser, 1977.

ROSCH, E. "Principles of Categorization". *In*: ROSCH, E. & LLOYD, B.B. (Eds.) **Cognition and Categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.

_____. "Prototype Classification and Logical Classification: The Two Systems". *In*: SCHOLNICK, E. (Ed.) **New trends in cognitive representation: Challenges to Piaget's theory**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Assoc., 1983.

_____. "The Pragmatics of Categorization". *In*: VERSCHUEREN, J. *et al.* **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1998.

_____. "Reclaiming Concepts". *In*: NUNEZ, R. & FREEMAN, W.J. (eds.): **Reclaiming cognition: The primacy of action, intention and emotion**. Thorverton: Imprint Academic, 1999. p. 61-77.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SMITH, E. & MEDIN, D. **Categories and concepts**. Cambridge MA: Harvard University Press, 1981.

SPERBER, D. & WILSON, D. **Relevance: Communication and Cognition**. Oxford: Blackwell, 1986.

_____. **Relevância: Comunicação e Cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SUMMERSON, J. **A Linguagem Clássica da Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TAVARES F., A. "Manifestações minimalistas na arte e na arquitetura: interfaces e discontinuidades". *Arquitextos Portal Vitruvius*. 2008a. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp435.asp>.

TAVARES F., A.; LASSANCE, G. "Transições entre os planos conceitual e material da concepção arquitetônica em Louis I. Kahn". *In*: **Arquitetura Revista**, v. 04, p. 33-48, 2008b. Disponível em: <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/pdf/41.pdf>.

VENTURI, R. **Complexidade e Contradição em Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXO 1

Enunciado do Exercício Projetual

Exercício projetual destinado à avaliação da disciplina Metodologia do Projeto

Professor: Guilherme Lassance, D.Sc.

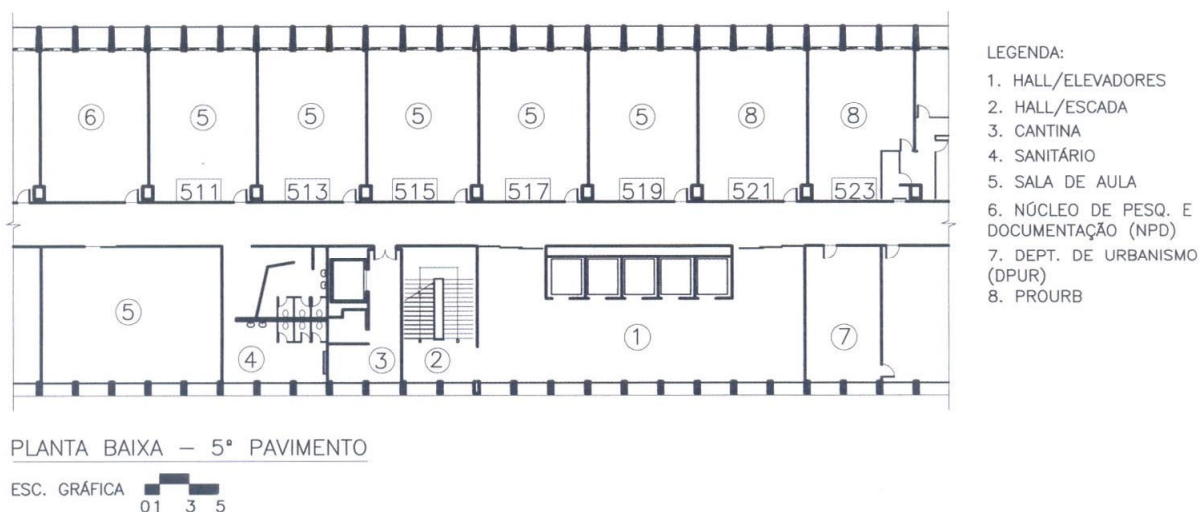
Outubro de 2008

1. Objetivo

Expandir a compreensão dos processos de concepção em arquitetura a partir da investigação das relações entre condicionantes e soluções projetuais.

2. A situação do projeto

Para fins de avaliação desta disciplina, será desenvolvida uma proposta de intervenção arquitetônica compreendendo a área atualmente ocupada pela cantina localizada no 5º pavimento do edifício no qual se situa a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) desta Universidade (fig. 1).



A comodidade da localização do estabelecimento favorece um fluxo intenso de usuários ao longo de praticamente todo o dia; no entanto, o funcionamento é precário devido à inadequação do espaço físico ocupado tanto no que concerne à utilização de instalações improvisadas quanto à reduzida área para comportar o elevado volume de usuários diários. Com a anuência da direção atual da FAU-UFRJ, consideramos possível incluir dentre as áreas disponíveis para a intervenção os corredores e o hall dos elevadores do pavimento, não sendo permitida a utilização de salas de aula que se encontrem atualmente disponíveis. Na situação apresentada, que evoca as condições de um concurso interno de projetos de arquitetura, há de se considerar todos os condicionantes oriundos das necessidades, expectativas, particularidades de um cliente real, sem deixar de também atender à existência de limitações orçamentárias.

Mesmo sem a estipulação de uma importância pré-fixada como valor máximo para a execução da melhor proposta, o critério orçamentário será levado em consideração para fins de avaliação dos projetos, devendo portanto ser definido a partir do bom senso dos participantes, que procurarão buscar a melhor relação possível entre custo e benefício. Tendo em vista que a obra será executada com recursos financeiros da FAU-UFRJ, as equipes deverão buscar ao máximo o aproveitamento dos materiais e equipamentos existentes tais como geladeiras, freezers, fogões, fornos, armários, etc, além das instalações prediais utilizadas para o funcionamento regular do estabelecimento.

3. Orientações de desenvolvimento

Os projetos deverão ser desenvolvidos em duplas a partir de idéias impostas ou auto-impostas, isto é, idéias escolhidas pela própria dupla para o desenvolvimento projetual, tornando-se este como um condicionante auto-imposto de projeto. A consideração da condição *idéia imposta / idéia auto-imposta*, que será definida por sorteio, visa verificar a possível relevância da afetividade desta variável no desenvolvimento das soluções.

4. Produtos a serem entregues

4.1 Diário de projeto

Os participantes deverão obrigatoriamente entregar em um diário de projeto datado e impresso o registro de todo o transcurso do desenvolvimento projetual, incluindo textos, croquis, diagramas, esquemas, etc, além de *toda e qualquer* informação de algum modo relacionada à concepção do projeto. Cabe ressaltar que os registros destes diários não se pretendem constituir representações de possíveis soluções já elaboradas, mas servem sobretudo como instrumentos de elucubração, tendo por objetivo figurar possíveis aproximações para a solução.

4.2 Projeto arquitetônico

Constando de:

- 4.2.1 Plantas-baixas humanizadas com cotas de canto (esc. 1/25);
- 4.2.2 Plantas-baixas com quadros de especificações detalhadas (esc. 1/25);
- 4.2.3 Perspectivas internas;
- 4.2.4 Cortes transversais e longitudinais, evidenciando os principais elementos construtivos do projeto (esc. 1/25);
- 4.2.5 Dois detalhamentos arquitetônicos, a serem selecionados em função das idéias geradoras do projeto, e desenhados na escala mais apropriada;
- 4.2.6 Orçamentos, a serem definidos conforme as características de cada proposta;
- 4.2.7 Memorial descritivo, justificando as relações entre as idéias geradoras e as soluções desenvolvidas.

5. O julgamento

As soluções arquitetônicas desenvolvidas serão apresentadas em um seminário aberto, oportunidade através da qual os participantes concorrentes poderão explicitar verbalmente seus projetos e conceitos geradores. Para efetuar a avaliação das propostas, será formada uma comissão julgadora constituída por usuários típicos, dentre alunos e professores, um representante da direção da FAU-

UFRJ, além do comerciante que atualmente explora o espaço da intervenção. A menção dada por cada um dos membros terá igual valor.

Dentre os critérios de avaliação, incluem-se a *pertinência das propostas*, *funcionalidade*, abrangendo a resolução dos fluxos, problemas de carga e descarga, o tratamento dos odores, etc, *adequação ao conforto ambiental*, *exequibilidade técnico-construtiva*, a ser avaliada com o auxílio dos detalhes arquitetônicos produzidos, *grau de aproveitamento dos equipamentos e instalações existentes*, *viabilidade financeira*, a ser avaliada com base nos orçamentos submetidos, além da *coerência entre os discursos dos autores e a materialidade das soluções*. Estas serão avaliações baseadas, sobretudo, nos produtos apresentados e não em seus processos geradores.

6. Prazos

As equipes contarão com o prazo de 60 dias para a entrega dos produtos e apresentação dos seminários, a serem realizados nos dias 18 (quinta-feira) e 19 (sexta-feira) de dezembro de 2008 em horário a combinar.

ANEXO 2.1

Projeto nº 1: “vírus”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA - PROARQ



Exercício projetual

Memorial descritivo e justificativo:

Idéias geradoras e soluções arquitetônicas

VIRUS BAR

Renata Lapa

Ana Paula Araujo

18/12/2008

Exercício projetual

Vírus Bar

Memorial descritivo e justificativo:
Idéias geradoras e soluções arquitetônicas

Trabalho apresentado como
requisito para atendimento
dos créditos da disciplina
**FAT 806 Metodologias do
projeto,** do Curso de
Doutorado em Arquitetura,
PROARQ/UFRJ.

Alunas: Ana Paula Araújo e
Renata Lapa

Prof.Dr: Guilherme Lassance

Rio de Janeiro, Dezembro de 2008

UFRJ

Sumário

Memorial descritivo e justificativo	1
O termo vírus como argumento de projeto.....	2
Anexos.....	6
Relação de materiais.....	7
Planilha orçamentária.....	8

Memorial justificativo e descritivo

Este projeto propõe uma intervenção físico-espacial destinada à atual cantina do quinto andar do edifício da Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro na Ilha do Fundão. O exercício projetual será instrumento de avaliação dos conhecimentos adquiridos na disciplina “Metodologias do Projeto”, cursada durante o terceiro bimestre do ano letivo de 2008 no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), além de atender uma demanda real de reforma da referente cantina e contribuir para a pesquisa de doutorado do discente Arthur Tavares, cuja tese tem entre seus objetivos expandir a compreensão dos processos de concepção arquitetônica a partir da investigação das relações entre condicionantes e soluções projetuais.

O projeto foi desenvolvido em dupla, a partir de uma *idéia imposta*, neste caso, a palavra **vírus**. As primeiras idéias que o termo vírus suscitou foram as de expansão, de romper limites e de contaminação. Estas imediatamente materializaram a primeira imagem mental do projeto. Assim, pensou-se que a expansão poderia advir da incorporação de parte do hall dos elevadores. O rompimento de limites foi associado à demolição de parte da parede da caixa de escada, a fim de ampliar o horizonte. Num segundo momento, já se cogitava redimensionar a área dos sanitários, contígua à cantina. Porém, esta idéia foi refutada inicialmente por um dos componentes, cogitando-se a hipótese de uma intervenção apenas com a incorporação da área do hall resolver a necessidade de ampliação e expansão dos limites físicos do bar.

Partindo do vírus como argumento de projeto, o passo seguinte consistiu numa pesquisa semântica, que resultou nos vocábulos: *interação, expansão, contágio, mobilidade,*

mutação e *simetria*, considerados pela dupla como aplicáveis à proposta de intervenção espacial arquitetônica em gênese.

O termo vírus como idéia geradora do projeto

A apropriação destes vocábulos enquanto conceitos foi perseguida durante o processo de projeto, tanto no desenvolvimento das soluções espaciais, como na representação gráfica.

Nos parágrafos seguintes, procurar-se-á explicitar a relação entre as palavras-chave extraídas do argumento de projeto - o vírus - e as soluções finais.

Interação

Procurou-se estabelecer esta propriedade pela permeabilidade visual entre o espaço de trabalho e o espaço do cliente, proporcionada pela altura do balcão. A interação ambiente-usuário também foi pensada através da inclusão do mural como espaço de informes a ser utilizado pelos alunos, mantendo o papel desempenhado pelos cartazes atualmente afixados na porta de acesso.

Expansão

Foi estabelecida com a incorporação de parte do hall dos elevadores para um estar informal e do sanitário feminino para a área da cantina propriamente dita. A expansão, fruto da *idéia imposta*, foi utilizada como estratégia de projeto já que era necessária a ampliação da área física. Atualmente há uma carência de espaço tanto para o armazenamento, preparo, cocção e distribuição dos alimentos como para a realização das refeições. Além disso, existe uma demanda tanto por parte dos clientes quanto pelo locatário pela inclusão do serviço de pratos feitos.

A escolha pela disposição do balcão em sentido longitudinal, paralelo às janelas, desde os primeiros

croquis, visa proporcionar tanto aos clientes quanto aos funcionários, a interação e a expansão visual oferecidas pela paisagem privilegiada da Baía de Guanabara.

Mobilidade

Procurou-se estabelecer pela contigüidade entre as tarefas executadas na área de trabalho. Embora estas tarefas sejam realizadas em áreas específicas previstas no projeto, não houve segregação física pela disposição do mobiliário e dos equipamentos. Esta é uma forte característica topológica do projeto, que procurou respeitar a organização do trabalho praticada por seus usuários.

A mobilidade também pode ser observada através das características do mobiliário para uso dos clientes: o balcão linear visa proporcionar uma maior liberdade de movimentação na recepção dos pedidos; a composição das mesas, cadeiras e banco corrido objetiva permitir diferentes arranjos de grupos de usuários.

O projeto estabelece três tipos de "células funcionais" em cada área: trabalho e clientes. Na primeira, foram previstos os setores de sucos e vitaminas, sanduíches e refeições. Na segunda, foram previstas as áreas de balcão para lanches rápidos, mesas com cadeiras e o banco corrido permitindo uma maior permanência do cliente, e, finalmente, a área do hall com bancos e mesas baixas para permitir uma permanência mais livre.

Contágio

O projeto foi idealizado de forma que a ambiência proporcionasse contágio como estratégia de assegurar a fidelidade dos atuais clientes, bem como a expansão de seu público. Assim, ampliou-se o número de assentos na área de refeições como forma de oferecer maior conforto.

- Balcão para refeições rápidas: 10 lugares (corresponde ao quantitativo atual);
- Conjunto de mesas, cadeiras e banco corrido: 24 assentos;
- Conjunto de bancos e mesas baixas: 12 assentos.

Além disso, o projeto visa proporcionar, através das dimensões projetadas, que as áreas de circulação e de permanência sejam adequadas ao fluxo de pessoas estimado. Por exemplo, em frente ao caixa não há previsão de bancos, pois é necessário que haja área livre de trânsito. O mesmo ocorre no guichê de recepção e entrega de pratos.

O projeto também explora a escolha de materiais com a intenção de o tornar o ambiente prático, confortável e aconchegante. A praticidade seria atendida pelo uso de revestimentos cerâmicos, laminado e aço inoxidável, considerados materiais de fácil limpeza. Já a madeira foi empregada como um contra-ponto à frieza do aço e do piso de porcelanato de acabamento brilhante.

A opção pela combinação de cores vivas nos tampos das mesas e no fechamento frontal do balcão reflete a intenção de provocar nos usuários estímulos sensoriais múltiplos, considerando-se que o uso da cor é capaz de desencadear estímulos fisiológicos e psicológicos. O padrão quadriculado usado remete a uma forte referência das toalhas de cantinas.

Para contribuir com a ambiência desejada, foi projetado um sistema de iluminação difuso com distribuição de níveis de iluminação uniforme, tanto na área de trabalho quanto na área dos clientes e também como forma de evitar ofuscamentos. Com a criação de um "forro-luminária", exclusivo para o projeto, espera-se criar um elemento visual importante, além de cumprir o papel de canalizar a

ventilação dos sanitários sem que esta se misture com o ar do bar.

Simetria

O conceito de simetria foi perseguido desde o início pelo arranjo físico resultante do posicionamento do balcão em "L" sobre o eixo longitudinal central. A simetria também é dada espacialmente pelo encaixe das duas áreas que possuem o mesmo formato em "L", que são a área de serviço e de clientes (vide desenho 2 da prancha 2) . Há também simetria nas formas geométricas do mobiliário, assim como na centralização do guichê do prato feito e no formato do "forro-luminária".

A representação gráfica foi utilizada como estratégia de reafirmação da simetria na medida em que foram posicionados pontos de vista que criaram perspectivas dos principais eixos do projeto. A simetria também foi considerada na paginação das imagens e das informações textuais.

Tendo em vista que o projeto buscou associar a *idéia imposta* à materialidade arquitetônica, tentou-se também flexibilizar o custo de execução através da proposição de possíveis substituições de alguns materiais, conforme Relação de Materiais em anexo.

Anexo 1

Relação de Materiais

1. Hall Social / Galeria

Piso: Existente

Paredes: Pintura acrílica

Teto: Pintura látex cor branca sobre laje existente.

2. Bar / Área de refeições

Piso: Porcelanato Portobello, cor preta (40x40 cm).

Paredes: Pintura látex acrílico cor branca

Teto: Forro removível em placas acrílicas.

Balcão: Estrutura em chapas de compensado (existente) e tampo em régua de madeira de demolição¹

Lavatório: Deca (Village) ou Celite.

Torneira:

3. Serviço / Cozinha

Piso: Porcelanato Portobello, cor preto (40x40 cm).

Paredes: Cerâmica Atlas cor preto (5 x 5 cm), ref. B2105² e placas de laminado melamínico Fórmica linha standard, cor laranja, ref. L551³

Teto: Forro removível em placas acrílicas.

Bancadas: Aço inox com cuba.

Metais: Deca, Docol ou Fabrimar Cromado linha Pratika.

Passa-pratos: Chapas de compensado⁴ com acabamento em laminado melamínico Fórmica linha standard, cor laranja, ref. L551

Mobiliário: Chapas de compensado⁵ com acabamento em laminado melamínico Fórmica linha standard, cor laranja, ref. L551

Divisória: Madeira de demolição⁶

4. Banheiros

Piso: Recomposição do existente: porcelanato Portobello, cor preto (40x40 cm).

Paredes: Pintura acrílica fosca

Teto: Pintura látex cor branca sobre laje existente.

Bancada/soleira: Granito cinza.

Louças: Deca ou Celite.

Cuba: Deca oval (L37) ou Celite.

Metais: Deca, Docol ou Fabrimar.

¹ Substituição: madeira de reflorestamento

² Substituição: cerâmica 10 x 10 cm cor preta acabamento brilho

³ Substituição: cerâmica 15 x 15 cm cor laranja

⁴ Substituição: placas de MDF

⁵ Substituição: placas de MDF

⁶ Substituição: madeira de reflorestamento

ANEXO 2.2

Projeto nº 2: “engrenagem”



BAR DO QUINTO

Memorial descritivo

A cantina da FAU está localizada atualmente no quinto pavimento do prédio da Arquitetura, Belas Artes e Reitoria da UFRJ, cujo projeto foi desenvolvido em um momento histórico, onde a proposta arquitetônica era criar distanciamento.

Apesar de estar localizada no meio do prédio, a cantina atende praticamente aos alunos e professores que estão no terceiro, quarto e quinto pavimentos, quase todos, alunos e professores da arquitetura. As circulações compridas e distribuição longitudinal das salas no pavimento, não contemplam espaços agregadores e de convivência para alunos e professores.

A partir desta carência, várias atividades de apoio foram sendo incorporadas com o passar do tempo, em salas com ocupação indefinida. Espaços comerciais que adquirem também características aglutinadoras de pessoas, surgiram em diversos ambientes.

A cantina a ser reformada, ocupou um espaço improvisado. Inserida em uma pequena sala, quase escondida, sem nenhuma integração com os espaços adjacentes, a cantina ocupa uma área muito pequena.

Com seus espaços internos totalmente otimizados, atende uma demanda que está além de sua capacidade nos momentos de grande movimento, que acontece principalmente de segunda a quinta pelas manhãs, onde se concentram a maioria das aulas.

A televisão é um atrativo recente, que agrega uma quantidade ainda maior de pessoas em momentos específicos.

Seu produto é diferenciado de vários outros bares no prédio, com boa qualidade, sendo procurada principalmente, por causa dos seus sucos. Os sanduíches e salgados são também produtos importantes. Existe a solicitação por parte dos consumidores, do fornecimento de refeições na hora do almoço.

Foi possível notar nas primeiras entrevistas a falta de espaços de apoio para os funcionários. Os sanitários utilizados por eles são os mesmos usados pelos alunos e professores, faltando espaços de vestiário e chuveiro. Também não existe área para as suas refeições, como uma pequena copa de apoio.

Para suporte às atividades desenvolvidas, é notória a falta de espaço para estoque dos produtos e produção. O elevador de carga, que se localiza dentro da área da cantina, não é utilizado frequentemente. Com a utilização do elevador social que se encontra distante, é criada uma circulação cruzada, não adequada em determinadas horas de grande movimento.

O espaço é ventilado através das janelas da fachada, orientadas para o sol da tarde, permitindo a entrada de uma grande quantidade de calor e luz, e é acrescido pelo calor não exaurido da chapa de sanduíche.

As atividades são distribuídas em setores bem definidos, com adequação às necessidades essenciais para a elaboração de sanduíches, sucos e salgados. Embora com áreas e circulações muito reduzidas, as funções são desenvolvidas com razoável harmonia. Seus colaboradores formam uma família integrada e amigável...

O projeto apresentado sugere a ampliação dos limites da cantina.

Por que a engrenagem nos faz pensar...

...Esta é uma universidade, com várias engrenagens, que são os diversos cursos. Cursos estes que deveriam estar se integrando, se comunicando, cada um fazendo sua parte, nesta estrutura formada de muitas engrenagens, fazendo a máquina funcionar.

São também engrenagens, todos os professores, alunos, colaboradores...

Novamente precisam funcionar, se integrar, se comunicar, e trocar...

Concluimos que estes espaços não se bastam para isto, esta intervenção passa então a ser uma oportunidade para contribuir com esta máquina.

A partir desta premissa, a proposta é a criação de um espaço humanizado que possibilite a integração de alunos e professores, englobando a cantina.

O desenho desenvolvido contempla a requalificação dos espaços adjacentes, ultrapassando os seus domínios. No hall dos elevadores, uma grande área pouco utilizada, serão colocados dois conjuntos de mesas, que poderão ser usadas para os lanches servidos na cantina, ou para pequenos encontros e reuniões. Elementos plásticos em forma espiral com cores primárias povoam o espaço em frente aos elevadores, criando áreas de possíveis exposições ou apresentações.

A parede da escada, a perspectiva mais interessante, será abraçada junto com a fachada da cantina, por um painel formado por um volume desconstruído em cor vermelha, que se contrapõe às linhas modernistas da edificação. Este painel permite, através de rasgos, criar uma transparência sutil, que instiga a curiosidade, e convida o passante a participar desta integração.

Quem também circula pela escada, percebe a transparência, se sentindo participante deste movimento de integração.

O volume intenso entra delicadamente dentro da cantina, através da circulação de acesso, reproduzindo seus rasgos na parede adjacente, criando novamente uma pequena transparência, que faz com que a escada e seu fluxo de pessoas se integrem a este espaço.

Não é possível não perceber e não se atrair pela fachada da cantina ao passar pela circulação das salas. O convite à integração está feito, iniciando o movimento da engrenagem.

Internamente, a cantina teve seu espaço ampliado, se apropriando de uma área do sanitário vizinho, somando um módulo da estrutura à sua dimensão longitudinal. Esta decisão permite dar mais conforto e possibilidade de aumento dos itens no cardápio oferecido.

Foi possível criar três ilhas de trabalho, onde se desenvolverão os setores de sucos, sanduíches e almoços rápidos. Elas foram dispostas perpendicularmente à janela e ao balcão encostado nela, criando uma maior dimensão para o espaço de trabalho.

Uma confortável área de estocagem foi criada logo na entrada da cozinha, em um armário de piso a teto. A primeira banca na cozinha será usada, também em horários diferenciados para lavagem e preparo de alimentos. As outras ilhas são compostas pelos freezers e bancas, em uma composição a separação das atividades com seus respectivos equipamentos.

O balcão existente atualmente será reformado e colocado no sentido paralelo à parede das janelas, de forma que fique em uma posição de visualização total para quem acessa a cantina. Duas vitrines expositoras serão adicionadas ao centro do balcão para melhorar o acondicionamento e apresentação dos produtos. O caixa ficou com espaço próprio para a função, com geladeira de bebidas e cafeteira à mão, de forma a evitar cruzamento de atividades.

Logo acima será avistada uma frente em marcenaria usada para suporte do letreiro em MDF pintado com a logo do “Bar do Quinto”, e o cardápio, cuja sugestão é a colocação de adesivos, um sistema prático para a troca eventual.

Por estarmos trabalhando com bancas desencostadas das paredes, foram criadas estantes suspensas em ferro galvanizado, para suportar caixas em acrílico versáteis o suficiente para a colocação de frutas e outros produtos e acessórios que precisem ficar acessíveis no momento da produção. Armários também estão sendo previstos sob as bancas para armazenamento de materiais.

As paredes do elevador e lateral da cantina terão preservadas as suas características originais com a manutenção e recuperação das pastilhas existentes. O desenho modernista deve ser preservado e valorizado, e se deixar ser lembrado. Apenas a porta do elevador será

coberta por uma segunda porta com a possibilidade de trancar, para ser possível, o fechamento da cantina apenas pela porta principal, dispensando assim, a necessidade de uma segunda porta interna.

Uma televisão embutida está prevista na parede perpendicular ao balcão, em cima da porta de entrada da cozinha.

A criação de um tanque de serviço na entrada da cozinha prioriza a higiene, mantendo esta atividade separada da alimentação.

Com a intervenção na cantina, será necessário o redimensionamento do lay-out do sanitário. A proposta é que o sanitário da janela, que será menor, seja utilizado para o público masculino, que é a minoria. O público feminino utilizaria então, o sanitário maior.

O mínimo de intervenção será feito, conservando ou recuperando os seus materiais, para possibilitar o menor custo possível para a execução da obra.

Para a estrutura física da cantina, muitas melhorias estão sendo contempladas. Não é possível, portanto, devido a pequena área utilizada, atender a todas as nossas expectativas iniciais. O maior conforto possível foi contemplado, criando com certeza, melhores condições de trabalho.

A incorporação da escada e do hall dos elevadores é uma ousada proposta de intervenção, com intenção explícita de “sair do quadrado”, expandir os horizontes, ampliar os limites, globalizar o conhecimento, integrar, funcionar...

Uma semente, para a humanização de uma estrutura física, rígida, resistente às modificações, e endurecida pelo passar do tempo, será plantada.

Resistir, não será mais possível...

ANEXO 2.3

Projeto nº 3: “operário”

CLA

Av. Pedro Calmon, 550. Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ.

Reitoria

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Escola de Belas Artes

Decania do Centro de Letras e Artes

+

Escola de Música (Lapa)

Faculdade de Letras (Av. Horácio Macedo, 2151 - Cidade Universitária)

APRESENTAÇÃO

A demanda pelo projeto está inserida num contexto de pesquisa, desenvolvida por Arthur Tavares, para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e, simultaneamente, presta-se à avaliação na disciplina de Metodologia de Projeto, ministrada pelo Prof. Guilherme Lassance D. Sc., no PROARQ (Programa de pós-graduação em arquitetura) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

Há o requerimento, por parte dos demandantes do projeto que, de alguma forma, esta equipe, composta por Rafael e Wilber leve em consideração o *tema*¹ “OPERÁRIO”.

É colocada, pelos demandantes, **a possibilidade a priori de ampliação da área atualmente ocupada pela lanchonete, tanto em direção aos banheiros, quanto ao hall dos elevadores**, ambos contíguos à mesma, em laterais opostas.

ARGUMENTAÇÃO

Primeiro:

Faz-se necessário, por clareza na comunicação das idéias defendidas aqui, [re]afirmar a maneira que pensamos o projetar: trata-se essencialmente de motivação, de vontade, que é algo pouco tangível, mas que, em última análise, é o ponto de partida potencialmente mais acertado na direção de uma solução de excelência.

¹ Entendido como conceituação em torno da palavra.

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

A **vontade**, em qualquer projeto, é de alcançar o cerne da questão, é captar e expressar as potencialidades transcendentais do lugar, que, neste caso, é o espaço de lanchonete do ambiente de ensino de arquitetura e urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de uma aparente simplicidade primeira, o problema de projeto se demonstra, para esta dupla de projetistas, como possuidor de um interesse e um papel que extrapolam os limites relativamente simples do seu programa de necessidades. Com importância escancarada por sua simples criação e existência, o *Bar do 5º Andar*, exerce um importante papel como **agregador social e catalisador das relações comunitárias², participando ativamente no processo de ensino - aprendizagem, finalidade do ambiente acadêmico.**

Lugar de encontro, de troca, onde a comunicação se dá mais fluída, despretensiosa, o ambiente do bar pode contribuir significativamente para a produção e transmissão do conhecimento, através da experiência. Talvez o que Louis Kahn chamaria de espaço transcendente, onde hierarquias se minimizam, onde as individualidades se encontram, coletivizam e estabelecem trocas potencialmente criativas, “*towards wonder*”.

Programa

Naturalmente que as potencialidades transcendentais só podem existir sobre um contexto material e objetivo, relativo ao motivo primeiro do espaço, ou a seu uso primordial. O lugar deve fornecer (ou ser) os meios pelos quais as pessoas possam comer e beber, da forma mais adequada e o mais confortavelmente possível, bem como, por outra via, desenvolver as funções de serviços e suporte, necessários a isto.

Este enfoque não é tratado como secundário! A aparente economia de meios, ao apresentá-lo aqui, justifica-se no fato de ser considerado pela dupla, como **pressuposto**, além de ser muito mais descritivo do que justificativo-fundamentador, pois trata dos aspectos mais objetivos do projeto. Trata, obviamente, de todas as contingências relativas à correta operação e funcionamento, concernentes, por exemplo, aos **fluxos externos de materiais (entradas e saídas de suprimentos e lixo), fluxos internos**

² Da comunidade acadêmica, uma vez que é totalmente nela e por membros dela, que se torna um lugar, vivo, vivenciado.

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

(preparo, cocção, recolhimento e lavagem de pratos), fluxos e permanências de pessoas (funcionários e clientes, considerando o servir, pagamento), condições de higiene, estocagem, visibilidade, transparência, etc. Serão descritas a contento no projeto.

O tema

Entendemos o *tema*, não como um enfoque estético, mas sim, como uma abstração pela qual o projeto é permeado, auxiliando-o e sendo auxiliado por ele simbioticamente, na construção do argumento, entendido como algo a ser materializado e vivenciado por pessoas e, logo, contendo todas³ as contingências do real, não se limitando às tentativas de uma (possivelmente pretensiosa e simplória) expressão estética de “operários”. Ou seja, a abordagem dada ao tema, a forma de encarar sua presença no projeto, trata-o como **argumento de construção do projeto, dentro de uma lógica de razoabilidade**, que se pretende o mais abrangente possível, mas **sem a intenção nem obrigação⁴ de se tornar totalizante**.

Desta forma, o tema é presente à argumentação, desde a fundamentação até especificações construtivas, prestando-se mais como costura, ou ligação entre o a abordagem filosófica e as contingências materiais, no desenvolvimento do argumento (ou do projeto), e menos como busca imagética e, tampouco, por outro lado, pretende tornar-se cartilha estruturadora do projeto. É como que uma maneira ou um modo de se explicar o projeto, uma lente, um ponto de vista.

³ Dentro do possível para a fase projetual – que se encerra necessariamente aos limites de percepção **dos projetistas/usuários**, como nós mesmos nos entendemos.

⁴ Entendida por nós como “tiro errado”, uma vez que em geral estas tentativas se mostram frágeis e comumente condenam o projeto a lacunas argumentativas fundamentais, provenientes da perseguição ingênua por traduções estético-formais facilmente legíveis da imagem que o tema desenha nas cabeças dos projetistas.

Da abstração à materialidade

Para se percorrer o caminho da abstração à materialidade, a dupla, coletivamente, lançou mão de um processo de *brainstorm*⁵, tentando estabelecer ligações semânticas entre a palavra *operários* e outras idéias, que pudessem conduzi-la através do contexto específico do projeto da Lanchonete. Este contexto inclui atores e cenário, que suscitam **recortes de temporalidade**, considerados importantes ao desenvolvimento do argumento. Sugerindo respectivamente uma época atual, dinâmica, sempre em tempo real, expressa pela eterna juventude dos estudantes⁶, e outra, da primeira metade do século passado, exposta pela arquitetura do prédio⁷, modernista, estes recortes de temporalidade, se fazem presentes no entendimento do problema e, por conseguinte nas respostas oferecidas pela solução.

Ao **movimento moderno**, a ligação com a idéia de “operários” torna-se mais fácil e natural, se não óbvia. O positivismo, a revolução industrial, as ciências sociais, o marxismo, as lutas de classes, o operariado, são idéias que se encadeiam naturalmente. À indústria, instituição que em última análise, criou a classe operária conforme a entendemos hoje, remete-se logo um de seus fundadores mais ilustres, Henry Ford, com o sistema de produção em série.

Ao longo do século XX, entretanto, outros paradigmas de gerenciamento e produção superaram o *fordismo*, como o **Sistema Toyota de Produção**, o **Lean Production** e tantos outros. Essas **novas abordagens** garantiram grandes incrementos de produtividade⁸, através da aplicação de novas filosofias gerenciais, que buscavam, sobretudo, diminuição dos custos de produção através de expedientes como a **minimização de desperdícios, diminuição ou eliminação de estoques, enxugamento dos fluxos, dos processos**, entre outros. Além disso, focaram no **incremento de valor**, em seus produtos, pelo aumento da qualidade e da diminuição da variabilidade⁹, através, sobretudo, de ferramentas de Planejamento e Controle da Produção (PCP), que só

⁵ Tempestade de idéias, que são expostas assim que aparecem na cabeça, antes da filtragem mais rigorosa da razão, etapa posteriormente executada para o estabelecimento de um tipo de seleção daquelas mais pertinentes na condução do projeto da abstração à materialidade.

⁶ Que ao envelhecer deixam de sê-lo, mas que incorporam a finalidade de todo o espaço físico construído, a universidade, incluindo a própria lanchonete, que sem estudantes, a esta ordem, não existiria.

⁷ De autoria de Jorge Machado Moreira.

⁸ Objetivo primeiro da indústria, pois se reflete diretamente nos lucros e na solidez da empresa, no sistema capitalista.

⁹ Conceito comum à área gerencial. Designa diferenças nas características de qualidade entre exemplares do mesmo produto, na saída da linha de produção.

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

poderiam ser aplicadas e aperfeiçoadas se fosse **continuamente**, segundo rezam tais filosofias. Para isso uma nova abordagem no gerenciamento das pessoas fez-se necessária, uma vez que o sucesso do processo depende delas, passando a serem entendidas como o capital de maior valor, o **capital humano**, os *operários*.

Neste sentido, afastando-se um pouco de seus primórdios (tempo remissivo às raízes do movimento moderno e, portanto, ao **cenário – o prédio**), e aproximando-se do tempo presente, no século XXI, a indústria, pelo menos a de referência, nos fornece uma nova cara ao seu capital (à sua criação) mais relevante e ilustre: os *operários*. Os *operários* de hoje, são menos massificados, menos repetitivos, mais humanos e mais individuais, por baixo de seus uniformes, do que foram os de outrora.

A idéia de operário como um ser pensante, menos mecanizado e mais próximo da pessoa é, neste sentido, a imagem de “*operários*” que o projeto resgata, **permitindo-se escapar à lógica “fácil”, da repetição, da seriação e da rigidez de ritmo, sugerida a priori pelo tema.**

O tema “*de-novo*”

Por outro ângulo, a atualidade nos sugere **uma nova revolução**.

Superada a revolução industrial (e suas sucessivas e posteriores evoluções internas, de paradigmas gerencias), que alterou radicalmente a evolução da sociedade humana até o presente, vislumbra-se e vive-se, no momento, a **revolução da informação**. Promovida pelo crescimento exponencial da liberdade e da velocidade de comunicação (transferência de informação), a **revolução informacional** pode estar desenhando um novo momento da evolução humana, com contornos imprevisíveis, dentro da altamente complexa rede em que se estabelece. A interatividade, a qual a via digital possibilita (a internet), ao curto prazo, pode abarcar a televisão, o rádio, editoras, gravadoras e o que mais se puder imaginar. Há um potencial de mudança, nas instituições humanas¹⁰, tão grande quanto o promovido pela indústria. Até mesmo o paradigma de consumo pode mudar.

Potencialidades e *profetizações* à parte, tanto é inegável a presença corrente da revolução informacional, como sua relevância e simbolismo em torno do atual, do

¹⁰ Alteração da natureza de seu funcionamento e, até, a extinção e criação de novas.

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

contemporâneo, do novo. E, retomando a *abordagem filosófica*, afirma-se também ser uma **vontade do projeto, a busca pela novidade, apostando, desta forma, na atualidade da idéia da informação livre¹¹, para conquistar algum conteúdo de singularidade**. Considera-se como pressuposto cartesianamente lógico, que o fluxo de informação compõe essencialmente o que sejam **produção e transmissão de conhecimento, finalidades inequívocas do ambiente construído onde se insere e pelo qual existe a lanchonete, objeto deste projeto, a universidade**.

Neste sentido, a **fluidez da informação**, indica princípios e/ou diretrizes, presentes na construção do projeto, de **liberdade, legibilidade, flexibilidade, visibilidade, e organicidade**.

O operativo-conceitual

Como forma de operacionalizar a assunção do *tema*, na estrutura argumentativa do projeto, nomeamos em dois grupos, os usuários da lanchonete, sendo eles os trabalhadores do bar- como os *operários* da **Fábrica de Alimento** - e os alunos, professores e demais clientes - como os *operários* da **Fábrica de Conhecimento**. Desta forma, a espacialização, agora devidamente organizada e nomeada, pela ação do *tema* sobre o projeto, auxilia a argumentação adiante, ilustrativamente. Eficientes e atuais fabricas, que operam complementarmente uma a outra, ou que cooperam, não escapam da aplicação de **conceitos de otimização e enxugamento** de seus processos, em direção de uma melhor eficiência e produtividade.

Expressa desde o enunciado do projeto, a deficiência em área é entendida como um pressuposto operativo, sobretudo na Fábrica de Alimento. Em compensação, na Fábrica de Conhecimento, o prédio, a falta de área não constitui emergência tão evidente, por vezes até sugerindo uma abundância quase perdulária.

O **conjunto de sanitários** constitui, talvez, o principal exemplo. É nitidamente um esbanjador de área, em relação a seu uso, além de não estar adequado à legislação em relação à acessibilidade universal, a qual se alinha conceitualmente com as idéias de liberdade e democracia, potenciais da **revolução da informação** (o tema de-novo). Neste sentido, **o projeto conduz à ocupação de parte da área dos banheiros, que sofrerão assim, obras de adequação, mantendo a capacidade de atendimento dos**

¹¹ De rede complexa e portanto com uma componente grande de **imprevisibilidade**.

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

conjuntos sanitários, mas em uma área menor, aumentando sua eficiência, promovendo um enxugamento e otimização de seu uso (*Lean Production*), sem prejudicar suas melhores características, relativas à iluminação e ventilação naturais, condições desejáveis de salubridade, perseguidas pelo projeto original do prédio.

O grande **hall dos elevadores** poderia, para os padrões construtivos atuais, ser também citado como um agente deste esbanjamento. Contudo, ainda guarda todo um charme, uma razão de ser a qual argumentos como possibilidade de acumulação de pessoas, conteúdo simbólico, escape visual, legibilidade e caráter, são apenas alguns que poderiam sustentá-lo. Mas, sem nenhuma dúvida, é espaço nobre, componente relevante da identidade do edifício.

Materialidades

A ânsia imediata da **argumentação discursiva do projeto** é alcançar uma compreensão de sua **expressão material**. Neste sentido, de se **estabelecer uma ponte dialética entre o abstrato e o concreto**, visualiza-se de pronto, que qualquer expressão formal que esta fundamentação possa tomar, invariavelmente ela irá contar com três possibilidades de materialidade: revestimentos (piso, paredes e tetos), mobiliário e iluminação artificial. As considerações desenvolvidas a seguir sempre se finalizam em características físico-formais, ainda que não pormenorizadamente descritivas, o que constitui papel da representação gráfica.

A partir da imagem inicial da distinção entre dois grupos fundamentais de usuários, agora entendidos como lugares (as *Fábricas*), concebidos à luz da influência do *tema*, conduz-se ao argumento de, paradoxalmente, esvaí-la, tirar-lhe a força, através da penetração do *tema de-novo*. A **revolução informacional**, muito além de uma simplória e *literalizante*, sugestão imagética do *hitec*, digital em movimento, ou coisa que o valia, entra como **agente intensificador do contato, das interfaces entre as distintas Fábricas, operários, pessoas.**

- a) **Balcão de atendimento**: contribui diretamente para o **aumento** da já hoje **grande interface física entre as Fábricas**. O projeto entende que o balcão, na proporção que ocupa hoje, sintetiza muito das principais qualidades do bar, conforme percebidas pelos projetistas, enquanto

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

usuários do local. As características de franca **pessoalidade** no atendimento¹² e a multifuncionalidade dos operários da *Fábrica de Alimentos* são características que concordam com alguns dos conceitos apresentados e perseguidos por esta argumentação: a liberdade, a diversidade e a informação fluída e livre, por exemplo. Além disso, concordam operativamente com as novas filosofias gerenciais da indústria contemporânea¹³, contra a superespecialização e pela pessoalização dos *operários*, que são identificados pelo nome, exatamente como acontece na lanchonete do 5º andar: **quem da comunidade da FAU não conhece dona Rosinha, Anselmo, ou Nina?**

b) **Mesas desenháveis**: Outra proposição inicial que abarca potencialmente a idéia do *Tema de-Novo* é a adoção de “**mesas desenháveis**”: anteparos que, com a função programática primordial de apoiar o comer, possam **também** servir de plano de comunicação de idéias, recadinhos, ou de qualquer coisa, mas que sejam facilmente laváveis¹⁴, atentando para a contingência operativa de seu uso primeiro: o comer. Trata-se, principalmente, de expressar a essência da informação livre, expressa, sobretudo, pela sua velocidade de produção e transmissão, independente do meio e das ferramentas. Serão dispostas no hall dos elevadores.

c) **Apoios para comer em pé**: é importante sublinhar que, a despeito da indicação de passar a servir PF (Prato Feito) no intervalo do meio dia, a lanchonete essencialmente é um lugar para alimentação rápida, de curta permanência. Atendendo a esta demanda e também a uma vocação do corredor, nas proximidades do acesso ao bar como espaço para se mastigar, colocam-se mesas altas (1,30m), utilizadas **sem bancos**, para influenciar o mínimo possível a circulação, função primeira da área onde se localizam. Foram realizadas entrevistas com professores das salas contíguas ao acesso do bar e também com alunos e com a direção do curso a respeito da influência do mesmo no andamento das aulas. Houve quase unanimemente numa definição de desejável, o movimento de pessoas próximo às portas das salas de aula e indesejável, o cheiro proveniente do bar.

d) **Cadeiras de Arte**: As cadeiras para sentar (às mesas desenháveis) serão aproveitadas da universidade. Serão cadeiras “velhas”, provenientes da fábrica de conhecimento ao longo de sua história até aqui, desde o *tema* até o *tema de-novo*. Muitas destas cadeiras, no entanto, conforme averiguado no local junto ao chefe de patrimônio da universidade Sr. Elcio, não encontram-se em estado próprio ao uso. Sugere-se que sua recuperação seja objeto de uma atividade acadêmica do CLA (de extensão, ensino ou pesquisa), onde os estudantes possam aplicar conhecimentos técnicos, mas também expressar sua fruição artística, devolvendo às velhas cadeiras sua funcionalidade e dando-lhes uma cara nova, expressiva e única.

¹² e o senso de comunidade que proporciona, uma vez que qualquer cliente faz o pedido a qualquer funcionário, a qualquer tempo, e igualmente paga, ou “pendura” com qualquer funcionário, também a qualquer tempo.

¹³ O que provavelmente seja um dos motivos ocultos pelos quais o bar, nas condições de estrutura física atuais precárias, ainda funcione e relativamente bem.

¹⁴ Revestimento melamínico branco - fórmica.

PROJETO LANCHONETE - 5º ANDAR – Centro de Letras e Artes (CLA)

e) **Lavagem das paredes**: Em vez da substituição ou pintura de revestimentos prescreve-se a lavagem das superfícies cerâmicas das paredes do corredor e das pastilhas da escada e do interior do bar.

f) **Verticalidades**: a exigüidade da área da fábrica de alimento, mesmo com a ampliação sobre parte da área dos sanitários, em oposição ao pé-direito relativamente generoso, sugere que se utilize a altura para acomodar as necessidades de estocagem. A estocagem de produtos como bebidas e frutas torna-se bivalente, servindo também à exposição - **freezer vertical expositor – gaiola para laranjas, bandeja e estante de frutas** (a exemplo de como é hoje).

g) **TV + computador**: O aparelho televisor existente, ligado a um computador pode-se tornar num meio de comunicação entre as pessoas. A comunidade pode trazer em uma das diversas mídias existentes (pendrive, CD, DVD, MD), ou via internet (disponível sem fio no prédio), vídeo de música, filmes, arquivos de informações variadas, acadêmicas ou não, anúncios e o que mais for possível e pertinente.

Em respeito à iluminação artificial concluiu-se que, dentre as diversas carências do bar, a iluminação é das menos prementes. O uso essencialmente diurno do prédio, incluindo o bar, e também a contingência econômica do projeto são os principais fundamentos desta conclusão.

As demais materialidades, relativas às demandas técnicas, como exaustores, fogão e instalações hidrossanitárias e elétricas constam da representação gráfica do projeto (desenhos).

ANEXO 2.4

Projeto nº 4: “vácuo”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Disciplina: Metodologia do Projeto
Professor: Guilherme Lassance

Aurélia Tâmis / Hilton Berredo

ANTEPROJETO - CANTINA DO 5º

Memorial Descritivo

Rio de Janeiro-RJ

SUMÁRIO

1. O OBJETO	03
2. CONCEITO E DEMANDAS	03
3. A INTERVENÇÃO	04
3.1 A Reforma	04
3.2 Zoneamento	04
3.3 Layout	05
3.4 O conceito e a programação visual	06
4. PERSPECTIVAS	08
5. ESTIMATIVA DE ORÇAMENTO	11

Memorial Descritivo

1. O OBJETO

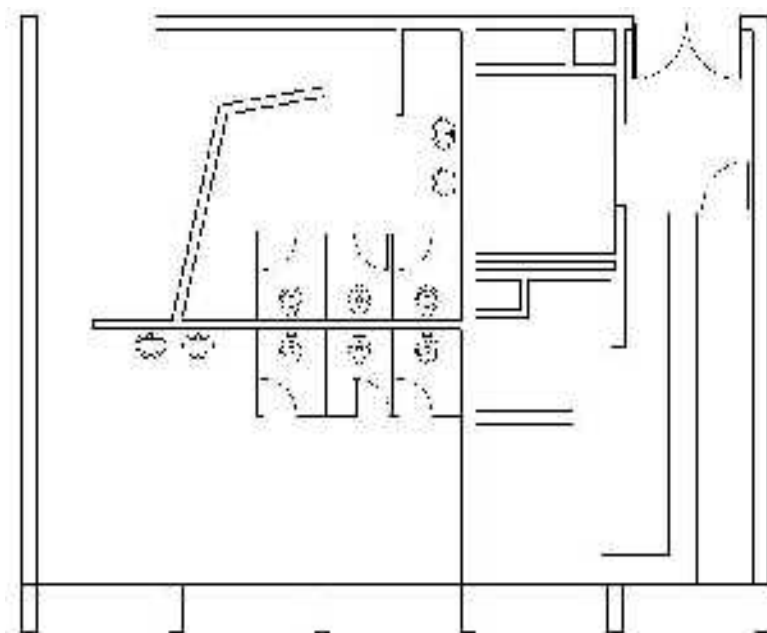
A proposta aqui descrita, referente à avaliação final da disciplina *Metodologia do Projeto* ministrada pelo Prof. Guilherme Lassance, corresponde a um anteprojeto de reforma e ampliação da **Cantina do prédio da FAU/ UFRJ** (cantina do quinto andar).

A intervenção compreende as áreas do espaço atual da cantina, do banheiro feminino e do hall dos elevadores.

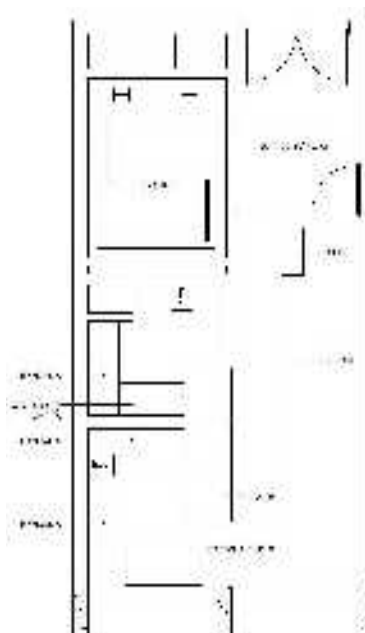
2. CONCEITO E DEMANDAS

O exercício foi desenvolvido com base metodológica na Filosofia do “Por que não?” a partir da idéia-imposta **vácuo**. Essa idéia sugeriu as seguintes divagações: ausência, fluxo, o nada, movimento, furação, fumaça. Essas abstrações conduzidas pela idéia-imposta apresentam total congruência com as necessidades que o novo empreendimento demanda: ampliação do espaço, ampliação das funções de preparo alimentar, resolução dos fluxos interno e externo, e novos equipamentos (freezers, fogão, mobiliário, mesas e cadeiras)

Um levantamento inicial do local diagnosticou como principais problemas: o pouco espaço para circulação e adequação de novos equipamentos, pouco espaço para armazenamento e manipulação, e insolação.



Planta Baixa - Banheiros e Cantina

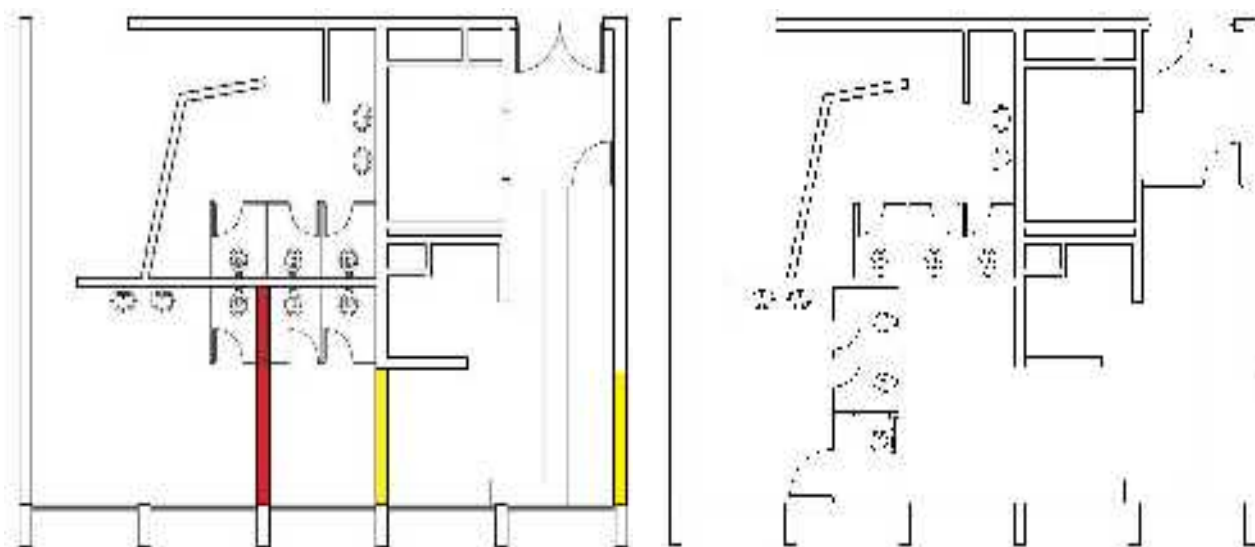


Planta Baixa - Layout da Cantina

3. A INTERVENÇÃO

3.1 Reforma

Como primeira decisão projetual a dupla definiu a demolição da parede do hall da escada e a acomodação de uma praça de alimentação no hall dos elevadores. Em seguida, para a ampliação do espaço da lanchonete, foi modificada a configuração do espaço do banheiro feminino:



Planta Baixa - Reforma

Planta Baixa - Proposta

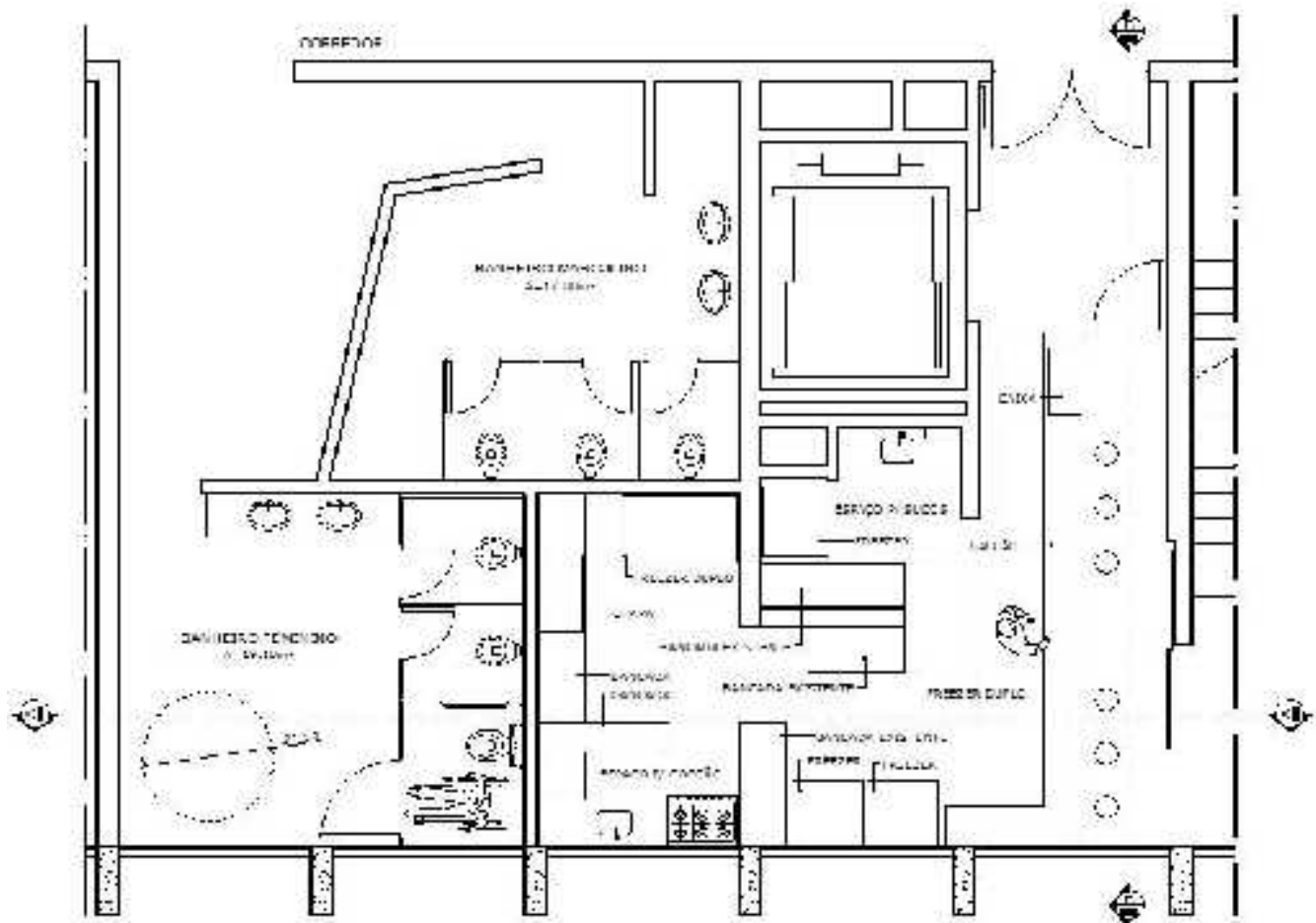
Os equipamentos do banheiro foram relocados e o mesmo foi adaptado às normas de acessibilidade da NBR 9050.

A abertura criada para o hall dos elevadores vai possibilitar uma maior visibilidade, aeração, o desafoamento do fluxo externo, bem como facilitar o processo de carga e descarga durante os horários fora do expediente.

3.2 Zoneamento

A disposição interna foi definida a partir de um zoneamento inicial que priorizava a adequação de cada tarefa, a disposição da área de cocção próxima à área de abertura – devido ao tratamento dos odore –, a separação do preparo de sucos do preparo de alimentos, e a visibilidade do público de toda a área de preparo. Desta forma ficaram dispostas na porção próxima ao balcão existente a área de sucos (onde já existe bancada com pia) e a área de servir

O layout do ambiente, definido a partir desse zoneamento, procurou como diretriz principal o melhor aproveitamento possível dos equipamentos e mobiliários já disponíveis. Postura essa que encontra eco tanto na demanda de redução de custo da obra, quanto na questão da idéia imposta, que implica num projeto minimalista.



5

Desta forma foram aproveitadas todas as bancadas, todos os eletrodomésticos e uma pia foi relocada para a área de cocção. Foram acrescentados dois armários suspensos, várias prateleiras e um armário grande sob bancada de mármore na área de armazenamento. Bancada essa que abrigará a chapa elétrica e facilitará o preparo de sanduíches. Quanto aos eletrodomésticos, o projeto prevê a adequação de um fogão elétrico de seis bocas e mais dois equipamentos de freezers horizontais: um simples para a área de sucos, e um duplo para a área de armazenamento.

A área de cocção encontra-se circunscrita por bancadas de mármore e de vidro, além de contar com uma pia, fogão e móvel vertical para armazenamento de louças e acomodação do forno elétrico. Mais restrita que a área de armazenamento, a área de cocção possui uma configuração que procura facilitar a movimentação das atividades de preparo e lavagem. A pedido de Dona Nina, o fogão e a pia foram dispostos contíguos à janela pois a usuária gostaria de “trabalhar olhando a paisagem”.

A área dos prontos e semi-prontos corresponde à atual área de sucos e conserva quase que toda a configuração atual. A área de sucos compreende a atual área de preparo quente e, na proposta, além das bancadas existentes, conta com algumas prateleiras e um armário suspenso.

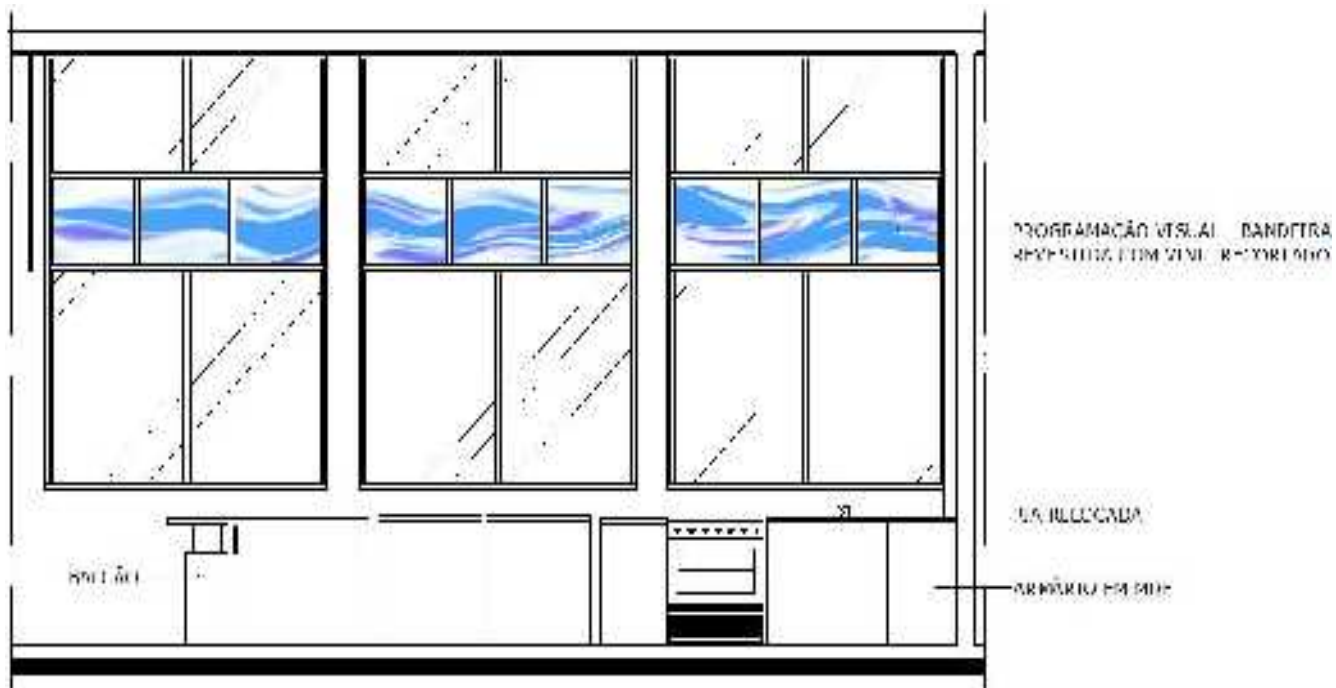
É na área de armazenamento que de fato se materializa a alusão à imagem do furacão e do vácuo. A diretriz trabalhada aqui diz respeito à adequação de um espaço amplo, flexível para adequação futura de novos equipamentos e mobilidade para disposição dos lixos durante o expediente, por exemplo. Aqui se encontram os armários já descritos e o freezer duplo para armazenamento dos congelados da semana.

3.4 O conceito e a programação visual

As discussões sobre a programação visual do projeto a partir do conceito inicial suscitaram soluções que proporcionaram identidade estética à proposta ao mesmo em tempo que foi possível estabelecer um mecanismo de barreira solar contra a insolação do ambiente.

Atualmente, as bandeiras das janelas possuem cartazes em cartolina com informações promocionais que servem também de barreira à incidência direta do sol.

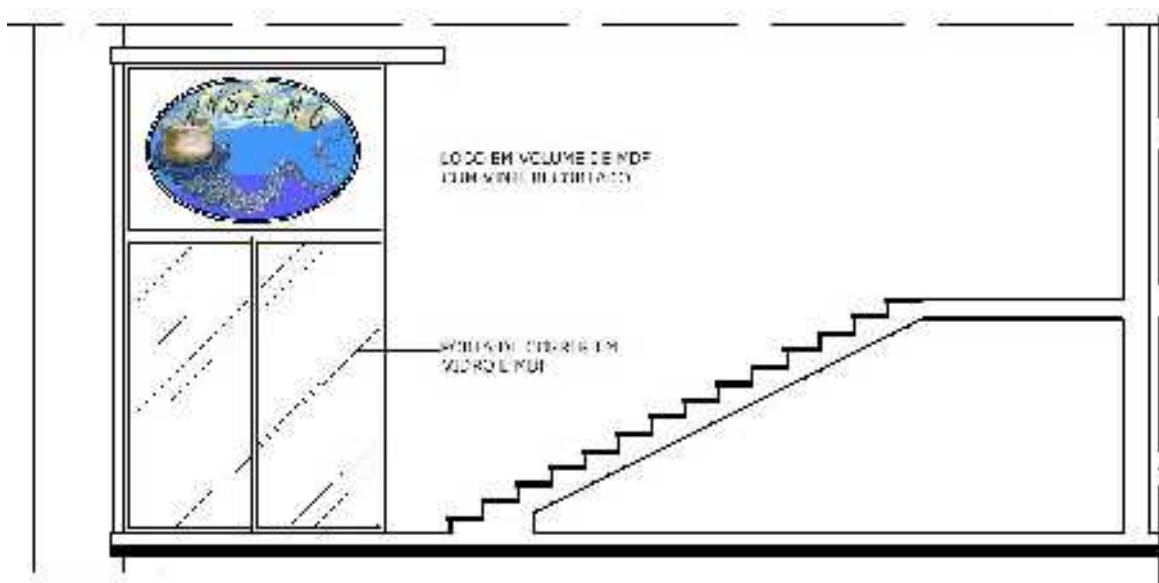
Foi determinada então na nossa proposta a aplicação de vinis adesivos nas bandeiras das janelas como forma de proporcionar conforto térmico e visual (remetendo à imanescente fumacinha), bem como a adequação de um volume em MDF sobre a bandeira da porta principal com a logo-marca trabalhada em cima dos conceitos de furacão e fumaça.



Corte Esquemático - Vista da Janela

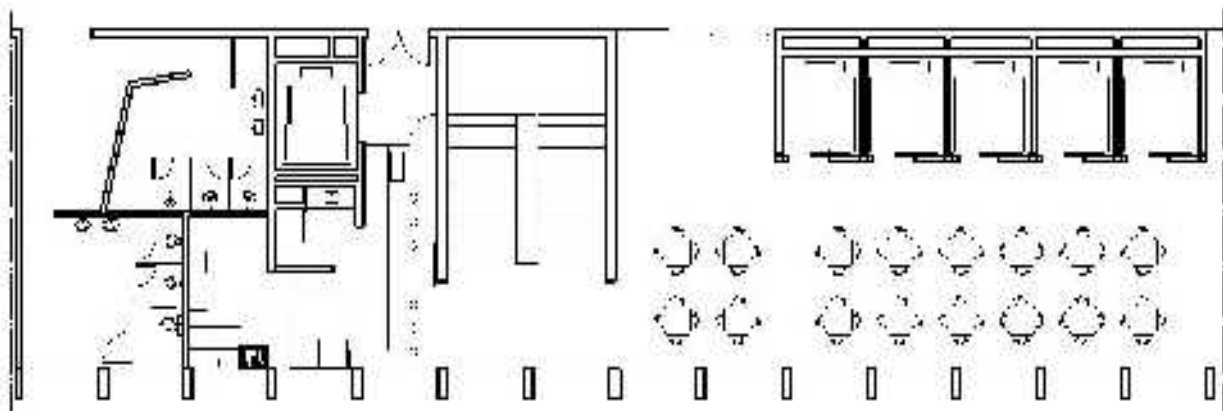


Proposta para Logo

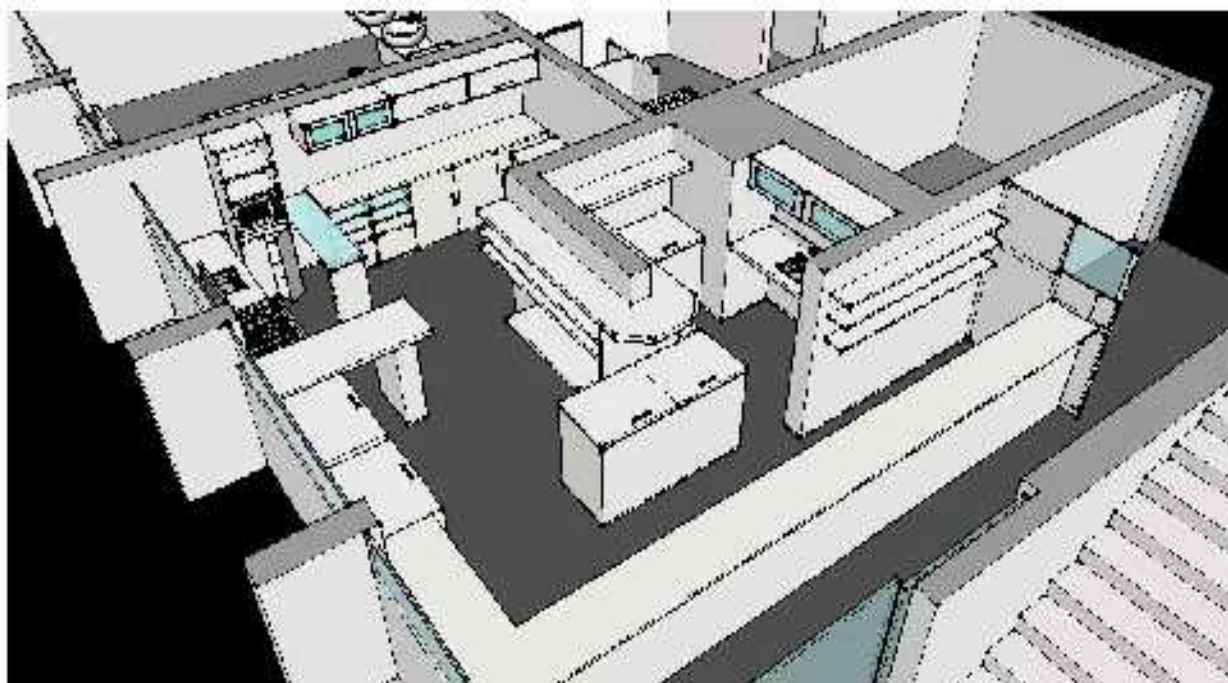


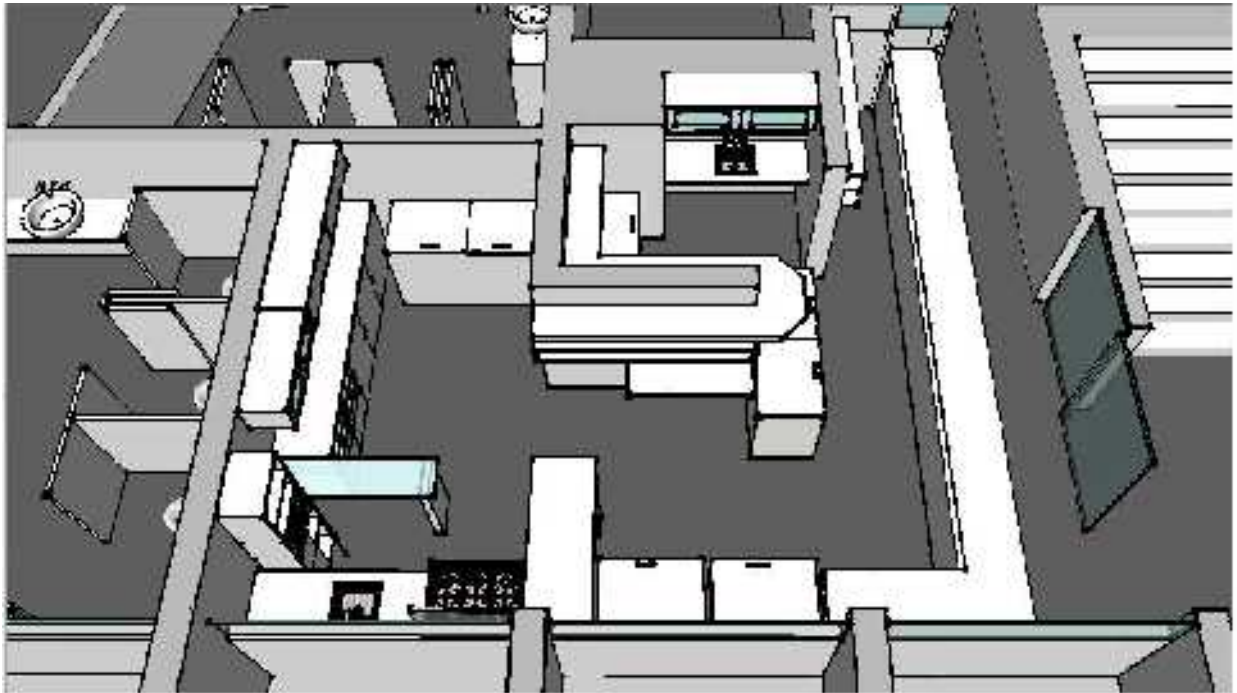
Corte Esquemático - Vista da Porta principal

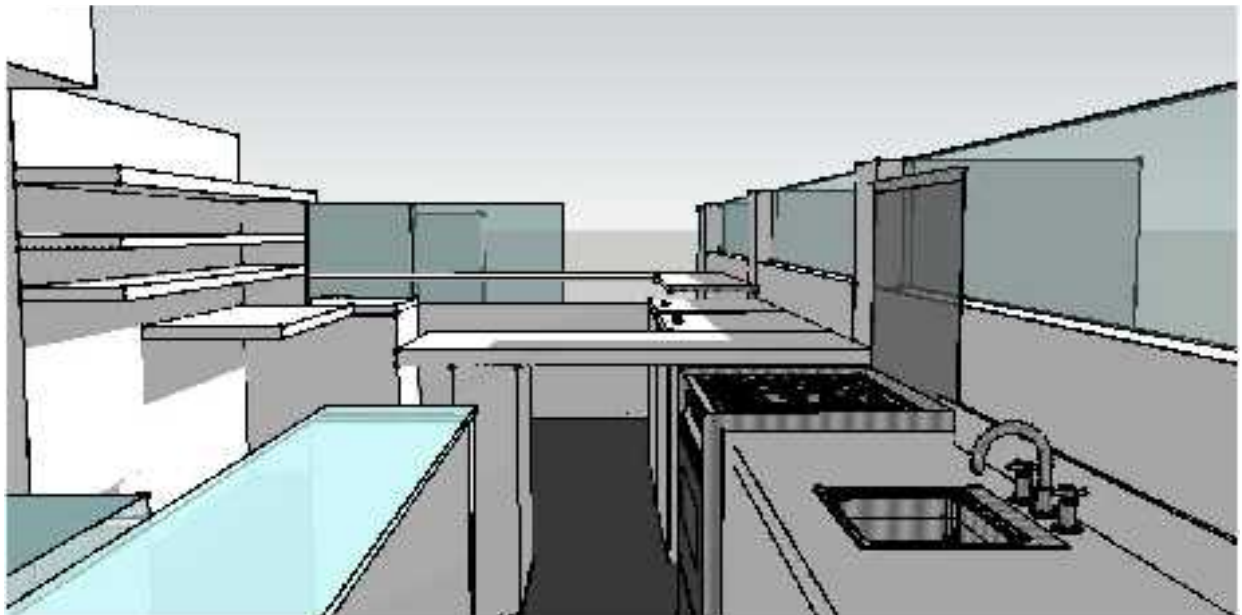
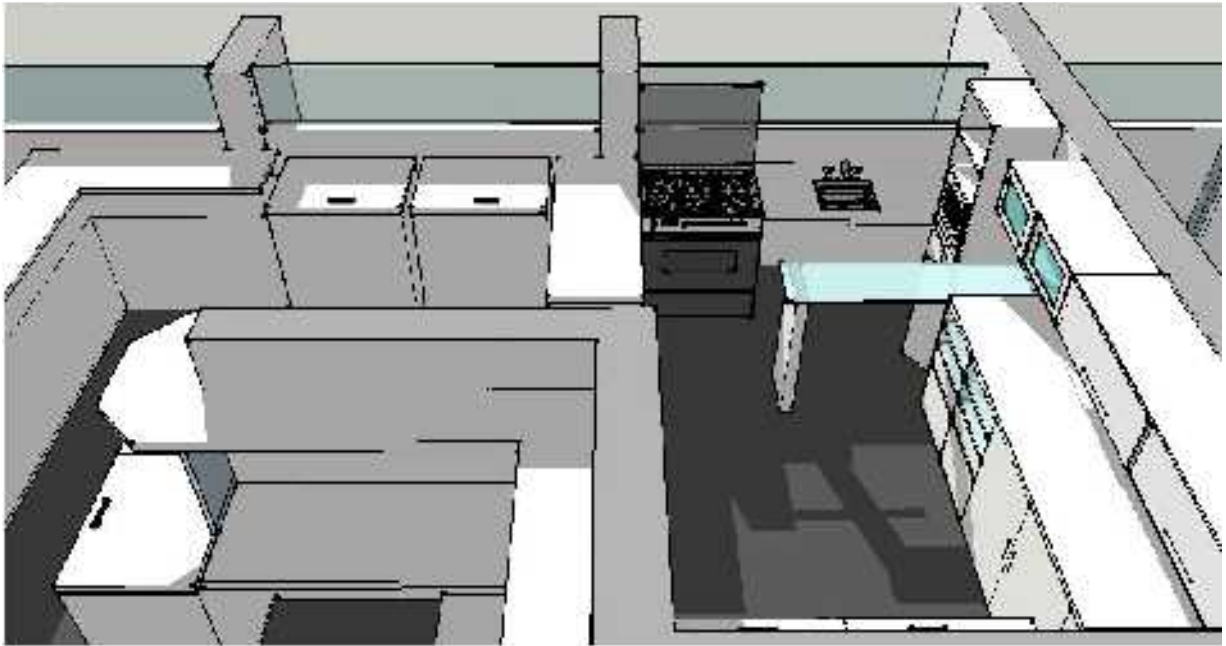
4. PERSPECTIVAS



Planta Baixa Geral







ANEXO 2.5

Projeto nº 5: “pássaro”



EQUIPE “PÁSSARO”

A CANTINA DO 5º ANDAR E ÁREAS ANEXAS – CONCEITUAÇÃO DA PROPOSTA

O Projeto para Reforma e Ampliação da Cantina do 5º andar, desenvolvido como trabalho final da disciplina “Metodologia do Projeto”, ministrada pelo Prof. Guilherme Lassance, durante o curso do doutorado, teve como ponto de partida uma “ideia imposta”, nome dado a uma palavra aleatória selecionada como “ideia geradora” do projeto para cada dupla participante do concurso. A ideia imposta – passaro – sorteada para este projeto foi, portanto, o ponto de partida para a conceituação da proposta.

O espaço a ser repensado apresentava ainda alguns condicionantes, que nortearam também a tomada de decisões:

1. **CONDICIONANTES DO ESPAÇO:** O espaço atual ocupado pela cantina é extremamente reduzido e explicitamente insuficiente para a demanda atual dos frequentadores. Na apresentação inicial do concurso, foi nos possibilitado a ocupação dos corredores e do hall dos elevadores. A pergunta que nos surgiu foi: como ocupar tais espaços de uma forma integrada, de modo que pudessem se tornar uma extensão da cantina?
2. **CONDICIONANTES DE ORÇAMENTO:** Necessidade de aproveitar equipamentos existentes, numa tentativa de reduzir custos, uma vez que a execução do projeto seria financiada por uma parceria entre a universidade e o proprietário da cantina. Necessidade de utilização de materiais duráveis e de baixo custo, devido à carência de manutenção dos espaços.

Uma vez que a “ideia geradora” (a palavra “pássaro”) foi imposta para a dupla, partiu-se para uma compreensão e assimilação dos significados associados à palavra. O primeiro desafio estabelecido foi reconhecer na palavra pássaro, conceitos não tão óbvios quanto a própria imagem do “pássaro”, numa tentativa de fugir do “lugar comum” que esta ideia imposta poderia nos colocar. O segundo desafio estabelecido foi buscar a relação dos significados encontrados com o programa estabelecido: a reforma de uma cantina, localizada em uma escola de arquitetura e urbanismo, freqüentada por alunos, professores e funcionários.

Na busca pelos significados do “pássaro” partimos do reconhecimento de conceitos óbvios para uma releitura desses conceitos, de modo que os mesmos pudessem ser traduzidos no projeto:

PÁSSARO – VÔO – LEVEZA

VÔO: o ato de voar requer **FLEXIBILIDADE** e permite uma **MOBILIDADE**, sendo possível obter um **DESLOCAMENTO** através das grandes distâncias percorrendo **DIMENSÕES** não só **HORIZONTAIS**, como também **VERTICAIS**.

As palavras **Flexibilidade, Mobilidade, Deslocamento, Dimensão Horizontal e Dimensão Vertical** foram definidas como “palavras-chave” que irão nortear as tomadas de decisão.

Durante a compreensão desses significados percebemos que a cantina atual do 5º andar pode ser caracterizada como a antítese do pássaro: um espaço extremamente apertado e insuficiente para a quantidade de pessoas e fluxos que comporta, cuja área não permite qualquer possibilidade de mobilidade e/ou flexibilidade. Há uma confusão de processos, seja nas tarefas executadas pelos funcionários do lado de dentro do balcão, seja pelas pessoas no ato de pedir – receber – pagar por sua comida.

Na busca pela ampliação da área útil optou-se pela utilização de parte do banheiro feminino, uma vez que este possui uma área atual maior que sua necessidade. Foi proposta a redução de um box sanitário e o consequente deslocamento de sua parede de fundo, disponibilizando esta área para a cantina.

Seguindo o raciocínio da restrição de custos, buscamos alterações menos custosas no sanitário, sendo assim foram conservados os pontos de localização dos vasos sanitários, evitando interferências demasiadas no piso existente. A alteração dos lavatórios e do tanque também não acarretará alteração no piso, apenas nas paredes.

Quanto ao funcionamento da cantina do 5º andar, ela atualmente fornece sanduíches, sucos e salgados, mas durante as entrevistas foi constatado o desejo de ampliar o cardápio para refeições rápidas, pedido feito com frequência pelos frequentadores do 5º andar. Na organização dos espaços de tarefa da cantina procurou-se uma disposição que facilitasse o fluxo de preparação dos produtos oferecidos.

Sendo assim, a cozinha foi disposta em quatro áreas de trabalho: preparo de sucos, preparo de sanduíches e refeições, lavagem de louças e balcão de atendimento e exposição. As áreas de preparo, tanto de sucos e refeições, carecem de espaço para estocagem, lavagem e preparo. Assim, cada área possui freezer para estocagem, pia para lavagem e bancada de preparo, além de chapa, posicionada em ilha central, já que as dimensões da cozinha permitem esta solução.

O balcão de atendimento foi pensado para que o usuário possa seguir o seguinte fluxo: primeiro pagamento, depois escolha de seu pedido. Uma vez que, apesar da ampliação proporcionada, o espaço fora do balcão é reduzido, caracterizando-se como um corredor, optou-se por não permitir áreas de permanência no local da cantina propriamente dita, expandindo os limites para além da mesma. Então para esta área de atendimento, desobstruímos a passagem, aumentando a largura da circulação.

Na busca de um espaço de permanência nos deparamos com duas opções: os corredores e o hall de entrada. Percebemos que os corredores são utilizados atualmente como áreas de encontro e permanência da cantina, o que gera uma aglomeração de alunos nas portas das salas de aula, causando um conflito de atividades: atividade de aula, por vezes carente de silêncio, com área de permanência da cantina, ruidosa e aglomerativa, concentrada em um corredor escuro e sem equipamentos adequados para tal atividade.

Percebemos também que o hall dos elevadores é um espaço ocioso, mas com boa iluminação, amplitude e vista agradável. O desafio é: como ocupar tal espaço, de forma a diminuir a sensação de imparcialidade existente em seu ambiente, promovendo um local de encontro e permanência, de maneira integrada com a cantina?

A ideia resultante foi trabalhar neste espaço uma ocupação multi-funcional que permitisse a utilização flexível do ambiente por várias atividades: alimentação, bate-papos, estudos, exposição de trabalhos e ideias. O objetivo é construir um espaço aglutinante, catalizador, onde “tudo acontece”, onde fosse possível reunir professores e alunos para um encontro casual.

Sendo assim foi proposto para este espaço um mobiliário flexível e diverso, que pudesse ser utilizado para funções distintas. Outro desafio: como integrar a área de convivência proposta no hall dos elevadores com a área da cantina, uma vez que elas se encontram separadas pela caixa da escada?

A solução foi propor uma abertura na parede da cantina, que faz limite com o patamar da escada, facilitando o fluxo de saída da cantina para as mesas e os sofás.

Pensamos em tornar a caixa de escadas mais “transparente” substituindo parte da alvenaria por grandes vãos, que agora propomos que sejam limitados por vidro, permitindo com isso uma conexão visual entre os espaços. Neste trecho, a proposta apresenta um painel de mosaico que poderá ser executado por artista convidado, resgatando no projeto a parceria entre Arte e Arquitetura, tão presente na arquitetura moderna brasileira.

ANEXO 2.6

Projeto nº 6: controle



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA – PROARQ



EQUIPE CONTROLE

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA PARA CANTINA DO 5º ANDAR DA FAU /UFRJ

Memorial Descritivo

Fazer uma intervenção arquitetônica em um projeto modernista do arquiteto Jorge Machado Moreira foi para nós o primeiro desafio lançado pelo trabalho final da disciplina de Metodologia de Projeto. Como interferir em uma edificação, na qual estudamos e passamos parte de nossas vidas, tão marcante em nossa arquitetura nacional.

O outro desafio foi trabalhar em uma intervenção que ao primeiro olhar nos parecia simples e de pequena escala. No decorrer do desenvolvimento dos estudos, nos veio claramente a enorme gama de possibilidades que aquele espaço nos apresentava.

Ao contrário de nossos colegas, aos quais receberam temas impostos, nós tínhamos liberdade quanto ao tema, o que nos levou a trabalharmos baseado primeiramente com bases em nossas experiências, levando assim a termos como diretriz e tema de projeto a racionalidade e funcionalidade.

Como referências, apenas como idéias geradoras e não como escala, usamos trabalhos realizados pelo arquiteto japonês Tadao Ando e o escritório paulista MMBB.

Dois pontos foram determinantes para o desenvolvimento do projeto. O primeiro era que queríamos interferir o menos possível no projeto de Jorge Moreira. Então nos concentramos somente no espaço hoje utilizado pela cantina, nos permitindo colocar apenas um pequeno elemento no corredor do edifício, marcando assim nossa intervenção. O segundo ponto foi ter percebido ao longo das discussões que para resolver os problemas que a muito tempo acontecem neste local, como superlotação nos horários de almoço, não bastaria somente uma intervenção arquitetônica, mas será necessário uma mudança nos procedimentos de atendimento e do serviço.

Para isso estamos propondo uma redução na área de balcão existente hoje e que já não atende a demanda atual, pois para atender o público seria necessário um aumento de área expandindo a cantina para outros compartimentos o que achamos inviável. Com essa redução de balcão, melhoramos a área de cocção e induzimos a mudança de procedimento, obrigando a que o balcão sirva tão somente para compra de ficha e retirada dos pedidos. Ficando as áreas do corredor e/ou hall dos elevadores para colocação de mesas e cadeiras removíveis.

A arquitetura proposta também espelha a tentativa de racionalizar o ambiente com o uso de pouca diversidade de materiais tornando-o um ambiente mais puro e simples.

ANEXO 3

Ata da Comissão Julgadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA - PROARQ



CONCURSO INTERNO DE PROJETOS DE ARQUITETURA - REFORMA DA LANCHONETE 5º PAVIMENTO FAU /UFRJ

ATA DA COMISSÃO JULGADORA

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2008.

Em reunião deliberativa, a comissão de julgamento constituída para a avaliação deste concurso constatou que houve, em relação aos discursos dos arquitetos manifestos na apresentação das seis propostas submetidas, um quase integral esvaziamento dos conceitos impostos para o desenvolvimento das soluções projetuais. Os critérios de avaliação utilizados neste julgamento se detiveram sobre a qualidade de projeto alcançada no que se refere à adequação às necessidades e expectativas da demanda específica de seu objeto, sem que fossem prestadas considerações valorativas em relação a seus processos geradores.

Ainda em âmbito geral ressaltou-se que, com exceção das questões relativas ao conforto lumínico, demais aspectos essenciais concernentes ao conforto ambiental, tais como insolação, acústica e exaustão, não foram contemplados satisfatoriamente nas propostas avaliadas.

O projeto nº. 3, cujo mote foi a palavra “operário”, foi selecionado vencedor por apresentar uma qualidade de projeto considerada superior em relação às demais propostas. O projeto também sensibilizou esta comissão pelo modo como a solução apresentada atendeu ao que se considerou ser mais pertinente no contexto de uma lanchonete situada em meio a um ambiente universitário. No entanto, faz-se necessário readequar o leiaute da cozinha em decorrência do enclausuramento dos espaços destinados às chapas e fogões, que ocasiona problemas na ventilação e exaustão deste ambiente.

A proposta nº. 1, cujo conceito foi o termo “vírus”, recebeu menção honrosa pela também elevada qualidade projetual, em especial pela excelente proposta de leiaute da cozinha. Todavia, a disposição de mesas e cadeiras paralelamente ao lado maior do balcão de atendimento reduziu em demasia a área de circulação de usuários.

A proposta nº 2, que assumiu como idéia imposta a palavra “engrenagem”, apresentou contradições entre o conteúdo do discurso proferido, segundo o qual o propósito da “engrenagem” seria o de integrar elementos que se apresentam desconexos no contexto do projeto, e a configuração espacial da solução arquitetônica resultante, que não contemplou um leiaute favorável. Em contrapartida, o



projeto apresentou como ponto positivo áreas especialmente destinadas para a publicidade de possíveis patrocinadores.

Na proposta nº 4, desenvolvida a partir da palavra “vácuo”, a idéia imposta foi deslocada em um sentido quase que unicamente voltado para a criação de um produto de design gráfico, olvidando a proposta de desenvolver uma solução arquitetônica a partir do conceito, assim como as demais equipes.

Embora a proposta nº 5, cuja idéia imposta foi a palavra “pássaro”, tenha aproveitado satisfatoriamente as instalações hidrossanitárias da cozinha e sanitários existentes, gerando proveitosa economia de recursos e favorecendo o bom funcionamento destes ambientes, a área de permanência em frente ao hall dos elevadores foi enfaticamente criticada por ter se desvirtuado do contexto universitário inexoravelmente vinculado à situação do projeto. Além deste aspecto, a proposta também não privilegiou a mobilidade, enunciada pelos autores como uma das palavras-chave a partir das quais o projeto foi desenvolvido.

O projeto nº 6, apresentado pela dupla controle, e que designou os termos “racionalidade” e “funcionalidade” como palavras-chave, ressaltou a boa premissa de utilizar espaços, instalações e equipamentos existentes, mas suprimiu a ambiência de pessoalidade presente no espaço atual, considerado por esta banca um de seus aspectos mais positivos, a partir do erguimento de uma barreira arquitetônica que aparta física e visualmente a cozinha do balcão de atendimento.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
VIA LARANJEIROS, 24 - PAVIMENTO 5º - RIO DE JANEIRO - RJ



**CONCURSO INTERNO DE PROJETOS DE ARQUITETURA - REFORMA DA
LANCHONETE 5º PAVIMENTO FAU - UFRJ**

ATA DA COMISSÃO JULGADORA

Integrantes

- Anselmo Teixeira Fontes: cliente e comerciante que explora o estabelecimento

Anselmo Teixeira Fontes

- Érica da Cruz Fontes: funcionária

Érica da Cruz Fontes

- Crístóvão Fernandes Duarte, D.Sc.: Diretor Adjunto de Extensão da FAU - UFRJ e doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR /UFRJ.

Crístóvão Fernandes Duarte

- Maria Júlia de O. Santos, M. Sc.: professora do Departamento de Projetos de Arquitetura da FAU /UFRJ e mestre em conforto acústico pelo PROARQ - FAU - UFRJ.

Maria Júlia de O. Santos

- Ethel Pinheiro Santana, M.Sc.: professora do Departamento de Análise e Representação da Forma Arquitetônica da FAU /UFRJ e mestre em Teoria e Projeto pelo PROARQ - FAU - UFRJ.

Ethel Pinheiro Santana

- Marcos Favero, M.Sc.: arquiteto, mestre em Teoria e Projeto pelo PROARQ - FAU - UFRJ.

Marcos Favero

- Leonardo Lattavo, MArch: arquiteto externo, mestre em Architectural Design pela Bartlett School of Architecture - University College London.

Leonardo Lattavo

- Patrícia Cavalcante Cordeiro: aluna de graduação e representante do Centro Acadêmico da FAU - UFRJ

Patrícia Cavalcante Cordeiro

ANEXO 4

Transcrição do julgamento

TRANSCRIÇÃO DO JULGAMENTO

Este anexo relata as principais falas dos examinadores participantes da comissão de julgamento do concurso registradas no ato da reunião deliberativa para a avaliação das seis soluções projetuais apresentadas em 18 de dezembro de 2008. Esta comissão foi pelos seguintes membros: o próprio cliente, quatro professores arquitetos, um representante dos estudantes de graduação e um arquiteto externo à FAU-UFRJ.

Embora seja possível identificar os avaliadores na página 3 do anexo 4, nesta transcrição seus nomes foram substituídos por letras – de “B” a “H”. Ao professor orientador desta pesquisa, que teve alguma participação nas discussões ocorridas, foi atribuída a letra “I”.

Após o registro do parecer de cada avaliador sobre a estratégia induzida para a concepção dos projetos, seguiu-se uma avaliação individual de cada proposta. Ao final de algumas falas, constam comentários do próprio autor da pesquisa, identificado pela letra “A”. Para não influenciar o processo de seleção, é relevante informar que estes comentários não foram ditos na ocasião da avaliação, mas sim incorporados ao texto no ato desta transcrição. Algumas das perspectivas levantadas pelos examinadores estimularam as investigações realizadas nas análises que constam no capítulo 4 desta tese.

Avaliação geral do concurso

- B: citou o projeto de Frank Gehry que tem a forma literal de um binóculo para dizer que não houve *literalidade* em nenhuma das soluções arquitetônicas apresentadas em relação aos conceitos impostos. Marcos Fávero diverge desta opinião (ver registro da fala entre 30 e 38 mins.).
- D: houve uma vacuidade generalizada da estratégia de impor conceitos para a concepção projetual.

11m30s

- D: a pequena intervenção que constitui a abertura da passagem na parede da lanchonete, vista em tantas das propostas arquitetônicas apresentadas, é “tão persuasiva, tão convincente, fácil de defender, tão defensável”, pois faz com que o bar seja aberto para o hall dos elevadores ao invés de para a área do elevador de serviço.

■ A: Aqui, o avaliador enfatiza a *obviedade* desta decisão no contexto do projeto, independente de qualquer conceito ou outra motivação além daquelas inerentes à própria situação, isto é, a uma necessidade específica e imanente do referido projeto.

17mins

- F: muito mais do que um mero espaço de passagem, o hall dos elevadores no edifício da FAU-UFRJ acaba sendo um ponto focal onde seria natural que ocorressem encontros, exposições, etc, mas não é o que na realidade do cotidiano se observa. Isto é, a utilização da área do hall é subaproveitada.

21 mins

- F: considerou a não abertura da passagem na parede para o hall dos elevadores, mantida por dois grupos (*engrenagem* e *controle*) como que uma decisão de acomodação, na qual não se correu nenhum risco. No entanto, arriscar é algo desejado, positivo, em especial em uma situação de concurso de projetos de arquitetura.

23min30seg

- B: diante de sua própria experiência de trabalho com conceitos como estratégia de concepção, afirmou que trabalhar com conceito é uma motivação forte para a ação projetual, e que o conceito não se desmorona em face das modificações necessárias ao atendimento dos condicionantes objetivos das situações de projeto. Mas ao avaliar estes projetos, ela disse que mesmo existindo os conceitos (como motivação inicial para a concepção projetual), eles se evadiram. Disse que a *mobilidade*, palavra-chave gerada pela equipe *pássaro*, também foi citada e articulada nos projetos de várias outras equipes. Então os conceitos acabaram se evadindo e se dissolvendo nas necessidades do dia a dia.

29 mins

- E: “então a questão da palavra-chave, porque acho que é mais uma palavra-chave do que um conceito. São palavras-chave, como motivo de provocação. O que percebi foi que a maioria das pessoas procurou desdobrar estas palavras-chave, quase como num jogo de dicionário, para ampliar um pouco este campo de ideias e tentar arregimentar uma superfície geradora para o projeto, sair um pouco do tema da palavra inicial [isto é, do conceito imposto]. E ficaram palavras, só que elas não tiveram interpretação própria, nem o próprio conceito, porque elas deveriam ser a própria interpretação, e me pareceu uma coisa de dicionário. E aí acho que reside uma certa fragilidade, porque a pessoa investe o que ela quer naquela palavra, o que acho possível ser feito em uma estratégia de projeto”.

■ A: Aqui, o examinador assinalou que as palavras-chave apresentadas pelas equipes deveriam ter sido mais naturalmente produzidas a partir de *interpretações* sobre os conceitos, enquanto o que ocorreu foram interpretações das próprias palavras-chave, que foram associadas a um “jogo de dicionário”, conotando uma visão depreciativa sobre a qualidade destas interpretações.

30 a 38 mins

- E: “então nesta hora, eu discordo um pouco da [examinadora “B”], que disse que não houve literalidade. Acho que não houve *figurativismo*, mas acho que houve muita literalidade, ou então buscar literalidade, que logo depois se desvanece nas formas mais outras possíveis. Então, no caso desta compreensão, o que eu percebi foi que existe um passo a passo em todos os grupos, mesmo no grupo que não teve a palavra, mas que se auto impôs ‘racionalidade’ e ‘funcionalidade’ [referindo-se ao grupo controle]”.

- E: “foi assim, você tem a palavra-chave [referindo-se, na verdade, ao conceito imposto] que se desdobra em uma série de outras palavras, procura trabalhar em cima delas, anuncia isto como um leque de possibilidades – uns mais, outros menos – como no grupo do *pássaro*, no grupo daquelas duas meninas primeiras [referindo-se à equipe *vírus*] que pontuaram: ‘as nossas palavras são estas’. Depois tem uma tentativa de interpretação não literal, que ao meu ver acabou sendo uma interpretação bastante literal, e se fala de uma construção de um projeto que ele, ao invés de potencializar isto e até – pontuando: apesar da gente saber das necessidades específicas de funcionamento do bar - se perde em um discurso que imediatamente passa a ser de resolver o problema funcionalmente, e ainda mais apoiado em um discurso que, na maioria das

vezes é de um jargão profissional extremamente corrente (...), como [por exemplo] ‘ganho em termos de perspectiva’, ‘conforto para os clientes’, ‘envolvimento do espaço’, ‘permeabilidade visual’ ou ‘espaço multiuso, ligado à arte’ - sem fazer julgamento de valor destas palavras. Então, são essas figuras da própria profissão. E com este desdobramento, quando a [examinadora “B”] colocou que ‘o conceito se esvai’, e quando ele se esvai o discurso cai exatamente em um discurso que é funcionalista, programático, e pautado em um jargão profissional pautado que é para criar cenários com o qual a gente está acostumado, para um cliente. (...) E, mais do que tudo (...), eu acho que talvez o que não tenha sido potencializado foi o problema, que foi imposto: a questão do *vácuo*, a questão do *pássaro*, etc, e até mesmo privilegiando isto em detrimento de outras questões - que deveriam ser, por ser um concurso profissional, elas têm que ser apontadas: a insolação, como resolver o banheiro, problemas gerais de dimensionamento que estavam continuaram estando, etc”.

- E: “E tem outras coisas interessantes que apareceram, que têm um pouco a ver com o Cristóvão, por exemplo: eu acho que tem que olhar o prédio; eu sou contra o não intervencionismo, acho que tem que intervir *mesmo* (...). Me espantam certas intervenções, falando mais especificamente, que tratam o prédio como um receptáculo¹, e quando a gente vê as intervenções - à La Botafogo Praia Shopping – eu vejo coisas que poderiam estar no Botafogo Praia Shopping (...). Ou então, a última intervenção que apesar de ser ‘racional’ e ‘funcional’, em que o ‘funcional’ foi conectado a uma palavra que eu acho perigosa, que é ‘simplicidade’; então, ‘funcional’ é igual a ser simples. Então acho que falta, assim, a questão da personalidade que parece ser importante mas que é deixada de lado, como no último projeto então, que é o ápice dessa coisa (...), em que o cara pega uma senha a vai para o corredor. É, então, o ápice do final do que o [participante da equipe nº 3], com seu discurso altamente vendável, começou a contar, coisas como a essência do lugar, insinuando algo como o *genius locci*, assim então eu me pergunto: o que é um bar, ou o que é um bar-restaurant? O que é o projeto, no final das contas? (...). Ou então, nessa apropriação do conceito (...), tem uma coisa meio romântica ainda, que é de tentar traduzir visualmente o *vácuo*. Acho que não se trata de uma questão mais visual, o paradigma que está se colocando é uma outra questão”.

36m25s

- B interrompe: “mas isto não é uma imposição da existência do conceito?”.

- E responde: “acho que imposição não, aí a gente vive num *entre* que é da possibilidade de operar realmente e sabendo que ‘eu sei que tenho que lidar com dimensionamento, com 30 m² do banheiro, (...)”. Me impressionou, no plano geral, que o grupo 6 me interessou, os caras usaram o corredor, os outros todos usaram o hall dos elevadores. Mas ninguém pegou os 30 m² do banheiro feminino e disse, aqui dentro eu vai ser o restaurante, porque nos outros 30 m² e coloco os dois banheiros ali mais o do cadeirante, que seria mole...”

- B: “o 1º tirou, o feminino inteiro...”.

- E: “é, mas não usou como área de permanência”. A examinadora “F” segue falando sobre aspectos pontuais sobre as áreas definidas no edital para intervenção.

39 mins (concluindo a sua fala sobre a estratégia de concepção projetual imposta)

- E: “eu acho que tem essa fragilidade, acho que as pessoas vão [referindo-se à atitude em geral favorável dos projetistas de querer “embarcar” na estratégia], mas quando vai para o projeto os

¹ Local usado para guardar ou conter algo; receptor, recipiente. 2. Deriv. por analogia: local que serve para abrigar; abrigo, refúgio (HOUAISS 3.0).

dados da situação são muito fortes – aqui eu coloco tal coisa, aqui tem a cadeira marca tal (...) – e aí cadê a *flexibilidade*, *mobilidade*, o voo do *pássaro*? Aí desconecta, são dois mundos [separados]”.

- B: “exatamente, (...) e o projeto de todos, novamente a palavra, se esvaiu...”

40m25s

- H: “(...) tem duas maneiras de se julgar estes projetos, que podem fazer chegar a conclusões distintas: uma é a acadêmico-conceitual do desenvolvimento desta palavra-chave que foi colocada, e a outra é o projeto final, que vai atender ao bar. Não necessariamente, o melhor desenvolvimento de projeto corresponde ao melhor resultado final”.

42 mins

- H: “geralmente, tenho visto este desafio [de se trabalhar a partir de conceitos] mais colocado no âmbito acadêmico em projetos de escala maior. Então é mais fácil aplicar o conceito de um *pássaro*, de uma *engrenagem*, no desenho de uma cidade, pensar no funcionamento de uma máquina, etc. Neste caso, ele foi colocado em um projeto de escala muito pequena, e um projeto que vai ser realizado. Então, as possibilidades ficam mais difíceis...”.

51m15s

- G: “concordo com tudo que foi dito, e acho que os projetos não trataram bem a questão do conceito, e nem trataram bem a questão funcional do projeto (...). Mas acho que o projeto *operário* foi o que mais pensou as necessidades”.

Avaliação de cada projeto

46 mins

- “E”, endereçando a pergunta aos clientes [“C”]: “qual foi o projeto que vocês mais gostaram?”

- C: “o projeto nº. 3, porque ele vai reduzir o tamanho dos banheiros, o balcão vai continuar, muitas coisas serão reaproveitadas, para se ter um custo menor. Eu acho que a cozinha ficou legal, ficou grande, a área de sucos ficou legal, acho bom que continue essa separação funcional entre a área de sucos e a de sanduíche. Então, como é um negócio familiar, é como o outro grupo colocou, ‘cada um no seu quadrado’, para não ter problema. E o exaustor, que hoje a gente não tem, e o [nome do participante do grupo nº] contemplou isto no projeto. Achei a ideia das mesas desenháveis bacana, mas não sei se seria funcional. Gostei da entrada, que no caso vão ser duas entradas [para os clientes, pelo corredor e pelo hall dos elevadores]. Achei bem legal o balcão comedor que ele acrescentou, que é mais um espaço para as pessoas comerem. E o balcão de atendimento, em que ele contemplou os doces que ficam em cima do balcão, porque é muita coisa... [isto é, para proporcionar mais conforto para os clientes]”.

49m15s

- E: “e vocês acham que funciona bem esse esquema de ter mesas no hall dos elevadores?”

- C: “(...) legal, mas na prática não é tão simples. Precisaria ter mais uma pessoa só para atender as mesas”.

■ A: É verdade, mas como a principal motivação que levou ao concurso foi a necessidade de expansão do espaço atual da lanchonete, todos concluíram que seria inevitável contratar mais um funcionário de qualquer maneira.

55 mins

- “B” volta a um ponto levantado por “E”, sobre a essência da natureza do projeto em julgamento:
- C: “o que é uma cantina universitária? O que é uma cantina no prédio da FAU do Jorge Moreira? O que é o [nome do cliente] junto da FAU?” Disse que, apesar das falhas, o projeto nº. 3, uma pessoa que não estudou na FAU-UFRJ, foi o que melhor formulou o problema como um projeto inserido na universidade. (...) Ele trouxe uma vivência de universidade federal, de espaço de convivência, de espaço acadêmico, de vida universitária que falta aqui”.
- A: Dentre todos os projetos, este foi o aspecto mais positivo considerado pela banca, e determinante para a seleção da proposta vencedora.

01h13m

- A: Consensualmente, os avaliadores e os clientes concluíram ser necessário que a lanchonete contenha os dois acessos, tanto pelo corredor existente quanto pelo hall dos elevadores. A manutenção do acesso existente foi justificado para que os alunos não sejam obrigados a contornar a caixa de escadas para em seguida acessar o bar.

Projeto nº 1: “vírus” (a partir de 1h18m)

Aspectos positivos

- B: “o projeto de arquitetura proporciona uma boa divisão de fluxos entre a circulação de serviços (carga e descarga) e a de clientes. No entanto, a circulação de usuários é extremamente estreita, ocasionando o congestionamento de pessoas”.

Aspectos negativos

- B: “Discurso falho no ponto relacionado à mobilidade e fluxos; prejudica a circulação com o uso das mesas e cadeiras; tem pontos interessantes no contato com o público”.
- D: “A disposição de mesas e cadeiras paralelamente ao lado maior do balcão reduziu em demasia o espaço resultante para a circulação de usuários”.

Projeto nº. 2: “engrenagem” (a partir de 1h24m)

- A: Oposições entre o discurso e o projeto:
- E: “elas fizeram um discurso, e fizeram o projeto ao contrário”.

Aspectos positivos

1h25m30s

- A: O projeto apresenta áreas especialmente destinadas à publicidade de patrocinadores:
- C: “elas fizeram um lugar para patrocinador, achei bem criativo isso”.

Aspectos negativos

- B: “Não seguiu o critério; não contemplou o layout mais favorável; frisou a falta de comunicação mas não seguiu seus parâmetros”.

Projeto nº. 3: “operário” (a partir de 1h26m)

1h50m30s

- “E” diz que a apropriação do quadro “operários” de Tarsila do Amaral no projeto foi um ato de *literalidade*.

02h00m

- “E” identifica que a equipe se perdeu no discurso justificativo da concepção do projeto a partir do conceito *operário* ao mencionar a questão do *fordismo*, do *lean production* da Toyota, etc, por não ter relações com o projeto de arquitetura apresentado.

■ A: Discordo, pois o funcionamento de qualquer cozinha comercial se dá a partir da operacionalização de processos produtivos padronizados, em que há associações com o princípio de uma linha de montagem industrial. No entanto, como o “universo” em torno do conceito *operário* se revelou mais próximo das contingências do projeto do que os demais conceitos impostos, a equipe oportunamente valeu-se desta convergência para articulá-la no discurso de concepção.

Aspectos positivos

- B: “Usa o balcão e a pessoalidade como pontos-chave na proposta. Resolve algumas questões críticas relativas às atividades da cozinha”.

- F: “Embora tenha-se dito que alguns outros projetos apresentados também resolvam as seguintes questões críticas, considerou-se que o projeto *operários* as tenha resolvido melhor: o projeto permanece bem resolvido mesmo se não houver dinheiro para mobiliar o hall, e não gera problemas sonoros nem de odores para o público e para a parte pedagógica”.

Aspectos negativos

- B: “Tem problemas na ventilação, exaustão e no circuito de entrada e saída de alimentos”.

■ A: A área quente da cozinha (chapa, fornos, fogão) ficou enclausurada e longe das janelas por onde se dá a ventilação natural, provocando a necessidade de utilizar a exaustão mecânica.

Projeto nº. 4: “vácuo” (a partir de 01h38m)

- E: “Já que estamos falando sobre a questão pragmática, [o projeto] deixou a desejar. E o conceito se deslocou para uma questão de design gráfico”.

Aspectos positivos

- Nenhum aspecto foi comentado.

Aspectos negativos

- B: “não conclui os espaços de forma a contemplar a conceitualidade”.

Projeto nº. 5: “pássaro” (a partir de 01h40m)

- E: “essa chapa-quente no centro da cozinha é perigosíssima”. Já a examinadora “B” gostou da solução porque a ilha central contempla a exaustão mecânica e fica protegida da insolação.
- F: “se este projeto fosse para um outro lugar poderia ser interessante, a questão da ilha [na cozinha]...”

Aspectos positivos

01h45m30s

- B: “mínima interferência nos espaços atuais”. Apenas no que concerne aos banheiros, o projeto é econômico por não interferir, isto é, manter quase todas as instalações hidro-sanitárias.
- E: “Ok, mas a proposta também não trouxe ganho”.

Aspectos negativos

- B: Fase 1 do projeto: “falta de presença [no sentido de aparecer] do balcão; não privilegiou a *mobilidade* como pretendido no conceito”.
- B: Fase 2 do projeto: “declarada pela equipe ‘fora das análises em concurso’”.

Projeto nº 6: equipe controle

Aspectos positivos

- B: Ressaltou a boa premissa de utilizar espaços, instalações e equipamentos existentes.

Aspectos negativos

- B: “ressalta a boa premissa de usar o existente, mas não contempla os aspectos de projeto necessários de desenvolvimento”.
- A: O projeto suprimiu a ambiência de personalidade presente no espaço atual, considerado um de seus aspectos mais positivos, a partir do erguimento de uma barreira arquitetônica que aparta física e visualmente a cozinha do balcão de atendimento. E, provavelmente, a retirada do lixo ocasionalmente acabaria sendo feita em meio ao fluxo de clientes.

Retomada do debate entre o projeto nº. 1 (“vírus”) e o nº. 3 (“operário”) – (01h55m)

01h57m

- Critérios finais de julgamento para desempate (redesenho x aproveitamento):
- A: O principal critério de julgamento para o desempate entre os projetos finalistas discutido pela banca disse respeito à necessidade de redesenho das bancadas, equipamentos e materiais existentes que a escolha do projeto nº. 1 implicaria, em oposição ao grande potencial de aproveitamento destes objetos proporcionados pelo projeto nº. 3.

- “E” observou que, por ter um leiaute linear, no projeto nº. 1 (*vírus*), teria que se gastar muito mais dinheiro com o design do balcão do que no nº. 3 (*operário*). O leiaute da cozinha em “U” no projeto nº. 3 favorece que os topos das bancadas existentes, com suas alturas diferentes, fiquem muito menos visíveis para o público. A partir desta característica do leiaute, portanto, a banca identificou o aumento do potencial de aproveitamento dos objetos existentes, reduzindo-se os custos de execução.

02h00m

- Recomendações feitas pelo grupo de avaliadores ao projeto vencedor (nº. 3 - *operário*):

1. Reposicionamento da máquina de café, colocada em um local que, devido ao alto fluxo de circulação dos funcionários do bar, torna-se perigoso.
2. Rever o esquema de organização de distribuição dos pedidos, incluindo pratos-feitos, de modo a evitar a formação de aglomerações.

- Sobre a permanência de clientes nas imediações da cantina propriamente dita:

■ A: A possibilidade dos clientes permanecerem - com algum conforto - nas imediações da cantina propriamente dita para o consumo dos produtos foi altamente enaltecida pela comissão de avaliação do concurso. Segundo a mesma, esta característica se relaciona intimamente ao contexto do projeto, que é o de uma cantina *universitária*, onde a convivência, a pessoalidade e a interação são aspectos que devem sempre que possível se fazerem presentes, permeando a cultura da vida universitária. Enquanto as propostas das equipes nº. 1 (*vírus*) e nº. 3 (*operário*) contemplam este aspecto, ainda que de maneira não totalmente adequada, no projeto nº. 2 (*engrenagem*) o confinamento do espaço destinado às mesas, defronte ao elevador de carga e descarga, inviabilizou a alternativa de permanência. A comissão de julgamento também não validou esta condição na proposta nº. 4 (*vácuo*), em função da declarada inadequação da configuração espacial resultante, sob o referido aspecto. E, nas soluções nº. 5 (*pássaro*) e nº. 6 (controle), a ausência desta mesma característica foi explicitamente criticada, pejorativamente apelidadas de “drive through”.

■ A: Nas equipes que obtiveram êxito quanto à destinação dos referidos espaços de permanência (nº. 1 e nº. 3), cabe observar que a consideração deste parâmetro pela banca como indicativo de qualidade da solução não apresentou quaisquer relações com as interpretações dos conceitos impostos.

Discussão final sobre a adequação da estratégia de concepção usada

02h13m

- B: “de verdade, eu sei porque eu aplico muito conceito, eu acho que o conceito só funciona quando você é obrigado estritamente, ou quando você é [arquiteto] expoente. (...) Por exemplo o Rem Koolhaas, e ele dá [o conceito], e ninguém mexe. E ele diz como funcionar porque... [fala ininteligível]... e o Jean Nouvel, e é interessantíssimo... [fala ininteligível]..., que sai o que ele quer”.

■ A: Esta opinião, em que a avaliadora afirma que o conceito só funciona quando se é “expoente”, diverge da posição que defendemos no início da problematização da tese, em que dizemos ser esta uma visão distorcida da realidade.

02h14m

- Discussão entre “D” e “I”:

- D: “eu acho que isto está realmente muito mais para palavra-chave do que para conceito. Conceito é uma outra coisa. Isso é um provocador para você desenvolver (...). E o provocador é o bar. Podia ser o banheiro, podia ser ateliê, podia ser o hall, aí já estava imposto! A arquitetura se impõe logo um problema!”

- I: “mas isto não é uma evidência. A gente naturalizou isto, mas não é uma evidência que, na tese de doutorado, a gente quisesse demonstrar isto. Não é uma evidência que o programa, que o bar, a naturalidade do lugar, o *genius locci*, tenham que ser as pertinências acima de tudo.

- D: “você faz um concurso para fazer o bar do 5º andar (...). Estava imposto que era o bar do 5º andar! E você tem que resolver a partir daquilo ali, ou você quebra tudo, ou você...”

02h15m

- I: “você chega sempre no objetivo, que é comum a todos que participaram do concurso, que é resolver o bar do 5º andar. Mas a gente queria interrogar da onde você sai, porque existe uma angústia geral dos estudantes, que é aquele vazio, que é baseado em que você trabalha? Tudo bem, você pode fazer um diagnóstico aprofundado, mas não é garantia que você vá extrair desse diagnóstico realmente um conceito de projeto. Você pode falar da sua experiência, da memória íntima, que não tem nada a ver com bar do 5º andar. A gente queria apenas desconstruir um pouco essa ideia de que você tem que fazer um estudo aprofundado do programa para poder dar uma primeira resposta. E aí, o que a gente observou, o que vocês não observaram durante esses 2 meses, foi todo o processo de apropriação ou não dessas palavras para se trabalhar. O que eles apresentaram aqui foi, realmente, que os conceitos, as palavras ficaram um pouco na fumaça de muitas coisas, mas houve fases no início dessas relações das duplas aonde essas relações foram pautadas. Algumas duplas chegaram a sublinhar isto, que fizeram realmente um estudo sobre a palavra, qual era o círculo dela de relações, e eu estava comentando com o James que as duas primeiras propostas [*vírus* e *engrenagem*] tocaram em uma palavra que foi muito valorizada, que foi *interação*. Então, estávamos levantando que essa situação do bar do 5º andar traz problemas que são naturais a ela, que faz com que qualquer palavra que você coloque em contato com esse meio vá... – na verdade, você vai estabelecer a relação. Esta interação ficou visível, isto é uma das premissas, graças à relação com alguma coisa que não fazia parte daquele meio. Por que se você está dentro do meio, você está na situação da última dupla que falou: vou fazer alguma coisa ‘racional’ e ‘funcional’. Mas isto para mim não são ideias originais de projeto, esses são grandes valores da arquitetura! Você não faz nada com isto, tanto que eles usaram referências de maneira totalmente leviana, porque ‘racionalidade’ e ‘funcionalidade’ não chegam a lugar nenhum”.

- D: “mas mesmo essas referências fazem parte dessa retórica do ‘arquiteturês’ que foi inventado desde meu tempo de estudante, em que você faz qualquer coisa, e vem com um blá blá blá, com uma história, começa com o Lucio Costa dizendo que fez Brasília pensando no cruzamento de duas retas. Tudo bem, o Lucio Costa é um mau exemplo, a gente tem que tirar o chapéu pra ele...”.

■ A: risada geral, evidenciando a contradição em que o avaliador se colocou.

- D (continuando): “a arquitetura moderna abriu uma cachoeira de blá blá blá insuportável (...). A gente tinha que fazer o projeto e o memorial, e não tinha nada a ver uma coisa com a outra. O memorial era sempre alguma coisa como o ‘vôo do pássaro’, de umas metáforas mais imbecis de mundo para justificar um projeto medíocre. Se o projeto é bom, não precisa de metáfora, não precisa de nada, ele se autoimpõe. Pode até viajar dentro dele... O que eu quero dizer é o seguinte: quando você vai fazer um projeto, você não é contratado para fazer o projeto do bar do 5º andar baseado na metáfora do ‘vôo do pássaro’...”.

- I: “mas eu não estou falando isto.”

02h19m20s

- E: “o que eu acho é que a diferença está na possibilidade de você poder construir um problema de uma forma diferente, além dos padrões que estão vigentes e que estão ultra-contaminados no meio acadêmico que no limite, na pior forma, é essa apropriação eu diria impertinente de fato, para não dizer ilícita ou coisa pior, de referências como Tadao Ando. Mas assim, de pura superfície, que não tem espessura nem densidade nenhuma...”

02h21m40s

- I: “sabe porque, ficou patente na última dupla, que quando você naturaliza determinadas questões no projeto, elas se tornam invisíveis a você. Então, [o grupo] ‘funcionalidade’ e ‘racionalidade’...”

- B: “está incluído em tudo!”

- I: “exatamente, e eles não conseguiram levantar outras questões que não fossem as mais evidentes.”

- B: “o que eles estão fazendo aqui, e a gente só vai saber quando o Arthur terminar [a tese], é que existe uma força motriz necessária, para acabar com o mito de um arquiteto herói, que quer tudo poder no papel em frente dele (...)”

- I: “quando você não tem um reagente, seja ele pertinente ou impertinente, seja natural ou não, você simplesmente se *abstém* de tomar decisões, você acha que elas são naturais, que existe o bar do 5º andar, então não tem grandes questões ali, tem questões funcionais, de recuperação de materiais, mas espera aí, que projeto é esse?”

- H: “talvez uma outra maneira de se fazer isso, fosse exigir um conceito ou uma palavra-chave muito mais baseado não numa obra arquitetônica, que é a coisa mais banal, mas em palavras-chave que podem ser o *vácuo*, *operário*, enfim, mas que fosse uma palavra trazida por eles. Dando um passo atrás é mais difícil, mas fica muito mais fácil...”

02h23m30s

- I: “mas essas palavras que foram aproximadas, e vocês têm toda razão em dizer que as palavras não foram levadas adiante como tais, mas elas geraram termos como *interação*, *mobilidade*, que são termos extremamente pertinentes para o bar do 5º andar, e que não foram levantadas pela última dupla, que nem cogitou... Então essas palavras, por mais estranhas que foram, possibilitaram a emergência destas noções...Não é evidente para um arquiteto que está no campo profissional pensar que o bar tem que ser interativo, que pode ser móvel (...)”

- E: “é, não é corrente...”

- H: “mas teve um impacto no processo [de concepção], talvez não no produto final, mas o impacto teve...”

02h24m

- E: “ou talvez tenha uma passagem que é muito difícil, que eu acho que se vive muito no plano profissional que é o da formalização, não do sentido da forma, mas da formalização do projeto a ser apresentado. Acho que nessa hora ele desliza ali, porque aí tem um arcabouço já tão... você está tão investido naquilo que essa parte às vezes fica no plano do croqui, e quando o cara vai formalizar, ele não consegue levar aquilo (...)”

- H: “mas é um exercício difícilíssimo, transformar abstração em realidade...”

02h25m15s

- E: “e o aluno, como você consegue fazer com o aluno, será que o aluno vai? É muito difícil, nós temos experiências aqui que começavam no 2º período e, se isso não é continuado, tem uma inércia, quase que de um sistema da pré-concepção...”
- E: “exatamente, essa atitude de problematizar é muito esvaziada, inclusive porque a gente está operando muito mais em um raciocínio numérico, que é muito esvaziado da qualidade ou da *nuance*...”

02h26m20s

- I: “tem nos textos sobre análise de processo de projeto dos anos 60, essa questão do gerador primário, das ideias que precedem as análises, as sínteses, etc, mas sempre fica essa coisa... como é que você constrói essa ideia primária? A partir de que pertinências, de que avaliações que você faz previamente? (...) Então você pode colocar qualquer elemento reagente ali, quanto mais estranho inclusive ele for, mais capacidade ele vai ter de na briga com a realidade, de fazer surgir o que a realidade tem para dar.”
- D: “na minha opinião, você pode também não colocar nenhum reagente”.
- I: “é, mas aí você tem que já ter muita sensibilidade...”

FIM

ANEXO 5

Registros em áudio das reuniões de trabalho das equipes¹

¹ Para acessar os referidos registros consultar volume impresso desta tese, disponível na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)